



AUTORA BESTSELLER DO
THE NEW YORK TIMES DA SÉRIE
HOUSE OF NIGHT
P. C. CAST

DEUSA
DA
ILUZ

GODDESS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



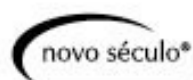
P.C. CAST

DEUSA DA LUZ

Série Goddess

livro

3



SÃO PAULO, 2012

Goddess of Light
Copyright © 2006 by P.C. Cast

Excerpt from *Goddess of Light* Copyright © 2007 by P.C. Cast
All rights reserved including the right of reproduction in whole or in part in any form.
This edition published by arrangement with The Berkley Group, a member of Penguin
Group (USA) Inc.

Copyright © 2012 Novo Século
COORDENADORA EDITORIAL Carolina Ferraz
TRADUÇÃO Vania Canto Buchala
DIAGRAMAÇÃO Equipe Novo Século
CAPA Adriano de Souza
REVISÃO Fernanda Guerriero Antunes

TEXTO DE ACORDO COM AS NORMAS DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA
LÍNGUA PORTUGUESA (DECRETO LEGISLATIVO Nº 54, DE 1995)
DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cast, P. C.

Deusa da luz / P. C. Cast ; [tradução Vania Canto Buchala]. -- 1. ed. -- Barueri,
SP : Novo Século Editora, 2012. -- (Série goddess)
Título original: Goddess of light.
I. Ficção - norte-americana I. Título.
II. Série.

12-11024

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Edição Digital: 2013

Todos os direitos reservados à:
Novo Século Editora Ltda.
Alameda Araguaia, 2190, 11º andar – Barueri –SP

E-ISBN: 978-85-428-0136-1



PRÓLOGO

— Tomei uma decisão, Baco. O portal permanecerá aberto — falou Zeus, dando as costas para o deus corpulento e descansando as mãos no parapeito de mármore liso que emoldurava a varanda. Olhou para o Salão Nobre de Banquetes do Olimpo. A magnífica sala se encontrava repleta de jovens deuses e deusas.

Sorriu, satisfeito. Os imortais eram incomparáveis em sua beleza e, quando se reuniam, como naquela noite, seu fascínio era mais resplandecente do que todas as estrelas dos Céus.

Ficou sério, então. Não importava o quanto o exterior dos deuses fosse perfeito; ele fora forçado aos poucos a admitir para si mesmo que havia algo faltando naquele grupo.

Faltava-lhes o sublime toque mortal da humanidade.

O Governante Supremo dos Deuses se entregou, por um momento, a uma lembrança um tanto encantadora: Egina. Ela fora a mais linda das donzelas, e sua pele, de uma maciez mortal e sedutora. Ainda podia sentir sua suavidade quando ela se agarrara voluntariamente às suas costas emplumadas, no instante em que ele se transformara em uma poderosa águia e a carregara para longe, a fim de fazer amor com ela.

Não, seu corpo não tinha a perfeição dourada de uma deusa. Egina, porém, correspondera ao seu toque com uma ingenuidade e, ao mesmo tempo, com uma exuberância a que jamais nenhuma deusa poderia se igualar. — “Exuberância”! — Zeus deu um tapa no parapeito da sacada e, em resposta, um trovão ribombou no céu. — É isso o que falta aos nossos jovens imortais.

Ele não se virou para Baco. Em vez disso, seu olhar vagou sem descanso pela fascinante multidão.

Estreitou os olhos escuros, pensativo. O que Hera havia dito mesmo?...

Eles tomam por certos os dons de seu poder imortal. Precisam passar algum tempo longe do Mundo Antigo. Em algum lugar em que não sejam idolatrados e adorados.

Tinha que admitir: Hera podia estar certa, embora, muitas vezes, ele houvesse tido motivos para desejar que os poderes de observação de sua esposa fossem menos precisos.

Fez uma careta, querendo esquecer o olhar sábio e penetrante que sempre parecia lhe enxergar a alma.

— Eles já se entediaram o bastante aqui no Olimpo. Já passou da hora de eles se misturarem aos mortais modernos — decidiu de repente.

Baco tentou ocultar a irritação na voz.

— Mas eu sou o único imortal que sempre mostrou interesse pelo Mundo Moderno. Por que insiste que eles se juntem ao meu reino?

Zeus olhou para Baco por cima do ombro.

— Deméter e Perséfone visitaram o Mundo Moderno dos mortais recentemente e, como me disse a Deusa da Colheita, Perséfone se tornou tão ligada a um reino conhecido como Tulsa que fez um trato com uma mortal, de modo a poder retornar sempre para lá.

Baco respirou fundo e tentou não se encolher sob o olhar do Deus do Trovão.

— Então por que não abrir o portal do Reino de Tulsa?

Zeus balançou a cabeça, voltando a contemplar o salão abarrotado. Sua conversa com Deméter o havia convencido de que Tulsa não era um lugar onde jovens deuses e deusas pudessem ir e vir sem ser notados.

— Não, Baco. Pensei muito a respeito. Tenho pesquisado o Mundo Mortal Moderno. Las Vegas é o lugar perfeito para eles; ainda mais com a recreação oferecida pelo Caesars Palace e o Fórum. — Zeus riu ao se lembrar das futilidades que vislumbrara por meio do portal.

— Mas Las Vegas é o meu reino! Sabe muito bem quanto tempo levei para deixar o Caesars Palace e o Fórum ao meu gosto. Eles estarão circulando por uma parte do mundo que escolhi para mim.

Zeus virou a cabeça, os olhos chispando.

— Não acha que é presunção demais? Esqueceu-se de que sou o governante supremo entre os deuses? — Um trovão ecoou ameaçadoramente.

Baco inclinou a cabeça, aflito.

— Perdoe-me, senhor.

— Cuidado, Baco. Não se esqueça de que posso tirar tudo o que lhe dei. — Ele fulminou o outro deus com o olhar antes de voltar a se concentrar na multidão. — Olhe para eles. O portal lhes foi aberto apenas por algum tempo, mas já sinto uma mudança. Até mesmo as ninfas ficaram mais alegres. — Fez uma pausa, franzindo a testa ao se lembrar de que muitas das encantadoras semideidades haviam decidido se transformar em estrelas, flores e árvores porque tinham ficado entediadas com suas vidas.

— Exuberância. É isso o que falta ao Olimpo. E é isso o que Las Vegas avivou em nós mais uma vez.

— Mas, senhor... — Baco disfarçou sua crescente raiva e imprimiu à voz um tom preocupado e paternal. — O senhor sabe o que acontece quando deuses e deusas se envolvem demais na vida dos mortais. Pense em Helena de Troia. Lembre-se de Medeia e Jasão. Considere o que aconteceu com Hércules e Aquiles. Está disposto a condenar o mundo dos mortais modernos ao caos e ao sofrimento?

— Não preciso de sermões vindos de tipos como você, Baco. — Zeus manteve a voz controlada, contudo o aviso foi claro. Em seguida, mudando de humor como uma tempestade de primavera clareando as montanhas, sorriu: — Mas eu já pensei nisso também. Impus

certas... *restrições* ao lugar — pronunciou a palavra com cuidado, os olhos brilhando —, as quais eu pretendo anunciar esta noite. Meus filhos serão apenas agradáveis visitantes, desfrutando uma merecida temporada no Reino de Las Vegas. — Moveu a cabeça, de modo que Baco pudesse ver seu majestoso perfil. — Esta discussão está terminada. Minha vontade prevalecerá.

Baco não teve escolha senão se curvar e retirar-se respeitosamente da varanda.

Sua cabeça fervilhava, entretanto. Mais uma vez suas necessidades haviam sido ignoradas, enquanto Zeus beneficiava seus protegidos.

Las Vegas era sua! Todos o adoravam lá. No Fórum, ele comandava a atenção de uma multidão de mortais todos os dias, que o saudavam e adoravam.

E agora tinha que compartilhar seu reino com os queridinhos e queridinhas do Olimpo?

— Veremos — resmungou por entre os dentes, enquanto a voz de Zeus trovejava na sacada, pedindo silêncio no Salão Nobre de Banquetes.

— Bem amados filhos! — Zeus sorriu para o grupo. — Agrada-me muito que tenham apreciado meu último presente. — Esticou os braços, as palmas abertas em direção aos dois pilares que se erigiam no centro do salão, entre os quais um disco opaco de luz tremeluzia e rodopiava. — Esta noite tenho outras novidades para anunciar. Decidi que o portal poderá ser aberto para as nossas adoráveis legiões de ninfas, bem como para os jovens Olímpicos!

As exclamações de alegria de divindades e semidivindades do sexo feminino soaram como música para Zeus.

— Mas lembrem-se, meus amores, estarão entrando em um mundo que não está habituado a ter deuses como nós entre eles. Não irão se intrometer nos assuntos mortais; apenas observar e se deliciar com um lugar único. Para que não fiquem tentados a se esquecer de que estão lá apenas de passagem, decidi que o portal será aberto por períodos limitados.

Os fascinantes rostos lá embaixo permaneceram com os olhos fixos nele, atentos.

Zeus procurou na multidão até encontrar Deméter regamente postada ao lado da filha, e inclinou a cabeça em reconhecimento à deusa antes de continuar.

— A Deusa da Colheita me informou que os mortais modernos costumam desfrutar mais durante os dias que eles chamam de “fim de semana”. Portanto, será durante o fim de semana mortal que o nosso portal irá se abrir. Terão desde o anoitecer de sexta-feira ao amanhecer de segunda-feira para se divertir com os mortais modernos.

Com um pequeno gesto, Zeus silenciou o entusiasmado burburinho provocado por suas palavras.

— E agora, eu lhes dou o Reino de Las Vegas! — O Deus do Trovão bateu palmas, e a multidão festejou quando o céu rugiu em resposta.

Lá embaixo, no Salão de Banquetes, Ártemis riu e balançou a cabeça para Zeus com

carinho antes de voltar a atenção para o irmão.

— Papai, sem dúvida, está bastante satisfeito.

Apolo encolheu os ombros.

— Não entendo por que tanta excitação. Trata-se apenas do Mundo moderno dos mortais, não de um novo Olimpo.

Ártemis ergueu a sobrancelha dourada e perfeita.

— Isso dito pelo deus que passou *meses* espionando uma mortal moderna no Reino de Tulsa...?

— Eu só estava fazendo um favor a Deméter — ele respondeu com demasiada indiferença.

Ártemis nada mais disse, porém estudou o irmão gêmeo enquanto ele flertava, sem muito entusiasmo, com uma ninfa de cabelos trançados com violetas, a qual parou de falar, animada, sobre visitar o Reino de Las Vegas.

Não havia dúvida: Apolo vinha se comportando de modo muito estranho desde seu fracasso com Perséfone.

Tomou um gole do vinho vermelho, lembrando-se de como o irmão ficara surpreso com a súbita rejeição da deusa e com a estranha paixão de Perséfone por Hades. E a surpresa se transformara em choque quando Apolo descobrira que a alma que habitara por algum tempo o corpo da diva era a de uma mortal, e que a própria Perséfone se fizera passar por mortal no mundo moderno. Portanto, uma *mortal* o rejeitara e caíra de amores pelo Deus do Submundo.

Os adoráveis lábios de Ártemis se curvaram em um sorriso de escárnio. Mortais... Pelo que conhecia deles, ou estes viviam choramingando, patéticos, necessitando de cuidados constantes, ou eram tão arrogantes que se autodestruíam. No fim, só serviam para diversão ou flerte.

Não que ela jamais fosse querer se divertir com algum deles. Contudo seu irmão pensava diferente. Muitas vezes Apolo tinha rido e partilhado com ela histórias sobre seus casos com alguma jovem donzela.

Ártemis tomou outro gole da taça. Era bom para um mortal ser agraciado com o amor de um deus. Mulheres mortais deviam agradecer por ser notadas por uma divindade como seu irmão gêmeo.

A ninfa tagarela havia ido embora, e Apolo contemplava em silêncio o portal que girava. Talvez fosse isso!, concluiu Ártemis. Seu irmão precisava de diversão. Ele já passara tempo demais sem fazer nada no Olimpo, meditando sobre a rejeição daquela mortal imbecil. Precisava se lembrar de que mortais eram seres fracos, que viviam suas vidas frenéticas em um piscar de olhos. E que podiam ser facilmente manipulados, assim como postos de lado mais tarde.

Um sorriso lento se espalhou por seu rosto perfeito. Que melhor lugar haveria, para que ele

se conscientizasse da insignificância dos mortais, do que aquele Mundo Moderno repleto de criaturas?

— Venha, meu irmão — instigou com um sorriso jovial. — Vamos visitar o Reino de Las Vegas.

CAPÍTULO 1

Deus, ela adorava aeroportos!... Eles a faziam se lembrar de amor, de emoção e da promessa de novos começos. Não pela primeira vez, Pamela pensou que aquela profunda paixão por aeroportos era que havia alimentado seu relacionamento com Duane.

Um só vislumbre dele em seu uniforme de piloto da United Airlines, e toda a razão a abandonara, junto com aquele seu ridículo suspiro de prazer feminino.

Que idiota ela fora!...

Mas aquele fiasco de relacionamento tinha acabado. Até que enfim.

Pamela fechou os olhos e passou os dedos por seu novo corte de cabelo curto e chique, desejando ter encontrado com Duane em algum lugar do aeroporto de Colorado Springs antes de embarcar no jato da Southwest Airlines. Teria gostado de ver sua expressão horrorizada quando ele percebesse que ela cortara o cabelo pesado e escuro, o qual costumava lhe bater na cintura. O cabelo que ele tivera tanto prazer em tocar, acariciar e...

Estremeceu com a lembrança. Só de pensar naquilo sentia-se sufocada. Livrar-se da enorme cabeleira fora seu último passo para se libertar dos grilhões do amor de Duane. Fazia seis felizes meses desde que falara com ele pela última vez. Após muito tempo recusando seus presentes, enviando de volta suas flores e lembrando-o de que aquele casamento só fizera mal a ambos, o fim do relacionamento havia chegado por fim, para grande desgosto de sua família, que acreditava que Duane era perfeito para ela, e que ela fora uma tola em tê-lo deixado. Ainda podia ouvir o irmão, a cunhada e os pais dizendo: *Ele não é tão ruim assim. Duane lhe dá qualquer coisa que queira! Ele ganha muito dinheiro e adora você...*

Duane não apenas a adorara. Ele quisera consumi-la. Aparentemente, Duane Edwards era um homem bem-sucedido, bonito, um pouco machista e muito carismático. Mas, sob a superfície, onde o verdadeiro Duane existia, ocultava-se um menino-homem carente, controlador, indiferente e agressivo.

Pamela girou os ombros, tentando aliviar a tensão que pensar em Duane lhe causava. Pensando bem, estava feliz por não tê-lo encontrado no aeroporto. Não cortara o cabelo apenas a fim de exibi-lo para ele! Cortara-o porque era isso o que ela queria. O corte combinava com a nova mulher em que estava se tornando, e gostava dela. Uma mulher *satisfeita*, concluiu Pamela. Descansou a cabeça no encosto do banco, e seus lábios se curvaram.

Não se sentia tão satisfeita consigo havia anos. Não se importava nem mesmo em estar encolhida no assento da janela do jato da Southwest Airlines, sendo cutucada pelo cotovelo duro de uma mulher que lutava para dar conta de uma página de palavras cruzadas do *New*

York Times cheirando a cigarro.

Por que diabo alguém precisava resolver palavras cruzadas de modo tão obsessivo? Aquela criatura não tinha nada melhor para fazer?

A sra. Cotovelo Ossudo riu e preencheu outra lacuna. Pelo visto, não, decidiu Pamela.

Não! Nada de pensamentos negativos. Profecias autorrealizáveis são muito perigosas. Pensamentos negativos geram energia negativa.

Agora estava parecendo sua mãe, que Deus a ajudasse!

Suspirou e apoiou a testa na janela do avião.

Ok, iria começar de novo. Não permitiria que a senhora sentada ao lado a incomodasse porque era um desperdício de tempo, assim como lidar com o negativo.

Inferno, quem era ela para julgar?

Olhou para o livro em seu colo. Ele permanecera aberto na mesma página durante o voo inteiro. O que vinha fazendo com a própria mente? Em vez de ler o delicioso *The Stone Prince*, de Gena Showalter, havia perdido tempo pensando em seu horrível “ex”.

Ela era melhor do que aquilo. E tinha trabalhado muito para se transformar no que era.

Pamela desviou a atenção para a vista do lado de fora da janela, decidida. O deserto era uma mistura bizarra de rudeza e beleza, e ela se viu admirada ao perceber que o considerava atraente. Ao menos voando a vários milhares de pés acima deste. Era tão diferente do verde exuberante de sua casa no Colorado!... Mas, ainda assim, fascinante.

Em uma manobra, o avião abaixou uma asa, e Pamela prendeu a respiração diante de seu primeiro vislumbre de Las Vegas. Lá, bem no meio do deserto e da areia, da extensão de terra vermelha e desfiladeiros, avistou uma cidade feita de vidro, luz e estradas que serpenteavam e que, poderia apostar até mesmo dali de cima, se encontravam entupidas de carros apressados.

— Parece um sonho — murmurou para si mesma.

— Parece mesmo! Não é maravilhosa? — A sra. Cotovelo Ossudo disse com a voz rouca de quem tragara *Virginia Slim Menthol Extra Long* em excesso.

Pamela reprimiu a irritação.

— É mesmo incomum. Claro que eu sabia que Vegas tinha sido construída no meio do deserto, mas...

— É a sua primeira vez na Cidade do Pecado?

— Sim.

— Ah, menina! Então está prestes a ter a melhor experiência da sua vida! — A mulher se inclinou em sua direção e baixou a voz. — E lembre-se: o que acontece em Vegas, fica em Vegas.

— Ah, bem, eu não estou aqui por lazer. Vim a negócios.

— Ora, uma mocinha linda como você pode muito bem misturar ambas as coisas. — Ela

balançou as sobrancelhas feitas a lápis significativamente.

Pamela apertou o maxilar. Detestava quando as pessoas a tratavam com condescendência só porque ela era atraente. Trabalhava muito para ser bem-sucedida; e também não era nenhuma “mocinha”!

— Talvez eu pudesse se não possuísse o meu próprio negócio e não me importasse caso os meus clientes não recomendassem o meu trabalho a outros... mas me importo. Estou aqui por motivos profissionais, não para me divertir.

O olhar surpreso de sua companheira de assento pousou nos brincos de diamantes de Pamela — um quilate cada — e no corte impecável do *tailleur* Fendi *off-white*, cuja aparência clássica era quebrada por um lenço de seda nas cores melão e tangerina.

Pamela leu os pensamentos da mulher e teve vontade de gritar: *Não, nenhum homem me comprou esta roupa, droga!*

— Trabalha no quê, querida?

— Sou dona da Ruby Slipper, uma empresa de decoração de interiores.

O rosto enrugado da velha senhora suavizou com um sorriso e, de repente, Pamela percebeu que ela devia ter sido muito bonita.

— Ruby Slipper... Gostei. Parece interessante. E aposto que é boa no que faz. Só de olhar para você, posso afirmar que tem classe. Uma característica, aliás, que não tem muito a ver com Vegas. O que veio fazer aqui?

— Meu mais novo cliente é escritor, e está construindo uma casa de veraneio em Las Vegas. Fui contratada para decorá-la.

— Um autor. — A mulher moveu as longas unhas vermelhas diante de Pamela. — Parece coisa grande. Quem é? Talvez eu tenha ouvido falar dele.

— E. D. Faust. Escreve ficção.

Pamela só sabia disso porque o procurara às pressas no *amazon.com* durante o primeiro telefonema que haviam trocado. O homem se autoproclamara “E. D. Faust, autor de *best-sellers*”. Ela não fazia ideia de quem ele era, mas, quando digitara o nome na caixa de pesquisa do *amazon*, a tela ficara repleta de páginas e páginas de títulos, como “Pilares da Espada”, “O Templo dos Guerreiros”, “Ventos Nus”, “A Fé dos Condenados”... e assim por diante. Naquele momento, ele ganhara sua real atenção, ainda que ela não fosse exatamente fã de homens autores de ficção. Lia um pouco de tudo, portanto até experimentara alguns dos gigantes do gênero, mas era como se todos eles fossem muito parecidos. Espadas, magia, naves espaciais, sangue, testosterona... blá... blá... (bocejo).

Mas não era nenhuma estúpida. Longe disso. E uma de suas primeiras regras era nunca, jamais dizer coisas negativas a respeito de um cliente.

Assim, colocou um sorriso brilhante no rosto e assentiu em resposta à expressão vazia de

sua parceira de viagem, como se E. D. Faust fosse Nora Roberts.

— Seu lançamento mais recente é “Pilares da Espada”, mas Faust publicou mais de cinquenta livros, e a maior parte deles aparece nas principais listas de *best-sellers*.

— Nunca ouvi falar dele, até porque gosto mais de um jogo de palavras cruzadas do que qualquer coisa! — A mulher riu de novo. — A menos que seja um homem bem alto, de chapéu de caubói; ou uma cerveja gelada. — Deu uma cotovelada em Pamela enquanto soltava uma risada forçada.

Pamela se viu surpresa ao sorrir de volta. Havia algo honesto e verdadeiro na velha senhora que fez seu rosto enrugado e seus modos rudes até mesmo atraentes.

— Pamela Gray — disse, estendendo a mão.

— Billie Mae Johnson. — A mulher retribuiu o cumprimento com um aperto firme e um sorriso caloroso. — Prazer em conhecê-la. Se precisar de uma cara amiga ou de uma cerveja gelada, vá ao Flamingo. Normalmente estou trabalhando no bar do piso principal.

— Olhe que eu posso levar isso a sério...

A aeromoça anunciou que eles iriam aterrissar, e Pamela colocou o assento na posição vertical. Billie Mae balançou a cabeça e resmungou para as lacunas nas palavras cruzadas, cuja maioria continuava vazia.

— Esses metidos do *New York Times* enfiaram estas palavras cruzadas no nariz quando começaram a deixar esses advogados divorciados do Texas escrevê-las. — Suspirou e se concentrou em uma das questões antes de olhar de soslaio para Pamela. — Ei, a dica idiota aqui é “emancipação metafórica”, e a resposta tem dezessete letras. Tudo o que consigo imaginar é *Budweiser*, mas esta tem nove!

— Foi um advogado ou uma advogada que criou essas palavras cruzadas?

— Um advogado.

— Tente “pensão alimentícia” — arriscou Pamela, sorrindo, maliciosa.

Billie Mae preencheu as letras com um grunhido de satisfação, depois piscou para ela enquanto o avião pousava.

— Acabou de ganhar uma cerveja. Espero que seja tão boa em decoração como é em palavras cruzadas!

Pamela se aproximou do homem uniformizado que segurava uma placa onde se lia “Pamela Gray, Ruby Slipper” em alto-relevo dourado. Antes que pudesse falar, o homem fez uma breve medida e perguntou com um sotaque britânico:

— Srta. Gray?

— Sim, sou Pamela Gray.

— Muito bem, senhora. Levarei sua bagagem. Por favor, queira me acompanhar.

Ela o fez, e teve que correr para seguir o ritmo acelerado do sujeito conforme este cruzava

o aeroporto lotado com destreza até o lado de fora, onde uma limusine os aguardava. Pamela fez menção de parar e deixar cair o queixo quando ele abriu a porta do belo Rolls-Royce *vintage*, contudo deslizou para o assento de couro cor de creme com graça, agradecendo antes que ele fechasse a porta.

— Que satisfação em conhecê-la, srta. Gray — uma voz grave ribombou do outro lado da limusine.

Pamela deu um salto. Saindo das sombras, um homem se inclinou para a frente, estendendo-lhe a mão enorme. Conforme ela a aceitou instantaneamente, os lustres de cristal pendurados de ambos os lados do automóvel se acenderam.

— Sou E. D. Faust, claro, mas pode me chamar de Eddie.

Recuperando a compostura, ela sorriu, educada, e devolveu o cumprimento firme. Sua primeira impressão de E. D. Faust foi a de que ele era gigante.

Assim que ele a contratara, ela havia ido até a livraria mais próxima e comprado vários de seus romances, de modo a se familiarizar com o autor. Mas as fotos na parte de trás dos livros não capturavam o real tamanho do homem. Faust preenchia o espaço à sua frente, fazendo-a se lembrar de Orson Welles, ou de um envelhecido Marlon Brando.

E ele era... escuro. Na linha em forma de “V” na testa, o cabelo era grosso e negro, amarrado para trás em um rabo de cavalo baixo. A camisa de seda de manga longa também era preta, assim como as calças largas e as botas de couro brilhantes.

Embora disfarçadas por camadas de gordura, as linhas fortes de seu rosto eram ainda evidentes, e sua idade, indeterminada. O homem devia estar entre os trinta e os cinquenta, mas Pamela não tinha muita certeza.

Faust observou seu estudo, e seus olhos castanhos brilharam quase com travessura, como se ele estivesse acostumado a ser o centro das atenções e gostasse disso.

— É bom conhecê-lo enfim, Eddie. E, por favor, pode me chamar de Pamela.

— Pamela, então. — Ele bateu a cabeça de dragão da bengala preta no painel de vidro semifechado que dividia a área de passageiros da limusine do chofer. — Podemos ir, Robert.

— Muito bem, senhor.

A limusine elegante se afastou do meio-fio.

— Espero que a viagem não a tenha cansado muito, Pamela.

— Não, foi apenas um voo curto de Colorado Springs.

— Quer dizer que não se oporia a começar seu trabalho agora mesmo?

— Não, de maneira alguma. Já tomou uma decisão quanto ao estilo que gostaria de adotar na casa? — Pamela quis saber, ansiosa. Se aquele carro fosse uma amostra do bom gosto de Eddie e de seu orçamento...

Sentiu a cabeça girar com as possibilidades. Que vitrine não seria! Ela criaria um

verdadeiro paraíso de veraneio para o Rei da Ficção.

— Com certeza. Sei exatamente o que desejo e o encontrei aqui, nesta cidade mágica. Tudo o que precisa fazer é copiá-lo. — Eddie bateu na janela outra vez. — Robert, leve-nos ao Caesars Palace.

CAPÍTULO 2

— Caesars Palace? Mas isso não é um cassino?

As dobras no rosto de Eddie plissaram ainda mais conforme ele sorriu.

— Por isso mesmo é perfeita para este trabalho, Pamela. Nunca estive em Las Vegas, assim verá tudo com novos olhos. Olhos que podem apreciar e captar a atmosfera única que eu desejo para a minha casa. E tem razão. O Caesars Palace é um cassino, assim como um hotel. Na verdade, a não ser por alguns dos detalhes da piscina, que desejo reproduzir, não é no Palace que eu quero que concentre sua atenção, e sim no shopping maravilhoso anexado a este. O Fórum tem a magia que eu desejo.

— É um centro comercial? — Ela teria ouvido bem? Por que Faust haveria de querer uma casa de veraneio — ou qualquer casa — em um lugar que se assemelhava a um shopping center?

— Você vai ver, minha querida, você vai ver... — Eddie apontou o dedo grosso para um balde de prata cheio de gelo, onde havia várias garrafas. — Gostaria de se refrescar com champanhe ou *Pellegrino*?

— *Pellegrino*, por favor. — Pamela teve a impressão de que precisaria estar com as ideias bem claras para o que estava por vir.

Uma casa de veraneio parecida com um shopping! Aquilo, sim, era um pedido estranho.

Não que pedidos estranhos de clientes a desanimassem. Desde que montara a Ruby Slipper, três anos antes, uma das coisas que ela mais amava em sua própria empresa de decoração era a liberdade para cultivar clientes exclusivos e ajudá-los a transformar seus sonhos em casas confortáveis e de bom gosto.

Enquanto Eddie servia a água em um copo de cristal, Pamela pensou na primeira cliente da Ruby Slipper, Samantha Smith-Siddons. A srta. Smith-Siddons, antes *sra.* Smith-Siddons, queria redecorar por completo os setecentos e quarenta e três metros quadrados de sua casa após ter flagrado o sr. Smith-Siddons fazendo sexo com a assistente de vinte e um anos. Infelizmente, para o sr. Smith-Siddons, ele vestia *lingerie* feminina, *scarpins* de salto vermelhos e uma peruca loira, fato que seus muitos clientes (o sr. Smith-Siddons era proprietário da maior cadeia de funerárias do Colorado) teriam considerado um tanto perturbador se este houvesse se tornado público em meio a seu conturbado divórcio.

Mas o gosto único do sr. Smith-Siddons por *lingerie* feminina não fora divulgado, e a sra. Smith-Siddons recebera um prêmio considerável por seu diplomático silêncio. Ao contratar a Ruby Slipper, a mulher lhe explicara que não toleraria nenhuma cor, exceto algumas nuances de branco, pois queria começar de novo e usar a pureza dessa cor para tentar neutralizar a

mancha que se derramara sobre seu casamento.

Sem se incomodar com a bizarra restrição, ela, Pamela, se concentrara em texturas em vez de em cores. Tinha usado pisos de madeira de um branco envelhecido, objetos e adornos requintados, seguindo a mesma linha, bem como um pouco de tons *rosé*, perolados e estanho, mesclados a branco-neve, champanhe e cor de luar. O resultado final fora tão espetacular que a Ruby Slipper ganhara seu primeiro artigo completo na *Architectural Digest*.

E se ela conseguira transformar a residência sem-graça, quase estéril, da sra. Samantha Smith-Siddons em uma obra de arte, decerto poderia fazer o mesmo com a de Eddie.

— Devo lhe dizer mais uma vez, Pamela, como fiquei impressionado com o trabalho primoroso que fez no *boudoir* de Judith. — Ele riu, e seu corpanzil vibrou como uma massa gelatinosa. — *O Nascimento de Vênus*, sem dúvida. Eu jamais acreditaria que a ideia de decoração extravagante de Judith ficaria tão encantadora. Charles diz que nem está se importando em dormir em uma cama que parece uma concha gigante, rodeada por tons pastéis e femininos. Toda vez que Judith sai daquela banheira espetacular, ele não consegue evitar... acredita que está dormindo com uma deusa.

— Foi uma loucura, mas deu muito certo. — Pamela tomou um gole da água gaseificada, pensando que seu maior desafio fora amenizar um estilo de decoração que Judith imaginava ter o glamour de Hollywood quando, na realidade, era típico de um bordel e um tanto *brega*. Judith queria algo chamativo, e ela, Pamela, conseguira criar um ambiente opulento, porém de bom gosto. Charles e Judith Lollman haviam ficado tão satisfeitos com seu trabalho que tinham organizado uma enorme festa para exibir sua nova suíte. Charles Lollman não apenas produzia alguns dos shows mais bem-sucedidos do horário nobre da TV, como também era um fanático por ficção — inclusive a científica. E um dos muitos que convidara para a *soirée* fora o autor de *best-sellers*, E. D. Faust.

Pamela sorriu. O telefonema de Eddie fora o primeiro de vários que haviam acontecido com as indicações, após seu bem-sucedido trabalho.

— Um desafio — Eddie pronunciou a frase sem pressa. — Gosta de desafios, Pamela?

Ela endireitou os ombros e devolveu o olhar firme.

— Os desafios tornam a vida bem mais interessante — observou, sorridente.

— Resposta correta. — O sorriso de Eddie de repente lembrou o do dr. Grinch Seuss.

— Perdão, senhor. — A voz erudita de Robert chegou até eles. — Devo levá-los para a frente do Palace ou prefere a entrada VIP para o Fórum?

— A do Fórum, Robert. E telefone para James. Diga a ele que nos encontre em frente à fonte.

— Muito bem, senhor.

Eddie checkou seu Rolex dourado.

— Excelente. Vamos chegar bem na hora. Quero que obtenha pleno efeito.

Pamela pensou em perguntar o que ele queria dizer com “pleno efeito”, mas, conforme dobraram a esquina, Eddie apontou e prosseguiu:

— Parece simples demais quando nos aproximamos por este ângulo, mas reservei uma suíte para você no Palace até o próximo fim de semana, de modo a lhe dar tempo de sobra para absorver a atmosfera. Naturalmente vai querer explorar a entrada principal a seu bel-prazer, bem como o cassino e o shopping.

Pamela piscou, surpresa. Eddie queria que ela ficasse uma semana inteira ali, apenas para fazer pesquisas em um shopping center? Mas ela estava bem no meio de vários outros projetos! Sua assistente poderia lidar com eles sozinha?

Antes que pudesse expressar suas objeções, contudo, Eddie fez um gesto de desdém.

— Compreendo que seu tempo é valioso. — Ele enfiou a mão num bolso fundo e tirou um maço de notas. Contou várias e as entregou a ela. — Quinhentos dólares por dia é o bastante para compensá-la pelo tempo extra que este desafio de decoração vai exigir?

Pamela queria gritar *Caramba, claro que é!*, mas, em vez disso, enfiou o dinheiro no fundo da bolsa e abriu um sorriso calmo e profissional. Quando tivesse um minuto sozinha, a primeira coisa que iria fazer era telefonar para a assistente. Vernelle teria um ataque cardíaco quando soubesse que aquele trabalho estava superando todas as suas expectativas.

E, juntas, ela e a assistente tinham excelente imaginação.

— Obrigada, Eddie. Isso deve cobrir as despesas que terei por ficar longe do meu estúdio por uma semana.

A limusine parou suavemente, e Robert abriu a porta para ajudá-la a descer. Pamela estudou a frente do edifício enorme enquanto Eddie arrastava o corpanzil para fora do carro. A fachada do Fórum era simples: um enorme bloco de mármore branco, com colunas incrustadas formando a maior parte da decoração. *Nada mal*, pensou. E até mesmo de bom gosto. Se aquilo era uma indicação do interior do shopping, ela poderia esperar um estilo *clean*, amplo e elegante.

Desafio? Teve vontade de rir em voz alta. Como Vernelle diria, aquele trabalho seria tão simples como vender boas para os *gays*!

— O Fórum é por aqui. — Eddie abriu o caminho através de uma porta branca dupla, movendo-se com absurda agilidade para seu tamanho. — Adoro esta entrada — explicou, conforme caminhavam por um corredor totalmente branco, que parecia pertencer a um enorme depósito de móveis. — Eu sempre tenho essa impressão. Gosto de imaginar que estou deixando um mundo e entrando em outro. — Sua risada era profunda e contagiante. — Mas isso porque, talvez, eu mesmo crie outros mundos como meio de vida. Então me diga, Pamela... — Seus olhos brilhavam quando ele abriu uma porta corta-fogo comum e fez uma

mesura, indicando que ela deveria precedê-lo. — Eis o Fórum!

Santa Mãe de Deus!, foi o primeiro pensamento de Pamela.

O segundo foi que ela precisava fechar a boca.

De repente, viu-se apanhada em um vórtice de som e imagens. Pessoas lotavam o que fora construído para se *parecer* com as ruas de Roma. “Parecer”, mesmo porque aquilo tudo era *cafona* demais. Ela e Eddie tinham emergido em meio às lojas Versace e Escada, cujos nomes reluziam em letras douradas, imitando a antiga Roma. Mas, em vez de evocar a elegância do Mundo Antigo, lembravam uma caricatura dos desenhos animados. Era como se alguém tivesse desenhado a história e a arquitetura com lápis de cera.

— Espetacular, não? — comentou Eddie com sua voz grave.

— O teto... tem nuvens pintadas — foi tudo o que ela conseguiu balbuciar.

Fascinado, ele assentiu com um gesto de cabeça.

— É esse o efeito que quero no forro da minha casa. Vê como eles o iluminaram? — Apontou para cima. As fachadas das lojas eram enormes, mas não alcançavam o teto abobadado. Era óbvio que, acima dos telhados falsos, havia holofotes iluminando as falsas nuvens. — Como vê, agora parece meio-dia. É o que eu desejo para a minha casa: quero que a luz do dia se perpetue nela, de modo que eu possa escrever à luz de um sol eterno.

— Oh, Deus... — As palavras escaparam dos lábios de Pamela antes que ela pensasse em manter a boca fechada.

A risada de Eddie ribombou entre eles.

— Você não fazia ideia de que seria assim.

— Não, não fazia — ela concordou, em choque.

— Venha! O melhor está mais adiante. — Ele tornou a olhar para o relógio. — Precisamos nos apressar. Temos apenas cinco minutos antes de o show começar.

— *Show*? — Pamela se obrigou a parar de abrir a boca e correu para alcançá-lo.

— Sim! É o que desejo que crie como ponto central na casa: uma fonte espetacular.

— Quer uma fonte dentro de casa? — Pamela modulou a voz com cuidado, tentando denotar otimismo. Adorava água e acreditava que esta era essencial para se criar um *chi* positivo em uma residência.

Sentiu a mente alçar voo. Iria contratar um excelente artista e criar... (olhou para cima, tentando não fazer caretas)... uma versão de bom gosto daquele céu azul, cheio de nuvens brancas como algodão, acima deles. E compensaria aquela *breguice* toda com uma fonte fabulosa. Talvez uma importada da Itália. Eddie iria adorar, afinal, o Fórum pretendia ser uma cópia de Roma. Por isso mesmo seria natural que quisesse uma fonte vinda da...

Viraram para a esquerda, e Pamela estacou, horrorizada. Bem diante deles estava uma monstruosidade que expelia água por todos os lados, cercada por deuses e deusas nus.

Sentiu a cabeça indo para a frente e para trás como se esta não lhe pertencesse. Aquilo era um horror! Enormes cavalos de mármore se projetavam da piscina iluminada, com água brotando ao redor. Zeus, Poseidon, ou outro deus que fosse, posava nu em cima de uma plataforma, segurando um tridente apontado para a água que ele fitava, sério. Em uma das laterais da fonte, havia comensais sentados nas pequenas mesas de um restaurante popular italiano, e Pamela se perguntou como eles conseguiam ouvir um ao outro, tal era o rugido da água.

— Não, não... Não é esta a fonte — Eddie a tocou nas costas, guiando-a para além do monstro molhado. — Não preciso de nenhuma imitação de Trevi. Desejo algo verdadeiramente único.

Aliviada, Pamela deixou escapar uma risadinha fraca.

— Também não gosto desta coisa — afirmou o escritor, conforme passavam, apressados, pela Disney Store, a qual apresentava um Pégaso em tamanho natural saindo do topo. — Um cavalo alado me parece um pouco demais.

Pamela assentiu em silêncio. Um cavalo alado era “um pouco demais”, e um teto abobadado, pintado para parecer com um céu iluminado pela luz de um sol eterno, não era?...

Apertou o maxilar. Gostava de um desafio. De verdade. Era uma *designer* de interiores excelente e experiente, com muito bom gosto e estilo, e gostava de clientes excêntricos.

Não, lembrou-se com firmeza. Não apenas gostava deles, como também os preferia. Não existia projeto estranho, *cafona* ou bizarro que ela não pudesse levar adiante, recheando-o de bom gosto e refinamento.

Uma pequena multidão se agitava à sua frente, e o braço levantado de um homem alto chamou sua atenção.

— Ah, lá está James. Ele escolheu um excelente local.

Eddie a fez se juntar a ele e mergulhou na multidão, cortando-a como uma baleia em meio a um cardume de *guppies*, aqueles peixinhos de aquário.

Quando se aproximaram do homem alto, o escritor a impeliu para a frente. Meio sem ar, Pamela sorriu numa saudação, contudo sua expressão se desfez quando percebeu onde estavam.

Diante de outra fonte gigantesca. E aquela possuía a forma de uma enorme janela com arabescos. O centro era dominado por um imenso homem de pedra, sentado em um trono. Três estátuas em pé cercavam a figura entronada, porém Pamela não teve a chance de analisá-las, pois, naquele instante, a luz do “sol eterno” que brilhava no teto abobadado se desvaneceu, e uma espessa neblina começou a se derramar, saída de pequenas aberturas na base do trono.

Pamela espirrou ao sentir o cheiro picante do gelo seco.

— Saúde! — Eddie falou atrás dela. Então se inclinou para cochichar em seu ouvido. —

Está começando. Preste atenção.

Um riso assustador irrompeu do meio da fonte. Pamela sentiu um estranho arrepio ao perceber que o centro da estátua havia ganhado vida, e a risada saía dos lábios do homem de pedra. Espantada, observou enquanto a figura sentada se movia sobre a plataforma, de modo a encará-los.

— *Está na hora! Está na hora!* — proclamou a estátua. — *Sou Baco! Venham, venham todos! A festa no Fórum não demora!* — O Baco “vivo” ergueu a taça, que de repente cintilou, dourada. Mas Pamela mal prestou atenção aos efeitos especiais, pois o rosto do deus lhe capturara a atenção. Ele era como uma reprodução grotesca de Curly, dos Três Patetas, vestida com uma toga, folhas de uva em torno da cabeça calva e várias papadas no pescoço. Mais risos escaparam de sua boca enquanto o homem fingia beber, em um brinde à multidão.

— *César! Acolhe os visitantes que ao nosso Fórum vieram!*

Ao comando de Baco, a estátua em pé mais distante deles começou a gesticular com os braços e disse algo sobre o Deus do Vinho fazer uma festa para a multidão. De onde estava, Pamela não conseguia entender muito bem as palavras.

Outro braço, recém-animado, a fez se lembrar de Fred Flintstone.

— *Maldição dos infernos!* — resmungou por entre os dentes, usando o xingamento favorito de sua assistente. — *Que diabo é isso?*

— *Ártemis, diga-me a que veio!* — bradou a estátua de Baco. — *E que comece a festa!*

A segunda estátua de pé ergueu o braço, e Pamela fez uma careta ao perceber que seus seios enormes balançavam com qualquer movimento.

— *Vim para o Fórum, onde da alegria sopra a brisa. Apenas tu, Baco, consegues me afastar da caça e da floresta! Vim para onde se faz compras, se bebe e se é feliz. Principalmente quando se tem um Visa!...* — A voz da mulher era fina e, enquanto ela falava, uma aljava repleta de flechas e um arco pendurado por cima de seu ombro brilhavam com um terrível néon vermelho.

— *Muito bem dito, formosura!* — Baco balançou a cabeça para cima e para baixo num movimento espasmódico e mecânico. — *Mas agora é a vez do teu irmão... Apolo, fala à multidão!*

A estátua bem diante deles começou a girar até ficar de frente para as pessoas. A harpa nas mãos de Apolo brilhou com uma luz verde enquanto ele a acariciava, e música brotou de um alto-falante semiescondido aos pés de Pamela.

— *Sim, ó Baco, isso é certo. Assim como a inspiração e o encanto que trago com minha lira!*

— *Ah, Apolo e sua magia!... Ela toca meu coração, mira!* — declarou a estátua gorda em uma voz estridente. — *Mas, basta! Já é hora de convocar a luz do dia!*

A estátua de Apolo se curvou, desajeitada, diante do Deus do Vinho, antes de erguer a mão. De repente, o teto abobadado ganhou vida com facho de *laser* que cortavam as nuvens em cores brilhantes, enquanto o riso satisfeito de Baco enchia o ar seco e fresco. As luzes finalmente cessaram, culminando em uma explosão de brilho que deixou o falso céu iluminado como se fosse de manhã.

— *Agora, meus amigos, comam, bebam, sejam felizes!* — entoou Baco, enquanto as outras estátuas se curvavam e paralisavam, e a luz de um *spot* pintado de rosa tingia seu rosto já corado. — *Mas não se esqueçam de retornar para o nosso show especial das oito da noite em ponto!* Carpe diem!

Conforme sua risada insana se desvanecia, aplausos espontâneos eclodiram em meio à plateia.

Pamela ouviu uma mulher vestindo moletom vermelho dizer à amiga:

— Não foi melhor do que o da última vez?

— Foi, sim! — respondeu a outra.

— Oh, Deus... — ela gemeu, inconformada.

CAPÍTULO 3

— Não, não precisa se preocupar. Sei exatamente o que a incomoda. — Eddie lhe afagou a mão. — Dinheiro não é problema! Não pouparei gastos para realizar o que imagino.

— Acredite, senhora. Eddie irá supri-la com qualquer quantia.

Pamela piscou, pouco à vontade, para o homem alto.

— Ah, mas que grosseria a minha!... — lamentou Eddie. — Pamela, deixe-me apresentá-la ao meu assistente, James Ridgewood. James, esta é a nossa muito estimada *designer* de interiores, Pamela Gray.

— É um prazer conhecê-la, senhora.

James a cumprimentou com brevidade e firmeza.

Eddie bateu as mãos nas coxas grossas.

— Mal posso conter a minha ansiedade! Agora que já viu essa fonte maravilhosa, diga-me, Pamela: o que acha?

— O que eu acho? — Pamela parou, repetindo a pergunta. Ela e Eddie se encontravam sentados lado a lado em um dos falsos bancos de mármore que cercavam a fonte agora silenciosa. Devido ao tamanho do autor, o assento que acomodaria três ou até quatro pessoas estava cheio, então James permanecia em pé ao lado deles.

Impotente, Pamela desviou o olhar dos olhos brilhantes de Eddie para os de James que, por sua vez, o devolveu com a expressão atenta de um aluno. Não iria obter nenhuma ajuda dele, ela percebeu. James também comprara a ideia daquela decoração desastrosa.

— Sim! O que acha de transformar uma fonte como essa no ponto central da minha casa?

Pamela estudou Eddie com cuidado. O homenzarrão estava falando sério. Infelizmente, aquilo não era piada. Ele queria mesmo aquela coisa horrorosa!

Ela limpou a garganta e respirou fundo antes de elaborar a resposta.

— É uma ideia um tanto incomum...

Eddie e James balançaram a cabeça em entusiasmada concordância.

— No entanto, existem alguns detalhes que me preocupam. Em primeiro lugar — Pamela apontou para a fonte enorme —, o tamanho. Se bem me lembro, você disse que sua casa não chegava a ter mil e duzentos metros quadrados. Claro que se trata de uma casa espaçosa, mas tenho medo de que mesmo uma propriedade desse tamanho não possa acomodar uma fonte tão... — fez uma pausa, evitando as palavras “monstruosa” e “grotesca” — ... de dimensões tão magníficas.

Eddie pendeu a cabeça para trás e gargalhou, fazendo que várias pessoas parassem para observá-lo.

— Agora compreendo a sua expressão de choque, minha querida. Não quero a fonte *dentro* da casa. Pelo contrário, quero que seja um ponto de referência no pátio. James, mostre a Pamela o que quero dizer.

Sorrindo, James ergueu uma linda valise de couro cor de vinho e extraiu desta uma pasta grossa de arquivo, que entregou a ela. Pamela a abriu, encontrando fotos coloridas e plantas detalhadas de uma requintada *villa* italiana. O lugar era construído como um enorme “U” em torno de um encantador pátio de mármore, o qual estava obviamente destinado a ser o ponto central da residência.

Pamela viu-se balançando a cabeça, impressionada com o patrimônio arquitetônico da casa. Então piscou e olhou uma das fotos mais de perto. Sobre a imagem do lindo pátio alguém tinha rabiscado com um lápis: “Retirar as árvores. Substituí-las por colunas romanas, douradas, talvez, como as do Fórum?”.

Colunas douradas?

Seus olhos se desviaram para um dos pilares próximos. Como uma mistura bizarra de bordel e casa funerária, este era coberto por uma pintura de gosto duvidoso, imitando mármore. E a parte superior da coluna era incrustada com vistosos arabescos em ouro.

Ficou feliz por estar sentada, pois sentiu os joelhos fracos.

Tornou a ler as anotações a lápis: “Em vez dos azulejos de cerâmica, fazer o piso como o das ruas do Fórum”.

Horrorizada, Pamela olhou para baixo. As “ruas” do Fórum não eram nada mais do que cimento texturizado, uma imitação barata de pedra, pintado de marrom cor de lama e envernizado. Decerto Eddie não iria querer trocar aquele travertino fabuloso por cimento...?

— Compreende agora? Quero implantar uma fonte como esta no pátio da minha casa.

Pamela sentiu a boca abrir e fechar como a de um peixe, enquanto lutava para dizer alguma coisa.

— Sei que, apesar de o meu pátio ser grande, não tem tamanho suficiente para abrigar uma réplica exata desta fonte. Por isso mesmo decidi que quero uma versão menor. Pode cortar César, Ártemis e Apolo. — O olhar de Eddie se fixou com carinho no centro da escultura. — Mas mantenha Baco, o Deus do Vinho e da Fertilidade. Em minha casa o vinho é sempre bem-vindo. Quanto à fertilidade... — Sua risada ecoou outra vez. — Bem, as regras do cavalheirismo me fazem lembrar que tais assuntos não são adequados para os ouvidos de uma dama, então, por enquanto, digo apenas que gostaria de incentivar a fertilidade da criatividade e da palavra escrita.

Pamela ignorou o brilho travesso nos olhos do homem. Ela certamente não pretendia entrar em qualquer tipo de discussão acerca de “fertilidade” com ele.

— Deixe-me ver se entendi bem. O que quer é a aura desta fonte, algo com sua forma

básica e *design*, mas em menor escala.

— Isso mesmo. — Eddie sorriu. — E, claro, ela precisa ser animada.

Desta vez, quando Pamela deixou a boca abrir, não se preocupou em fechá-la.

— C-com licença... Ahn... Sr. Faust?

Ela se voltou para ver três adolescentes com os rostos cheios de espinha parados atrás deles, cada um segurando uma cópia de capa dura de *Pilares da Espada*, enquanto olhavam com entusiasmo para Eddie.

— É-É o senhor, não é? — gaguejou o mais alto dos três.

Eddie concordou com um gesto de cabeça.

— Eu mesmo, E. D. Faust.

— *Legal!*

— Eu disse que era ele! — O menino mais alto lançou um olhar vitorioso aos companheiros. — Acabamos de comprar nossas cópias de *Pilares*, sabia? Seria, *tipo*, maravilhoso se você as autografasse para nós, por favor!

Pamela não pôde deixar de sorrir para os meninos. Eles eram até engraçadinhos, de certa forma. Assim como pequenos potros.

Notou que o mais gordinho, perto dela, estava tentando olhar dentro de seu decote, então franziu o cenho e ajeitou a roupa.

Homens... Não importava se tinham quinze ou cinquenta anos. Algumas coisas nunca mudavam.

— Seria uma honra pôr minha assinatura nos livros, rapazes! Venham! Digam-me seus nomes. — Eddie fez um gesto magnânimo.

— Taylor! — O garoto mais rechonchudo se esqueceu de seu decote e saltou na frente dos outros dois.

— Jamie!

— Adam!

A risada de Eddie ressoou, bem-humorada, mas, quando os meninos dispararam para a frente, Pamela percebeu que o autor lançou ao assistente um olhar significativo.

— Srta. Gray — James pareceu aflito ao se inclinar para falar em sua orelha. — Receio que não tenhamos muito tempo. Tudo o que precisa está nesta valise — ele a entregou a ela —, inclusive a chave do seu quarto. Já fiz o *check in* para a senhorita, e Robert mandou suas malas para a suíte.

— É E. D. Faust mesmo!

— Bem que eu achei que conhecia o cara de algum lugar!

Pamela olhou ao redor, surpresa. Várias pessoas apontavam para Eddie agora.

— Eddie deseja que a senhorita passe este fim de semana simplesmente absorvendo a

atmosfera do Fórum e do Caesars Palace. Na manhã de segunda-feira ele enviará um carro, e então será levada para a casa dele. Todos os detalhes estão na pasta. Até lá, pense nos próximos dois dias como um agradável fim de semana em meio à magia de Las Vegas.

— E. D. Faust! *Uau!* — disse um homem quase sem fôlego antes de correr até Eddie, afastar os adolescentes, que o encararam, irritados, e cumprimentá-lo com um vigoroso aperto de mão. — Eu tenho todos os seus livros!

— Aplaudo o seu gosto na literatura, senhor. — O tom de Eddie era jovial, porém não havia dúvida quanto ao olhar aflito que este lançou a James.

— Vai encontrar outras instruções na pasta, bem como números para contato, caso precise falar conosco antes de segunda-feira. Agora preciso ajudar meu patrão — James terminou depressa.

Pamela observou o rapaz se infiltrar na multidão crescente até se colocar ao lado de Eddie e anunciar que o sr. Faust precisava ir embora, pois tinha uma entrevista importante para a qual não poderia se atrasar. Eddie ergueu o corpanzil do banco, piscou para Pamela e começou a se afastar com falsa relutância em direção à saída. As pessoas continuaram a segui-lo, lutando por conseguir um autógrafo na camiseta ou até mesmo nas costas da mão.

Uma vez deixada para trás, Pamela balançou a cabeça lentamente. Olhou para a pequena multidão, conforme esta se afastava pela rua falsa, atrás do autor de ficção, sentindo-se um pouco como Alice após ter caído no buraco.

E a turba continuou a crescer. A maioria era de meninos e homens maduros — daqueles que usavam alguns fios do cabelo ralo atravessados sobre a careca e meias brancas, puxadas até os joelhos. Eles o assediavam enquanto a figura alta de James impelia a de seu chefe, e a risada característica do autor chegava até ela. Eddie era um verdadeiro *superstar*. Um *superstar* meio esquisito, verdade, mas ainda um *superstar*.

Inacreditável. E ela nem fazia ideia!

Seu olhar pousou mais uma vez na fonte medonha, que, no momento, felizmente se encontrava em silêncio.

Pamela suspirou. *Um passo de cada vez*, lembrou a si mesma. Iria para o quarto refrescar-se, falar com Vernelle, em seguida voltaria ali para jantar e — pensou no que a estátua havia dito — assistir ao espetáculo daquela noite. Não era possível que fosse pior do que aquele que ela já tinha visto.

— Fale de novo, Pammy, acho que não escutei direito.

— Você me ouviu direito, sim, Ve! Aquela coisa horrorosa *fala*. E, palavra de honra, tem um monte de luzes de néon coloridas. E ele quer uma igual no pátio!

Sentada na beirada da cama *king size* da luxuosa suíte, Pamela tirou um dos *scarpins* e esfregou o pé.

— No pátio da linda casa em forma de vila italiana?!

— Esse mesmo.

— Maldição dos infernos!

— Foi o que pensei — resmungou Pamela.

— Mas isso é pior do que *O Nascimento de Vênus*! — Ve bufou. — Santo tripode!...

O termo fez Pamela rir, como sempre. “Trípode”, Vernelle explicara quando elas haviam começado a trabalhar juntas, três anos antes, era uma gíria de lésbicas para “homem”.

E Ve era lésbica. Não daquelas homossexuais impudentes, que odiavam os homens. Vernelle Wilson até os apreciava... Apenas não gostava de dormir com eles.

Ve tinha lhe explicado sua opção da seguinte forma:

— Os homens me aborrecem. Depois que fiquei com um por algum tempo, acho que preferiria explodir os miolos a acordar ao lado de um deles e ficar ouvindo aquela bobajada inútil sobre virilidade pelo resto da vida. Agora, as mulheres... — Seus olhos cor de avelã brilharam, e um sorriso travesso lhe iluminara o rosto. — As mulheres eu posso ouvir sempre.

E esse era um dos muitos pontos fortes de Vernelle: escutar as mulheres. Ela nunca se apressava para satisfazer o desejo de qualquer cliente do sexo feminino, e parecia entender exatamente o que alguma delas queria dizer quando mencionava “aquele tom azul-arroxeadado, meio da cor do céu à noite, ou de um amor-perfeito...”.

Embora não fosse graduada em *design* de interiores, Vernelle era artista profissional e *designer* gráfica — assim como o incrível *website* e o logotipo original da Ruby Slipper podiam atestar. Tinha excelente gosto para cores e texturas, e era também uma astuta mulher de negócios.

Pamela sorriu. Contratar Ve como sua assistente fora a primeira das muitas decisões sábias que ela tomara ao dar início ao seu próprio negócio. Ve gostava de dizer que ela, Pamela, se mostrara um tanto evoluída ao escolhê-la em meio à porção de *gays* que se candidatara para aquele trabalho.

Pamela abafou o riso antes que este se tornasse histérico.

— Eu não sei, Ve, mas vai ser difícil eu conseguir dar um toque de bom gosto a esse trabalho. Pelo amor de Deus, ele quer algo no estilo Liberace, bem *brega*!

— Ei, é cedo demais para desistir. E, lembre-se, é noite de sexta-feira, e você está em Las Vegas.

— Eu sei, eu sei. Que seja. Agora, o mais importante... Como está o projeto de Katherine Graham? Obviamente ainda está respirando, então ela ainda não a levou ao suicídio.

— Ei, me dê um desconto! Eu até gosto da velha.

— Claro, como gosta de ir ao dentista — contrapôs Pamela.

Ve riu.

— Não, é sério! Estamos nos dando melhor. Ainda odeio seus zilhões de gatos, e não faço ideia de como uma mulher que fuma feito uma chaminé e bebe conhaque como se fosse água ainda pode estar *vivinha* aos oitenta e sete. Mas seu senso de humor é admirável.

— E quanto ao gosto dela por cores?

— Eu a convenci a abandonar os roxos e rosas. Já quase nos decidimos por amarelo, verde-sálvia e uma pitada de vermelho. Quando terminarmos a fachada, aquela casa vitoriana *gimensa* vai parecer ter dez anos em vez de cento e dez.

— E, depois, vamos começar a trabalhar na parte interna.

Juntas, Pamela e Vernelle suspiraram.

— Então, tudo está indo bem. Como anda o trabalho de restauro de Starnes?

— Está ótimo, Pamela. Assim como o piso para a sala de estar dos Bate e o acabamento das janelas dos Thackery. Quer fazer o favor de não se preocupar? Você deixou tudo ajeitado antes de viajar, e posso muito bem dar conta dos trabalhos em curso. Se eu me enroscar com qualquer coisa, posso telefonar.

— Promete?

— Claro que sim. E aqui vai uma sugestão... Que tal tirar uns dias de folga? Está em Las Vegas, pelo amor de Deus! Saia um pouco, divirta-se. Pode até fazer umas apostas!

— Quer que eu me arrisque no jogo?

— Pammy, é para isso que serve Las Vegas!

— Eu não sei se gostaria de jogar. Não faz muito sentido para mim. Quer que eu entregue o meu dinheiro sem ter garantia de que vou conseguir comida, vinho, roupas ou uma peça de mobiliário em troca?... Não consigo achar graça nisso.

— Pammy, não está se concentrando no mais importante.

— No quê?

— Seja irresponsável uma vez na vida! Liberte-se! De repente pode até ganhar um prêmio principal.

Pamela inclinou a cabeça para o lado, pensativa.

— Pode ser que tenha razão, Ve. Talvez eu esteja olhando para esse projeto do modo errado. Em vez de pensar em bom gosto, talvez eu devesse estar bancando a lunática.

— É isso! — concordou Ve. — O sujeito é cheio da *grana*. Mesmo que ele soe meio maluco, você disse que ele parece boa gente.

— E é — ela anuiu de pronto.

— Então, pense da seguinte forma: E. D. Faust vive de criar fantasias. Ele simplesmente está pedindo que crie uma em que ele possa viver dentro! Pare de querer transformar esse projeto em outro *layout* para a *Architectural Digest*. E, Pammy, quando eu disse que precisava tirar algum tempo para si mesma, estava falando sério. — Ve fez uma pausa, e seu

tom se tornou mais grave. — Há quanto tempo não tira férias?

— Você e eu fomos...

— Não, eu não estou falando de viagens de compras! — Ve a interrompeu. — Estou falando de férias de verdade.

Pamela suspirou. Ve sabia a resposta para aquela pergunta tanto quanto ela: fazia anos. Suas últimas férias haviam sido na companhia de Duane; um verdadeiro pesadelo. Apenas os dois, sozinhos em um balneário mexicano *chiquésimo* que só recebia casais. O *resort* proporcionara a seu ex-marido todas as bebidas que ele pudera imaginar e muito tempo para que Duane exercesse sua obsessão por ela. Ele não a perdera de vista por seis dias seguidos.

Só de pensar naquilo, Pamela sentiu falta de ar. Desde que o tinha deixado, ela nem sequer pensara em tirar um descanso. Que tempo tivera para isso?

— Eu não tive a intenção de lhe trazer más lembranças, Pammy — Ve murmurou diante de seu pesado silêncio. — Só quero que pare para pensar há quanto tempo não relaxa e se diverte. — A moça fez uma pausa, respirou fundo, depois continuou no mesmo tom afetuoso: — Você não teve um só encontro desde que terminou com Duane.

— Claro que tive! Saí com... — Pamela lutou, sem sucesso, para lembrar o nome do representante têxtil que a levara para almoçar alguns meses antes.

— Não vale contar um *gay*! Muito menos um do qual nem consegue se lembrar do nome — zombou Ve.

— Ele não era *gay*. Seja lá qual for seu nome.

— Se não sabe o nome do pobre coitado, não importa se ele é *gay* ou não. Quem mais além dele?

Pamela mordeu o lábio.

— Era o que eu pensava. Pammy, está em Las Vegas. É noite de sexta-feira e está cheia de dinheiro. Além do mais, está solteira e mais do que disponível!... *Não!* — Ve interrompeu antes que ela começasse a argumentar. — Não comece! Aquele maluco, nojento e pegajoso do seu ex-marido não a incomoda há seis meses. Estão oficialmente divorciados há um ano e meio! Não é nenhuma velha ou doente, e continua com todos os dentes na boca. Se eu entendo bem de mulher, e sabe que nisso eu sou excelente, está prontinha para outra.

— Acha mesmo que eu vou me sujeitar a ter um desses casos de fim de semana em Las Vegas?

— Claro que não! Não alimento esse tipo de esperança... — Ve não precisou ver Pamela para imaginar o modo como ela apertava os lábios. — Agora, falando sério, Pammy, tudo o que estou sugerindo é que se solte um pouco e permita que o sexo oposto ao menos tenha uma chance com você. Não tem porcaria nenhuma para fazer até segunda de manhã, então relaxe e dê uma *azarada* por aí.

— *Azarada?*

— Paquere um pouco, criatura! É só se engajar numa conversinha sedutora com algum trípode.

— E posso chamar o cara de trípode? — Pamela riu.

— Só se quiser se bandear para o lado de cá...

— Talvez seja mais fácil.

— Isso é outro mito heterossexual sobre relacionamentos homossexuais, mas não estamos falando sobre a minha vida amorosa patética, e sim sobre sua vida amorosa *inexistente*. Pammy, esta é a hora e está no lugar perfeito. Não precisa abrir as pernas se não quiser, basta abrir a mente. Veja se consegue pelo menos interagir com um homem sem ser na esfera profissional.

Pamela registrou o toque de preocupação na voz da amiga. Vinha, mesmo, tratando os homens apenas como parceiros de negócios desde o divórcio?

Nem precisou terminar de formular a pergunta na cabeça. Sabia a resposta muito bem. Enquanto pensava, Pamela sentiu uma centelha de raiva reacender dentro dela. Duane ficaria encantado em saber que a transformara em uma assexuada, maníaca por trabalho.

E isso significava que ele ainda podia controlá-la.

— Azarar — murmurou Pamela.

— Azarar — Ve repetiu com firmeza.

— Ok, deve estar certa. — Pamela imprimiu alegria à voz. — Tenho trabalhado muito, mesmo. Vou pensar neste fim de semana como uma pequena fuga do mundo real, e nesse trabalho como uma aventura pela fantasia.

— Quem sabe até mesmo não faça umas apostazinhas? — persuadiu Ve.

— Quem sabe?...

CAPÍTULO 4

— Mortais modernos são estranhos — Ártemis disse ao irmão enquanto observava uma série de senhoras sem-graça puxando as alavancas das máquinas que brilhavam, estalavam e bradavam coisas ridículas como “Roda da Fortuna”. — É como se o brilho e as cores dessas caixas lançassem um feitiço sobre elas.

— São caça-níqueis — Apolo corrigiu.

Ártemis lançou-lhe um olhar zombeteiro.

— Não se lembra do que Baco disse? Elas são chamadas de caça-níqueis! — ele insistiu.

— Caça-níqueis ou caixas brilhantes, que diferença faz? Baco que lide com os mortais.

Uma mulher de meia-idade, vestida com calças *fuseau* e um moletom, fez uma pausa para franzir a testa para a deusa antes de alimentar a máquina com mais dinheiro.

Apolo tomou a irmã pelo cotovelo e a guiou para fora do corredor de caça-níqueis, onde não podiam ser ouvidos.

— Não devia deixá-las escutar esse tipo de coisa. E não seja tão dura com Baco. Sabe que Zeus ordenou que ele nos explicasse os costumes dos mortais modernos para que pudéssemos nos misturar mais facilmente a eles. — Apolo fez uma pausa para observar um homem com um traje branco e chamativo, incrustado com *strass*, fazer um grupo de mulheres gritar de prazer enquanto este movia os quadris e cantava qualquer coisa como *all shook up*, ou sobre estar “todo arrepiado”. — Eu, por exemplo, fico contente que Baco entenda deste mundo. Muito do que vejo aqui é um mistério para mim.

— Está bem!... Se isso melhorar esse seu mau humor, eu faço a matrona ganhar para compensá-la pela minha rudeza.

Com uma sacudidela dos dedos longos e afilados, Ártemis fez a máquina da senhora pausar em uma linha perfeita de cerejas. A mulher gritou e se pôs em pé, pulando enquanto as luzes piscavam e sirenes a proclamavam vencedora do *jackpot*.

Ártemis fez um muxoxo.

— Essas mortais modernas seriam muito mais interessantes se fossem bonitinhas e fizessem ruídos como filhotes de cachorro em vez de parecerem umas leitoas superalimentadas, prontas para o abate.

— Elas não são animais de estimação. E também não são animais — Apolo lembrou, severo. — E Zeus mandou que não interferíssemos na vida dos mortais.

— Eu não interferei, apenas dei uma compensação à mulher. É diferente. Se quisesse interferir, atearia fogo àquela roupa horrível que ela está usando!

A risada divertida de Ártemis soou como música, fazendo vários homens lançar olhares

interessados em sua direção, os quais a deusa ignorou por completo.

Seu irmão resmungou uma resposta qualquer.

— Apolo, o que está acontecendo com você?

— Nada — ele afirmou, segurando-a pelo cotovelo outra vez e guiando-a por entre as agitadas mesas de *blackjack* e roleta, em direção a um dos muitos barzinhos convenientemente espalhados por todo o cassino.

Mesmo vestidos com quitões, os quais deixavam boa parte de seus corpos esguios à vista, os dois imortais combinavam bem com a colorida mistura de funcionários do cassino e farristas de Las Vegas. As pessoas notavam sua estonteante beleza, além da graça única com a qual se moviam. Como não poderiam?

No entanto, ninguém estranhava o casal vestido como se tivesse saído das ruas da Roma antiga. Afinal, estavam no Caesars Palace da Cidade do Pecado. Ali, tudo podia acontecer.

Apolo enfiou a mão em uma dobra da túnica e tirou o papel que, relutante, Baco havia distribuído entre os olímpicos. O Deus do Vinho explicara que aquilo era o que o mundo moderno utilizava como moeda.

Chamou a atenção da atendente e, embora aquela fosse sua terceira incursão ao Reino de Las Vegas, pediu a bebida de que os imortais gostavam mais:

— Dois Martinis de vodca bem gelados, com azeitonas extras. Batidos, não mexidos.

— Quem é você, querido? — A garçonete lançou-lhe um olhar sedutor por trás dos cílios artificialmente espessos. — César ou James Bond?

— Nenhum deles — ele respondeu com um sorriso de lado. — Sou Apolo.

— Bem que podia ser, *bonitão*... — Ela riu, avaliando o corpo musculoso antes de ir rebolando de volta para o bar.

— Criaturas insignificantes. — Ártemis fez uma careta na direção da moça.

— Os mortais modernos não são insignificantes. Eles apenas mudaram.

Ártemis balançou a cabeça para o irmão.

— O que aconteceu com você?

Apolo pensou em dar à irmã sua resposta de sempre: “nada”. Mas quando encontrou seus olhos, leu neles uma verdadeira inquietação.

Deu de ombros, tentando aparentar indiferença.

— Talvez eu tenha mudado, também.

Ártemis sentiu a preocupação aumentar.

— Como assim?

Ele não respondeu até que a atendente tivesse terminado de servi-lo com as bebidas. Quando falou, sua voz profunda saiu melancólica.

— Alguma vez já se perguntou o que ama?... Se o corpo ou a alma?

— O que ama? Que tipo de pergunta é essa?

— O tipo de pergunta que me foi feita por uma mortal, mas a que eu não pude responder. Pelo visto, você também não pode, minha irmã.

Em meio a um gole da bebida, Ártemis engoliu cuidadosamente enquanto considerava as preocupantes palavras do irmão.

— Aposto que foi daquela mortal insana que habitou o corpo de Perséfone. Foi ela, não foi? — exigiu a deusa.

— Ela não era insana coisa nenhuma. Ela apenas preferiu Hades a mim. Assim como o deus do Submundo a escolheu dentre todas as outras mulheres, mortais ou imortais.

— Espero que aquela tonta esteja adorando Hades como deve. Ele pode reinar sobre os mortos, mas é um deus e, por mais estranho que sejam seus gostos, merece total veneração.

Apolo esfregou a testa como se estivesse com dor de cabeça.

— Não é bem assim entre eles. Precisa vê-los juntos, Ártemis. Irradiam uma alegria que está além das palavras. Talvez até além da compreensão... ou ao menos além da minha — acrescentou em seguida, pensativo.

— Andou espionando Hades e Perséfone? — Ártemis fitou o irmão, incrédula.

— Ela não é Perséfone. É a mortal, Carolina. Hades não desejou Perséfone. Ele amou a alma da mortal, não a deusa. E, não, não andei espionando ninguém. Pelo menos não no sentido que está insinuando. Apenas visitei o Submundo como convidado de Hades várias vezes — Apolo justificou depressa.

Por isso seu irmão andava sumido, concluiu Ártemis. E ela imaginando que ele fora visitar o Mundo Antigo para supervisionar seu oráculo ou para inventar algo interessante, como uma pequena guerra ou duas!...

Apolo fora convidado por Hades para ir ao Submundo? Que estranho!...

— Hades sempre foi diferente do restante de nós, Apolo. Por que se incomoda tanto com as excentricidades dele?

— Você não compreende.

Os olhos do deus continham uma ponta de tristeza e introspecção que continuaram a incomodar Ártemis.

— Então, explique-se!

— Hades não me incomoda. A mortal que ele ama não me incomoda. *Eu mesmo* me incomodo.

— Não faz sentido.

— Eu sei. Não faz sentido nem para mim. Tudo o que sei é que, pela primeira vez na minha existência, vislumbrei algo que desejo, e não tenho ideia de como consegui-lo.

O primeiro impulso de Ártemis foi zombar das palavras e lembrar o irmão de que ele

poderia obter as mulheres que quisesse, mas algo em seu tom de voz impediu o comentário. Em vez disso, ela o observou atentamente enquanto bebia. Apolo parecia cansado, e ele nunca ficava desanimado. Seria possível que estivesse desejando uma mortal?

Lembrou-se da que havia recusado o amor de seu irmão. Chamava-se Cassandra. Mas Apolo não ficara deprimido, pelo contrário: ficara irado. Com tanta raiva que acabara negando o dom da profecia que dera a ela.

Mortais como Cassandra, entretanto, eram uma exceção. Apolo era um amante lendário. As ninfas desmaiavam quando ele sorria; até mesmo deusas brigavam por sua atenção. Seria possível que o desejo por uma mortal houvesse embotado seu cérebro a ponto de ele se esquecer dos próprios poderes de sedução?

Uma comoção chamou a atenção de Ártemis. Não muito longe deles, um pequeno grupo de ninfas da floresta, usando diáfanas vestes brancas, tagarelava. Estavam excitadas e completamente alheias ao fato de que todos os homens mortais as devoravam com seus olhares.

Apolo seguiu seu olhar e sorriu com carinho ao ver o lindo grupo de mulheres.

— Não sei se foi sensato deixar as ninfas terem acesso ao Mundo Moderno.

— Deixe-as se divertir. Elas são inofensivas.

— Depende. Não para um mortal aprisionado por seu fascínio — ele lembrou, irônico.

Como se o olhar do belo deus as houvesse atraído, várias das ninfas correram até Apolo.

— Meu senhor! Já sabia? Baco permitiu que nos divertíssemos com os mortais!

— Verdade! Vamos realizar um ritual de invocação!

— Venha assisti-lo, senhor!

— Sim, por favor, venha nos ver!

As ninfas riram, exibindo-se, sedutoras, para seu deus dourado favorito antes de sair correndo.

Ártemis também riu de sua exuberância infantil, mas, quando olhou para Apolo, percebeu que o irmão observava o pequeno grupo com a testa franzida.

— O que elas estão invocando? — Apolo murmurou mais para si mesmo do que para ela.

Ártemis mordiscou sua última azeitona antes de responder.

— Bênçãos, fertilidade, boa saúde... Você sabe, essas coisas que as ninfas gostam de invocar. Vai comer essa última azeitona?

Tão logo Apolo negou com um gesto de cabeça, sua irmã espetou a iguaria com um palito e a colocou na boca.

— Zeus deixou claro que não deveríamos usar nossos poderes para interferir no mundo moderno — ele lembrou.

— Pelas barbas de Zeus, está ficando tão aborrecido como o falecido Tirésias! — A raiva

de Ártemis incandesceu ao redor deles, fazendo o palito que ela ainda mantinha entre os dedos explodir em chamas. Irritada, a deusa revirou os olhos e assoprou as cinzas. — As vidas dos mortais são como suas bugigangas: frágeis, consomem-se depressa demais e podem ser prontamente substituídas.

— Está comparando os mortais a uma lasca de madeira? — indagou Apolo, ainda olhando na direção das ninfas que haviam desaparecido.

— Por que não? — Ela suspirou e balançou a cabeça ao se dar conta da distração do irmão. — Está bem. Vamos cuidar para que as ninfas não façam nada para interferir na vida de seus preciosos mortais. — Quando ele hesitou, Ártemis o fez ficar de pé. — Nunca se sabe — sussurrou, fingindo preocupação. — Afinal, algum mortal desavisado pode errar na invocação e pedir nossa ajuda. Posso até ouvir um agora: “Grande Zeus, envie um raio que fulmine o cachorro do meu vizinho que late a noite inteira!...”

Apolo balançou a cabeça para a linda irmã enquanto caminhava com ela, relutante, através do cassino.

— Não devia fazer pouco de um ritual de invocação. Sabe tão bem como eu quantos estragos têm sido feitos por mortais que invocam os deuses.

— Mortais antigos, sim, como Paris ou Medeia. Mas este não é o Mundo Antigo. Esses mortais não sabem nada a nosso respeito. — Ártemis observou, desgostosa, quando um homem careca e gordo comprou um punhado de enormes charutos de uma moça seminua, a qual carregava uma bandeja. — Tudo o que lhes diz respeito agora é... — Parou outra vez quando o gordo apalpou o traseiro da menina de saia curta assim que esta se virou. Com um pequeno movimento dos dedos, a deusa o fez tropeçar e cair de cara no chão. Sorriu presunçosamente quando os charutos rolaram pelo carpete e o homem praguejou em voz alta. — ... é esse tipo de autogratificação barata — completou. E, à medida que passava, pisou de propósito em um dos charutos que tinham vindo parar perto deles, esmagando-o contra o tapete estampado.

— Então eles diferem pouco dos deuses — murmurou Apolo.

Ártemis minimizou o tom acusatório do comentário.

— Somos deuses. A autogratificação é um direito nosso.

— Mas, e se essa autogratificação não for suficiente? — ele indagou, mantendo a voz baixa.

Ártemis sentiu a raiva borbulhar dentro dela. Sem dúvida, havia algo errado com seu irmão, mas toda aquela melancolia e autopiedade já a estavam tirando do sério.

— O que sugere, Apolo? Que outra vida poderia desejar além da que temos? Olhe ao seu redor. — Ela apontou para os mortais que passavam por eles como formigas sem cérebro. — Agimos com superioridade porque somos superiores. A vida de um mortal é algo temporário.

Eles são como borboletas sem a beleza das asas. Disse que os mortais modernos estão mudados? A única mudança verdadeira que vejo neles é que não nos reconhecem mais, o que me diz que eles perderam até mesmo a ínfima inteligência que costumavam ter. Veja os deuses que eles adoram agora... — Ártemis parou no final do cassino e olhou para a área de compras do Fórum. — ... Gucci, Prada, Versace, Escada, Visa e MasterCard. — Balançou a cabeça, irritada por o mal-estar do tolo de seu irmão lhe dar tanto nos nervos. — Estamos perdendo tempo. Não devíamos estar seguindo as ninfas? — Apontou com um gesto de cabeça o rastro dourado que as semideidades tinham deixado. Os mortais haviam percebido a trilha cintilante, era óbvio, e várias meninas riam e colocavam o *glitter* em seus corpos.

Ártemis franziu a testa outra vez. Aquelas roupas que usavam eram mesmo muito estranhas: coisas desbotadas e de cintura baixa, que Baco chamara de jeans, e blusas muito justas e coloridas. Será que elas não percebiam como era feio exhibir tantas gordurinhas? Ser sensual era uma coisa, chamar a atenção para as falhas do corpo era outra completamente diferente.

A deusa suspirou. Elas pareciam umas salsichas ambulantes!

— Tem razão — Apolo concordou, enfim, considerando as palavras da irmã conforme abriam caminho através do barulho e da confusão do movimentado mercado. — Há algo faltando neles. Talvez a ausência de deuses e deusas em suas vidas. Mas não creio que todos os mortais modernos sejam tão cabeças-ocas como acredita. Na verdade, eles me lembram a mim mesmo. — Apolo riu da expressão chocada de Ártemis. — Eles parecem estar sempre à procura de algo muito longe de alcançar.

— Você é um deus. Um imortal olímpico. Nada está fora de seu alcance! — ela lembrou, severa. Então arregalou os olhos conforme passavam por uma fonte gigantesca que expelia água em torno de ninfas nuas. O ponto central da monstruosidade era uma estátua enorme de um Poseidon nu e carrancudo, segurando um tridente e olhando para baixo, na direção dos compradores. — Sorte deles Poseidon não ter nenhum interesse em visitar este reino. Esta versão dele nu não faz muito jus ao verdadeiro tamanho do deus... — Ártemis olhou para as partes mais íntimas da estátua.

Apolo sorriu.

— Na certa é por isso que ele parece tão zangado.

Ártemis devolveu o sorriso, satisfeita por Apolo ter soado mais como ele mesmo. Talvez suas palavras estivessem surtindo efeito, afinal.

— E ainda bem que Las Vegas não é perto do mar! Poseidon pode ser muito temperamental.

Passaram por uma grande loja que ostentava o logo da Disney, bem como uma reprodução em tamanho natural de Pégaso alçando voo. Ártemis espiou lá dentro.

— Aparentemente os mortais modernos são obcecados por Hércules, Atlântida e leões.

— Pelo menos essas reproduções são coloridas.

— Hércules não era tão bonito — afirmou a deusa, olhando para a estranha loja por cima do ombro.

— Você nunca gostou dele.

— Ele era careca. Não acho homens carecas atraentes, por mais trabalhos que tenham realizado.

Viraram em uma esquina e avistaram uma grande multidão reunida em torno do que parecia mais uma fonte portentosa. Ártemis se perguntou que deus carrancudo estaria representado sobre aquela. Ela e o irmão ainda não tinham se aventurado por aquela parte do Fórum em suas outras breves visitas, e a curiosidade a arrebatou conforme se aproximavam.

A fonte ficava no meio de uma grande área cercada por colunas esculpidas. As lojas que ladeavam aquela parte eram diferentes da outra extremidade. Ali pareciam estar mais voltadas para a comida e a bebida do que para a venda de roupas e joias.

Um café interessante chamou sua atenção. Ali não havia as letras douradas e baratas que anunciavam os nomes das lojas e butiques de todo o restante do Fórum. Em vez disso, letras de um belo mármore travertino se intercalavam com musgo e videiras vivas, escrevendo o nome do pequeno bar: “A Adega Perdida”.

Ártemis cutucou o irmão com o cotovelo e levantou o queixo na direção do café.

— Vamos até ali. Estou com vontade de tomar um Chianti.

— E quando não está com vontade de beber um bom vinho tinto? — Apolo sorriu para ela enquanto a pegava pelo braço e a conduzia em meio à multidão.

De repente, as luzes que iluminavam o teto pintado com nuvens esmaeceu, e as cores mudaram do amarelo para lilás e violeta. A multidão se agitou, ansiosa, e Ártemis e Apolo pararam do lado de fora da Adega Perdida. Embora ambos fossem mais altos do que a maioria das pessoas, não foi fácil para eles enxergar.

Ártemis deixou escapar um gemido de frustração. Antes que mexesse os dedos, porém, seu irmão sussurrou:

— Seja gentil com eles.

Ela piscou e moveu os dedos afilados maliciosamente. As pessoas que bloqueavam sua visão perderam o interesse no show e se afastaram num passe de mágica. Quaisquer outras que tentavam tomar o lugar vago diante das duas atraentes figuras do Olimpo viam-se com uma vontade incontável de soltar gases e, desculpando-se, corriam para o banheiro mais próximo.

— Não se preocupe, meu irmão. — Ártemis sorriu. — Mais tarde, todos eles vão descobrir que esta noite terão uma sorte incrível nos... como chamou aquelas caixas barulhentas, mesmo? Caça-níq... — Sua voz foi sumindo conforme ela registrou o choque no rosto de Apolo. Virou a cabeça, seguindo o olhar atônito do deus, e seus olhos também se arregalaram

ao ver a estátua sentada no centro da fonte voltar-se devagar em sua direção e começar a falar:

— *Venham, venham todos!...*

— Aquela coisa horrível parece Baco! — cochichou Ártemis.

— Eu acho que *é* Baco! — disse Apolo, tomando o cuidado de manter a voz baixa.

A estátua abriu a boca e riu grotescamente.

— *Esta noite, para vocês, uma surpresa sem igual. Ninfas dançando num delicioso ritual!*

Obedecendo-o, ninfas em pares começaram a se destacar de onde aguardavam em pé, à margem da plateia, e, para o deleite dos mortais que a tudo assistiam, deram início a uma dança sedutora pela circunferência da fonte, ao som de uma música gravada que continha sinos, gaitas e trompetes. *Glitter* dourado aureolava as encantadoras divindades da floresta conforme estas giravam e saltavam, movendo-se com uma graça sobre-humana.

A estátua de Baco demonstrou sua satisfação com um gesto mecânico de cabeça, o queixo se movendo de modo estranho enquanto ele continuava a falar:

— *Ah, doces ninfas, o quão pura e verdadeira é a vossa magia! O que pensas, Apolo, de tanta alegria?...*

Ao ouvir o próprio nome chamado pela estátua animada, Apolo pulou, assustado, e avançou meio passo. Em seguida, congelou ao ver uma das estátuas menores rodar e ganhar vida em resposta.

— *Ao encanto da floresta, a graça das ninfas faz jus. Por isso farei brilhar ainda mais sua beleza com a magia da minha luz!*

O verdadeiro Apolo emudeceu ao reconhecer a própria caricatura. No instante seguinte, a música aumentou, em conjunto com um show de laser, e as ninfas intensificaram o ritmo de sua dança diante dos aplausos entusiasmados do público.

— Como ele se atreve!? — sibilou Ártemis. Contudo, seu irmão a segurou pelo braço antes que ela avançasse com os olhos faiscando.

— Espere! Não podemos fazer nada aqui, diante de todos esses mortais.

— Deixe-me pegar meu arco e uma única flecha, e Baco irá se arrepender pela eternidade por essa brincadeira de mau gosto!

Apolo balançou a cabeça diante da estátua que supostamente o representava.

— Ele podia tê-la feito ao menos um pouco mais parecida comigo.

— Isso é uma blasfêmia! — A voz de Ártemis soou baixa e ameaçadora.

— A “minha lira” irradia uma luz verde e brilhante? — Apolo tentou, sem sucesso, reprimir uma risada. — E, por favor, diga-me que a minha cabeça não é tão grande!

A resposta da deusa foi abafada pelos berros de Baco:

— *Minha adorável Ártemis, o quão bela é a tua visão! É sob o teu sagrado comando que*

se dá a invocação!

Foi a vez de Ártemis olhar, estupefata, quando uma réplica ridícula dela mesma começou a se movimentar. A estátua se virou e levantou um braço gordo. Ártemis ofegou quando a boneca começou a falar com uma voz de mulher mecânica, que nada lembrava a sua.

— *Por meio das belas ninfas, em cada um aqui presente, meu feitiço vou lançar. E neste sonho cintilante, a força da minha magia em vocês vai habitar.*

No mesmo momento, as ninfas começaram a cantar com os lábios fechados, num zunido hipnótico, conforme a música de fundo se desvanecia, obliterada por suas vozes doces.

— Agora ele está indo longe demais! — Uma sombra escureceu os olhos de Apolo. Ninguém zombava de sua irmã, nem mesmo um dos imortais!

Ficou surpreso quando, desta vez, foi a mão de Ártemis que apertou seu braço, impedindo-o de avançar a passos largos.

— Ouça as ninfas! — Sua voz soou grave com a tensão.

Apolo deixou de lado a raiva que sentia por Baco e obedeceu. O zumbido melódico tinha um ritmo sedutor e familiar, e, antes mesmo que as semideidades comessem a entoar as palavras da invocação, ele sentiu os pelos dos antebraços se erguerem em resposta ao poder invisível que emanou no ar em torno deles.

*Pensem na volta dos imortais,
adoradores dos antigos caminhos,
e em seus distantes ancestrais,
que há muito aos deuses dourados honraram.*

*Deuses que ao campo, à floresta, ao vento,
à terra, à água e ao ar abençoaram.*

Esta noite invocamos os tempos passados...

As vozes das ninfas eram tão lindas que os mortais mal respiravam.

— O que elas estão fazendo? — indagou Apolo, sentindo um aperto no peito. — É um ritual de invocação de verdade! Pelas barbas de Zeus, posso sentir seu poder. Ele é quase visível!

Impotentes, os dois imortais assistiram às ninfas tecendo sua magia.

*Do Olimpo, celebrai o despertar,
o retorno dos mistérios do passado,
o culto à beleza e à fecundidade.*

*Proclamai a volta dos antigos
com canto, música e felicidade.*

Que o auxílio dos deuses seja invocado!

— Temos que detê-las! — Apolo começou a avançar, porém, mais uma vez, sua irmã o

segurou com firmeza.

— Como?! — sussurrou, aflita. — Como podemos fazer isso sem chamar a atenção?

Apolo apertou o maxilar.

— Não podemos permitir que elas completem a invocação. Pense nas consequências de se unir a moral moderna ao auxílio de um deus!

— Não se preocupe, meu irmão. A invocação é inofensiva.

— Como pode afirmar isso? O poder parece ter sido ampliado dez vezes! A longa ausência de magia neste mundo deve ter intensificado o ritual. Não será possível quebrar o encanto — ele concluiu por entre os dentes.

— O ritual nunca vai ser terminado — Ártemis insistiu. — Quem, aqui, sabe como completá-lo?

O canto sensual das ninfas continuou a preencher o ar:

*Ó vento, que de longe vem e sussurra,
alegres saudamos a ti...*

— O vinho de uma terra antiga precisa ser derramado e, em seguida, deve-se misturar sangue ao vinho — Ártemis lembrou, torcendo os lábios com presunção. — Quantas eras se passaram desde que esses mortais fizeram um sacrifício de sangue e libação? Sem dizer que nem mesmo isso completa o ritual.

*Em nome de Baco, Apolo e Ártemis,
soprai aqui o poder dos deuses...*

— Um desejo vindo do fundo do coração precisa ser dito em voz alta enquanto a invocação é concluída — lembrou Apolo, e seus ombros começaram a relaxar. — É mais sábia do que eu, minha irmã. Nenhum mortal moderno saberia como completar a cerimônia.

Ele sorriu para a deusa, então voltou a atenção para as sensuais ninfas. Agora que seus temores pelos mortais que os cercavam tinham sido aliviados, poderia desfrutar a beleza do antigo ritual. Era um rito tão poderoso que ele não conseguia se lembrar da última vez em que as ninfas o haviam realizado no Mundo Antigo.

Elas são donas de uma beleza tão etérea!, pensou enquanto permitia que o feitiço o tocasse e envolvesse seu espírito. A invocação era pura e sincera. Como de costume, as deidades desejavam apenas agradar a humanidade, e Apolo sentiu a essência imortal dentro dele responder ao seu apelo. Teve vontade de caminhar a passos largos em meio às ninfas que dançavam e permitir que os mortais vislumbassem seu poder. Queria lhes revelar a glória de ter um deus vivo por perto e, em seguida, conceder, àqueles que mereciam, seus mais profundos desejos, mesmo sabendo que aquilo era impossível. Zeus o proibira de interferir na vida dos seres humanos e, desta vez, ele precisava admitir que o pai estava com a razão. Os mortais modernos ficariam melhores sem a interferência dos antigos e esquecidos deuses.

Mas, conforme o ritual das ninfas o envolveu com sua magia, pensar que os mortais já não se importavam com o Olimpo o deixou deprimido.

Sentiu-se invadido por um misto de poder e decepção quando a cerimônia chegou a seu clímax:

*O auxílio imortal se dá com um desejo sincero
e ao som de um coração atormentado.*

*Então esquece as dúvidas, dá voz à tua alma
se existe algo que o teu coração almeja.*

E possa esse desejo sincero vir a ti como é esperado...

Assim seja!

Conforme as últimas palavras da invocação foram ditas, Apolo e Ártemis sentiram uma força inexplicável, como se suas mentes houvessem sido amarradas, e quem segurava as rédeas tivesse acabado de lhes dar um puxão. Suas cabeças douradas se voltaram ao mesmo tempo para uma mesa pequena e redonda, em meio à área que lembrava um antigo pátio italiano, bem em frente a uma adega. Irmão e irmã assistiram, horrorizados, quando uma pequena mortal — que se encontrava sozinha — derrubou a própria taça, quebrando o cristal delicado e derramando o vinho tinto. A energia pairando no ar pareceu absorver a bebida derramada, envolvendo-a em um círculo escarlate perfeito. Aflita, a mortal tentou limpar o vinho com o guardanapo de linho e deixou escapar um gemido ao sentir um caco de vidro entrar na pele.

— *Não!* — Ártemis murmurou quando o sangue mortal se mesclou ao vinho italiano.

— Isso não pode acon... — Apolo começou, entretanto suas palavras morreram quando a mulher abriu a boca e pronunciou as palavras que mudariam para sempre seus destinos.

CAPÍTULO 5

O vinho a havia afetado, pensou Pamela ao soluçar baixinho, e quase riu de si mesma.

— Mas, ei, estou na Cidade do Pecado... Por que não? — indagou, expondo seu pensamento em voz alta.

— Com certeza, querida — falou o homem sentado à mesa mais próxima, com um sorriso malicioso.

Pamela observou a brancura ofuscante de seus dentes, os cabelos cuidadosamente pintados de preto e o brilho da pesada corrente dourada que se aninhava em meio à floresta de pelos escuros na área logo abaixo de seu pescoço. Ele deu-lhe uma piscadela, e seus dois amigos riram, divertidos.

Ela fez uma careta e se moveu na cadeira de modo a lhes dar as costas. Abriu a capa lisa e lilás da Edição Anual Especial da *California Home & Design*, que acabara de comprar em um quiosque do shopping, e afundou o nariz em um artigo sobre a *EuroStone* e seus granitos, mármore, quartzitos e calcários franceses, difíceis de encontrar.

Pelo amor de Deus, não podia estar tão embriagada! Na verdade, não achava que já tivesse ficado naquele estado.

Quando o garçom se aproximou com um copo de *Chardonnay* barato enviado por “seu amigo da mesa ao lado”, Pamela não ficou muito surpresa.

Soltou um longo e dolorido suspiro.

— Obrigada, mas, por favor, mande-o de volta — pediu, sentindo-se de repente muito mais sóbria. — Não aceito bebidas de homens que não conheço.

O garçom pareceu surpreso, o que ela considerou um tanto irritante. Claro que se mantivera longe daquele clima de paquera por... Seu cérebro processou a quantidade de anos, porém Pamela se recusou a admitir o quanto de sua vida ela desperdiçara com Duane. As regras do namoro tinham mudado tanto assim? Estava se sentindo uma velha!

— Com o que posso lhe servir, senhora? — perguntou o garçom.

Deus, ele a chamara de “senhora”!

Então não havia mais dúvida. Ela devia parecer tão velha quanto se sentia.

Voltou os olhos para o cardápio comprido e fino, repleto de uma excelente variedade de vinhos de um lado e aperitivos do outro. Embora houvesse comido uma salada enorme e bebido meia garrafa de vinho no restaurante italiano próximo à outra fonte, a caminhada longa e deprimente em torno do shopping e do cassino a deixara com vontade de mastigar alguma coisa, bem como de tomar outra bebida.

Principalmente de tomar outra bebida.

Seus olhos se iluminaram diante do aperitivo que era uma seleção de azeitonas, queijos e pão fresco. *Por que não?*, pensou. Estava ficando velha. Poderia ser também gorda e feliz.

— Por favor, traga-me uma porção de azeitonas, queijos, e uma garrafa do... — Estudou os vinhos tintos italianos, listados sob o *Chianti Classico* em três classificações, e seus olhos cintilaram quando reconheceu o *Castello di Fonterutoli Riserva*, safra 97. Lera um artigo fantástico sobre vinhos italianos na última edição da *Wine Spectator's Magazine*, e se lembrava muito bem daquele nome. — ... do *Chianti Classico Castello di Fonterutoli Riserva*, safra 97.

— Excelente escolha, senhora. Esse vinho é da Toscana. Seu viticultor afirma que, nos tempos antigos, os próprios deuses caminhavam em meio a seus vinhedos.

— Essa é muito boa — Pamela disse baixinho, tão logo o garçom se afastou. — Presa em uma versão reduzida da antiga Roma, e prestes a passar de “alegre” a bêbada graças ao vinho de um viticultor iludido!

Suspirou outra vez. Tivera boas intenções no início da noite. Após a conversa com Ve ao telefone, tomara um longo banho e secara os cabelos curtos com a toalha até deixá-los sensualmente despenteados. Decidida a caprichar no visual, tinha escolhido o vestido preto que arrematara na liquidação de final de estação da Saks de Denver. Adorava o modo como este terminava em um leve e feminino plissado, alguns centímetros acima dos joelhos. Havia completado a produção com delicados brincos de pingente em ônix e uma bolsa brilhante e tão pequena como fora cara. Para terminar, como *pièce de résistance*, um par de sandálias de seda preta Jimmy Choo, com bordados de borboletas e corações em cores brilhantes, bem ao estilo retrô.

Antes de deixar a suíte, checara a própria imagem no espelho dourado, que ia do chão ao teto, e parecera bem. Muito bem. O vestido preto envolvia seu corpo esbelto, e as sandálias agregavam mais alguns centímetros ao seu metro e cinquenta e seis, fazendo que suas panturrilhas parecessem mais longas e bem-torneadas.

Sim, ela estivera pronta para flertar.

Isso até parar na entrada do cassino a fim de perguntar a um bonito rapaz, que usava um uniforme românico, onde poderia comprar a entrada.

Ele caíra na risada.

— Senhora... Cassinos não cobram entradas. Quanto mais gente entrar aqui, mais dinheiro eles ganham.

Em seguida, o rapaz se afastara, ainda rindo e balançando a cabeça.

E sua noite não tinha melhorado muito depois disso. Seu jantar fora agradável, porém o cenário rebuscado continuara a lhe dar nos nervos. Dissera a Ve que iria mudar a forma de olhar para aquele trabalho, centrar-se na fantasia em vez de no bom gosto.

Mas quanto mais via do Fórum, mais desesperada ficava. Era tudo tão feio, cafona, barato e de péssimo gosto!...

Barato uma ova, corrigiu-se, os olhos se voltando para a enorme fonte que retratava, de modo grotesco, as imagens de Baco, César, Apolo e Ártemis. Aquilo tudo devia ter custado uma fortuna, assim como custaria a ridícula reprodução que Eddie queria da *coisa* em sua própria casa.

O garçom reapareceu com a travessa de azeitonas e uma garrafa de cristal com um vinho da cor do sangue. Pamela inalou o aroma rico do Chianti, e este a fez se lembrar, no mesmo momento, da Marilyn's Pizza House, sua pizzaria favorita, que ficava muito convenientemente a poucos metros de seu estúdio. A Marilyn's sempre contava com uma boa seleção de vinhos tintos italianos, assim como enormes TVs que exibiam filmes de Marilyn Monroe o tempo todo.

E aquele Chianti era mesmo digno de Marilyn.

Saboreou o sabor macio e persistente da excelente bebida em pequenos goles e escolheu uma azeitona preta do tipo *kalamata*. Em seguida, deu uma mordida na *mozzarella* de búfala cortada em fatias grossas. Estava tudo delicioso.

A vida no Fórum tinha lá suas vantagens, decidiu com a boca cheia. A comida era excelente, e a seleção de vinhos, soberba, mesmo em um pequeno café como aquele.

Sem dizer que — admitiu, relutante, conforme o Chianti começou a espalhar sua magia por meio dela —, embora a fachada das lojas fossem *cafonas* e seu *design*, lamentável, estas constituíam um verdadeiro paraíso da alta costura.

Sem dúvida, sua incursão na paquera não fora tão bem-sucedida. Mas isso não fora culpa sua. A única perspectiva que se apresentara até então usava uma corrente dourada, portanto nem contava.

Verdade que se mantivera afastada do cassino por conta do pequeno incidente a respeito da compra de um ingresso... Por isso mesmo não fizera nenhuma aposta até o momento.

O fim de semana, porém, estava apenas começando, e ela não podia encarar tudo aquilo como uma perda. Não ainda.

Talvez devesse apenas se transformar em uma “shoppingtonista”. Ou ao menos em uma “sapatonista”.

A ideia de comprar mais sapatos melhorou o humor de Pamela... até ela imaginar Ve criticando-a por ela continuar presa a velhos hábitos em vez de abraçar novas experiências.

Mastigou mais uma azeitona enquanto o garçom fez uma pausa em sua mesa para tornar a encher sua taça. Ve podia estar certa. Talvez ela não estivesse se esforçando o bastante.

Resoluta, Pamela fechou a revista e tratou de se concentrar no ambiente. A multidão ao redor da fonte havia aumentado. Uma moça loira, cujos cabelos eram incrivelmente belos,

chamou sua atenção. Ela conversava com outra menina de madeixas tão encantadoras quanto, as quais lhe caíam em uma onda platinada até a cintura. E ambas usavam trajes que pareciam saídos das ruas da Roma antiga: de um tecido diáfano, da cor das nuvens, que flutuava em drapeados em torno de seus corpos jovens e ágeis. Em um momento elas pareciam estar cobertas e vestidas com discrição; em seguida, uma delas ria e se movia com graça, quase como se fosse uma bailarina, e uma fenda se abria em seu traje, permitindo um vislumbre de sua pele perfeita. Também pareciam estar cobertas por uma espécie de *glitter* dourado porque, conforme caminhavam em meio aos turistas, em direção à fonte, deixavam um rastro brilhante.

Pamela se concentrou no restante da multidão. Nenhum dos homens presentes parecia capaz de desviar os olhos das sedutoras mulheres fantasiadas. Era uma bela jogada de publicidade, concluiu. Pelo menos do ponto de vista masculino.

Passou os olhos pelo grupo crescente de pessoas que se reunia em torno da fonte. Assim como ela pensara, a maioria era de mulheres. No entanto, as duplas de moças seminuas também aumentavam. E não era um rapaz lindo, ali, vestindo um traje tão revelador quanto o das belezas se juntando a elas?...

Claro que não.

— Duvido que as mulheres se vestissem assim na Roma antiga — Pamela resmungou para si mesma. — Seria fácil demais pegar uma pneumonia.

Venham, venham todos!

A voz mecânica da estátua central explodiu nos alto-falantes, pegando-a desprevenida. Pamela olhou para o relógio, surpresa por já serem oito horas.

Esta noite, para vocês, uma surpresa sem igual... Ninfas dançando num delicioso ritual!

Bem, aquilo fazia mais sentido. Eram atrizes contratadas para representar ninfas.

À medida que as moças vestidas com trajes parecidos iam saindo da multidão e começavam a dançar ao redor da fonte, Pamela teve de reconhecer que estas eram muito atraentes. Assistiu ao show bebericando o vinho e pensando que nunca tinha visto apliques tão compridos e caros. As “ninfas” riam e rodopiavam em um gracioso círculo, jogando as pesadas cabeleiras como se tivessem nascido com elas.

As horríveis estátuas de Apolo e Ártemis ganharam vida, uma após a outra, mas, pelo visto, o show da noite se concentraria na dança das ninfas, que eram, sem dúvida, muito mais divertidas do que aqueles bonecos animados e suas ridículas rimas.

Pamela percebeu o pé acompanhando o ritmo pulsante da dança. Até que o show era bom, ponderou, tornando a encher a taça.

Pensem na volta dos imortais, adoradores dos antigos caminhos, e em seus distantes ancestrais, que há muito aos deuses dourados honraram. Deuses que ao campo, à floresta, ao vento, à terra, à água e ao ar abençoaram. Esta noite invocamos os tempos passados...

Quando as dançarinas começaram a cantar, ela se viu agradavelmente surpresa. A letra da música era muito melhor do que as baboseiras que as estátuas mecanizadas articulavam.

E suas vozes!... Eram incríveis.

Fascinada, Pamela escutou a música que falava de tempos antigos, quando as pessoas acreditavam que deuses e deusas perambulavam no meio delas e lhes concediam seus desejos. Apesar de sua opinião cínica acerca do ambiente em que se encontrava, sentiu-se arrebatada pelo desempenho das dançarinas a ponto de ter vontade de se levantar da cadeira e se juntar a elas em sua hipnótica dança.

Mas aquilo seria ridículo, pensou com uma risadinha embriagada, que logo se transformou num soluço. Ainda mais envergando o salto dez de um Jimmy Choo.

Por alguma razão, aquele desejo inédito de se divertir com as pretensas ninfas não a chocou. Olhou para a garrafa semivazia à sua frente. Devia ser o vinho, claro.

Piscou quando o ritmo da dança cresceu, e o *glitter* que envolvia as ninfas pareceu toldar sua visão. Tanto que, quando foi pegar a taça, calculou mal a distância.

Como se em câmera lenta, Pamela observou a haste de cristal caindo, estilhaçando-se sobre a mesa de mármore, e espalhando a bebida em um arco vermelho no chão, ao seu redor. Sentindo-se culpada, apanhou o guardanapo de linho e tentou absorver a mancha que se alastrava rapidamente. Graças aos Céus a taça se espatifara longe dela. Seria um desastre arruinar seu maravilhoso vestido com Chianti.

Caramba, que sujeira ela havia feito!...

Estava pensando que teria de deixar uma gorjeta extra para o garçom quando limpou a mesa com mais entusiasmo do que devia, e um caco de vidro entrou em seu dedo indicador.

— Ai! — Agitou a mão ao sentir a dor aguda. — Maldição dos infernos! — gemeu, sem acreditar na quantidade de sangue que correu do pequeno corte.

Sentiu o estômago já sensibilizado pelo Chianti revirar. Apertou o guardanapo encharcado no dedo, mas nem mesmo a dor do corte a distraiu diante da fabulosa parte final do show das ninfas. Sua indizível graça e suas vozes celestiais pareciam ter despertado nela emoções pungentes por muito tempo reprimidas.

Um desejo se agitou dentro dela. Um desejo por algo que ela nem sabia — ou podia — denominar.

O auxílio mortal se dá com um desejo sincero e ao som de um coração atormentado. Então esquece as dúvidas, dá voz à tua alma se existe algo que o teu coração almeja. E possa esse desejo sincero vir a ti como é esperado... Assim seja!

Desejo sincero...

Pamela suspirou. A única coisa que desejava no momento era não ter derramado o vinho nem ter cortado o dedo.

No instante em que sua mente formulou o pensamento, contudo, ela percebeu o quanto este era equivocado. Desejar algo tão trivial após aquela dança mágica era quase uma blasfêmia.

Apanhou a bolsa e procurou por um lenço a fim de embrulhar o dedo, enchendo-se de tristeza ao se dar conta de que seu desejo mais sincero fora apenas desfazer um acidente insignificante.

Mas decerto ainda tinha um coração. Não era possível que Duane o houvesse aniquilado!

Então esquece as dúvidas, dá voz à tua alma...

As palavras ecoaram dentro dela, em uníssono com a pulsação que sentia no dedo. Duane não podia ter arruinado todas as suas chances de viver um novo romance. Ela não permitiria.

E possa esse desejo sincero vir a ti como é esperado... Assim seja!

Num impulso, Pamela ergueu o queixo e olhou para o grupo de ninfas que sorria e fazia graciosas reverências de bailarina conforme a multidão irrompia em aplausos. Em seguida, deixou escapar em voz alta o pensamento que a assombrava desde sua conversa com Ve:

— Meu desejo sincero é que o estúpido do meu ex-marido não tenha sugado toda a minha capacidade de amar, ainda que eu tenha medo de que isso já tenha acontecido. Se puder me ajudar... — Fez uma pausa, tentando se lembrar do nome da deusa. Pedir ajuda a uma divindade feminina para ter um pouco de romance de volta na vida fazia mais sentido. Sentindo-se um pouco tola apesar dos aplausos da multidão abafarem suas palavras, Pamela continuou: — Pois bem. Ártemis, você bem que poderia me contemplar com um pouco mais de romance. — Em seguida, lembrando-se do sujeito horrível, com cara de gigolô, que usava uma corrente dourada, acrescentou: — E, Ártemis, estou meio cansada de homens que pensam que são deuses... Se quiser conceder o meu desejo, por favor, traga-me alguém que seja mesmo divino, para variar.

CAPÍTULO 6

— Como isso foi acontecer?! — Ártemis exclamou após puxar o irmão, que continuava a fitar a cena, para um canto mais calmo. — A mortal completou a invocação!

Apolo acenou com um gesto de cabeça, entorpecido.

— E ela ainda usou o seu nome.

Ártemis quis estrangulá-lo.

— E acha que eu não sei?! Eu senti o chamado! — Estreitou os olhos, mirando ao redor. — Onde foi parar Baco, aquele rotundo infeliz? A culpa é toda dele! Sua estupidez causou isto; agora ele vai ter que ajudar a resolver essa confusão.

— Resolver como? — Apolo desviou o olhar para longe da mortal que acabara de obrigar uma antiga deusa a cumprir seu mais sincero desejo. — Não pretende fazer a concessão?

Ártemis abriu a boca para retorquir, mas a fechou em seguida. Seu irmão estava certo. Não havia como fugir daquilo. O vínculo fora forjado e cuidadosamente soldado no lugar. Podia sentir seu peso como uma algema de ferro.

— Está bem. Já aconteceu. Não há nada a fazer senão atender ao capricho da mortal e acabar logo com isso.

Apolo nada disse, os olhos se desviando da carranca da irmã de volta para a moça. Não conseguia parar de olhar para ela. A mortal envolvera o dedo ferido com um tecido leve, e ainda estava tentando, sem sucesso, limpar o vinho derramado. Decerto iria se cortar outra vez, ele pensou, e teve uma súbita vontade de correr até a mesa e cuidar dela.

Na verdade, deu um suspiro de alívio quando um servo se aproximou com um pano e limpou a sujeira depressa.

Viu a moça sorrir, tímida. Não tinha certeza, mas suas faces pareciam coradas demais. Era um rosto bonito, decidiu. Delicado e bem delineado. E as maçãs combinavam com seu formato de coração.

Sorriu. Que cabelo!... Teria execrado o fato de uma mulher ter cortado tanto os fios, mas nela as mechas curtas pareciam atraentes. Davam-lhe um ar enigmático e a faziam aparecer deliciosamente desgrehada, como se ela tivesse acabado de deixar a cama de um amante.

Ártemis seguiu o olhar extasiado do irmão, e seus olhos afiados de deusa avaliaram a mortal, que parecia alheia ao que havia feito. Ela era pequena e se vestira de um modo até agradável apesar do ultrajante corte de cabelo. Não conseguiu definir sua idade. Parecia mais velha do que uma adolescente, porém bem mais jovem do que uma matrona. Era atraente, e a própria natureza de seu desejo provava que não se encontrava comprometida com homem algum.

A deusa sentiu uma pequena onda de alívio. Ao menos a mortal não lhe pedira que desse início a uma guerra, ou pior, que trouxesse paz para seu mundo. Tudo o que desejava era ter um romance com um deus.

Ártemis olhou para seu belo irmão, cuja expressão revelava, sem sombra de dúvida, que ele se interessara pela moça.

Sentiu seu alívio aumentar. Aquilo não podia ser tão difícil.

— Creio que eu esteja exagerando — falou, enfim. — A mortal quer apenas ser seduzida por um deus.

— Ela não disse que queria ser seduzida. Pediu apenas um pouco mais de romance em sua vida — Apolo corrigiu, os lábios curvados num leve sorriso, os olhos ainda fixos na moça.

— Com um homem que fosse divino. Você, meu querido irmão, é um deus. Então, o que está esperando? Decerto, não sou eu o que ela deseja... — Ártemis balançou a cabeça. Apolo nunca fora tão patético. — De qualquer forma, ela me obrigou a cumprir seu desejo, e você, Apolo, é o deus mais próximo de mim em todo o Olimpo. Isso é perfeito para que eu me livre deste problema ridículo.

— Provavelmente. — O sorriso dele se alargou.

— Claro que é — reforçou Ártemis, observando o sorriso presunçoso. Não era isso o que Apolo também desejava? Não estivera todo poético, comentando sobre Hades e sua amante mortal apenas alguns minutos antes?...

Pois agora teria a chance de experimentar o amor de uma mortal moderna. E uma que não estava apaixonada por outro deus.

Por um instante, Ártemis se perguntou se aquele incidente poderia ser mais do que uma simples coincidência.

Olhou ao redor, desconfiada. Zeus estaria tramando alguma coisa?

Não, concluiu, rejeitando o pensamento. Tinha sido ideia dela trazer o irmão para o Reino de Las Vegas a fim de animá-lo.

Pelo visto, seu impulso fora correto. Praticar uma velha e boa sedução com uma mortal poderia fazer milagres com o humor sombrio de Apolo.

Satisfeita, ela descansou a mão no ombro do irmão.

— Vá até lá e dê-lhe o romance que ela deseja. Leve-a para a cama, satisfaça seus desejos mais eróticos... Mas seja breve. É melhor que Zeus não fique sabendo dessa história. Você e eu podemos lidar com Baco sozinhos. E acho melhor não revelar quem é na verdade. Não seria nada bom se uma mortal saísse por aí, dizendo aos outros que conseguiu a ajuda de uma deusa para levar o deus Apolo para a cama.

Ele franziu a testa para a irmã.

— Claro que não.

— Ótimo. — Ártemis suspirou, esfregando as mãos como se tivesse acabado de concluir um trabalho bem-feito.

— E onde estará?

— Sem dúvida não será com você. — Ela sorriu e deu-lhe um pequeno soco de brincadeira. — Acho que vou tomar mais um daqueles deliciosos coquetéis de Martini, depois voltarei para o Olimpo. Eu o encontrarei lá amanhã, depois que a invocação tiver sido cumprida, assim poderá me dar um relatório completo. Depois decidimos o que fazer com Baco.

Ártemis empurrou o irmão de leve e o observou caminhar na direção da mortal que, involuntariamente, invocara o auxílio de uma deusa.

Ajeitou os cabelos, que já se encontravam impecáveis, sorrindo. Pela manhã, Apolo já deveria ter voltado ao seu normal.

— Se quiser conceder o meu desejo, por favor, traga-me alguém que seja mesmo divino para variar.

Mal terminou de falar, Pamela sentiu os pelos dos braços se arrepiando, como se ela houvesse levado um choque elétrico.

Nossa!...

Sorriu num pedido de desculpas ao garçom, que rapidamente limpou seu estrago. Ela tolerava vinho muito bem, mas, desta vez, sentia-se mais tonta do que o normal. Por sorte não precisaria dirigir.

— Vou lhe trazer outra taça, senhora — ofereceu o garçom. — E que tal um *Band-Aid* também? — completou ao ver o lenço que ela pusera em torno do dedo.

— Obrigada, seria ótimo — agradeceu Pamela, ignorando a própria vergonha.

O rapaz já havia se afastado quando ela pensou que devia ter pedido a ele que pusesse a rolha na garrafa, de modo que ela pudesse levá-la para o quarto. Seria a coisa mais sensata a fazer.

Brincou com o lenço. Não estava com vontade de agir com sensatez. Na verdade, além de estar um pouco corada e embriagada, sentia-se revigorada. Fora libertador admitir seu desejo em voz alta.

Ok, o vinho podia ter algo a ver com aquilo, mas gostava de pensar que existia alguma coisa a mais naquela situação. Ela reconhecera o que a consumira durante meses, talvez anos, por fim. De alguma forma, Duane a marcara como uma criatura quase assexuada. E agora que ela dera voz a seu medo, este não lhe parecia tão monstruoso. Fora como levantar à meia-noite para ver se o bicho-papão se encontrava dentro do armário. Assustador, claro, mas, depois que a porta fora aberta, o desfecho não havia sido assim tão ruim.

Precisava programar o seu “retorno”. Como diria Ve, ela necessitava se mostrar mais

disponível e parar de pensar nos homens apenas como parceiros de negócio.

E não poderia fazer isso tampando a garrafa e correndo de volta para o quarto.

— Espero que não esteja doendo muito.

Pamela tirou os olhos do próprio dedo e seu olhar foi subindo, subindo... até encontrar olhos tão azuis que nem pareciam de verdade. E, *Céus!*, de que altura era aquela criatura? Seu irmão tinha um metro e oitenta e nove, mas aquele homem devia ter pelo menos dois centímetros a mais!

Seu olhar se ampliou, abrangendo os traços do rosto moreno, e todos os pensamentos a respeito de olhos azuis ou de seu irmão se desvaneceram. Que criatura era aquela? As linhas do rosto eram firmes, o queixo quadrado e forte. O cabelo, como ouro puro sob um sol de verão, além de espessos e cacheados. Ele era perfeito. Como se tivesse saído de uma propaganda de revista. Mas não daqueles anúncios pretensamente chiques e andróginos, em que as mulheres pareciam homens e os homens pareciam meninos. Era de uma beleza hollywoodiana, como Cary Grant ou Clark Gable. Só que era loiro e...

Seus pensamentos se fragmentaram quando Pamela percebeu o que mais estava vendo, e ela ficou mortificada ao ouvir uma risadinha escapar dos próprios lábios. Ele era loiro, lindo, e usava algo que parecia um traje de gladiador, o qual deixava muito pouco de seu incrível corpo para a imaginação.

Pamela sentiu o rosto se aquecer de novo, desta vez pelo susto, e depois por constrangimento.

— O quê? — indagou, tendo-se esquecido por completo do que ele dissera.

— Seu dedo — ele apontou para o apêndice envolto no lenço. — Eu vi quando o cortou. Espero que não esteja doendo muito.

Seu sorriso fez o estômago de Pamela se contrair. Covinhas! O homem tinha covinhas que emprestavam à sua beleza máscula um ar inusitadamente doce e infantil.

Era um homem alto, muito alto, com ar de menino e uma beleza de tirar o fôlego. Uma combinação letal.

— Ah, ahn... Sim... — Ela balançou a cabeça na tentativa de clarear as ideias. *Maldição dos infernos*, aquele vinho devia ser mesmo muito bom! — Quero dizer, não!... Não é nada. Apenas um corte à toa.

— Sabia que no Mundo Antigo as pessoas não acreditavam em acasos? Para elas, tudo o que acontecia possuía um propósito, um presságio, um significado; e o futuro podia ser previsto por meio de coisas tão simples como folhas de chá ou como fumaça subindo da fogueira de um ritual.

Pamela mal podia acreditar no que estava ouvindo. Sua mente voejava de pensamento em pensamento, os quais pareciam bolhas em um vendaval. Um homem como aquele podia

engatar uma conversa interessante? E por que, diabos, estaria vestido daquela maneira? Não que não estivesse maravilhoso, mas qual é a razão daquela fantasia bizarra?

E quanto àquele sotaque que tornava sua voz profunda ainda mais sedutora, intrigante?... Parecia envolvê-la e deslizar por sua espinha como óleo aquecido.

Controle-se!, repreendeu a parte mais racional de seu cérebro. *Componha-se, menina! Vestido de modo esquisito ou não, o homem é só para flertar!*

Ela precisava parar de encará-lo feito uma turista embaçada e falar de forma inteligível.

— Não, eu não sabia — respondeu no melhor estilo “vamos-fingir-que-estou-sóbria”. — Já faz muito tempo desde a minha última aula de Humanidades na faculdade... Confesso que a única matéria em que eu prestava atenção de verdade era História da Arte, que tratava sobre elementos da arquitetura antiga.

As palavras “elementos da arquitetura antiga” saíram vergonhosamente alteradas.

Oh, Deus! Ela estava arrastando a fala!... Parecia uma alcoólatra!

— Interessa-se por arquitetura antiga?

Ele pareceu surpreso e, mesmo em meio ao efeito do vinho, Pamela precisou conter a própria irritação. O fato de ser bonita não significava que era destituída de inteligência. Detestava aquele tipo de preconceito.

Mas, espere, pensou, enquanto estudava o lindo rosto à sua frente. *Não fora isso mesmo o que ela acabara de pensar sobre ele?*

Ficou mortificada ao se lembrar de que ficara admirada ao ouvir um homem tão lindo dizendo algo inteligente e interessante. Quando adotara aquela postura de dois pesos e duas medidas? Na verdade, agora que já conseguia formular pensamentos mais coerentes, percebera que ele parecia satisfeito, não condescendente. Talvez não houvesse tido a intenção de insultá-la. Talvez *ela* estivesse sensível demais. Pois então ele não estava tentando entabular uma conversa educada? Parecia mesmo interessado em sua resposta. Talvez sua reação rude tivesse mais a ver com ela do que com ele, ou com os homens em geral.

E ela continuava falando bobagens, ainda que em pensamento!

Pamela limpou a garganta e sorriu.

— Sim, é verdade, mas me interessa por todo tipo de arquitetura. É uma parte importante do meu negócio.

— É arquiteta? — ele indagou.

Dessa vez, o choque em sua voz foi tão evidente que Pamela franziu a testa e estreitou os olhos.

— Não me diga que é um desses homens que acreditam que as mulheres devem ficar limitadas a certas condições... Por favor. Estamos na década de 2000, não nos anos cinquenta.

O claro aborrecimento em sua voz e o brilho frio e inteligente nos olhos claros fizeram

Apolo se lembrar de Ártemis, e ele sentiu a surpresa se erigindo dentro dele. Já tinha conhecido inúmeras mortais, muitas das quais considerara belas e tentadoras, mas nenhuma jamais o fizera se lembrar de sua determinada, independente e franca irmã gêmea. Elas haviam estado ocupadas demais, adorando-o, para se importar em ser realmente interessantes.

Sorriu de lado. Tinha apenas começado a conversar com a mortal moderna, e ela já se provara uma agradável mudança.

Riu e balançou a cabeça.

— Eu não queria insultá-la. É que você é tão jovem... Todos os arquitetos que conheço são mais velhos; homens enrugados com barbas grisalhas. — Ele se inclinou para a frente e fingiu estudá-la. — Não estou vendo nenhum cabelo branco aí. Por isso a minha surpresa.

— Devo trazer outra taça, senhora? — O garçom perguntou, antes de lhe entregar um *Band-Aid* e colocar nova taça de vidro sobre a mesa, enchendo-a com cuidado.

— Eu ficaria muito honrado se me permitisse acompanhá-la. — O lindo estranho inclinou a cabeça numa mesura cavalheiresca que os homens deveriam executar diante das mulheres com regularidade.

O pequeno e antigo gesto fez o estômago dela se apertar. Não apenas isso, mas também o fato de a inegável beleza do estranho estar começando a compensar a bizarrice de seus trajes.

De qualquer maneira, por que não poderiam tomar uma bebida juntos? Ele decerto fora bem pago para se vestir daquele modo e entreter os turistas do Caesars Palace.

Pois bem. Iria pensar naquilo como uma ajuda para seu trabalho, o que, na verdade, era extremamente gentil da parte dela. Quem disse que o álcool inibia o pensamento racional? O seu continuava em perfeito estado.

Sorriu para o garçom.

— Sim, pode nos trazer mais uma taça.

O rapaz se afastou, apressado.

Pamela rasgou o invólucro do *Band-Aid*, mas, antes que pudesse colocá-lo no dedo, ele se inclinou e o tomou de sua mão.

— Espere, deixe-me ajudá-la.

Apolo envolveu o dedo delicado com o pequeno curativo e, conforme o fez, enviou através das mãos uma pequena porção de seu poder de cura para dentro dela.

Pamela piscou, surpresa com seu toque delicado.

— Obrigada. Já parece bem melhor. — Sorriu para ele, em seguida estendeu a mão com o dedo recém-tratado em sua direção. — Pamela Gray.

A hesitação do lindo desconhecido foi tão breve que apenas muito mais tarde ela a registrou.

— Febo — disse com um leve sorriso. — Febo Delos. — Ele aceitou o cumprimento e,

mudando a forma de segurar sua mão, levou-a aos lábios.

Seus olhos se encontraram quando a boca macia lhe tocou a pele. Os dela arregalados pela surpresa, os dele, incrivelmente azuis.

Pamela percebeu um calor irradiando pelo corpo e sentiu a boca seca.

— Então ainda está vestido a caráter — falou, puxando a mão para passá-la pelo cabelo, sem saber que postura adotar.

— A caráter? — Ele pareceu confuso.

Ela apontou o dedo com o curativo para o traje que ele usava, inclinou a cabeça e permitiu que o olhar percorresse o corpo másculo em evidente avaliação. A túnica curta era feita do mais fino linho que já tinha visto — e olhe que ela conhecia tecidos caros! —, enfeitada com pesados bordados metálicos, e terminava em pregas que deixavam boa parte das pernas musculosas nuas. Sobre a túnica amarrada no ombro esquerdo, ele ostentava uma couraça ricamente decorada, que parecia ter sido feita com ouro forjado.

— É uma bela fantasia — comentou, batendo com o dedo no queixo. — Vamos ver... Se as dançarinas estavam representando ninfas, meu palpite é que deve estar fazendo o papel de algum deus.

Sorriu, maliciosa, ao perceber a ironia da situação. Ela não desejara um deus?

Pois, *puf!*, este aparecera em sua mesa, feito mágica. Um sonho em carne e osso.

Teve vontade de rir. Só mesmo em Las Vegas.

— Sua suposição está correta. — Apolo se inclinou para trás. Gostava de vê-la falar. Sem dúvida a moça bebera vinho demais, porém, em vez de pensar que ela era uma inconsequente, ele se viu intrigado. O rubor tornava seu semblante honesto ainda mais atraente. Seus olhos castanhos brilhavam num tom incomum de avelã que lembrava ricos e doces favos de mel. E os lábios... Havia todo um mundo novo ali, esperando para ser explorado.

Respirou fundo. Já podia imaginar aqueles lábios contra os seus. Ela devia ter gosto de vinho... e de mulher.

Tirou os olhos da boca carnuda e tentou se concentrar no que a moça dizia:

— Um deus, então. Bem, decerto você se encaixa no papel. Quero dizer, além da roupa, é *ginorme*. Tem tamanho suficiente para representar um deus. Perfeito.

Ginorme? Pelo menos ela parecia estar usando a palavra no bom sentido.

Apolo deixou o estranho elogio de lado, não querendo que a conversa seguisse naquela direção.

O garçom reapareceu e encheu seu copo. Tão logo este se afastou, ele o ergueu num brinde.

— A você, às coincidências e ao destino, Pamela.

— Quer dizer que acredita mesmo em coincidências ou destino?

— Creio que eu esteja começando a acreditar — concordou Apolo, sorrindo.

CAPÍTULO 7

— Então me diga como é que se tornou a arquiteta mais bonita em que já pus os olhos — disse Apolo.

Pamela deu uma risada acompanhada de um soluço.

— Não devia ter descrito a minha concorrência como um bando de velhos se queria que eu me sentisse lisonjeada com esse comentário... Na verdade não sou arquiteta, ainda que ter conhecimentos sobre arquitetura seja uma parte importante do meu trabalho. Sou *designer* de interiores.

— *Designer* de interiores — Apolo repetiu o estranho título, procurando compreender o seu significado. O que ela poderia desenhar para interiores? Ele não fazia ideia.

E Apolo, o Deus da Luz, mestre da música, da cura, da verdade, e amante de inúmeras mortais, bem como de deusas, viu-se fazendo algo inédito em sua existência: precisou pensar em alguma coisa para dizer, a fim de não soar como um completo ignorante.

Deixou escapar a primeira pergunta que lhe veio à cabeça:

— Arquitetura é importante para um *designer* de interiores?

— Claro! — Pequenas rugas de expressão tornaram a marcá-la entre as sobrancelhas. — Para decorar um espaço adequadamente, o *designer* deve, em primeiro lugar, estudar a arquitetura do edifício. Não compreender a estrutura de uma construção seria o mesmo que um *chef* não saber como misturar os ingredientes para fazer um suflê. Além do mais, muitas vezes trabalho com os engenheiros e me envolvo no projeto desde a fundação até o momento em que os meus clientes vão para suas casas e dão uma festa de inauguração!

Apolo filtrou as estranhas informações e tentou se concentrar em conceitos que lhe eram mais familiares. O trabalho de Pamela parecia ser o de decorar as casas dos mortais. Talvez ela fosse como a irmã de Zeus, Héstia, Deusa do Lar. Mortais antigas costumavam invocar a ajuda de Héstia quando erigiam uma casa nova e, em muitas aldeias, as mulheres acendiam fogueiras dedicadas à deusa, pedindo por segurança e harmonia em seus lares.

— Então faz de uma casa um lugar agradável para se viver — ele concluiu, pensativo. — Deve ser um trabalho gratificante.

— Eu tento. — Pamela sorriu. — O que eu mais gosto é da ideia de possuir o meu próprio negócio. Gosto de dar as cartas. — Seu sorriso oscilou, e sua expressão tornou-se mais grave. — Decidi que é melhor estar no controle da minha vida do que viver sempre de acordo com as expectativas de outra pessoa.

Apolo acenou com a cabeça, absorto, pensando em como ele próprio começara a se sentir sufocado no papel que desempenhava havia eras. Era como se fosse visto eternamente como o

grande Deus da Luz, e nunca como ele mesmo.

Encontrou os olhos de Pamela e se surpreendeu ao expor os pensamentos em voz alta.

— Invejo a sua independência. Sei muito bem o que é se ver limitado e ser controlado pelo que os outros esperam de você.

— É sufocante — Pamela completou baixinho.

— É mesmo.

Estudaram um ao outro enquanto bebericavam o vinho, surpresos por terem encontrado tal afinidade de modo tão fácil.

O sorriso de Pamela voltou.

— Verdade que, apesar de eu ter meu próprio negócio, alguns trabalhos me dão mais liberdade do que outros. Por exemplo, o que vim fazer em Las Vegas está mais para “outros”...

— Então não vive aqui, no Fórum?

— Quer dizer em Las Vegas? — ela concluiu de pronto. — De jeito nenhum. Esta é a minha primeira vez na cidade. Sou do Colorado. — Seu olhar irônico abrangeu a fonte e a área ao redor, e Pamela balançou a cabeça. — Manitou Springs é muito diferente de Vegas. E quanto a você? Não reconheço o seu sotaque, mas, obviamente, não é daqui.

Desejando ter mais tempo para fabricar respostas simples para perguntas, tais como quem ele era e de onde vinha, Apolo tomou outro gole de vinho enquanto buscava algo que Pamela pudesse considerar razoável.

— Não posso dizer que sou de um só lugar. Considero a Itália e a Grécia a minha casa.

Ao menos aquilo explicava seu nome incomum e o sotaque, Pamela pensou.

— Parece que temos mais em comum do que o nosso amor pela independência. Eu também sou novo em Las Vegas — ele acrescentou.

Era apenas um trecho da verdade. Suas duas visitas anteriores haviam sido breves e limitadas ao Caesars Palace. Nestas ele tinha apenas seguido o exemplo da irmã e fingido que se divertia.

— Então não costuma representar um deus?

O sorriso de Apolo foi lento e enigmático.

— Posso assegurar que nunca fingi ser um deus.

— Está falando sério? Como tudo isso aconteceu? — Pamela fez um gesto, abrangendo seu traje.

O sorriso de Apolo se alargou quando ele optou pela verdade.

— Responsabilidade da minha irmã. Ela disse que eu andava sério demais, por isso, como um favor a ela, vim para Las Vegas. É essa a razão do que está vendo à sua frente.

A risada de Pamela encantou Apolo. Não era tão melodiosa como a de uma deusa se divertindo, mas era cheia de uma alegria terrena que lhe trazia à lembrança imagens de noites

quentes e pernas entrelaçadas...

— Agora, sim, está fazendo sentido. Eu também tenho um irmão. É um bombeiro *durão*, que nunca me deixa esquecer da época em que eu o convenci a usar uma fantasia do *Star-Belly Sneetch* — aquele pássaro amarelo, com uma estrela na barriga — e ler as histórias do dr. Seuss para as crianças de uma pré-escola local. Como eu podia imaginar que a mídia ia ficar sabendo e tirar uma foto dele saindo do caminhão de bombeiros com a fantasia? — Ao se lembrar, Pamela riu tanto que quase se engasgou. — Os amigos dele ampliaram a foto, mandaram fazer um pôster, e o afixaram em todas as estações. Às vezes eu ainda o chamo de “Estrela na Barriga”. Não sei se isso é coisa de irmã ou inimiga. — Ela gargalhou do minitributo rimado que fizera sem querer ao *dr. Seuss*.

Apolo não fazia ideia do que Pamela estava falando, porém seu riso foi tão contagiante que, quando ela se engasgou de verdade, teve um desejo súbito e irracional de se inclinar sobre a mesa e beijar seu adorável nariz.

— Por isso compreendo muito bem as condições que uma irmã pode impor ao irmão. — Ela enxugou os olhos e respirou fundo. Precisava ir mais devagar com aquele vinho. — O que faz quando sua irmã não o está torturando?

Apolo considerou e descartou várias respostas antes de responder.

— Faço muitas coisas, mas gosto de pensar que sou predominantemente uma espécie de curandeiro e músico.

Um médico que cantava? Assim como um caubói que cantava?

Risadinhas ameaçaram brotar do peito de Pamela mais uma vez, e ela as afogou em um gole de vinho, o que não colaborou em nada para mantê-la mais sóbria.

— Que tipo de curandeiro? — perguntou, quando teve a certeza de que podia falar sem cair de novo numa gargalhada.

— Um excelente curandeiro, acredito eu — ele afirmou, surpreso com a pergunta.

Ainda rindo, Pamela balançou a cabeça.

— Acho que temos uma falha de tradução aqui, e isto... — ela bateu uma unha contra a taça de vinho quase vazia — ... não está ajudando em nada.

— Talvez queira caminhar comigo. — Apolo se agarrou à oportunidade de mudar o rumo da conversa. — Tomar um pouco de ar noturno seria uma excelente maneira de clarear as ideias.

— Mas ainda não é noite. — Ela apontou para o céu eternamente claro do Fórum, travessa. Ele se inclinou para a frente.

— Numa terra como esta não podemos imaginar que seja? — Em uma carícia tão suave que Pamela sentiu mais o calor do que a pressão do toque, Apolo passou um dedo pela mão delicada.

Foi apenas um breve encontro de peles, porém o gesto pequeno e íntimo pareceu atraí-la como um ímã. O mundo em torno deles esmaeceu, e Pamela mergulhou nos olhos azuis. *Ele era tão escandalosamente lindo!*, pensou, inundada por uma sensação que levou vários segundos para identificar.

Desejo!... Havia quanto tempo que não sentia o calor do desejo por um homem?

Anos. Fazia anos! E ela tinha apenas trinta anos de idade. Era como se tivesse se deixado secar, envelhecer sem paixão.

Não mais, decidiu, soltando a respiração de uma só vez.

— Está bem. Vou dar um passeio com você — declarou, resoluta. — Está hospedado no Caesars Palace? Posso esperar aqui enquanto muda de roupa.

— Não, eu... — Apolo se inquietou, mas, graças aos nove Titãs, conseguiu uma desculpa plausível. — Estou com a minha irmã.

— Ah. — Mais uma vez, Pamela franziu a testa para o traje que ele usava. — Bem, imagino que não precise se trocar.

Estava ali algo que ele compreendia com perfeição. As palavras de Pamela diziam uma coisa, mas sua linguagem corporal dizia outra. Mulheres mortais e deusas tinham essa forma de comunicação em comum.

Olhou ao redor do Fórum. Mortais modernos se vestiam de modo tão estranho!... Como ele não se dera conta antes de não estar bem trajado? Aquelas estátuas malfeitas eram as únicas coisas por ali vestidas como ele.

De repente, concluiu, chocado, que devia estar parecendo um bufão para Pamela. E um bufão dificilmente conseguia seduzir alguém, o que ele precisava fazer para lhe conceder seu desejo e romper o feitiço que a invocação forjara.

Bem lá no fundo, uma voz sussurrou que havia muito mais envolvido naquilo do que a conclusão de uma simples invocação; que ele gostaria de que Pamela o levasse a sério por uma razão muito diferente.

E o pensamento foi um tanto intrigante. O que ele poderia fazer a respeito?

Seus olhos se arregalaram quando a resposta para o dilema surgiu por fim.

— Vou comprar uma roupa.

Surpresa, Pamela torceu os lábios em um sorriso.

— Assim, sem mais nem menos?

— Claro! Não estamos cercados por lojas?

Ela levantou as sobrancelhas e assentiu.

— De fato.

Apolo se levantou, e então percebeu que precisava fazer algo que nunca tinha feito. Até aquele momento, o Deus da Luz nunca necessitara pedir que uma mulher — mortal ou imortal

— aguardasse por ele.

Tocou as costas da mão de Pamela com carinho.

— Eu não vou demorar muito. Você se importaria em esperar?

Pamela levou algum tempo para responder, um sorriso maroto brincando na deliciosa boca. Correu um dedo em torno da borda da taça de cristal, e seus olhos encontraram os dele.

— Acho que não. Se não for por muito tempo.

Apolo sorriu e avançou alguns passos. Parou, franziu a testa e voltou para a mesa.

— Que loja sugere? — perguntou em voz baixa.

— Bem... — ela começou, baixando o tom para combinar com o dele — ... Sorte sua eu ser uma especialista em compras. Tenho uma cabeça ótima em se tratando de alta-costura. — Piscou, pensativa. — Parece que há uma Armani bem ali, depois daquela esquina. — Apontou para a direita.

— Então eu vou para a Armani. — Ele segurou sua mão e a levou aos lábios. — *Αντίο, γλυκιά* Pamela — falou contra a pele macia. Virou-se e se afastou, dobrando a esquina.

Tão logo ele se foi, Pamela correu para o banheiro das mulheres e telefonou, apressada, para Ve.

— Por favor, diga que está telefonando porque acaba de tirar a sorte grande! — exclamou a outra, em vez de dizer “olá”.

— Ah, meu Deus! Acho que sim. Mas não estou falando de dinheiro.

— Está falando sério?! Está mesmo esquisita! Espere, deixe eu me sentar... Se me disser que está ficando com algum *gato*, vou desmaiar!

— Não estou *ficando*, só estou flertando! — Pamela pronunciou a palavra como uma oração e, em seguida, caiu na risada a ponto de deixar escapar um soluço.

— Está é bêbada! — constatou Ve.

— Bêbada, não. Só “alegre”.

— Ah, meu bom Deus!...

— É isso mesmo o que ele parece!... Ve, você não vai acreditar! Eu estava limpando o vinho que derramei... Aliás, cortei o dedo na taça quebrada e doeu à beça! O engraçado é que até falei em voz alta: “Quero um pouco de romance em minha vida!...” — Pamela articulou as palavras lenta e distintamente antes de continuar a tagarelar: — E, de repente, lá estava ele, vestido com uma espécie de deus grego! Mas isso foi por causa da irmã... Você sabe, como fiz com Richard e a fantasia de *Star-Belly Sneetch*. De qualquer forma, ficamos conversando e, tão logo ele comprar umas roupas, nós... Está preparada?... Vamos sair juntos!

— Ahn... Pammy? — Ve começou. — Onde está agora?

— No banheiro das mulheres.

— E ele?

— Foi comprar umas roupas, ora!

— Está bem. Escute-me. Tente ficar sóbria. Ele pode ser algum louco — ponderou a amiga dela.

— Ele não é louco! É médico e também canta.

— A falta de sexo danificou seu cérebro?! Está falando como uma louca! — Ve teve vontade de alcançá-la através do telefone e chacoalhá-la.

— Não é tão estranho quanto parece — Pamela replicou, mordendo o lábio. — Ve, eu gostei dele. Ele me faz *sentir* de novo. Temos uma conexão estranha... Eu sei que parece loucura, mas há uma espécie de centelha entre nós. É como se nos entendêssemos perfeitamente.

Vernelle abriu e fechou a boca. Então reprimiu a ladainha de alertas que passavam por sua cabeça.

— Pammy, isso é maravilhoso.

— Quer dizer que não estou sendo idiota?

— Não, boneca. Está sendo jovem e solteira. Não há nada de errado com isso — assegurou a outra mulher. — Saia para uma caminhada com o tripode e namore tanto quanto puder. Mas chega de vinho por esta noite, está bem?

— Eu já parei de beber.

— Ótimo. E use um preservativo.

— *Vernelle!* Não vou fazer sexo com ele!

— *Pamela!* — Ve imitou o tom chocada da amiga. — Aqui vai uma notícia: se quiser fazer sexo com ele, você pode! O que eu quero é um relatório completo amanhã. *Bye-bye*, Pammy!

Pamela estava mexendo no *Band-Aid* quando Febo dobrou a esquina. No mesmo momento, ela ergueu o olhar, e uma emoção líquida e quente correu por seu corpo, indo parar bem no meio de suas coxas. Em seu traje de deus, ele já estivera lindo e exótico de uma forma quase inacreditável — como um ator por quem se podia ficar apaixonada durante um filme. Em roupas normais, Febo não era menos estonteante. E agora parecia de verdade, não mais tão inatingível. Era um sonho se tornando realidade. Usava calças Armani de linho creme que abraçavam a cintura e os quadris estreitos, e um pulôver de lã de seda do mesmo azul incrível de seus olhos.

Olhos que se fixaram nos dela enquanto ele se aproximava.

Parou ao lado do banco em que ela estava e, por um momento, não disse nada. Em seguida, puxou a camisa, nervoso, e passou as palmas na frente das calças. Sorriu, inseguro, o que deixou Pamela perplexa. Como alguém que parecia um deus grego podia se preocupar com a própria aparência?

O silêncio se estendeu entre eles, e Apolo mexeu no colarinho da camisa. Estava realmente

nervoso, o que era adorável.

— Gosta da minha roupa nova? — perguntou por fim.

— Você parece um anúncio ambulante de Armani.

— E isso é bom ou ruim?

— Bom. Muito bom... O que fez com a outra roupa?

A preocupação no semblante moreno se desfez.

— Deixei-a com o servo de Armani. Vou buscá-la mais tarde. E então?... Vamos andar? —

Ofereceu o braço como se ela fosse uma princesa.

Ou talvez uma deusa, Pamela pensou enquanto observava seu perfil.

Colocou o braço no dele e deslizou para fora do banco. E pôde jurar que cada nervo em seu braço nu ganhara vida onde ele a tocava.

— O servo da loja de Armani me disse que se deixarmos o Caesars Palace, virarmos à direita e atravessarmos a rua, chegaremos a um conjunto de magníficas fontes dançantes.

— As fontes do Bellagio! Já ouvi falar delas, mas nunca as vi.

— Ele disse que não ficam muito longe. — Apolo ergueu as sobrancelhas e a fitou, ansioso.

Que diabo ele esperava que ela fizesse?, pensou Pamela. Claro que ela queria ir com ele, mas... Olhou para o relógio. Seria seguro ir a pé até as fontes do Bellagio quase às onze da noite? Verdade que, no ritmo de Las Vegas, aquela hora devia ser como a hora do *rush* em qualquer outro lugar. As ruas deviam estar cheias de gente entrando e saindo dos cassinos. Não deveria haver nenhum problema.

Pamela respirou fundo. Não queria cometer o desatino de levar uma vida estúpida como a de muitas mulheres.

Por outro lado, também não queria ser picotada por um lindo e insano assassino em série, e ter um trágico episódio do *CSI* baseado em suas últimas horas!

— Pamela — ele soltou seu braço a fim de tomá-la pelas mãos —, não precisa ficar com medo de mim. — Seus olhos se encontraram, e Apolo pôde ver a indecisão nos dela. Doía pensar que ela não confiava nele. Se Pamela soubesse quem ele era!...

Pôs o pensamento de lado rapidamente. Se ela soubesse quem ele era, também ficaria sabendo de seu passado e como ele havia seduzido e descartado inúmeras mortais. Se Pamela soubesse a verdade, decerto se afastaria dele. E ele não poderia culpá-la por isso.

Mas ela não sabia quem ele era; pensava que ele fosse um simples curandeiro mortal. Não tinha nenhuma razão para se esquivar dele.

Cerrou o maxilar, decidido. Desta vez, ele queria que as coisas fossem diferentes. Desta vez, *seria* diferente. Ele cuidaria para que fosse assim.

Apolo falou antes que pudesse se conter:

— Eu nunca machucaria você, nem permitiria que alguém lhe causasse alguma dor. Sou

δι'ὧ τον ὀρκο μου.

As palavras estranhas permaneceram no ar em torno deles e, por um momento, Pamela imaginou vê-los envoltos em uma luz dourada e brilhante.

Piscou, e a imagem se dissipou como fumaça.

— O que disse? — inquiriu, confusa.

— Eu disse que lhe dou minha palavra. Deve saber que em minha terra natal um juramento é algo sagrado, quebrado apenas por uma pessoa que não tem honra.

As palavras a tocaram, porém, mais do que isso, *Febo* a tocara. Seu fascínio era inegável, contudo ela sentia-se atraída por mais do que apenas a beleza de seu corpo. Havia algo nele que mexia com ela, algo que podia reconhecer.

Sentiu o coração disparar no peito ao perceber o que era: estava se vendo nele. Em seus olhos, podia enxergar o eco de uma emoção que carregara dentro de si por anos, um desejo por algo mais que não conseguia encontrar.

— Por que não está envolvido com alguma bela mulher em vez de estar aqui, pedindo a uma estranha que passeie com você?

O sorriso de Apolo foi como o amanhecer rompendo a escuridão da noite.

— Estou com uma bela mulher. Estou com você.

Pamela suspirou e passou o braço pelo dele.

— Se é assim, acho que não tenho escolha senão ir até as fontes na sua companhia.

— Tem, sim — ele contrapôs, começando a andar. — Mas não creio que qualquer outra preferência seja tão sábia.

— Só para saber... vou cobrar esse seu juramento.

Ele sorriu para ela.

— Nem precisa.

CAPÍTULO 8

De braços dados, Pamela e Apolo atravessaram a área de lojas do Fórum rumo à entrada principal do Caesars Palace. Conforme caminhavam, ela não pôde deixar de notar os olhares que Febo recebia. Eram totalmente, *nauseantemente*, óbvios. As mulheres não conseguiam manter os olhos longe dele!

Mas também notou outra coisa: Febo não deu atenção a nenhuma delas. Não correspondia a nenhum de seus sorrisos. Seus olhos não lançavam olhares “acidentais” aqui e ali.

O que ele fazia era andar devagar, combinando suas passadas largas com as dela — as quais eram bem mais curtas — e se manter atento a tudo o que ela dizia. Suas respostas eram espirituosas, bem como interessantes.

E Febo se interessava por vitrines! Sem ser coagido, enganado ou subornado. Parecia estar se divertindo de verdade.

O pensamento foi suficiente para deixá-la mais sóbria. Ou talvez ela estivesse mesmo bêbada e continuasse na Adega Perdida, largada sobre o banco, pateticamente desmaiada sobre uma poça úmida de baba...

Não. Aquilo era uma aliteração. Não podia estar tendo alucinações.

Febo seria *gay*?

Olhou para ele, fixou o olhar em seus fabulosos olhos azuis, e abriu um sorriso *sexy*. Ele o devolveu de pronto e com um calor que não negava sua heterossexualidade.

Não. Febo não era *gay* de jeito nenhum.

Então, o que havia de errado com ele? Tinha que haver alguma coisa.

— Você é casado? — perguntou de repente.

As sobrancelhas douradas se reuniram conforme ele franziu a testa.

— Não. Nunca fui casado.

— E não mora com nenhuma namorada ou algo assim?

— Não.

— Está mesmo descompromissado...?

— Estou — ele respondeu com firmeza.

Bem, ao menos *naquele ponto* estava tudo bem. Pelo menos em teoria.

Sem qualquer insistência sua, Febo parou diante de uma loja chamada *Jay Strongwater*, especializada em porta-retratos incrustados com pedras.

— É um trabalho excelente — comentou, pensativo. — O artesão tem um talento extraordinário.

— São lindos, mesmo. — Pamela espiou a vitrine e conseguiu enxergar o reflexo do preço

de uma das menores molduras. — Quatrocentos e cinquenta dólares! Para um porta-retrato desse tamanho?... Já não sei se eles são *tão* bonitos.

Apolo se virou para ela e a tocou sob o queixo com suavidade, erguendo-lhe o rosto.

— Pois eu acho que certas imagens são dignas de tais molduras.

Ao vê-lo olhar para ela com tanta intensidade (como ela podia ter imaginado que ele era *gay*?...), Pamela começou a tremer como se estivesse de volta aos tempos de escola e Febo fosse seu namorado. Decerto ela não admitiria algo tão ridículo em voz alta, mas isso não tornava a situação menos verdadeira. Estavam tão perto que podia sentir seu cheiro: um misto do homem e da seda pura da camisa, além de outra coisa... algo tão sutil quanto sedutor, que a fez se lembrar de calor. Um sol quente em uma praia clara, onde corpos nus se entrelaçavam sem inibição e...

Pamela riu de modo exagerado, esquivando-se do toque, e se pôs a andar novamente.

— Febo, você é um romântico. — Ela correu os dedos pelos cabelos, tentando acalmar as batidas do coração.

Os olhos claros brilharam quando ele sorriu para ela.

— Que bom.

Pamela deu-lhe um olhar avaliador.

— Muitos homens não apreciariam ser chamados assim. Não é “macho” o suficiente...

— Na maioria das vezes os homens são uns tolos.

— Eu não poderia concordar mais! — ela falou, surpresa.

Apolo riu, gostando da honestidade.

— Já deve saber que eu não sou como a maioria. E também que tenho toda a intenção de conquistá-la.

— Ah — Pamela tartamudeou, sem saber como responder à declaração.

Apolo riu outra vez. Balançou a cabeça, porém nada disse.

Em vez disso, continuou a observá-la. Suas palavras a tinham perturbado, e ele gostou de ver como as faces de Pamela haviam assumido um tom rosado. O cabelo curto fazia seu pescoço parecer mais delgado; um convite ao toque de seus lábios. O estilo do vestido que ela usava era tão estranho para ele quanto o de sua própria roupa, mas ele também gostava do corte feminino e lisonjeiro, do decote profundo em forma de gota que revelava parte dos seios arredondados. Pamela era pequena, mas uma mulher em todo o sentido da palavra. Suas pernas eram longas e bem-torneadas... Como ela conseguia se equilibrar sobre aqueles sapatos perigosos, que eram pouco mais do que tiras de tecido ligadas a um pino?

Por mais estranho que fossem, entretanto, ele adorava a maneira como faziam suas panturrilhas se estender e flexionar, e o traseiro bem-feito balançar sedutoramente conforme ela caminhava a seu lado.

Pamela pôde senti-lo olhando para ela, e isso fez suas já agitadas entranhas se transformarem em uma verdadeira máquina de *pinball*. No que Febo estaria reparando? *Deus, ele é bonito demais!... E cheira tão bem que dá vontade de comer. Será que está me achando gorda? Por favor, faça que ele não seja um serial-killer!*

Seus pensamentos giravam em um turbilhão. O que havia naquele homem que a fazia se sentir como se cada uma de suas terminações nervosas tivesse ganhado vida?

Mas talvez não fosse por causa de Febo. Talvez ela mesma estivesse desacostumada a ter a companhia de um homem.

Não seja estúpida, disse a si mesma. Nunca tivera problemas para namorar antes de Duane. E era a mesma pessoa; apenas mais velha e mais sábia. Pelo menos em teoria.

Parou na frente de uma joalheria *Fred Leighton*, onde belíssimos brincos de diamante, em forma de pingente, eram exibidos diante de espelhos chanfrados. Avistou o reflexo dos olhos dele no espelho. Tudo o que tinha a fazer era parar de analisar demais a situação. Estava tornando as coisas muito mais difíceis do que deveriam ser.

O olhar firme de Febo capturou o dela e, mais uma vez, Pamela sentiu a conexão sem palavras que brotava entre eles. Respirou profundamente, tentando relaxar.

— Quando jurou que eu estaria a salvo com você, que idioma usou? — inquiriu, curiosa.

— O Grego.

— É a única outra língua que fala?

Febo balançou a cabeça e hesitou antes de responder.

— Tenho dom para as línguas. Falo várias.

— Verdade?... Eu não falo outra língua. Exceto por minha capacidade limitada de pedir *dip* de queijo, molho extra-apimentado e cerveja em espanhol! Na verdade, o que eu finjo falar é mais um *espanglês*. — Em resposta ao olhar de dúvida de Febo ela sorriu e explicou: — *espanglês*: uma péssima mistura de espanhol e inglês. Eu sou um fiasco em idiomas. Invejo quem é poliglota.

O comentário fez Apolo se sentir pouco à vontade. Seu “dom” com as línguas não era nada de especial. Ao menos não para o Deus da Luz. Afinal, ele era um dos Doze Imortais; nenhuma das linguagens do homem lhe era desconhecida.

— Sou mais fluente em Grego e Latim — ele emendou depressa.

— E o que foi que me disse antes de ir até a Armani? Aquilo também era Grego?

— Sim, era Grego. Eu disse: “Até breve, doce Pamela”. — Apolo sorriu. Amava como os olhos castanho-claros refletiam a luz facetada dos diamantes. — Sabia que, em Grego, o seu nome significa exatamente isso? Tudo o que é doce? *Pan* quer dizer “tudo”, e *meli* é “doce”, como mel, ou o néctar de uma flor.

Ela desviou o olhar dos espelhos a fim de encará-lo.

— Eu não fazia ideia. Sempre pensei que o meu nome fosse comum.

— É tudo menos isso, *Pamela*.

Quando Febo pronunciou o nome dela, seu sotaque o fez soar misterioso e muito bonito. Claro que ele não poderia fazer que a palavra “excremento” soasse como uma sedução... Mas ela adorou saber que o que pensara ser tão sem-graça a vida toda significava algo tão bom.

— E quanto ao seu nome? O que significa Febo?

— Significa “luz”.

Pamela fitou o cabelo brilhante e os olhos que pareciam mais azuis do que um céu de verão.

— Luz — repetiu num murmúrio. — Combina com você.

— Agora *eu* tenho uma pergunta — ele falou, mudando de assunto com facilidade. — O que significa a palavra “ginorme”?

A pequena explosão de riso de Pamela fez sua boca parecer ainda mais convidativa.

— *Ginorme* é uma palavra que minha amiga Ve e eu gostamos de usar. Mas não creio que vá encontrá-la em algum dicionário... É uma mistura de “gigantesco” com “enorme”. Assim como *gimenso*: gigantesco com imenso.

— Da mesma forma que misturaram Espanhol e Inglês para formar *Espanglês*.

— Isso mesmo. — Ela assentiu com um gesto de cabeça.

— Então *ginorme* significa “maior do que grande”... — ele concluiu enquanto ambos se lembravam de que assim ela o descrevera.

— Exato! — Pamela sorriu, travessa.

Bem, havia mesmo algo nele que ia além de sua altura, e que parecia torná-lo ainda maior.

Febo era decididamente *ginorme*.

Um dos inúmeros porteiros abriu as portas de vidro, e eles deixaram o Caesars Palace. Já estava escuro, claro, mas a noite lá fora fervilhava com luz, sons e emoção.

Apolo e Pamela estacaram, impressionados com os arredores. Toda a fachada do Palace estava repleta de portentosas fontes jorrando, iluminadas como boias de luz voltadas para os Céus. Limusines imensas despejavam casais bem-vestidos na entrada, e manobristas uniformizados corriam de um lado para o outro como ratos de libré.

— Γαῖω ‘το! — Apolo praguejou baixinho, chocado em ver automóveis pela primeira vez. Zeus tinha insistido para que, antes de deixar qualquer um dos imortais passar através do portal, Baco lhes explicasse detalhes sobre o transporte moderno, bem como sobre a utilização da moeda local, da eletricidade e de um sistema de comunicação extraordinário chamado internet, de modo que ele, Apolo, fora capaz de identificar a loucura à sua frente.

Entretanto, ver que os veículos monstruosos se movimentavam como se tivessem vida, ainda que fossem desprovidos desta, e que a noite quente de primavera se encontrava

feericamente iluminada por meio de energia elétrica aproveitada, era muito mais avassalador do que ele poderia ter imaginado.

Concentrou-se em uma das visões bizarras que lhe eram mais familiares, as fontes, e se lembrou de que era um deus olímpico, um dos Doze Imortais originais. E que poderia dizimar tudo ao redor com um só pensamento.

Uma daquelas coisas negras e brilhantes derrapou até parar, e outra monstruosidade se pôs à sua frente. Apolo se moveu num salto, colocando-se entre Pamela e as criaturas de metal, e passando-a do braço esquerdo para o direito.

— Eu sei o que está pensando — Pamela falou baixinho.

Ele a encarou, surpreso. Sabia que ela não podia ler seus pensamentos, mas a menor possibilidade de Pamela desconfiar do que se passava em sua cabeça era alarmante.

— Nem precisa falar — ela prosseguiu, os olhos brilhando, zombeteiros. — Pensou que essa fonte era *ginorme*.

Apolo torceu para que seu alívio não fosse por demais óbvio.

— Infelizmente, está errada — ele devolveu no mesmo tom de brincadeira. — Pensei apenas que ela era *gimensa*.

— Isso porque está confuso quanto ao uso correto do termo. *Gimenso* não é tão grande quanto *ginorme*, portanto, *ginorme* é a palavra mais adequada para descrever esta... — Pamela hesitou de propósito, lançando um olhar de desprezo sobre toda a extensão da fachada do Palace — ... esta “fonte”.

Apolo assentiu com um gesto de cabeça, aceitando sua derrota com elegância.

— Ponto para você. Uma monstruosidade dessas só pode ser *ginorme*.

— Então eu não estava tão errada...?

— Como pode uma pessoa tão linda estar errada? — Apolo sorriu, satisfeito. Em se tratando de mulheres, estava longe de ser um tolo em qualquer mundo.

— Posso chamar um táxi para o senhor e sua linda senhora? — indagou um dos carregadores.

O “Não!” de Apolo foi dito com mais ênfase do que ele pretendia. Mas a noite naquele mundo era tão cheia de luzes e sons que o raio que atravessou o céu em resposta à sua voz passou despercebido, o que o deixou feliz.

O Deus da Luz se esforçou para controlar o próprio tom:

— Não — repetiu com mais calma. — A senhora e eu preferimos caminhar.

— As fontes do Bellagio não ficam muito longe daqui, ficam? — Pamela quis saber.

— Não, senhora — concordou o rapaz e apontou. — Sigam pela calçada até o nível da rua, virem à direita, atravessem a rua seguinte, e estarão lá. Não pode deixar de fazer esse passeio.

— Obrigada. — Ela apertou o braço de Febo de leve. — Pronto?

Apolo não estava pronto coisa nenhuma. Preferia enfrentar a poderosa serpente Píton novamente, sozinho, nas cavernas negras do Parnaso, a sair para aquela noite estranha. Mas a mulher delicada em seu braço caminhou adiante com a confiança de Hércules.

Ele cerrou o maxilar e a acompanhou, colocando todos os sentidos em alerta máximo.

— É tão quente aqui!... Muito diferente do Colorado. Apesar de estarmos em maio, tivemos uma primavera muito fria; tanto que nevou de novo na última semana. — Pamela inclinou a cabeça para trás e abriu o braço que não segurava o dele. Rindo, respirou fundo, amando o calor do deserto que ainda pairava no ar. — Não percebi o quanto eu estava sentindo falta da primavera até chegar aqui.

Apolo resmungou uma resposta, o olhar abrangendo a mulher encantadora a seu lado, os veículos que aceleravam na rua cheia de gente, os sinais enormes que brilhavam e os edifícios que se avultavam sobre eles, muitos dos quais continham imagens coloridas em constante movimento. Precisava verificar se Zeus ordenara às ninfas que ficassem dentro dos limites do Caesars Palace. Como pequenas e belas mariposas, estas ficariam extasiadas com todas aquelas luzes brilhantes caso se aventurassem ali fora. Detestava pensar na cena que as semideidades causariam ficando inebriadas com tanta luz e som.

— *Cuidado!* — a voz de Pamela o trouxe de volta para o Mundo Moderno, ao mesmo tempo que ela a puxava com força. — Caramba, essa foi por pouco!... Eu estava tão distraída que nem me dei conta da rua, e esse tráfego é terrível. É melhor esperarmos pelo sinal.

Estavam parados na esquina de uma rua que fervilhava com automóveis, e Apolo percebeu que, se não fosse por Pamela, ele teria saído para o meio deles. Claro que aquelas coisas de metal não iriam lhe fazer mal, mas não queria nem tentar explicar a ela por que jamais seria estraçalhado por um deles. Distrair-se no Reino de Las Vegas não era algo muito inteligente no seu caso.

— O show das fontes deve ser ali — Pamela concluiu, apontando para as luzes que emanavam de uma massa de água do outro lado da rua.

Ele estreitou os olhos, fitando o fluxo de veículos e gente.

— Não estou vendo fonte nenhuma.

À sua frente, um pequeno círculo vermelho de luz mudou para verde, e as pessoas ao redor se agitaram. Apolo hesitou, mas, quando Pamela desceu com segurança para a rua, ele a acompanhou, atento a qualquer veículo que pudesse cruzar seu caminho.

— As fontes só devem permanecer ligadas durante o show. Aposto que ali podemos obter algumas informações. — Ela o conduziu a um pequeno posto. Lendo um aviso, balançou a cabeça. — É isso mesmo, há shows a cada quinze minutos. — Olhou para o relógio. — São onze e vinte e cinco, então ainda temos cinco minutos.

Apolo tratou de esquecer as distrações ao redor e se concentrou na linda mulher que devia

estar cortejando.

— Gostaria de caminhar, ou prefere se sentar e esperar que as fontes comecem a jorrar? — Apontou para um dos vários bancos de mármore espalhados pelo calçadão que contornava o lago artificial.

— Sem dúvida, caminhar — ela respondeu, e eles recomeçaram a passear devagar ao longo da barragem.

Após um pequeno trecho de sociável silêncio, Pamela se manifestou:

— Este lugar é uma estranha mistura do *brega* com o refinado, não acha?

Apolo queria dizer que ela não fazia ideia do quanto Las Vegas lhe parecia estranha, mas relaxou ao perceber que, obviamente, Pamela também considerava os arredores incomuns.

— Eu não poderia concordar mais.

— Veja bem... — Ela apontou para o outro lado da rua. — Não há nada ali a não ser uma armadilha atrás da outra dizendo: “Venham gastar o seu dinheiro aqui!”... Mas aqui é diferente. — Ela parou e se encostou ao parapeito de mármore branco que imitava uma antiga balaustrada italiana, e que separava o gigantesco espelho de água da calçada. — Deste lado, a rua foi construída de modo a nos fazer crer que estamos caminhando por um passeio europeu. As luzes não são anúncios de néon, mas adoráveis postes antigos, intercalados por lindas arvorezinhas. E aquele lugar ali... — olhou as lojas e os restaurantes do Bellagio, do outro lado da água — ... me lembra uma elegante aldeia toscana. Eu sei que foi tudo planejado, mas essa farsa funciona. Como *designer* tenho que aplaudir tal representação.

Algo em seu tom atraiu o olhar de Apolo, e ele ficou surpreso ao descobrir uma ponta de tristeza no rosto delicado. Fora aquela inesperada melancolia que se espelhara na voz de Pamela. Até então, ela parecia feliz — mesmo que ainda um pouco embriagada — e aproveitando a noite e a conversa.

O que acontecera afinal?

— Uma representação é assim, tão ruim?

— Não muito — ela replicou, ainda olhando para a água. — É que, às vezes, me pergunto se as coisas são mesmo o que parecem.

Apolo sabia: Pamela estava falando de muito mais do que apenas arquitetura e iluminação pública. Quis confortá-la, dizer que ela não precisava ficar tão triste. Mas como poderia? Ele mesmo não era o que aparentava.

Ou era?

Naquele momento, sentiu-se como um homem comum, que não queria nada mais do que fazer uma linda mulher sorrir.

— Às vezes as coisas são muito mais do que aparentam. Melhores do que parecem no início.

Ela se virou para fitá-lo e se viu presa no azul inacreditável de seus olhos.

— Eu gostaria que isso fosse verdade, mas, segundo a minha experiência, as coisas não costumam ser melhores do que aparentam. Normalmente acontece o contrário.

— Talvez porque ainda não tenha tido o tipo certo de experiência — ele sussurrou, passando os dedos por seu rosto de leve, depois pela lateral macia do pescoço esguio.

Pamela sentiu o peito se apertar. Apolo se inclinou e roçou os lábios nos dela, na breve e suave sugestão de um beijo.

E, quando as bocas se tocaram, as fontes ganharam vida.

CAPÍTULO 9

Violinos encheram o ar em torno deles, música atraiu a água rumo ao céu e luzes antes ocultas destacaram a dança fluida.

Em seguida, um tenor começou a cantar. Pamela estremeceu conforme seu corpo correspondia à magnificência de sua voz. Era tudo tão inesperado, tão espantoso!... Os arcos de água se deslocavam em uníssono com os altos e baixos da orquestra, como se guiados pela mão de um competente mágico. Era inacreditável e maravilhoso... Assim como o beijo que parecia ter dado início a tudo aquilo.

Ao som da primeira nota, eles haviam se virado para as fontes e, enquanto suas emoções disparavam com a música, Pamela se deixou ficar, muito quieta, nos braços de Febo.

— O cantor é italiano, não é? — Recostou-se nele, inclinando a cabeça de modo a fazê-lo ouvir sua pergunta, mas sem tirar os olhos da água.

— Sim — assentiu Apolo. Seus olhos também não se desviavam do inacreditável espetáculo diante deles. — Ele está cantando algo sobre *La Rondine* ou “a andorinha” — murmurou, a voz grave soando como pano de fundo para a linda música, em vez de distraí-la. — Conta a história de uma pequena andorinha que migra para muito, muito longe, a fim de encontrar o amor em uma terra distante. Mas é evidente que a canção não se refere a um pássaro, e sim a uma amante, que o cantor teme ter perdido para sempre.

— Eu gostaria tanto de entender Italiano! — Pamela sussurrou.

Apolo a abraçou com mais força.

— Será que precisa? Tente ouvir a música com o coração, e irá captar sua alma.

Pamela tentou fazer o que ele dizia e, no crescendo, sentiu os olhos rasos de água. Entendeu realmente. Compreendeu a dor do amor perdido, dos arrependimentos e o medo da eterna solidão.

Quando a música terminou e a água ficou quieta e escura, permaneceu de costas para Febo, sentindo as batidas de seu coração, o calor do corpo sólido a envolvê-la.

— Eu não esperava encontrar tanta beleza aqui — ele falou baixinho, não querendo quebrar o feitiço que aquelas águas mágicas haviam lançado.

— Nem eu. — Pamela respirou fundo. — Aconteceu muita coisa nesta noite que eu não esperava.

Apolo a virou, de modo a deixá-la de frente para ele, porém a manteve solta no círculo de seus braços. Relutava em deixá-la se afastar, contudo não queria assustá-la. A noite também fora cheia de surpresas para ele. Naquele momento, pela primeira vez em todas as suas eras de existência, queria que uma mulher viesse até ele por vontade própria, não como uma

donzela deslumbrada, arrebatada pela presença de Apolo, o Deus da Luz; tampouco como uma deusa sedutora, procurando um parceiro temporário com quem se divertir. Queria que Pamela o escolhesse como uma mortal escolhia seu homem.

— Eu não estava falando apenas das águas dançantes — sussurrou.

— Nem eu.

Quando ele se inclinou para beijá-la, não pôde evitar segurá-la pela nuca e mergulhar os dedos nos cabelos curtos e desgrenhados que tanto desejara tocar desde que a tinha vislumbrado. Pamela não se afastou dele, mas também não se entregou ao beijo. Seus lábios se provaram quentes e dóceis sob os dele, porém ela não os abriu num convite. Em vez disso, era como se fizesse uma pergunta e exigisse resposta antes de lhe dar permissão para continuar.

Pense!, Apolo ordenou a si mesmo. *O que desejam as mulheres?*

Percebeu, chocado, que, apesar de toda a sua experiência, não tinha certeza de como responder a tal pergunta. Concentrou-se, tentando ler o corpo frágil e, por intermédio deste, compreender o que Pamela buscava nele.

Com movimentos lentos, obrigou-se a ignorar o desejo inebriante que tocar Pamela evocava e, em vez de se comportar como um deus grosseiro e arrogante, manteve-se firme no controle. Beijou-lhe o lábio inferior com carinho, em seguida o prendeu com os dentes e o puxou, provocante, mas só por um momento. Mudou dos lábios carnudos para um beijo rápido na ponta do nariz, e foi recompensado por um sorriso que ele beijou nos cantos. Acariciou os cabelos curtos com os dedos enquanto roçava o rosto em seu ouvido e sussurrava:

— Gosto muito do seu cabelo. Ele faz que eu me lembre da cavalgada livre e cheia de orgulho das Amazonas. — Desceu os lábios um pouco mais. — E deixa seu pescoço tão mais sedutor...

Sentiu que ela estremecia e levantou a cabeça de maneira a fitá-la nos olhos, os quais ainda estavam preenchidos pela emoção que a música os fizera sentir.

— Eu quero que você seja exatamente o que parece — ela falou baixinho. — Não quero outro homem que finge ser uma coisa enquanto é outra.

Apolo sentiu o coração congelar.

— No início desta noite, admiti algo para mim mesma que eu vinha escondendo por muito tempo. Admiti que, embora satisfeita, não sou muito feliz. Eu me fechei, desisti até mesmo de tentar buscar a felicidade. — Um breve sorriso iluminou a expressão séria de Pamela. — Então fiz um desejo bobo... Em voz alta. Acho que eu estava desejando, na verdade, ser capaz de confiar nos meus instintos outra vez.

— E o que seus instintos lhe dizem sobre mim? — ele perguntou.

Ela inclinou a cabeça e o fitou.

— Eles me dizem que você é mesmo diferente. Nunca conheci um homem assim.

— Posso assegurar que os seus instintos estão corretos.

Ele se inclinou para beijá-la outra vez, desta vez com toda a paixão que sentia, mas, antes que seus lábios tocassem os dela, o céu se abriu, e uma chuva constante começou a cair.

Pamela soltou um gritinho e segurou a minúscula bolsa sobre a cabeça em uma tentativa inútil de se proteger.

Apolo fez uma careta e olhou ao redor. Chuva no meio de uma noite no deserto? Não importava o quanto o mundo moderno se tornara estranho, não podia haver alteração nos padrões climáticos.

Os deuses, entretanto, podiam fazê-lo. Aquela chuva era muito suspeita, pois tinha a marca da interferência dos imortais. Provavelmente era Baco, aquele infeliz, aprontando de novo.

As pessoas ao redor deles correram em direção aos edifícios e, com habilidade, Apolo guiou Pamela em meio aos mortais até a árvore mais próxima. Com um movimento quase imperceptível da mão, solidificou as folhas acima deles, transformando-as em uma massa única que os abrigou da chuva. Abraçou-a, e juntos eles ficaram observando o aguaceiro.

— Que tempo esquisito! — comentou Pamela, enxugando a água do rosto. — Pensei que quase nunca chovesse aqui. Ah!... — Franziu a testa ao olhar para os sapatos. — Acho que arruinei os meus maravilhosos Jimmy Choo!

Apolo sorriu de lado.

— Como consegue andar sobre essas lâminas?

Pamela chacoalhou um pé, analisando o sapato encharcado enquanto ele admirava a panturrilha bem-torneada.

— Andar sobre um salto dez é a marca registrada de uma mulher de verdade. — Passou a mão pelos cabelos, fazendo-os ficar ainda mais desganhados. — Quem iria imaginar que uma árvore tão pequena ofereceria tanta proteção? — Olhou para cima. — É como um guarda-chuva verde!

— Nem tanta assim — ele replicou, apontando para cima em um movimento rápido que fez uma ou duas gotas vazar de sua divina proteção. — Pelo menos a chuva afugentou aquela multidão.

Sem dar à árvore outro olhar, Pamela sorriu e acenou com a cabeça.

— É como se estivéssemos no nosso mundinho.

Apolo tocou uma mecha do cabelo curto.

— Pois acho que estamos, mesmo.

Em seguida, em meio ao véu de chuva e intimidade, as fontes ganharam vida mais uma vez, e a voz *sexy* de Faith Hill soou ao redor deles como se brotasse da água:

I don't want another heartbreak, I don't need another turn to cry.

I don't want to learn the hard way, baby, hello, oh no, good-bye...

Desta vez, eles não prestaram muita atenção ao show.

— É você quem está fazendo isso? — Pamela indagou num sussurro. — Pagou a eles para tocarem essas músicas?

Apolo balançou a cabeça e emoldurou o rosto delicado com as mãos.

— Mas elas têm tudo a ver com você, não têm? É a andorinha, assim como a mulher que não quer chorar outra vez.

Pamela só pôde concordar.

This kiss, this kiss!...

Como se a música tocasse só para eles, Apolo a puxou para os braços e a beijou. Beijou-a como um homem que queria manter sua amada afastada da dor, da mágoa e da tristeza. Os lábios de Pamela se apartaram, e ela o aceitou. Conforme o fez, Apolo sentiu que algo se abria dentro dele, como se uma trava tivesse sido desbloqueada e um alçapão fosse escancarado, permitindo a entrada do que faltava para preencher sua alma.

Os braços de Pamela subiram para segurá-lo, e ele se esqueceu do monte Olimpo, esqueceu-se do Mundo Moderno dos mortais. Sua realidade se resumiu no gosto, no toque, no cheiro de Pamela.

Ela gemeu e estremeceu, e o mundo se interpôs entre eles novamente. As fontes voltaram a se apagar, e o vento e a chuva se intensificaram.

— Está gelada! — Apolo a esfregou nos braços, condenando a própria insensibilidade. Enquanto ele se deixara perder pelos encantos de Pamela, ela ficara encharcada. — Precisamos voltar. Pode ficar doente se continuar assim.

— Febo. — Ela o puxou pelo braço, mantendo-o sob a pequena árvore. — É verdade que talvez devêssemos voltar para o hotel, mas eu não estava tremendo por causa da chuva. Mesmo que eu pareça meio... — limpou uma gota de chuva que lhe escorria pela testa e sorriu — ... *ensopada*, não sou nenhuma florzinha de estufa. Não derreto, e amei cada segundo deste nosso beijo na chuva.

Apolo sentiu o aperto no peito se dissolver conforme seu coração reconheceu o calor no olhar dela. Não era o único que sentia aquela conexão entre eles.

E, bem lá no fundo, seus instintos lhe diziam que era aquilo o que homens e mulheres buscavam. Era aquela a dança de amor dos mortais.

— De qualquer forma, estou mesmo encharcada, e parece que essa chuva não vai melhorar tão cedo — Pamela prosseguiu, olhando o aguaceiro que os rodeava.

Apolo acompanhou seu olhar. Ele poderia, claro, impedir que as gotas os tocassem durante todo o caminho de volta ao Caesars Palace, mas não teria como explicar tal façanha.

— Quer saber? Vamos correr de volta para o Palace — decidiu Pamela, sorrindo para ele.

— Não pode correr com esses sapatos — ele lembrou, apontando-lhe os pés.

— Estamos em Las Vegas... Quer apostar? — E, sem esperar por resposta, ela disparou para o meio da chuva, gritando.

Rindo, Apolo a seguiu, permanecendo pouco atrás dela; o suficiente para que pudesse assistir os quadris redondos se movendo com graça enquanto ela corria com passos pequenos e femininos. Não se lembrava da última vez em que se sentira tão jovem ou feliz.

Nenhum deles prestou muita atenção à rua. Apolo não tirava os olhos de Pamela, e ela corria, lançando-lhe olhares por cima do ombro.

— Estou ganhando a aposta! — gritou a certa altura.

Um barulho a fez olhar para a frente, e Pamela soltou uma exclamação. *A rua!* Tinha se esquecido do quanto esta se encontrava próxima dela!

Tentou parar, porém o salto agulha ficou preso em uma rachadura na beira da calçada. Desequilibrando-se, ela agitou os braços na tentativa de endireitar o corpo, porém sentiu uma dor horrível e lancinante no tornozelo, tombando para a frente.

Sempre antes que coisas terríveis acontecessem, pensou Apolo, como a morte de Heitor, ou quando Ártemis perdera a paciência com Acteão, o tempo parecia diminuir de ritmo, prolongando o evento, desdobrando-se diante dele como resina de pinheiro pingando e descendo por uma tediosa trilha através da casca áspera de uma árvore.

Não foi assim com o acidente de Pamela, contudo. Tudo ao redor pareceu se acelerar com força sobre-humana. Em um instante ela sorria para ele por cima do ombro, no outro balançava perigosamente na beirada da rua, projetando-se bem na frente dos monstros de metal.

Apolo sentiu a morte pairar no ar em torno deles e não perdeu tempo sendo racional. Agiu por impulso, guiado por seu coração imortal que, de repente, se afligira com a ideia de perdê-la.

— *Não!* — Ele pulou na direção de Pamela com uma velocidade impossível de ser acompanhada pelos mortais. Estendeu a mão, a palma aberta, o grito causando uma explosão sônica que repeliu os carros para longe do corpo em queda de Pamela.

Ela não chegou a aterrissar no concreto molhado. Apolo não podia permitir isso.

Com sobrenatural rapidez, ele a segurou e puxou de volta para a calçada.

Pneus guincharam e ouviu-se o som de carros batendo. Buzinas cortaram a noite, mas, em meio à chuva e ao vento, ninguém pareceu notar o deus que causara tudo isso. O deus que agora se ajoelhava na calçada alagada, amparando uma mortal junto ao peito.

— Meu tornozelo... — A voz de Pamela falhou com a dor e o choque. — Acho que está quebrado!

Apolo puxou o sapato do pé delicado. Conforme o fez, sentiu através da pele o osso que havia torcido até partir e se encolheu, imaginando a dor. Rapidamente, passou a mão sobre o

local, ordenando em pensamento que suas terminações nervosas cessassem a agonia de Pamela.

Quase no mesmo instante, sentiu sua respiração normalizar conforme ela relaxava. Em um movimento suave, ele a ergueu nos braços.

E o Deus da Luz avançou como um raio de sol escaldante através da chuva e dos carros destruídos.

Mais tarde, testemunhas do engavetamento bizarro na esquina da Las Vegas e Flamingo falavam de um homem alto que tinham vislumbrado em meio à chuva naquela noite. Diziam que ele carregava uma mulher, mas não podiam afirmar com certeza, pois tudo de que podiam se lembrar era da forma estranha como seus olhos cintilavam. Também não podiam dizer bem como ele era porque seu corpo parecia cercado por uma luz... como se ele brilhasse com o fogo do Sol.

CAPÍTULO 10

— Ela precisa ser levada para o quarto! — Apolo berrou para o porteiro do hotel, o qual fitava com os olhos arregalados o espectro dourado que parecia ter surgido do nada na noite chuvosa. A aparição carregava o corpo úmido de uma pequena mulher calçando apenas um sapato.

— Os elevadores ficam ali no canto, senhor.

A confusão de Apolo diante das palavras estranhas se transformou em raiva. O que era, exatamente, um elevador?!

— Mostre-me onde fica o quarto dela ou vou esfolá-lo vivo! — rosnou, irado.

— Qual o número do quarto? — guinchou o rapaz.

— Mil cento e vinte e um — Pamela falou contra o ombro de Apolo.

Apolo olhou para o porteiro, e o rapaz assentiu, saindo em disparada à sua frente, através das portas giratórias.

O Deus da Luz apertou os dentes quando a caixa de metal em que entraram se fechou. O menino apertou um botão redondo onde se lia “11”, e este se iluminou conforme a caixa começou a se mover.

Apolo sentiu o estômago se contrair e segurou Pamela com mais força contra o corpo. Baco não explicara nada sobre aquela forma de transporte mecânica, e ele não estava gostando nem um pouco da experiência.

Por sorte, a jornada foi curta, e as portas se apartaram sem problemas.

Ele seguiu o rapaz por um corredor coberto por um tapete macio. Estatuetas decoravam nichos, e lustres pendiam do teto trabalhado.

Pararam em frente a uma porta que ostentava o número “1121” em metal dourado, e o porteiro olhou para Apolo. Apolo devolveu o olhar e o rapaz pigarreou, nervoso. Pamela entregou a pequena bolsa que ainda segurava junto ao peito ao menino.

— Está aí dentro.

Engolindo em seco, o rapaz abriu a bolsinha, extraiu dela o cartão-chave e o passou pela fechadura, abrindo a porta. Apolo entrou e bateu a porta atrás deles apenas com o pensamento.

— Devia ter dado uma gorjeta para ele — Pamela disse baixinho.

— Eu devia tê-lo esfolado, isso sim — murmurou o deus.

Hesitou na entrada da suíte, avaliando os arredores. Havia um quarto enorme com um divã, duas poltronas laterais, forradas de seda, e um imenso armário. Portas com pintura imitando mármore se encontravam semiabertas, revelando parte de uma cama gigantesca.

Decidido, ele rumou naquela direção.

Pamela gemeu quando ele a deitou em cima do grosso edredon de seda. Sentiu um arrepio no corpo e seus dentes começaram a bater.

— N-não sei por que estou d-de repente com tanto frio! — gaguejou, confusa.

Apolo sabia o porquê. Ela estava em choque. E ele não tinha curado seu tornozelo; apenas bloqueara temporariamente parte da dor.

Sentou-se na borda da cama devagar e tocou-lhe o rosto, querendo que ela relaxasse.

— Precisa descansar. Confie em mim. Vou dar um jeito nessa dor.

Ele observou conforme sua hipnótica sugestão fez as pálpebras dos olhos enormes e cor de âmbar começarem a pesar.

— Eu não... — Pamela começou, sonolenta, perdendo o fio do raciocínio em seguida. Ainda lutando contra a estranha letargia que tomara conta dela, piscou. — Estou molhada... Há toalhas ali... — Fez um gesto fraco na direção do banheiro.

— Primeiro o tornozelo.

Quando ela fechou os olhos e não mais os abriu, Apolo se ajeitou melhor na extremidade da cama.

Balançou a cabeça. Pamela se encontrava bastante ferida. Seu tornozelo estava com o dobro do tamanho normal e muito branco. Ele podia ver onde o osso se partira, fazendo que o pé delicado pendesse em um ângulo estranho.

Segurou o pé de Pamela entre as mãos e fechou os olhos, concentrando-se. Mapeou seu esqueleto mentalmente, sem pressa, revendo a posição de cada osso, músculo e nervo, e então viu a fratura.

Suas mãos começaram a se aquecer.

Que se faça a cura!, ordenou o Deus da Luz. *Que todo o sofrimento seja cessado e seu bem-estar retorne, livrando-a da dor.*

A intensidade do brilho entre as mãos de Apolo teria cegado Pamela caso estivesse ela consciente para testemunhar seu esplendor.

Porém, ela continuava desacordada. Dormiu durante o tempo todo em que Apolo reuniu seus vastos poderes para emendar seus ossos quebrados e pôr um fim à sua dor.

Muito mais tarde, quando ele terminou, enfim, levantou-se e foi para a pequena sala ao lado do quarto de dormir. Lá encontrou várias toalhas e um roupão branco e grosso.

Trouxe-os para junto de Pamela e hesitou. Ele poderia despi-la com facilidade, e ela não iria despertar. Estava certo disso.

O tecido molhado do vestido moldava o corpo esbelto, revelando as curvas suaves e os seios redondos. Ela era como uma terra exuberante aguardando por sua exploração...

Não. Sua mente se esquivou da ideia de ver o corpo nu sem seu consentimento ou conhecimento.

— Pamela? — chamou baixinho.

O chamado a fez despertar do transe induzido.

— Ahn?... — ela indagou, sentando-se e olhando ao redor. — O que aconteceu? Meu tornozelo... — Inclinou-se para a frente e depois parou, franzindo a testa. — Mas... ele estava péssimo, como se estivesse quebrado! Eu podia jurar que já estava inchado. Agora parece normal. — Num teste, flexionou e girou o pé em um movimento circular. — Está ótimo!

— Você só precisava descansar. Foi apenas uma entorse. — Apolo entregou-lhe uma toalha, e Pamela secou o rosto, distraída.

— Estou me sentindo uma idiota. Você me carregou até aqui, e debaixo de chuva.

— Eu sou médico. Apenas fiz meu trabalho.

Pamela o fitou. Febo estava ensopado, a camisa grudada aos músculos do peito como seda líquida, o cabelo se enrolando em gavinhas úmidas em torno da testa.

E aqueles olhos!... A letra da música de Faith Hill os descrevia com perfeição: impossíveis, irrefreáveis, inimagináveis, insondáveis.

— Pelo visto foi sorte minha tê-lo por perto. — Com um esforço, ela desviou o olhar do dele e, apanhando uma toalha, começou a secar o cabelo com mais entusiasmo do que o necessário.

Apolo a observou. Pamela estava molhada, desgrenhada; o cabelo, uma verdadeira bagunça. Tinha as roupas encharcadas e continuava apenas com um sapato, que agora manchava o edredon cor de marfim.

Sentiu o coração se apertar. Nunca se sentira tão atraído por uma mulher, mortal ou deusa, em toda a sua existência.

— É melhor eu ir embora — falou de súbito.

Pamela espiou através de uma dobra na toalha.

— Já? — Olhou para o relógio molhado que, por sorte, era à prova de água. Já passava das quatro da madrugada. — Nossa, eu não sabia que era tão tarde!... — comentou, lembrando a si mesma que Febo era um estranho e que, embora as chances de ele ser um estuprador ou um *serial killer* fossem mínimas — principalmente depois de ele tê-la “salvado” —, estavam sozinhos naquele quarto de hotel, no meio da noite. A situação tinha todos os ingredientes daqueles filmes baratos que nunca acabavam bem.

— Sim, já é tarde. — Ele não queria ir; por isso mesmo sua consciência lhe dizia o contrário.

— Sua irmã deve estar preocupada e se perguntando o que aconteceu com você.

Apolo empalideceu.

— Nem imagina o quanto.

Sua expressão fez Pamela sorrir.

— Ah, imagino, sim. Meu irmão costumava ficar andando de um lado para o outro e berrar comigo feito um alucinado por eu ficar fora até tarde e deixá-lo preocupado.

Ele torceu os lábios.

— Ela certamente vai querer saber o que me tomou tanto tempo.

Pamela inclinou a cabeça para o lado, num gesto que Apolo aprendera a gostar, pois já se tornara familiar.

— E o que vai dizer?

— Vou dizer que me atrasei por conta de um incidente. — Ele caminhou até ela e, com um movimento fluido, ajoelhou-se a seu lado, na cama, tocando-lhe o tornozelo com cuidado. Acariciou-o, então, deixando os dedos avançar um pouco mais, até a panturrilha, e sentiu, mais do que viu, Pamela respirar fundo. — Um delicioso e inesperado incidente...

Pamela engoliu em seco. Ela mal podia respirar quando Febo a fitava e tocava daquela maneira. Queria tanto pedir que ele não fosse embora, que passasse o restante da noite ali com ela!...

Sentiu o estômago se apertar. Não devia desejá-lo tanto, nem tão depressa. Afinal, Febo era um estranho. Um estranho lindo, *sexy*... maravilhoso.

Apolo reconheceu as emoções desfilando, claras, em seu rosto. Era óbvio o que Pamela queria. Via o desejo em seus olhos. Poderia tê-la, poderia tomá-la nos braços e completar sua sedução. Era isso o que ele deveria fazer. Era o que Ártemis esperava e o que ele tinha planejado. Pamela não havia dito que desejava fazer amor ao expressar seu desejo em voz alta e completar a invocação, porém tal necessidade se encontrava patente em suas palavras. Ele a reconhecera, assim como Ártemis. Dessa forma, de modo a cumprir a invocação, ele precisava fazer amor com ela.

Mas e depois?

O súbito pensamento soprou em sua mente como uma inesperada tempestade de inverno. Talvez a invocação tivesse lançado algum tipo de feitiço sobre Pamela, e o desejo que ele via em seus olhos fosse apenas o resultado de uma poderosa magia das ninfas. Se isso fosse verdade, tão logo eles fizessem amor, o feitiço seria quebrado e ela não mais o desejaria. Deixaria de olhar para ele com aqueles olhos inteligentes, expressivos, que se tornavam da rica cor do mel quando ele despertava sua paixão terrena.

O pensamento o abalou a ponto de deixá-lo perdido e enjoado, e Apolo se pôs de pé.

— Preciso ir. Não... — Fez sinal para que Pamela continuasse na cama quando ela fez menção de se levantar. — Precisa poupar esse tornozelo. Durma com o pé elevado esta noite, e amanhã será como se esse acidente nunca tivesse acontecido.

Pamela sentiu o peito se apertar quando Febo virou-se para a porta. Ele havia dito que explicaria sua ausência para a irmã como um acidente. Estaria dizendo que o encontro deles

fora isso?... Que, após aquela noite, não iriam se ver outra vez?

— Então, amanhã será como se esse *acidente* nunca tivesse acontecido com você, também?

Só percebeu que expressara seu pensamento em voz alta quando as palavras o detiveram. Febo se voltou, e seus brilhantes olhos azuis pareceram cintilar ainda mais. Ele levantou a mão que pouco tempo antes acariciara seu tornozelo e a exibiu para ela com a palma aberta.

— Amanhã eu ainda vou sentir sua pele contra a minha. Vou continuar com o seu gosto na boca. Amanhã o vento ainda vai trazer seu perfume até mim... Como eu poderia me esquecer?

— Então eu o verei de novo — ela concluiu, meio sem fôlego.

— Eu não ficaria longe de você nem mesmo se quisesse. E eu não quero. Estarei no nosso café outra vez, amanhã, na mesma hora em que nos encontramos esta noite. Até lá, minha doce Pamela, só vou pensar em você.

Quando Febo deixou a suíte, Pamela sentiu como se, de repente, o Sol tivesse caído do céu. Olhou para o relógio e começou a contar as horas até o momento em que o veria novamente.

Ártemis esperou no corredor escuro que se originava de uma discreta entrada de serviço do Caesars Palace. Aguardou ao lado da porta de um suposto armário que, na verdade, era o portal que conduzia a outro mundo.

Cruzou os braços e suspirou. Havia dito a Apolo que esperaria por ele no Olimpo, mas, conforme a noite minguara, fora ficando cada vez mais inquieta. Era tarde, já estava quase amanhecendo, e ela ainda sentia as amarras que a atrelavam à mortal.

Por que o Deus da Luz estava demorando tanto tempo para seduzi-la?

Um homem alto, vestido com roupas encharcadas, dobrou uma esquina e se aproximou dela. Sem pensar duas vezes, Ártemis levantou o dedo a fim de forçá-lo a fazer meia-volta e usar outra saída, mas o estranho a surpreendeu, caindo na risada.

— Seus truques não funcionam comigo, minha irmã — declarou Apolo.

Ártemis arregalou os olhos ao reconhecê-lo.

— Apolo? Pelas barbas de Zeus! O que aconteceu com você?

Ele deu de ombros e tirou a camisa molhada.

— Um acidente.

— Acidente!? Mas... e quanto aos seus planos de sedução?

— Vão bem, obrigado.

— Bem! — Ártemis quase gritou de frustração. — Como podem estar indo bem se eu ainda sinto o vínculo da invocação?

— Essas coisas levam tempo, Ártemis. Pamela não é uma cidade para ser dizimada, ou uma fortaleza a ser atacada e saqueada. É uma mortal que deseja romance.

— Sei muito bem disso. O que não entendo é por que ainda não a levou para a cama.

— Porque não é o que ela deseja verdadeiramente — respondeu Apolo.

Os olhos de Ártemis se estreitaram diante do tom estranho e contido na voz do irmão.

— Ter o Deus da Luz em sua cama não é o que ela deseja de verdade? Acho difícil de acreditar.

Apolo suspirou.

— O que diria se eu lhe dissesse que dormir com Pamela esta noite também não é o que eu desejo?

Diria que isso era mais fácil de compreender, pensou Ártemis. Ela havia imaginado que Apolo achara a mortal atraente, mas, pelo visto, ele mudara de ideia.

— Bem — ela recomeçou devagar —, isso tudo é culpa de Baco, portanto ele vai ter que dar um jeito nessa história. Talvez possa usar o mais potente de seus vinhos para induzi-la a um estado de desejo. Ele também é um deus, e suponho que já tenha seduzido mortais antes, por mais repulsivo que possa ser imaginá-lo envolvido em tal ato.

— *Não!* — a palavra pareceu explodir de Apolo. — Aquele infeliz não vai tocá-la!

Ártemis franziu as sobrancelhas finas, confusa.

— Apolo, seja claro! Em um momento diz que não deseja a mortal, e, no seguinte, está pronto a defendê-la de outro deus, como se fosse aquele tolo do Paris, e ela, sua Helena!

— Eu disse apenas que não queria ir para a cama com Pamela esta noite; não que eu não a deseje. A moça se feriu — ele deixou escapar quando a irmã o fitou em silêncio. — E, logicamente, eu a curei... Sem seu conhecimento — acrescentou depressa, antes que Ártemis falasse alguma coisa. — Levá-la para a cama em seguida seria abominável.

Os olhos penetrantes da deusa viram o desconforto velado no rosto de seu irmão. Apolo não estava sendo honesto. Não com ela e, talvez, nem mesmo consigo.

De qualquer forma, ela poderia afirmar, apenas pelo modo como ele cerrava o maxilar, que o deus não lhe revelaria mais nada.

— Amanhã?

Apolo assentiu com firmeza.

— Amanhã.

— Muito bem. Então vamos para o Olimpo. Creio que eu já esteja cansada do mundo mortal.

Apolo abriu a porta do armário e fez um sinal para que ela o precedesse através do portal brilhante, que cintilava com as cores de uma concha. Estava voltando para o mundo deles, contudo não tinha a menor intenção de se retirar para o Olimpo.

Assim, deu um boa-noite distraído para a irmã e se transportou para o único lugar em que, sabia, poderia encontrar ajuda.

CAPÍTULO 11

Fora uma surpresa, tanto para Apolo como para o restante dos olímpicos, descobrir que a deusa que havia ganhado o coração supostamente frio de Hades não era uma deusa. Que Deméter trocara a alma de sua filha, Perséfone, pela de Carolina Francesca Santoro, uma mortal do mundo moderno. Deméter quisera domar sua despreocupada filha, e a troca lhe parecera uma excelente oportunidade para amadurecer Perséfone, assim como apresentara outro excelente benefício secundário: o de a empresária mortal, muito mais madura, trazer ao Submundo sua presença calma e feminina.

Já o senhor do Submundo cair de amores pela mortal disfarçada de deusa fora um desfecho inesperado.

Apesar de que, pensou Apolo, tão logo ele conhecesse Carolina ou Lina, como Hades a chamava, não demorara muito a compreender por que o Deus do Submundo ficara tão apaixonado pela moça. Lina era sábia e dona de uma exuberância única que brilhava como um farol de dentro dela.

Apolo sorriu. Ele sempre se sentira atraído pela risada de Lina, e agora entendia por quê. Seu riso carregava o som de sua alma mortal na voz do corpo que ela habitara por algum tempo: o da deusa Perséfone. E, dentro dessa alma mortal, ele escutava o eco da alegria terrena de Pamela.

— Quer dizer que a mortal já o conduziu para o inferno...

— Carolina, não o perturbe. — Hades sorriu com carinho para sua alma gêmea.

— Está exibindo o seu lado sensível de novo, meu amor — provocou Lina no tom zombeteiro que apenas ela poderia usar com o Deus do Submundo.

Hades bufou.

— Não é que eu seja sensível. Simplesmente compreendo muito bem o caos que uma mortal moderna pode causar na vida de um deus...

Lina ignorou de propósito as palavras do marido e voltou a atenção para Apolo. O deus dourado tinha descartado a roupa molhada com que chegara e agora vestia uma das confortáveis vestes de seu marido. Ela e Hades, por sua vez, descansavam em seu cômodo particular e bebiam ambrosia.

Apolo os visitava com frequência desde que se tornara do conhecimento de todos que uma mortal se transformara na Rainha do Submundo; e os três haviam se tornado grandes amigos. O Deus da Luz devia estar relaxado e se sentindo em casa na companhia deles, mas, ao contrário, seus nervos pareciam estar à flor da pele. Ele não conseguia ficar sentado. Andava, inquieto, diante da imensa janela que dava para os belos jardins da parte de trás do palácio,

sem prestar atenção à bela vista.

— Não sei com o que está tão preocupado. Pelo que nos disse, Pamela me parece muito interessada em você — concluiu Lina.

— É exatamente disso que não tenho certeza! É em mim que ela está interessada, ou se trata apenas desse maldito poder da invocação?

— Isso é fácil de descobrir — opinou Hades. — Basta fazer amor com Pamela. Se ela sumir da sua vista depois, era o feitiço que a atraía. Do contrário é você mesmo.

Apolo fez uma careta, sem saber por que estava tão pouco disposto a testar o carinho de Pamela. Não seria mesmo simples? Por que a ideia fazia seu estômago se contrair?

— É assustador, não é? — A voz suave de Lina interrompeu seu turbilhão interior. — Trata-se de algo que nós, mortais, conhecemos muito bem: o medo da rejeição. No entanto, para conhecer o amor verdadeiro, precisa estar disposto a se abrir para a possibilidade de ser magoado. Eu gostaria de ter uma solução menos difícil, mas não tenho.

— Então é sempre difícil assim.

Lina sorriu, compreensiva, diante da expressão sofrida do deus dourado.

Sentado a seu lado, Hades deslizou a mão para a dela e, por um momento, eles partilharam um olhar.

— Só é difícil assim quando gosta mesmo da pessoa — ela enfatizou.

O rosto de Apolo empalideceu.

— Posso me apaixonar por ela? — Ele articulou as palavras como se tivesse acabado de dar nome a uma nova praga.

Lina assentiu com um gesto de cabeça, tomando o cuidado de segurar a risada que ameaçava escapar. Pobre Apolo!... Ele estava tão arrasado!

— Receio que sim.

— Anime-se! — incitou Hades. — Amar uma mortal não é tão terrível assim.

— Que bom que disse isso — Lina emendou, travessa.

Hades apenas riu e a beijou no topo da cabeça.

— Ela não sabe quem eu sou — Apolo prosseguiu, tenso. — Pamela pensa que sou um médico e músico mortal. Talvez não seja o feitiço. Talvez ela possa se apaixonar por mim também.. Mas isso não vai mudar quando ela descobrir que estou fingindo ser alguém que não sou?

— Não permita que ela fuja de você. — A voz de Hades tornou-se grave, e sua mão apertou a de Lina conforme ele se lembrava de como quase a tinha perdido por conta do próprio orgulho.

— Apolo, precisa ter certeza de que está mostrando a ela seu verdadeiro “eu” — aconselhou Lina, escolhendo cuidadosamente as palavras. — Essa é a parte mais difícil

quando se ama alguém. Tem que se desnudar para que dê certo. Se conseguir fazer isso, de repente vai perceber que não é um deus, um médico ou um músico, mas apenas um homem apaixonado. E se ela corresponder ao seu amor, também vai se dar conta disso.

— E se não corresponder? — Apolo perguntou.

Lina respondeu com sinceridade:

— Se não corresponder, vai ficar magoado.

— Vale a pena arriscar — afirmou Hades, encontrando o olhar da amante. — A chance de se conhecer o verdadeiro amor vale qualquer coisa.

Em resposta, Lina lhe tocou o rosto em uma carícia suave.

Apolo observou o casal. Às vezes Lina e Hades pareciam se falar numa linguagem secreta. Eles se entendiam como se tivessem sido feitos um para o outro.

Por todos os deuses!, Hades havia mudado muito desde que Lina entrara em sua vida. Era como se amá-la tivesse descortinado um mundo novo para ele. Se uma vez o Deus da Escuridão fora ensimesmado e retraído, agora parecia em paz, até mesmo afável. Lina tinha transformado Hades em um ser mais completo.

E ele, Apolo, desejava aquela mesma completude.

— Vou dar um fim a essa história — proclamou, decidido. — Farei amor com Pamela. Se for apenas o feitiço o que a faz se sentir atraída por mim, preciso saber.

Apolo parecia disposto a aceitar o desafio, concluiu Lina.

Então seu rosto mudou mais uma vez, e ele passou a mão pela testa como se pudesse, com isso, afastar suas preocupações.

— Mas, se não é um feitiço, como faço para manter o afeto de Pamela? — Ele piscou, confuso, voltando-se para ela. — O que desejam as mortais modernas, afinal?

— Isso não é mistério nenhum, Apolo. — Lina sorriu. — Desejamos a mesma coisa que você deseja, o mesmo que Hades quer: alguém que nos ame como somos realmente, sem disfarces, sem fingimentos, sem nenhum tipo de jogo. — Ela se levantou e aproximou-se do deus dourado, colocando a mão em seu braço. — Consegue fazer isso, amigo? Não é como correr atrás de ninfas e deusas. Aliás, é bem menos encantador.

Apolo pensou sobre como o mundo tinha desaparecido quando Pamela relaxara em seus braços, e como a crescente confiança em seus olhos o fizera sentir-se mais divino do que todas as glórias do Olimpo. Em seguida, pensou no terror que experimentara ao vê-la desabar bem na frente das máquinas de metal. Se ele não tivesse usado seus poderes, Pamela teria sido esmagada, morta...

Passou a mão pela testa outra vez.

— Estou cansado de encantamentos. Acredito que prefiro o amor — falou baixinho.

— Boa escolha, querido. — Na ponta dos pés, Lina deu-lhe um rápido e fraterno beijo. —

Ah... Creio que deva dizer a Pamela quem você é o mais breve possível. — Lançou um olhar de soslaio para Hades. — Acredite, é melhor partir logo para a verdade.

— Sim, sim, farei isso. — Distraído, Apolo não parecia ouvi-la. — Obrigado, meus amigos. — Ele lhe afagou a mão e, depois, se afastou dela, preparando-se para se transportar de volta a seu palácio olímpico. — Talvez eu devesse levar um presente para ela... — Suas palavras flutuaram através da câmara conforme seu corpo oscilou e, em seguida, desapareceu.

— Creio que o coração do Deus da Luz já será um bom presente — Lina murmurou, soltando um pesado suspiro.

Hades encolheu um ombro.

— Uma joia nunca foi má ideia.

Pamela acordou aos poucos. Esticou-se e, em seguida, abraçou o travesseiro, sonolenta, pensando que algo maravilhoso estava para acontecer naquele dia. Em meio ao estado de vigília e o sono, entretanto, não conseguia se lembrar muito bem do que era.

Sentia-se maravilhosa. Tinha o corpo descansado, mas, ainda assim, encontrava-se cheia de ansiedade.

Um facho de luz irrompeu por entre as cortinas de brocado que estavam quase cerradas, brincando em suas pálpebras e fazendo-a se lembrar de raios dourados de sol, de calor... e de olhos brilhantes, da cor da água-marinha.

Em seguida, ela recordou a noite anterior, beijos na chuva... *Febo!*

Seus olhos se abriram.

Merda! Como podia ter se esquecido? Iria encontrá-lo naquela noite, às oito horas.

Olhou para o relógio de cabeceira e sentou-se na cama. Era quase meio-dia! Ela, uma madrugadora, dormindo até a hora do almoço?...

Bem, também fora uma mulher que tinha evitado homens e romance por vários anos, e se lembrava bem de, na noite anterior, ter derretido nos braços de um estranho.

Abraçou os joelhos contra o peito, sentindo o coração bater de emoção. Não era nenhuma bruxa velha. Era jovem e estava viva! Aproveitara uma oportunidade e se dera bem. E que oportunidade!...

Um arrepio delicioso lhe percorreu o corpo conforme se lembrava de como se sentira quando Febo a envolvera nos braços. E aquela boca!... O beijo dele ficara gravado nela, desde seus lábios até os dedos dos pés.

E se ele era tão bom beijando, como não seria fazendo outras coisas?...

O telefone tocou, arrancando-a do sonho erótico.

— Olá, Ve — falou, sem olhar para o número de identificação no visor.

— Está sozinha? — Ve quis saber num calculado sussurro.

— Sim. — Pamela mordeu o lábio, e acrescentou: — Infelizmente.

— *Oh-Oh*. Olhe só como está a mulher!

— Ve, estou me sentindo viva outra vez! É como se eu houvesse me transformado em um deserto, e ele fosse uma chuva morna de primavera... E vou lhe dizer, estou pronta para me entregar. — Pamela suspirou, feliz.

— Está boba pelo homem.

— Completamente. Tem razão. Estou encantada, inebriada de paixão! E, *caramba*, como isso é bom!... Ah, deixe-me tirar isso da frente de uma vez. Preciso admitir em voz alta e sem qualquer pressão... Você estava certa — ela cantarolou, alegre.

— Espere, estou me beliscando... Sim, está doendo! Eu não estou sonhando! Claro que eu estava certa! E não está mais bêbada, está?

Pamela riu.

— Eu nunca estive assim, tão alcoolizada. Fiquei alegre apenas o suficiente para fazer o que me aconselhou. E, *ah...* foi maravilhoso!

— Detalhes sórdidos, por favor! Conte-me tudo.

— Fomos para as fontes do Bellagio. Primeiro eles tocaram uma música romântica de uma ópera que Febo...

— *Febo*? — Ve a interrompeu.

— É o nome dele. Ele é grego, romano, latino... sei lá. Sabia que Pamela significa “tudo o que é doce” na língua grega?

— Pammy, está perdendo o foco. Comece de novo. O nome dele é Febo e...?

— Ah, sim... Primeiro tocaram essa música de ópera. Ele sabia a letra e, *Deus!*, foi muito romântico. — Ela suspirou.

— Você já disse isso. Conte mais!

— Começou a chover e nós corremos para debaixo de uma árvore. Não vai acreditar nessa parte... Estávamos ali e... Ve, eu já disse como ele é lindo?

— *Concentre-se, por favor!*

— Desculpe. De qualquer forma, estávamos ali de pé e a fonte começou a jorrar de novo, com Faith Hill cantando *This Kiss*!

— Está brincando.

— É sério! E então aconteceu.

— Transaram ali mesmo, na rua?

— Não! Estávamos na calçada, e não transamos coisa nenhuma, apenas nos beijamos.

— Em seguida foram para o seu quarto e copularam como dois coelhos heterossexuais tarados?

— *Não!* — Pamela limpou a garganta e teve o desejo insano de sussurrar o restante da história. — Mas ele me carregou até o quarto.

— Quer dizer como Rhett e aquela gostosa da Scarlett?

— Exatamente assim. Só que eu torci o tornozelo, e estava chovendo.

— Caiu dos *scarpins*.

— O que prova como esse cara me tira do prumo porque, como você mesma sabe, eu poderia correr em uma pista de gelo com um salto sete! — afirmou Pamela, presunçosa.

— Ele bancou o cavaleiro numa armadura reluzente — um clichê, a propósito, que vocês, meninas *hetero*, adoram — e ainda não dormiu com o pobre tripode?

— Ainda não — Pamela concordou sem fôlego.

— *Ainda?* Entregue o restante da história!

— Temos um encontro esta noite. *Tcharam!*... — ela terminou com o floreio verbal.

— Não brinque...

— Brinco.

Ve, uma namoradeira contumaz, foi direto ao assunto:

— Está bem. Qual é o plano?

— Acho que poderíamos ir jantar — ponderou Pamela.

— Pammy, está em Las Vegas. Pode fazer melhor do que isso.

— Por favor, não me diga que temos que jogar primeiro...

O suspiro da outra moça foi longo e sofrido.

— Claro que não! Vegas é a Meca dos shows fabulosos. Vão assistir a algum, de preferência um bem *sexy*.

— É uma boa ideia, mas... Eu não deveria esperar para ver o que ele planejou?

— Pammy, sabe que eu sou sua amiga, então, por favor, não leve isso para o lado errado... Está disposta a entrar em outro relacionamento em que o homem sempre assume a liderança?

— Não! — a palavra saiu em um lampejo de raiva. — Não quero nada parecido com o que Duane e eu tivemos. Não sou mais aquela menina boba com quem ele se casou.

— Você não era boba, Pamela. Era apenas imatura e estava apaixonada. Cometeu um erro, e isso acontece com todo o mundo.

— Pois não vai acontecer comigo de novo — Pamela declarou com firmeza.

— O quê? Apaixonar-se ou ser imatura?

Pamela abriu a boca para dizer “as duas coisas”, mas depois se lembrou do azul suave dos olhos de Febo e do interesse e desejo com que ele a fitava. Também se recordou de outra coisa que tinha quase certeza de ter visto em seus olhos, em sua voz e na maneira como ele a tocara: uma busca familiar que chegara a seu coração, assim como à sua alma.

Almas gêmeas.

O pensamento pairou como o perfume das flores de primavera em sua mente.

— Eu não sou mais tão jovem — lembrou, contida. — Não há como eu me apaixonar em

um fim de semana.

Vernelle riu.

— Continue a dizer isso para si mesma, Pammy.

Pamela franziu a testa.

— Preciso desligar. Tenho muito que fazer antes desta noite.

— Por exemplo...?

— Desenhar essa fonte horrorosa, de modo a ter algo para enviar aos *Meninos das Fontes*.

“Meninos das Fontes” era como Pamela e Ve chamavam os irmãos que possuíam um enorme atacado de fontes, o qual a Ruby Slipper usara diversas vezes para atender a pedidos contendo todos os tipos de aparato envolvendo água. — Estou aqui para trabalhar, lembra-se?

— Pensei que Faust tivesse dito para aproveitar o fim de semana e estudar o ambiente do Fórum.

— Isso não significa que eu possa ignorar o trabalho. O que me fez lembrar: vai se encontrar com a sra. Graham hoje?

— Sim, claro. A mulher dos gatos e eu temos uma reunião esta tarde. Vamos discutir a cor de suas janelas. Reze por mim.

Pamela riu.

— Vou ver se consigo encontrar uma vela para acender.

— Muito bem, já chega de falar sobre trabalho a ser feito. Devia estar à toa, não trabalhando.

— Verdade. Acho que já absorvi o suficiente desta *breguice* romana. Quanto antes eu começar este trabalho, mais cedo me livrarei dele.

— Fantasia e diversão, lembra-se?

— Vernelle, esta noite vou sair com um lindo estranho chamado Febo. Isso não é fantasia e diversão suficiente para você?

— Misture um pouco dessa sua arrogância com o trabalho, sem perder o senso de humor, e creio que terá a receita perfeita para ter sucesso tanto com E. D. Faust, como com Febo. Divirta-se com ambos, Pammy.

Diversão, Pamela repetiu em pensamento. Sua vida pessoal tinha definitivamente deixado de ser divertida. Era confortável, segura, mas divertida, feliz, alegre?... Não.

Seu trabalho também deixara de ser prazeroso? Ela gostava do que fazia e estava satisfeita. Mas qual fora a última vez em que havia sentido uma onda de alegria na conclusão de um projeto?... Não conseguia se lembrar.

O pensamento a fez sair do ar.

— Pammy? Ainda está aí? — Ve perguntou.

— Sim. Eu só estava pensando.

— Que tal reservar à fonte uma hora de seu tempo, depois chamar a *concierge* e pedir que ela providencie as entradas para um espetáculo?

— Ok, ok. Tem razão — ela anuiu.

— E amanhã eu quero um relatório completo!

— Você o terá.

— Ótimo. *Bye-bye, passarinha* — Ve brincou antes de desligar.

Pamela esfregou o sono dos olhos. Tomara ela tivesse algo para relatar no dia seguinte.

Antes que mudasse de ideia, discou nove para a recepção, e uma mulher de tom eficiente atendeu ao segundo toque.

— Sim, srta. Gray. Como posso ajudá-la?

— Eu gostaria de assistir a um show esta noite. — Pamela fez uma pausa e respirou fundo.

— Um espetáculo erótico. Mas nada muito desagradável — completou depressa.

— Claro que não, senhora. Recomendo um show que está no hotel New York, New York. É da mesma empresa que produz o *Cirque du Soleil*. Já ouviu falar deles?

— Sim, eu assisti a um espetáculo do *Cirque du Soleil* quando eles foram a Denver.

— Excelente. Essa produção se chama *Zumanity*. É bem erótica, mas de muito bom gosto.

Eu mesma vi e gostei muito. Na verdade, as entradas devem estar esgotadas, mas o hotel tem acesso a alguns *tickets* extras.

— Perfeito. — Pamela suspirou, aliviada por tudo estar se encaixando tão facilmente.

— De quantos ingressos vai precisar?

O sorriso de Pamela telegrafou através da linha telefônica.

— De dois, por favor.

CAPÍTULO 12

Pamela mudou o peso do corpo e sentou-se sobre os pés, concentrada em desenhar a fonte.

Ou melhor, a *sua* versão da fonte. Manteve a forma de trevo desta, porém diminuiu seu tamanho e ignorou as horríveis estátuas de Ártemis, Apolo e César, substituindo-as por lindas espirais que pareciam ondas, do meio das quais peixes jorravam água.

Olhou para a estátua gorducha no centro e suspirou. Não importava o quanto ela “consertasse” aquela coisa *gimensa*; não havia como transformar Baco em algo aceitável. Muito menos com Eddie insistindo para que a escultura fosse animada.

Sentiu os dedos, que antes voavam sobre a página do bloco, diminuírem o ritmo. Desenhou um pedestal central, porém deixou o espaço onde o Deus do Vinho se sentava vazio. Decerto poderia convencer Eddie a aceitar algo menos... — franziu a testa para a estátua — ... menos gordo e hediondo.

Olhou para o relógio. Três e meia. Ainda tinha quatro horas e meia até o encontro.

Precisava pegar a câmera e tirar fotos das colunas, bem como fazer anotações sobre cores e texturas. Todo esse trabalho preliminar seria necessário na segunda-feira, quando ela se encontraria com Eddie na casa dele, enfim.

Deveria se concentrar na tarefa, contudo, sua mente insistia em vagar por coisas mais prazerosas. O dourado das colunas ornamentadas lembrava o brilho do cabelo de Febo. Agora que não precisava mais se preocupar com o esboço da fonte, seus pensamentos, volta e meia, se concentravam nele. Mesmo o céu de mentira, com nuvens macias revolvendo, lembravam seus olhos.

Inferno, até aquela estátua *cafona* de Apolo se parecia com ele de alguma forma! Era como se Febo fosse uma daquelas luzes brilhantes que atraíam insetos, e ela, uma mariposa apaixonada!

Estava obcecada. Sabia disso. E mais do que decepcionada por perceber que, na verdade, não se importava com seu estado. Pelo contrário, sentia-se como quando lia um livro maravilhoso: como se estivesse vivendo a vida de outra pessoa e desfrutando cada segundo.

Seu sorriso foi lento e muito, muito sensual. Talvez ela devesse mesmo jogar. Sentia-se, sem dúvida, com muita sorte.

Como se ecoando seus pensamentos, uma moça esbelta se aproximou da fonte, falando, excitada, com uma amiga.

— Acredita na nossa sorte? *Meu Deus!* Tropeçar na liquidação anual da *Chanel!*

Liquidação da *Chanel*? Os ouvidos de Pamela se aguçaram.

— Pensei que eu fosse desmaiar quando vi o preço daquele vestido! — Carregando sacolas

abarrota das de compras, as duas mulheres passaram, rindo, por seu banco.

Pamela lançou à fonte um último olhar de desprezo e quase riu alto. Devia ser o destino... ou talvez um presente dos deuses. Ela iria comprar um novo e fabuloso vestido Chanel para usar naquela noite, iria a um show erótico com um *pedaço de mau caminho*, e podia até mesmo fazer sexo com ele depois!

Sentiu o estômago se apertar.

Esqueça isso, está se precipitando!

Respirou fundo.

Ora... Poderia, mesmo, ficar com Febo depois. Um bom *amasso* não estava fora de questão. Fechou o bloco e o guardou na pasta de couro.

Vermelho. Iria comprar um vestido vermelho que deixasse as pernas de fora. Podia até mesmo ir a uma pedicure.

Sim, iria fazer isso. Esmalte vermelho nos pés era uma necessidade numa situação daquelas.

Decidida, Pamela rumou para o paraíso da alta-costura, cantarolando baixinho.

Baco tamborilou os dedos na mesa do restaurante. As coisas não estavam indo como ele planejava.

— Traga-me outra tequila! — rosnou para uma garçonete que passava, arrependendo-se em seguida quando ela se encolheu sob o calor de sua ira e quase derrubou várias cadeiras na pressa para chegar ao balcão e fazer o pedido. Já era ruim o bastante que os jovens olímpicos o estivessem aborrecendo. Fazer que ele descarregasse sua irritação em pessoas inocentes de seu reino era inaceitável.

Afinal, aquele ainda era o *seu* reino.

A atendente voltou correndo para a mesa, trazendo a tequila.

— Sinto muito, eu devia ter prestado mais atenção ao senhor. Não foi minha intenção fazê-lo esperar tanto pelo seu drinque.

Baco sorriu e tocou a garçonete no braço, transmitindo-lhe uma dose de magia. No mesmo momento, o olhar aterrorizado da moça desapareceu, suas faces coraram e seus lábios se entreabriram, sedutores. Como ela podia tê-lo considerado um estranho assustador e obeso? A raiva do homem não era tão palpável, e ele não era assim, tão gordo. Era apenas grande, e ela gostava daquele tipo. De verdade.

Um estranho calor emanou dos dedos dele, fluindo por seu braço e percorrendo seu corpo. Sentiu os nervos formigarem e suas partes mais íntimas ficarem úmidas.

Fitou os olhos escuros e se inclinou para mais perto do homem, desejando que ele tirasse a mão de seu braço e a deslizasse para o meio de suas pernas...

Baco riu e acariciou a carne firme do braço da menina.

— Mais tarde, esta noite, irá à minha suíte. Apenas pense em mim, e seu desejo a levará ao quarto certo.

Apenas após ter a certeza de que seu comando fora plantado no subconsciente da moça, o deus rompeu o contato com sua pele.

A garçonete estremeceu com um intenso prazer.

— Sim! — gemeu, enlevada.

— Agora, caia fora. — Ele gesticulou, e um véu pareceu se erguer dos olhos dela.

A moça piscou e sorriu para ele, hesitante.

— Há mais alguma coisa em que eu possa servi-lo, senhor?

— Mais tarde, talvez.

Ela se afastou devagar, parecendo ainda meio atordoada.

Baco estudou com atenção as nádegas arredondadas, imaginando como seria senti-la sob ele naquela noite. Ela era deliciosa, jovem, tenra... e agora estava apaixonada. Afinal ele era um deus; podia facilmente ter certeza de sua adoração.

Mortais modernos precisavam adorá-lo. Ele estaria fazendo à jovem um favor ao adicionar a inebriante magia do vinho e da fertilidade à sua vida mundana.

No entanto, ele era o único deus que tinha o direito de usar seu poder em meio a eles. Las Vegas fora descoberta sua, portanto ELE NÃO PARTILHARIA SEU REINO! Muito menos com os gêmeos dourados. Ele sempre os desprezara por sua perfeição e sua displicente arrogância sobre tudo. Apolo e Ártemis não haviam se contentado em permanecer no Caesars Palace e em jogar ao lado dos mortais. Tinham encontrado o caminho para seu lugar predileto: a fonte do Fórum.

Sim, pensou Baco. Ele usara seu poder imortal por meio das ninfas com a intenção de chocar os gêmeos. Visara de propósito àquela mortal reprimida e a levara a beber o suficiente de seu vinho para dar sequência aos eventos que permitiriam a conclusão da invocação.

Conhecia o temperamento de Ártemis. Todos no Olimpo conheciam. E tinha certeza de que a diva iria fazer algo para impedir a evocação, principalmente quando ele usara sua caricatura de Deusa da Caça de um modo tão desrespeitoso. Agindo contra ele, aqueles dois deuses inferiores acabariam por trair a si mesmos no mundo moderno.

Que espetáculo inebriante não teria sido!

Claro que testemunhar a ira de Zeus também teria sido ótimo. Depois que as nuvens de tempestade houvessem se dissipado do Olimpo, ele, Baco, poderia ter deslizado pelo portal esquecido e, mais uma vez, ficado sozinho em sua magnífica Las Vegas para reinar sem restrições ou regras que limitassem seus desejos.

Mas nenhum dos gêmeos havia interrompido a invocação, e a mortal invocara Ártemis para cumprir seu desejo mais sincero de verdade.

E Apolo começara a cortejá-la! Ele os vira namorando pelo restante da noite. Tinha certeza de que o Deus da Luz não estava usando nenhum de seus poderes imortais para seduzir a mulher.

A raiva se avolumou dentro de Baco. Apolo nem precisava usar seus poderes e seduzir com magia. Era dono de um corpo musculoso e dourado que denotava uma beleza masculina muito acima dos padrões mortais. Não era justo que o Deus da Luz fosse tão bem-dotado!

Cerrou o maxilar. Persuadira o céu do deserto a enviar uma tempestade para arruinar o encontro daqueles dois, mas também não dera certo. Por isso cutucara a desavisada mortal, fazendo-a prender o salto na calçada. Ela devia ter ido parar no meio do tráfego, e o deus dourado ter traído sua presença na tentativa de salvá-la. Porém, Apolo conseguira frustrar o acidente que ele orquestrara sem que os mortais de Las Vegas percebessem que havia um poderoso imortal entre eles.

Aquele insuportável!

Mas ele não toleraria outro deus usurpando seu lugar.

Lembrou-se do beijo apaixonado que Apolo e a mortal tinham trocado, e da forma como este a carregara em meio à chuva, como se fosse um herói. A moça era o que mantinha o interesse do Deus da Luz em Las Vegas. Mas quem poderia adivinhar por quanto tempo ele ficaria brincando com a mortal? E se, depois que Apolo se cansasse dela, o deus descobrisse que adquirira um gosto especial pelas mulheres modernas?, questionou Baco. Afinal, ele mesmo desenvolvera tal gosto.

Engoliu um último trago da potente bebida. Não. Isso jamais aconteceria. Ele não iria suportar ver Apolo seduzindo suas mortais.

Mas como poderia se livrar do Deus da Luz? Não era tarefa fácil. Apolo, decerto, não iria trair a si próprio e se revelar uma divindade, atraindo a ira de Zeus. E nem ele nem sua irmã gêmea aparentavam estar com pressa de contar ao senhor dos deuses a respeito da invocação que ele, Baco, havia provocado. Infelizmente, era óbvio que, após ter dado início à sedução da mortal, Apolo parecia, de fato, estar se divertindo.

Baco apertou os dentes. Só podia culpar a si próprio por aquilo, portanto era problema seu descobrir uma maneira de neutralizar o gosto que o Deus da Luz adquirira por Las Vegas.

Queria gritar de raiva. Como Apolo podia não desfrutar Vegas? A cidade era um verdadeiro *playground* para os deuses, e o outro tinha o poder de dar vida à sua magia, assim como ele.

O desprezo desenhou um sorriso de escárnio no rosto do Deus do Vinho. Ele gostaria muito de ver o Deus da Luz sobreviver em Las Vegas sem seus poderes sobrenaturais. Apolo seria como uma criança perdida em uma floresta escura. Julgava-se superior a ele, Baco, mas não conhecia nada do mundo dos mortais modernos. Não possuía as mesmas reservas de dinheiro

nem as suítes de luxo, muito menos o vasto conhecimento de como manipular os mortais a seu bel-prazer.

De repente, Baco endireitou-se sobre o assento que mal lhe comportava o corpo. Era isso! Se ele conseguisse um modo de fazer Apolo perder o fechamento do portal na noite seguinte, o grande Deus da Luz ficaria aprisionado no mundo mortal por um período de cinco dias, sem nenhum de seus formidáveis poderes. Ficaria fraco, desamparado... miserável. Quando o portal fosse reaberto, ficaria feliz em partir para o Olimpo e nunca mais voltar.

E seria apenas uma questão de tempo antes que a antipatia do Deus da Luz por Las Vegas se alastrasse pelo restante daqueles esnobes olímpicos.

Ele faria isso, decidiu Baco, sorrindo com horrível malícia. Apolo ficaria preso em Las Vegas sem nenhum poder.

CAPÍTULO 13

— As roupas são mesmo muito estranhas, senhor, mas ainda o consideramos bastante atraente com elas — declarou a ninfa loira em uma voz melodiosa e sedutora.

O restante do grupo de divindades que se reunira em torno de Apolo após ele ter saído do *closet* murmurou sua concordância.

Apolo estudou o próprio reflexo no enorme espelho com moldura entalhada. Na noite anterior estivera tão distraído, após deixar Pamela, que havia se esquecido de recuperar as próprias roupas na loja de Armani.

Naquela manhã, seu encontro com Pamela fora a primeira coisa a lhe vir à cabeça e, por consequência, tinham surgido as dúvidas quanto ao que ele deveria usar e aonde poderiam ir. Seu traje moderno fora arruinado pela chuva, e Apolo se perguntou, ao inspecionar a camisa amarrotada, como os mortais daqueles tempos faziam para atender à constante necessidade de novas roupas.

Ao menos aquilo explicava a proliferação de lojas oferecendo todos os tipos de vestimenta. Devia-se perder muito tempo tentando se trajar devidamente no Reino de Las Vegas.

Ele era um deus, contudo. Não queria desperdiçar tempo adquirindo uma quantidade interminável de roupas. Por isso fizera o que muitos dos imortais faziam: enviara ninfas para comprá-las por ele.

Tirou um fiapo da manga da camisa creme que era do mesmo estilo da que ele estragara na chuva, mas que possuía linhas azuis quase imperceptíveis trabalhadas no tecido. As calças eram feitas de um linho de qualidade, num tom mais escuro do que a camisa.

Era sempre sábio evocar o auxílio de ninfas em se tratando de cores e estética. Os tons sutis que elas tinham escolhido pareciam os dos primeiros raios de sol mesclados com o azul e coral do amanhecer.

— Fizeram uma excelente escolha. — Sorriu para as ninfas, que sorriram de volta e se alvoroçaram em seu louvor.

A mais ousada do grupo, uma dríade de cabelos castanhos com quem ele se lembrava de ter tido um caso apaixonado vários séculos antes, chegou mais perto. Jogou os cabelos compridos até a cintura para trás, exibindo o corpo sob a túnica diáfana e quase inexistente.

Conforme os olhos de Apolo se voltaram naturalmente para os mamilos escuros, estes se contraíram em uma resposta instantânea.

— Por que não fica conosco, Deus da Luz? — ela ronronou, correndo as mãos pelo próprio corpo. — Podemos entretê-lo muito melhor do que qualquer mortal.

— Sim — concordou outra ninfa, aproximando-se. — E não vai precisar usar nenhuma roupa para o que estamos oferecendo...

As outras divindades riram, sedutoras, e se puseram a dançar de improviso em torno de seu deus favorito. Sorriam num claro convite, fascinando-o com sua estonteante beleza e sensualidade.

Apolo as observou, divertido e lisonjeado pela demonstração de carinho. Ele sempre fora muito querido pelas pequenas semideusas. Elas eram como flores lindas e eróticas que ele poderia colher sempre que quisesse, e cujo néctar podia apreciar a qualquer momento.

Mas, desta vez, não ficou tentado a provar dos seus encantos. Se as ninfas eram como flores, Pamela era como a Terra — fértil e sensual. E o que ele mais desejava no momento era mergulhar em sua exuberância.

— Talvez em outra hora, minhas queridas.

— Vão embora!... — Uma voz forte, a versão feminina da sua própria, veio da porta. — O Deus da Luz vai estar ocupado esta noite.

As ninfas desapareceram da sala, lançando olhares nervosos na direção de Ártemis.

— Não precisava ofendê-las — ralhou Apolo, passando os dedos pelo cabelo.

— Digamos que eu esteja um pouco aborrecida, e que tenha coisas mais importantes na cabeça do que esse seu afeto por ninfas... Por exemplo, estou me sentindo acorrentada a uma mortal de um modo que até Prometeu iria achar difícil suportar!

Apolo riu.

— Não pode ser tão ruim assim.

O rosto de sua irmã permaneceu tenso e sério.

— Sinto o peso da vontade e do desejo de Pamela, e ambos são consideráveis.

As palavras fizeram cessar o riso de Apolo.

— Aconteceu alguma coisa com Pamela? Ela está bem?

— A tolinha está ótima. Está apenas cheia de desejo e expectativa. Chega a ser opressivo.

— Pamela não é nenhuma tola — contestou Apolo após o enorme alívio que o inundou. Então ela estava segura. Não havia nada de errado com ela... além de um forte desejo por ele.

— Espero que esse sorriso ridículo no seu rosto seja porque vai levar a mortal para a cama esta noite e me livrará do fardo de sua invocação.

— É a minha intenção — ele concordou, e não se preocupou em parar de sorrir. Por tudo o que era sagrado, estava feliz!

— Fico muito contente em ouvir isso. — Ártemis lançou-lhe um olhar de enfado.

Apolo deu o braço à irmã enquanto caminhavam em direção ao Salão Nobre do Olimpo e ao portal para o Mundo Moderno.

— Eu já disse “obrigado” por me fazer visitar o Reino de Las Vegas com você?

— Eu nunca pretendi que isso tudo acontecesse — contrapôs Ártemis, porém teve que retribuir o sorriso do irmão. — Embora eu tenha pressentido que precisava de um pouco de diversão.

Apolo permaneceu em silêncio até ficarem frente a frente com o portal. Então fitou a deusa com uma expressão no olhar que Ártemis não conseguiu definir.

— Acredito que tenha me proporcionado muito mais do que uma simples diversão, irmã.

— Basta se certificar de que estarei livre em breve — ela proclamou, escondendo o leve mal-estar que o comportamento estranho de Apolo lhe despertava.

— Não se aflija, Ártemis — ele pediu, a voz e o corpo se desvanecendo conforme passava através do portal.

Ártemis o observou partir, a testa enrugada pela preocupação.

Suspirou, desgostosa. Teria que tomar conta de Apolo. Definitivamente, ele estava com a cabeça nas nuvens. Precisaria de um empurrão para fazer o que deveria ser feito. Balançou a cabeça e olhou para o portal. Às vezes ela não compreendia o irmão.

Pamela não o tinha visto ainda, e Apolo ficou à sombra da grande coluna de propósito, de modo a poder devorá-la com os olhos. Ela se encontrava sentada à mesma mesa em que estivera na noite anterior, tomando um gole de vinho da taça de cristal.

E estava magnífica. Seu vestido era de um tom rico de vermelho que combinava com o cabelo escuro e a pele clara. O modelo era simples e elegante: sem mangas e feito de um tecido leve que abraçava seu corpo como uma segunda pele, deixando parte da perna longa e sedutora exposta.

Ele sorriu e balançou a cabeça. Pamela calçava aqueles sapatos outra vez. Não o mesmo par da noite anterior, claro. Os que ela escolhera para se equilibrar naquela noite eram sandálias douradas que pareciam encarapitadas em adagas. Mal podia esperar para ver o que andar sobre elas faria para aquelas pernas e nádegas bem-feitas...

Sentiu as entranhas se revolverem e pesarem enquanto a observava. Tinha vontade de pegá-la e carregá-la para longe da multidão, direto para o quarto, onde poderia lhe mostrar o que era ser amada por um deus.

Deu meio passo em sua direção e então se deteve.

Não. Não queria apenas violá-la. Queria mais, e, para que pudesse ter mais, Pamela precisava conhecê-lo. Precisava saber quem ele era. Se ela fora enfeitiçada pelo ritual de invocação ou não, se tudo o que existia entre eles era sexo, sua relação com Pamela seguiria o rumo das que tivera com todas as suas outras amantes: eles iriam se separar tão logo seus corpos estivessem saciados.

Apolo pensou em Hades, em Lina e na alegria que eles haviam encontrado juntos. Queria ser feliz também, e nunca iria encontrar a felicidade se a luxúria fosse seu único objetivo.

Saiu das sombras em que estivera se escondendo, movendo-se na direção de sua futura amante com passos fortes e decididos. Percebeu o instante em que ela o viu. Seus olhos se arregalaram de leve, e sua boca deliciosa se curvou em um sorriso doce de boas-vindas.

O coração de Apolo disparou. O que Pamela o fazia sentir além daquela expectativa e desejo insanos? Nervosismo?... Aquela pequena mortal moderna conseguia deixar o Deus da Luz nervoso!

Conforme Febo chegou mais perto dela, Pamela sentiu uma onda de tensão e excitação. Estava mais do que feliz por ter comprado o vestido Chanel novo e, naquele momento, nem se importou mais que este não fosse da liquidação. Ao menos tinha certeza de que estava bem.

Agora, tudo com o que precisava se preocupar era em não abrir a boca e ficar gaguejando como uma idiota.

Os olhos dele pareciam ainda mais lindos do que ela se lembrava. Eram como os de Paul Newman multiplicados por cinco!

E, *nossa*, Febo era alto!... Tão deliciosamente alto.

— Boa noite, doce Pamela. — Apolo pegou sua mão e a levou aos lábios, fazendo que estes permanecessem em contato com a pele macia por mais tempo do que o necessário, porém não o suficiente para fazê-la sentir-se desconfortável.

Ficou satisfeito ao vê-la corar em resposta. Ele podia ser inexperiente em se apaixonar, mas o Deus da Luz não era inexperiente em seduzir.

— Está tão linda que alguém deveria pintar um retrato seu, ou então escrever um poema em homenagem a essa sua graciosidade.

— Obrigada... acho — ela agradeceu, tentando recuperar o equilíbrio. — Quero dizer, se “graciosidade” é um elogio.

— Claro que é. — Ele ainda segurava a mão dela.

— Obrigada. Agora para valer.

— De nada. — Relutante, Apolo soltou-lhe a mão e sentou-se a seu lado. — Não saiu dos meus pensamentos hoje, Pamela. — Deixou o olhar deslizar pelo rosto perfeito, depois pelo restante do corpo esbelto até as longas pernas que ela cruzara de lado, exibindo a pele perfeita. — Seu tornozelo deve estar recuperado se esta noite decidiu se equilibrar de novo nessas lâminas.

Ela sorriu e moveu o pé.

— Está perfeito. E não estou calçando “lâminas”. São meus sapatos novos, da última coleção Prada, que me custaram uma fortuna. Fiquei apaixonada por eles, então não tive escolha senão levá-los para casa comigo.

— Sapatos de sorte — ele replicou com voz rouca, antes de se curvar e lhe segurar o tornozelo. Passou o polegar por toda a sua extensão, enquanto sentia os ossos e tendões que

havia curado na noite anterior, a fim de se certificar de que tudo estava bem.

Mas foi difícil para ele se concentrar na cura. O tornozelo de Pamela estava muito sensual no pequeno sapato, e ela pintara as unhas com um vermelho brilhante que combinava com o vestido, o que tornava os pés semidescalços indescritivelmente *sexy*.

Pamela sentiu o calor do toque viajar do tornozelo até as coxas, indo parar, inebriante, na boca do estômago, tal qual um uísque caro. Ficou desapontada quando Febo soltou seu pé.

Apolo fez sinal para que o servo lhe trouxesse uma taça de vinho antes de voltar a atenção para ela de novo.

— Já sabe o que fiz hoje: pensei em você. Agora me diga o que fez aqui, em Las Vegas, já que o tempo demorou a passar até que pudéssemos nos encontrar outra vez.

Maravilha, ela pensou. A conversa tinha começado bem. Eles precisavam conversar porque ela necessitava de tempo, e de jogar conversa fora, a fim de manter os hormônios sob controle.

Por favor, por favor, por favor!... Não me deixe falar nenhuma besteira!

— Primeiro fiz algo que quase nunca faço: dormi até tarde.

Ele levantou uma sobrancelha dourada, divertido.

— Sou, decididamente, uma madrugadora. Costumo levantar a tempo de beber uma xícara de café enquanto vejo o lindo nascer do sol no Colorado.

— Gosta do amanhecer?

— *Adoro!* — Ela sorriu, relaxando diante do assunto familiar. — Na verdade, o nascer do sol é um dos meus momentos favoritos.

A resposta veio do fundo da alma de Pamela e, de repente, Apolo desejou se abrir, dizer quem era e compartilhar seu mundo e sua vida com ela. Pamela adorava ver o sol nascer. Não era razoável supor que poderia adorar o Deus da Luz?...

Ele abriu a boca para lhe dizer seu verdadeiro nome, contudo seu lado mais racional freou o impulso. Não queria que ela o adorasse como a um deus. Queria que ela se apaixonasse por Febo, o homem dentro de Apolo.

Ainda assim, mal pôde mascarar o intenso desejo que lhe permeou a voz:

— O amanhecer também é muito importante para mim. Talvez, em breve, você e eu possamos ver o sol subindo no céu juntos...

Pamela corou e não soube o que dizer. Não pôde nem mesmo gaguejar.

Droga, aquilo era muito mais do que apenas estar sem prática em termos de namoro e paquera! Febo a deixava sem fôlego. Ela queria... queria...

Maldição dos infernos! Queria tantas coisas quando ele a fitava daquela maneira!

Mas também desejara tantas coisas quando conhecera Duane. Ele parecera deter a chave de sua felicidade e, no fim, a realidade mostrara que a única coisa que o ex-marido tinha nas

mãos eram os cordames emocionais com os quais ele pretendia mantê-la sob controle, sufocar seu espírito e a transformá-la em algo que ela não era: seu ideal de uma mulher perfeita. E ela ainda podia sentir as feridas causadas pelos cordames daquele relacionamento sufocante.

Portanto o melhor era ir com calma. Precisava ir devagar com Febo. Ele parecia maravilhoso, porém sua intuição lhe gritava que as coisas quase nunca eram o que aparentavam. Divertir-se naquele fim de semana era uma coisa. Emaranhar-se nos fios de outro relacionamento era outra.

Apolo leu o conflito nos olhos expressivos de Pamela e, em seguida, percebeu o modo como ela se esquivou.

E isso doeu nele mais do que poderia imaginar.

Mas não pretendia desistir tão facilmente, e seu sorriso foi quente e aberto.

— Bem — falou, como se não houvesse tido seu convite ignorado —, agrada-me saber que ambos gostamos do nascer do sol. Mas você disse que dormiu demais, então perdeu o amanhecer hoje. O que mais aconteceu no seu dia?

Pamela encontrou seus olhos. Eles eram tão calorosos e tão azuis!... Faziam que se lembrasse do céu de verão sobre o mar Mediterrâneo.

Inferno! Estava fazendo de novo: deixando-se encantar pela boa aparência de Febo como uma m... de adolescente!

— Pamela?

— Ah, desculpe. — Ela tomou um gole do vinho. — Eu estava divagando. Às vezes me falta concentração. Não com o meu trabalho — emendou, apressada. — Nesse ponto sou bastante focada. Aliás, como nesta tarde... Comecei a esboçar a minha versão dessa fonte horrível. Imaginei que tivesse ficado lá por uns vinte minutos, mas, quando fiz uma pausa e olhei no relógio, duas horas tinham se passado! — Pamela parou de falar e estreitou os olhos. — Fiz isso de novo, não foi?

— Isso o quê?

— Perder o foco, trocar os assuntos... — ... *Falar bobagem*, completou em pensamento.

— Com certeza.

— Desculpe, Febo.

Apolo sorriu. Ele gostava do raciocínio brilhante de Pamela, das expressões que desfilavam por seu rosto, principalmente quando ela falava sobre trabalho. Pamela não agia com interesses escusos, tentando seduzir o Deus da Luz, nem se mostrava como uma donzela deslumbrada com seus poderes imortais. Ela era real. Suas reações eram genuínas e honestas... Um afrodisíaco que ele jamais poderia ter imaginado.

— Eu não me importo. Gosto de ouvi-la divagando.

— Nossa, que estranho. — Ela fez uma pausa, tentando ver se ele estava sendo sarcástico

ou zombeteiro. — A maioria dos homens acha isso aborrecido.

— Verdade? — Ele balançou a cabeça. — Acho que eu já disse antes: muitas vezes os homens são uns tolos.

— E eu já concordei com você nesse ponto!

Sorriram um para o outro.

Num impulso, Pamela ergueu a taça.

— A um homem que não é bobo.

— Aí está um brinde ao qual tenho o prazer de me juntar. — Ele riu e tocou a taça com a dele. — Agora me fale sobre esse esboço que fez. É artista também? Ou é como entender de arquitetura, algo essencial para que desempenhe bem o seu trabalho?

A pergunta a agradou. Mostrava que Febo a tinha escutado no dia anterior. Assim como a agradou a atenção com que ele esperou pela resposta.

— Gosto de desenhar, e sou bem razoável com aquarelas; mas não sou boa o suficiente para ser considerada uma artista. Mas está certo... É como ter que compreender os rudimentos da arquitetura no meu trabalho. Também é importante que eu seja competente em artes a fim de que eu possa criar maquetes para carpinteiros ou estofadores, ou até mesmo para escultores, de modo que eles possam ter uma ideia concreta do que meus clientes querem.

Apolo levantou ambas as sobrancelhas devagar, e seu olhar se voltou para a horrorosa fonte no pátio à sua frente.

Pamela acompanhou seu olhar, deu um longo e dolorido suspiro e balançou a cabeça.

— É isso mesmo, você adivinhou. Esse cliente, em particular, quer uma reprodução dessa *coisa* no pátio de sua casa de veraneio.

— Tem certeza de que compreendeu bem o que ele quer? — Apolo fitou o monólito jorrando, os olhos se fixando na reprodução medonha dele mesmo.

— Infelizmente, sim. Na verdade, o que eu estava tentando fazer hoje era chegar a uma solução de mais bom gosto, porém ele insiste que eu mantenha Baco como o centro da estátua.

— Pamela estremeceu. — Vou ter que descobrir uma forma de fazê-lo mudar de ideia. Pelo menos consegui me livrar dessas duas esculturas laterais terríveis.

Apolo lançou-lhe um breve olhar.

— Quer dizer as estátuas de César, Ártemis e... — Sua voz vacilou antes de seu próprio nome.

— Apolo — completou Pamela. — Aquele com a cabeça grande e a harpa é, supostamente, o Deus do Sol.

Ele teve o cuidado de manter a expressão neutra.

— Na verdade, Apolo é chamado mais de Deus da Luz, e o instrumento que carrega é uma lira, não uma harpa.

— Ah — disse Pamela, estudando a estátua. — Eu não sabia que existia essa diferença. Mas você é músico, não é?... Tudo o que sei é que a lira fica verde-néon quando aquela coisa horrível se movimenta.

— Sim. — Ele tentou não fazer uma careta. — Foi o que ouvi dizer.

— Eu não sabia que Apolo era chamado de Deus da Luz. Pensei que fosse apenas o Deus do Sol. — comentou Pamela, com os olhos ainda voltados para a estátua.

— Essa é a forma como os romanos insistiam em chamá-lo. Para os gregos, ele sempre será o seu Deus da Luz, da medicina, da música, da poesia e da verdade.

— Da verdade?

— Sim, a verdade era muito importante para Apolo. Ele era um dos poucos olímpicos que consideravam a dissimulação e o subterfúgio uma ofensa.

— Eu não fazia ideia. Pensei que todos os deuses mitológicos fossem impulsivos e interesseiros. Lembro-me de um dos meus professores de Inglês descrevendo-os como *playboys* e *mulherengos*.

Apolo pigarreou e se moveu na cadeira, pouco à vontade.

— Os deuses são... *eram* muito apaixonados; e a paixão pode, por vezes, levar a atitudes impulsivas e interesseiras. Além disso, deve se lembrar de que no Mundo Antigo era considerado um privilégio para uma mulher ser amada por um deus. Particularmente pelo Deus da Luz.

— Quer dizer que o fato de Apolo dizer a verdade não significava que ele fosse fiel.

Apolo franziu a testa e não soube o que dizer. Queria se defender, mas não tinha como.

Pamela estava certa. Ele sempre fora verdadeiro, mas nunca fiel. Nunca havia tido qualquer desejo de ser fiel.

— Por acaso mitologia é um dos seus *hobbies*?

— Pode-se dizer que é mais uma paixão do que um *hobby* — ele corrigiu com um leve sorriso. — Entendo o suficiente sobre o assunto para lhe garantir que a lira do Deus da Luz não ficava verde quando ele a tocava, e sua cabeça não era tão grande.

Pamela sorriu.

— Fico feliz em ouvir isso. Não imagino como ele poderia ser mulherengo com essa aparência!

— Sabia que alguns textos antigos relatam que Apolo encontrou o amor? — ele falou depressa, antes que o bom-senso lhe chegasse à voz. — E que, depois, ele foi fiel à sua amada?

— Eu não fazia ideia. Quem era ela? Alguma deusa fabulosa?

— Não, ele encontrou sua companheira de alma em uma mortal.

— Uma mortal?... — Pamela bufou. — Acho que é por isso que chamam isso de mitologia.

Não imagino que uma mortal seria estúpida o bastante para se arriscar a amar um deus.

Apolo sentiu o peito se apertar.

— Mas, pense bem: ela se arriscou e conquistou sua alma gêmea.

O sorriso de Pamela foi lento e doce.

— Você é mesmo um romântico.

— *Sim!* — ele concordou com mais ênfase do que pretendia e teve de parar e tomar fôlego a fim de controlar as próprias emoções. — Mas não fui sempre assim. Na verdade, tenho agido muito como Apolo: satisfazendo-me em encontrar o amor onde é conveniente ou agradável, para depois nem pensar mais nele. Entretanto, sinto que estou mudando. — Ele deu de ombros e baixou a voz. — Talvez por isso eu compreenda tão bem as histórias em torno do Deus da Luz.

Pamela estudou a taça de vinho em silêncio. Não sabia o que dizer. Sentia-se definitivamente atraída por Febo, e o que ele dizia tocava seu coração. Febo parecia tão aberto e honesto!... Mas estava com medo. Pensar em ter uma aventura de fim de semana a deixava nervosa e confusa. Pensar em começar um relacionamento a aterrorizava.

Olhou para o rosto bonito e viu que ele a fitava, atento. Respirou fundo, mas, em vez de lançar mão de alguma piada improvisada sobre românticos *ex-playboys*, ouviu a verdade brotando:

— Estou divorciada. Tive um casamento ruim. Não... apague isso. Tive um casamento terrível. E não namorei mais desde então. Está sendo honesto comigo, portanto preciso ser honesta com você. Apenas pensar na possibilidade de um novo relacionamento me assusta. Não creio que eu esteja pronta para qualquer coisa além de... — Ela hesitou, não querendo soar como uma vagabunda ou uma idiota.

— Precisa superar o que aconteceu — interveio Apolo diante de sua hesitação.

— Verdade — Pamela concordou, agradecida por ele ter colocado em palavras o que ela não conseguira dizer.

— E vai superar, doce Pamela.

— Obrigada pela compreensão — ela murmurou, apoiando a mão sobre a dele. — Eu sei que parece loucura, afinal eu só o conheço há dois dias... Mas há algo em você que me faz sentir como se compreendesse o que quero dizer.

— É verdade, doce Pamela. E não tem ideia de como é raro duas pessoas encontrarem essa conexão. — Ele tinha vivido eras, literalmente, sem aquele tipo de coisa.

Pamela passou o polegar pela mão morena e se perdeu no azul espetacular dos olhos de Febo.

— Acho que posso imaginar.

O nó que se formara no peito de Apolo de repente se soltou. Pamela não resistia à ideia de

se entregar ao amor; ela havia sido magoada. Muito magoada. Precisava se curar, e aquilo era algo que Apolo, o Deus da Luz, poderia fazer por ela.

— Eu lhe trouxe algo esta noite. Acho que agora é o momento perfeito para presenteá-la com isto... — Enfiou a mão no bolso e tirou dele uma delicada corrente dourada. Ergueu-a, de modo a permitir que a luz iluminasse a pequena medalha emoldurada por um estreito círculo dourado que pendia do fio. Em uma das faces, via-se o forte perfil de um deus grego.

— Nossa, que linda!... — suspirou Pamela. A moeda era de ouro, porém não era uma medalha comum. Seu formato era irregular, como se o círculo houvesse sido forjado, o que a fazia parecer muito antiga. — Mas não posso aceitá-la. Deve ser caríssima.

— Posso lhe assegurar que não me custou nada. Eu a tenho há muito tempo. Por favor, eu ficaria muito feliz se ficasse com ela. Afinal de contas, estivemos conversando sobre o deus que está representado na medalha.

— Verdade? Este é Apolo? — Intrigada, Pamela se inclinou para segurar a peça de ouro nas mãos, e estudou o bonito perfil.

— Garanto que a semelhança com o deus é maior do que a da estátua da fonte — afirmou Apolo, irônico.

— Engraçado. — Pamela olhou da medalha para Febo. — Ele se parece com você. Quero dizer, não exatamente... Mas o perfil é semelhante.

— Isso sim é um elogio. — O sorriso dele se alargou. — Pelo menos enquanto não diz que eu me assemelho àquela estátua também. — Ele apontou com o queixo na direção do Apolo cabeçudo da fonte.

— Não! — Pamela riu. — Não se parece nem um pouco com essa estátua.

Ele riu, apreciando a ironia da situação.

— Se usar a medalha, pode pensar em Apolo como seu deus particular — incitou. — Apolo poderia ser seu talismã. Talvez o Deus da Luz a ajude a resolver os problemas que vem tendo com o pedido incomum do seu cliente.

Pamela olhou da moeda para Febo, pronta a dizer “não, obrigada”, mas hesitou. Era assim tão errado aceitar um presente de um homem bonito? Gostava dele, e ele gostava dela.

Verdade que ela não acreditava nem por um instante que aquilo não havia custado nada a Febo. Mas ele era médico, devia ter condições para comprá-lo.

O fato de eles terem acabado de falar sobre Apolo, o deus que supostamente se apaixonara por uma mortal, era uma coincidência interessante. Mas também era muito tolo e romântico de sua parte e...

— Obrigada, Febo. Eu aceito.

Antes que Pamela mudasse de ideia, Apolo se levantou e se postou atrás dela, de modo a prender a joia em torno de seu pescoço longo e esguio. Primeiro, porém, segurou o talismã na

palma da mão e concentrou seus vastos poderes de imortal na pequena peça de ouro.

— Que isto possa lhe trazer tudo o que Apolo representa: luz e verdade, música e poesia, e, acima de tudo, a cura. — Em seguida, colocou a corrente dourada em seu pescoço.

— Lindas palavras. — Pamela o fitou, tocando a medalha. E pôde jurar que a sentiu se aquecer em contato com seu corpo.

Apolo sorriu e se inclinou para roçar os lábios nos dela. Não tinha a intenção de que o beijo fosse mais do que uma breve demonstração de afeto; contudo, Pamela entreabriu a boca sob a dele e uma de suas mãos subiu para tocá-lo no peito.

No mesmo momento, Apolo aprofundou o beijo. A boca de Pamela era doce e macia, e ele queria provar mais dela. Queria prová-la inteira. Queria...

Alguém limpou a garganta.

— Com licença?

A voz do garçom rompeu a onda de luxúria que o envolvera, e o deus praticamente rosnou para o infeliz servo, que recuou e se desculpou:

— Perdão, senhor. É que está meio lotado aqui, e eu estava tentando contornar a mesa.

— Encontre outro caminho, ora! — explodiu Apolo.

O servo balançou a cabeça e se retirou, apressado.

Quando ele se voltou para Pamela, seu rosto estava em chamas.

Ela o cobriu com ambas as mãos.

— Não acredito que estou namorando em público. Sou uma mulher adulta!

— Então vamos a algum lugar mais sossegado — ele murmurou, acariciando-a em uma das mãos.

Pamela abriu a boca e olhou para ele. Resmungou algo incompreensível, depois fechou a boca e olhou para o relógio.

— Maldição dos infernos! — exclamou, frustrada.

— O que foi?

— São quase nove horas. — Ela apanhou a bolsinha dourada e se levantou da mesa. — Ah, Deus... Eu me esqueci! Qual o caminho para a entrada do Caesars Palace?

Apolo apontou na direção correta, perguntando-se o que havia de errado com Pamela. Ela começou a caminhar, apressada, depois parou, respirou fundo e voltou para onde ele continuava parado. Correu a mão pelo cabelo curto, nervosa.

— Desculpe. É que foi tão estranho eu beijá-lo assim, na frente de todo o mundo!... — Ela corou de novo enquanto se lembrava de como tivera vontade de devorá-lo e corresponder à sua paixão. — Isso me assustou. Então, de repente, eu me lembrei de que consegui dois lugares em um show cujas entradas já estavam esgotadas, e que começa em... — Olhou para o relógio novamente — ... quinze minutos! Por isso saí correndo sozinha, feito uma idiota. —

Que coisa mais sem sentido!, acrescentou para si mesma em silêncio.

— Um show? — perguntou Apolo.

— Sim, chama-se *Zumanity*. Ouvi dizer que é erótico... mas de muito bom gosto. — Pamela desviou o olhar, tímida. — É do mesmo pessoal que faz o *Cirque du Soleil*.

Quando voltou a fitá-lo nos olhos, estes sorriam.

— Um circo erótico do sol? Fascinante. — Apolo pegou a mão dela e a prendeu no braço.

— É melhor nos apressarmos.

CAPÍTULO 14

Apolo não conseguia acreditar que os artistas de *Zumanity* eram mortais. As mulheres se moviam com a graça e a sedução das ninfas. Os homens eram todos belos de corpo e de rosto.

E a música!... A música era etérea; o cenário perfeito para o desfile de sensualidade feito sobre o palco e acima deste.

Ele e Pamela haviam sido calmamente conduzidos a um balcão particular para se acomodarem em um luxuoso sofá estofado, que parecia uma *chaise longue*. O show já tivera início. No meio do palco arredondado via-se um vidro enorme, como se fosse uma taça de vinho cheia de água; dentro do vidro, duas jovens mulheres vestiam quase nada: apenas tangas da cor da pele. Ao ritmo da música sedutora, as moças executavam uma dança de sedução inocente, personificando o despertar da paixão e do desejo femininos.

Embora o deus dourado estivesse muito mais interessado na mulher a seu lado, seu corpo agitou-se em resposta. Ele olhou de soslaio para Pamela, avaliando sua reação, e viu que ela assistia a tudo com os olhos muito abertos e redondos. Quando a cena acabou, aplaudiu com entusiasmo.

Ao desviar o olhar do palco e perceber Apolo olhando para ela, as faces já coradas de Pamela ficaram ainda mais cor-de-rosa.

— Gostou das meninas? — ele indagou num sussurro, assim que o palco escureceu por algum tempo.

— Gostei. Quero dizer, não sou lésbica, mas elas eram muito bonitas — explicou Pamela meio ofegante, o riso saindo como um sensual ronronar. Precisava se lembrar de dizer a Ve que compreendia sua atração pelas mulheres enfim.

Apolo se inclinou para ela, atraído por sua inusitada reação ao espetáculo.

— Não há nada de errado em apreciar a beleza do corpo de uma mulher. Teria de ser de pedra para não se sentir abalada por aquelas duas.

Pamela estava prestes a sussurrar de volta que nem de longe era feita de pedra, quando os holofotes iluminaram o palco de novo e a plateia se calou. Desta vez, um homem absurdamente musculoso, de pele negra e aveludada, surgiu no cenário por meio de um alçapão, no chão. Ele também não usava quase nada. Movimentou-se ao ritmo da música conforme era cercado por uma mulher tão loira como ele era escuro, e que estava vestida com várias camadas de um tecido diáfano. Os dois se encontraram no centro do palco e começaram a executar uma versão erótica da cena do balé de *Romeu e Julieta*. O homem foi tirando camada por camada da veste da companheira, até que ambos ficaram vestidos apenas com minúsculos “fios-dentais”. Moviam-se com uma graça fluida e sensual, e uma paixão um pelo

outro que Pamela não acreditava ser fictícia.

A cena terminou e, desta vez, ela encontrou o olhar de Febo no mesmo instante.

— Eles devem estar apaixonados de verdade. Ninguém pode atuar tão bem assim. Juro que consegui sentir a tensão sexual entre eles!

— Agora, quem é a pessoa mais romântica aqui?... — ele provocou, colocando o braço em torno dela e puxando-a para perto.

Pelo restante da apresentação, foi onde Pamela ficou: recostada no corpo de Febo. No meio do espetáculo, pousou a mão na coxa firme, sobre o tecido macio de suas calças, por meio da qual ela podia sentir o calor e a rigidez da perna musculosa. Os dedos dele traçaram um caminho preguiçoso na pele nua de seu braço, acariciando o recuo suave do lado de dentro do cotovelo e provocando-lhe arrepios por todo o corpo.

Zumanity era, de fato, uma aventura em termos de erotismo. Excitava e provocava, seduzia e sensibilizava.

Quando a mão de Febo traçou o caminho por seu braço até acariciar seu pescoço devagar, Pamela teve que morder o lábio para não gemer alto.

Uma ruiva alta e impressionante, que lembrava muito Nicole Kidman, deixou o palco após uma *performance* sensual de autoerotismo e, antes que os aplausos da plateia morressem, luzes focaram num pedaço comprido de seda vermelha que caiu do teto escurecido do teatro, como se um gigante desatento tivesse lançado um lenço a esmo da janela do quarto. Este se desenrolou, expondo uma mulher cujo cabelo dourado até a cintura cintilou sob os holofotes. Seus braços permaneceram habilmente torcidos no lenço, de modo que apenas a ponta de seus pés descalços tocou o palco com graça. Abaixo dela, o final do tecido se amontoava como vinho no tablado negro. Sua beleza era hipnotizante e, conforme o público a viu, o teatro se dissolveu em um murmúrio coletivo de admiração. Num primeiro momento ela pareceu estar nua, exceto por um brilho que lhe cobria o corpo, mas, conforme as luzes piscaram e mudaram, Pamela percebeu que a mulher vestia um *collant* da cor da pele, coberto com minúsculas pedras que brilhavam como diamantes. A música começou, e o lenço foi alçado para o alto junto com a diva dourada. Ela começou a se movimentar e girar numa dança sensual, o tempo todo pendurada sobre a plateia. Era de tirar o fôlego.

— Ela parece uma deusa! — Pamela cochichou para Febo.

— Verdade — Apolo murmurou de volta, contente por Pamela estar tão hipnotizada pelo desempenho da moça que nem sequer registrara o choque em seu rosto. Permaneceu sentado e imóvel, tentando manter uma máscara de apreciação diante do show que sua irmã, Ártemis, realizava. Ele a reconhecera de pronto. Sua *performance* inteira estava permeada pelo erotismo do Olimpo.

Agora compreendia por que os mortais modernos pareciam tão encantados pela presença

da própria Deusa da Caça. Embora ela preferisse sua floresta e liberdade, os boatos que haviam proliferado por conta de sua maneira independente de ser eram falsos. Ártemis não era uma deusa virgem. Ela era, sempre que queria, uma fêmea extraordinariamente sedutora.

E o que pretendia naquela noite era óbvio. Queria ter a certeza de que ele cumpriria a invocação, por isso, com seu beijo imortal de poder, abençoara os atores mortais com generosidade. Seu fascínio fora, portanto, aumentado, assim como a tensão sexual em meio ao público.

Ele tinha que admitir: fora muito inteligente da parte de Ártemis. Irritante, mas inteligente.

De repente, o público soltou nova exclamação quando uma figura pequena e musculosa adentrou o palco correndo. Os olhos de Apolo se arregalaram de surpresa. Um sátiro! Embora seus cascos fendidos estivessem camuflados por botas e pela magia da deusa, e os pelos que lhe cobriam as pernas permanecessem invisíveis sob as calças de seda que usava, para ele, Apolo, sua identidade era óbvia. A cabeça loira da criatura quase não passava da cintura de Ártemis, porém seu peito e braços nus eram tão musculosos que, conforme ele acenava para a diva, era como se fosse um dos Titãs.

O sátiro movimentou os braços em torno do final do lenço escarlate, e ele também foi alçado ao ar. Acima do palco, começou uma erótica perseguição, que não aconteceu apenas sobre o tablado. Ambas as personagens oscilavam sobre o público que assistia, extasiado, enquanto a excêntrica criatura atraía e persuadia, acariciando e seduzindo, até que, por fim, a deusa se dignou a ser “capturada”, e os dois foram suavemente baixados para o palco.

Chocado, Apolo viu a irmã permitir que o ente da floresta a envolvesse nos braços. Em seguida, a Deusa da Caça se deixou derreter com o beijo do sátiro em uma exibição pública de sensualidade que, ele sabia, Ártemis jamais permitiria se eles estivessem no Olimpo.

Os dois insólitos imortais saíram, os braços ainda em torno um do outro, e o público permaneceu em silêncio, com os olhos ainda voltados para o ponto onde a deusa fora vista pela última vez.

Apolo foi o primeiro a quebrar o feitiço sedutor da irmã, mas seu aplauso foi logo acompanhado por gritos e mais aplausos.

As luzes se acenderam, mas, antes que a plateia começasse a se levantar, o elenco de atores liderado por Ártemis voltou ao palco. A Deusa da Caça se dirigiu ao público:

— Saudamo-vos, amantes e amigos. Espero que tenham gostado da nossa pequena homenagem ao amor. — Sua voz soou doce como mel, atraindo os mortais com sua doce torrente de palavras. — Antes de irem embora, eu gostaria de conhecer alguns de vocês... se não se importarem.

Um alerta soou no íntimo de Apolo, contudo um murmúrio de excitação percorreu a multidão atenta, como o vento soprando uma floresta. A deusa sorriu com inocência, como se

se dirigisse a multidões de mortais modernos todos os dias. Então começou a falar com eles, perguntando seus nomes, escolhendo jovens e tímidos casais e recém-casados, espalhando a magia de sua voz sedutora por todo o teatro.

Apenas uma vez Ártemis olhou para o camarote onde Apolo se encontrava sentado com Pamela. Fixou o olhar no do irmão somente por um breve momento, porém foi o bastante para que ele vislumbasse a diversão na profundidade de seus olhos azuis. Quase imperceptivelmente, ela fez um movimento com os dedos e Apolo sentiu o calor de sua magia cascadeando sobre ele, penetrando em sua pele e fazendo seu corpo intumescer e pesar.

A reação de Pamela foi mais simples. Como se em transe, ela pousou a mão em sua coxa, inclinou-se mais em sua direção e o fitou nos olhos. Sua respiração se acelerou e seus lábios se entreabriram em um gemido que foi mais do que um convite.

Apolo praguejou baixinho, apertou os ombros delicados com o braço e tentou se concentrar no palco mais uma vez. Não podia beijá-la. Sob o feitiço da magia imortal de Ártemis, nenhum deles seria capaz de se deter.

Vai passar, lembrou a si mesmo e, com o pensamento, sentiu a força da magia da irmã diminuir. Fulminou Ártemis com o olhar, porém esta o ignorou por completo. No círculo de seu abraço, sentiu Pamela se arrepiar. Soube que o intenso feitiço havia começado a deixar sua pele também, e respirou, aliviado.

Não estava usando seus poderes para seduzir Pamela. Queria que sua reação a ele fosse genuína. As loucuras de Ártemis eram tão bem-vindas quanto sua magia... Nenhuma delas trazia amor; apenas luxúria. Um desejo passageiro, que podia ser facilmente saciado.

E ele queria mais.

— Nossa, olhe! — exclamou Pamela, apontando para o palco enquanto tentava normalizar a respiração. Devia estar mais carente do que imaginava, porque aquele show a estava deixando louca! Poucos minutos antes, quando Febo sorrisse para ela, teria subido nele ali mesmo!... Sem dúvida Ve estava certa: ficar sem sexo por muito tempo fazia uma mulher perder a cabeça. — Aquele casal acabou de dizer que veio aqui comemorar seu quinquagésimo aniversário de casamento.

— Cinquenta anos! — a linda Ártemis repetiu, e a multidão aplaudiu, educada. Um dos atores correu para a deusa e sussurrou em seu ouvido. Ártemis sorriu, assentiu com um gesto de cabeça e se dirigiu ao casal outra vez.

— Vocês subiriam ao palco para encerrarmos o nosso espetáculo com uma dança especial em sua homenagem?

Apolo se inclinou para a frente, de modo a enxergar melhor o casal de idosos que se ergueu devagar. Ao som de aplausos encorajadores, eles subiram a escada para o palco. As luzes diminuíram e uma valsa suave começou a tocar.

No início, o casal se moveu, desajeitado, até assumir um ritmo mais fluido e familiar. De repente, o homem grisalho virou a esposa, segurando o vestido em estilo capa que ela usava, e o público prendeu a respiração, surpreso. A mulher girou e o traje se desenrolou até que ela ficou de pé no palco, usando apenas um *collant* de dança e uma saia rodada. Fez uma reverência para o teatro, tal qual uma graciosa bailarina, e, em seguida, ela e o marido retomaram a valsa, movendo-se, desta vez, com a graça de dançarinos profissionais. Sem esforço, o homem ergueu o corpo ainda vibrante da esposa para o ombro, virou-se, mergulhou e, com um floreio, ela girou em seus braços mais uma vez.

A dança terminou como os dois se beijando no meio do palco.

— E, assim, celebramos o amor! Em qualquer idade, de qualquer forma. O amor é mágico e traz consigo um toque de imortalidade. Vão com a minha bênção esta noite, amantes, e busquem o prazer aonde forem. Amem, riem e sejam felizes! — proclamou a deusa, e, em uma explosão de faíscas, todo o elenco desapareceu pelo alçapão no chão do palco.

Os aplausos continuaram por muito tempo, mas, quando nenhum dos artistas retornou para o bis, o teatro começou a se esvaziar. O público era formado quase exclusivamente por casais e, enquanto estes saíam, viam-se muitas mãos dadas, conversas íntimas e toques sutis.

Quando os outros casais sentados à volta deles no balcão começaram a deixá-lo, Pamela hesitou. Ela e Febo se encontravam em pé, ao lado dos assentos e, por um momento, ficaram sozinhos, como se tivessem descoberto uma gruta dentro do teatro escuro. *Um pouco como na noite anterior*, Pamela pensou. Quando eles tinham se beijado na chuva.

Olhou para ele, dominada pelo misto de luxúria e desejo que lhe corria pelo corpo em uníssono com o bater de seu coração. Nesse momento, soube que iriam fazer amor. Estava cansada de se contentar com pouco. Queria alegria e satisfação.

Por isso mesmo falou em uma torrente, como se as palavras tivessem sido obrigadas a romper uma parede de cautela e inibições:

— Estou me sentindo como se estivéssemos sozinhos no mundo. Às vezes, quando olho para você, vejo um mar de possibilidades...

— Então continue vendo — ele respondeu, rouco. — E, acredite: eu jamais faria nada para feri-la. Pense em mim como no seu talismã de Apolo... Eu também quero que supere tudo e fique inteira, de modo que possa amar e confiar de novo.

Febo tocou a medalha que ela usava em volta do pescoço e, mais uma vez, Pamela sentiu um estranho calor atravessar o metal e seguir direto para seu coração. Cansada de hesitar, deslizou as mãos pelo peito largo e colocou o corpo ao dele.

— Faria uma coisa por mim?

— Qualquer coisa que estiver ao meu alcance — ele prometeu, solene.

— Você me levaria de volta ao meu quarto e faria amor comigo? — ela quis saber, meio

sem fôlego.

— Seria uma grande honra, doce Pamela... — Apolo disse baixinho, inclinando-se para beijá-la nos lábios.

CAPÍTULO 15

Envolvidos em uma nuvem de ansiedade, eles caminharam de volta à suíte. Falavam pouco, porém tocavam um ao outro constantemente. Apolo já estava se familiarizando com as curvas e linhas do corpo de Pamela, e parou muitas vezes a fim de puxá-la para uma sombra e beijá-la com uma ternura que nada fez para mascarar seu crescente desejo. Queria Pamela com uma intensidade que era como um fogo se avolumando dentro dele e, para seu profundo deleite, Pamela correspondia com paixão. Era tão bom tê-la pressionada contra o corpo, como se sempre tivesse estado ali!...

Conforme caminhavam, pensou no casal de idosos que havia encerrado a produção no teatro. Sem dúvida eram atores *plantados* no meio da multidão, mas isso não significava que eles não tinham sido amantes de verdade. Ainda se lembrava de como os olhos do homem irradiavam amor e orgulho enquanto ele conduzia sua companheira de uma vida naquela valsa especial.

Suspirou. Sabia que nunca iria envelhecer ao lado de Pamela, mas a queria a seu lado. E queria isso com uma intensidade que o encheu de propósito.

Eles ficariam juntos, prometeu a si mesmo.

Pamela deslizou o cartão-chave na porta e, após uma luz verde e um clique, entrou na suíte à frente dele.

Sua hesitação se foi, então. Ela sabia o que queria. Queria Febo. Queria esquecer os erros do passado; não se importar sobre o que poderia ou não acontecer no futuro.

Algo lhe acontecera naquela noite enquanto assistia à mágica sensualidade de *Zumanity*. Percebera que estava errada. Duane não matara o romance, a diversão, nem mesmo o sexo dentro ela. Apenas fizera aquele seu lado hibernar.

E agora que este despertara, ela se sentia esfaimada.

Quando Apolo fechou a porta, Pamela se virou e caiu em seus braços. Ele a beijou demoradamente, querendo saboreá-la por inteiro agora que se encontravam sozinhos.

Quando ela gemeu em sua boca, Apolo se inclinou, segurou-a pelas nádegas redondas e a ergueu, de modo a pressionar-lhe o centro de seu corpo contra a própria ereção. Inquieta, ela se moveu de encontro a ele e, com um suspiro, Apolo interrompeu o beijo, lutando por controle.

— Estou perdendo a cabeça de tanto desejo que sinto por você! — gemeu quando a língua e os lábios carnudos deixaram um rastro quente na lateral de seu pescoço.

— Ponha-me no chão e eu me livrarei destas roupas! — O hálito quente de Pamela soprou em sua pele.

Apolo quase a derrubou, e a risada dela foi profunda e rouca.

Travessa, Pamela recuou para longe dele e começou a andar para trás, na direção da cama, enquanto alcançava a parte de trás do vestido vermelho e descia o zíper. Encolheu um ombro, a roupa deslizou, livre, e ela saiu do pequeno monte carmesim agora em seus calcanhares.

Os olhos de Apolo devoraram o corpo esbelto. Pamela usava algo preto e rendado que quase não lhe cobria os seios, mas que os levantava e os fazia apontar, sedutores, em sua direção. Outra peça parecida, também de renda, mal ocultava o triângulo escuro entre suas pernas. As sandálias douradas, com duas pontas parecidas com punhais, deixavam suas pernas longas e nuas incrivelmente sensuais.

Enquanto Pamela levava as mãos às costas outra vez, a fim de desabotoar a *lingerie*, ele cobriu a distância que os separava e a beijou com paixão.

— Eu o quero nu contra mim — ela sussurrou em sua boca.

Respirando com dificuldade, Apolo interrompeu o beijo longo apenas o suficiente para arrancar a camisa sobre a cabeça. Enquanto se atrapalhava com o estranho fechamento das próprias calças, Pamela deslizou para a cama, observando-o com olhos cintilantes.

E ainda calçava aqueles sapatos *sexy*!...

Apolo conseguiu ficar nu, por fim, mas, antes que pudesse se juntar a ela na cama, Pamela se ergueu sobre um cotovelo e o deteve com a mão.

— Espere. Fique assim... Deixe-me olhar para você. — Seu olhar viajou dos olhos cor de safira para o restante do corpo másculo, então ela passou a língua sobre os lábios antes de falar outra vez. — Febo, é o homem mais lindo que já vi. Deus, olhe só essa pele!... Cobre seus músculos como ouro líquido. — Balançou a cabeça e deu uma risada, meio sem fôlego. — Você deveria ser pintado por artistas. Escultores deveriam esculpi-lo. Como pode ser de verdade?

Apolo sentou-se na cama, a seu lado.

— Eu sou de verdade, e o que está acontecendo entre nós é real. Minha aparência não é nem pouco incomum ou extraordinária para mim.

Ele fez uma pausa, pensativo. Fizera amor com inúmeras mulheres, deusas e mortais. Antes, contudo, sempre havia usado a magia do seu poder imortal para aumentar o próprio prazer durante o ato.

Daquela vez seria diferente. Pamela era diferente. Ele não quisera usar seus poderes para atraí-la ou seduzi-la, mas queria muito que ela sentisse a profundidade de sua paixão. Queria que ela o conhecesse de uma maneira que nenhuma outra mulher tinha conhecido.

Tocou-a enquanto continuava falando.

— O que está acontecendo aqui dentro é novo e maravilhoso para mim. E a única forma que conheço de compartilhar esse sentimento é amando você. — Ele acariciou-lhe o pescoço

longo com delicadeza e deixou os dedos se mover por entre as mechas curtas de seu cabelo. Quando a tocou, permitiu que parte de seu poder imortal escapasse de seus dedos e a varresse por inteiro, fazendo-a estremecer sob o toque. — Deixe-me amá-la, doce Pamela. Deixe-me tornar isso real para você.

— Sim! — ela sussurrou a palavra em sua boca.

As mãos de Febo deslizaram pelo corpo macio conforme seus lábios se encontravam novamente.

A pele de Pamela vibrou sob seu toque. Nunca antes ela se sentira tão sensível. Era como se houvesse se tornado um conduto vivo para todas as sensações ardentes, intensas, enlouquecedoras e eróticas de que sentia falta havia tantos anos.

As mãos de Apolo desceram por sua perna até chegarem ao pé. Olhos azuis cintilaram para ela; em seguida, ele beijou o tornozelo que ela ferira na noite anterior.

— Eu queria ter feito isso ontem, você sabe — sua voz soou rouca de desejo.

— Devia ter feito — ela ofegou. — Eu queria que fizesse.

Febo desafiou a tira dourada da sandália e a retirou. Beijou o arco delicado de seu pé, e uma onda de eletricidade subiu pela perna de Pamela, indo parar bem no fundo de seu âmago já úmido.

— Que bom que gosta — ele sussurrou, indo para o outro pé. — Esta noite quero que acredite que é uma deusa sendo amada por um deus.

Pamela gemeu e mordeu o lábio enquanto ele deslizava a boca do arco de seu pé para a panturrilha. *Febo tinha que ser mesmo um músico*, pensou, quando ele lhe acariciou o interior da coxa, e seus lábios encontraram o vale atrás de seu joelho. Apenas um músico podia ter mãos tão habilidosas. Seu toque era quente, e ela se sentia derreter sob suas carícias.

Quando os lábios de Febo seguiram o caminho que ele traçara com as mãos até o interior de sua coxa, Pamela arqueou o corpo para encontrá-lo, soltando uma exclamação de prazer ao sentir a língua quente mergulhando em seu âmago. Seu orgasmo foi tão rápido e explosivo que seu corpo inteiro estremeceu em resposta.

Em algum lugar em meio à névoa de paixão, Pamela reconheceu que aquilo nunca lhe acontecera antes... Nunca fora tão rápido ou tão intenso.

Ainda tonta, estendeu os braços e Febo se juntou a ela.

— Estou aqui, minha doce Pamela — murmurou.

Ela sentiu o coração batendo contra o peito. O ritmo irregular de sua pulsação se igualava ao dele. Abriu a boca e as línguas se encontraram, fazendo-a provar em Febo o gosto do próprio sexo: salgado e doce ao mesmo tempo.

Aprofundou o beijo e arqueou o corpo, de modo que seu calor úmido ficasse pressionado ao membro rijo, então deslizou a mão entre ambos a fim de guiá-lo para ela.

Mas não o fez.

Não ainda, pensou. Em vez disso, manteve-o lugar, esfregando a ponta ingurgitada nas próprias dobras aveludadas, enquanto o afagava com a mão.

Até Pamela começar a acariciá-lo, Apolo se encontrava em pleno controle de si mesmo. Deleitara-se com a maneira desinibida como ela reagira a seus avanços, e usara seu poder imortal com cuidado, a fim de aumentar sua sensibilidade. Fizera amor com ela com seu corpo e sua magia, e, quando ela chegara ao clímax, bebera o mel de seu êxtase.

Mas Pamela possuía sua própria magia; e a sedução de uma mulher intensificada por um desejo sincero, além da alma de um deus.

— Não posso esperar mais! — A voz dele saiu rouca de paixão.

— Febo!... — ela sussurrou seu nome e, enfim, o guiou para dentro dela. Em seguida, arqueou o corpo de forma a receber seus impulsos.

Apolo mergulhou nela repetidas vezes. Em seguida se levantou, de modo a fitá-la nos olhos.

Cure-se!, a alma do Deus da Luz falou à de Pamela. *Acredite que pode amar outra vez!*

Seus olhos capturaram os dela, e Pamela não pôde mais desviar o olhar. Fora consumida pelo toque de Febo, por seu cheiro e pelo calor do corpo sólido em seu âmago. Correspondia a ele em um nível mais profundo do que o físico. Febo a tocava não apenas com o corpo, mas também com a mente, o coração... Talvez até mesmo com a alma.

Quando seu orgasmo teve início, seu enlevo a carregou com ele. Pamela fechou os olhos contra a intensidade do prazer que a varreu, e um *flash* de luz dourada explodiu em suas pálpebras fechadas quando Febo gritou seu nome.

Ártemis congelou em meio a um gole do delicioso Martini que compartilhava com o sátiro, o qual tão bem a servira mais cedo, naquela noite. Assim como na lenda do nó Górdio, sentiu que os laços que a atavam à mortal se desfaziam.

Apolo tinha conseguido. O ritual fora concluído!

A deusa sorriu e respirou fundo, satisfeita por se encontrar livre das emoções de uma...

— Não — pronunciou a palavra por entre os dentes. — Não é possível!

— Há algo errado, senhora? — Os olhos do sátiro ficaram redondos com preocupação.

— Quietos! — ordenou Ártemis.

A criatura da floresta pareceu magoada, mas, de imediato, obedeceu à sua deusa.

Ártemis estreitou os olhos e se concentrou. *Não!* Ela jamais poderia imaginar! A pressão avassaladora que a prendia à mortal suavizara, mas, em seu lugar, restara um fio fino, quase insubstancial.

O que era aquilo? O que acontecera? Apolo devia ter feito amor com a mortal, o que devia ter posto um fim à invocação. A mortal pedira para ter mais romance em sua vida. Como fazer

amor com o Deus da Luz podia não ter satisfeito o ideal de romance da mulher? Ainda mais depois de esta ter sido preparada para ele pela magia que ela mesma, Ártemis, usara durante aquela apresentação erótica no teatro?...

Ter escutado a conversa de Pamela com a *concierge* do hotel fora muito útil, e aderir ao show erótico fora uma ideia inspiradora.

Os lábios carnudos da Deusa da Caça se curvaram para cima. Existiam coisas no Mundo Moderno de que vinha gostando um bocado. Não fazia ideia do quanto seria divertido se fazer passar por uma adorada estrela de teatro. Precisava repetir a experiência em breve.

Ártemis se encolheu quando o fio que ainda a vinculava à mortal pareceu puxá-la. Era apenas uma leve pressão, como uma farpa minúscula na sola de sua chinela. A princípio, tratava-se apenas de um pequeno incômodo, mas, com o tempo, poderia causar muita irritação.

A deusa suspirou, frustrada. Não havia nada que pudesse fazer a respeito, no momento. Não poderia ir atrás do irmão, interromper seu encontro amoroso e exigir saber por que sua *performance* parecia ter deixado a desejar. Isso não ajudaria em nada.

Girou a haste fina e fria da taça de Martini entre os dedos. Ainda era cedo. Talvez, pela manhã, Apolo tivesse conseguido satisfazer os desejos românticos daquela ridícula mortal. Até então era inútil ficar elucubrando sobre o assunto. Ela precisava mais era de uma distração.

Olhou com malícia para o jovem sátiro que continuava sentado a seu lado. Ele era uma criatura interessante...

— Querido? — ronronou, e as orelhas do ser literalmente se levantaram em sua direção. — Lembra-se de como foi emocionante quando me perseguiu pelo ar esta noite?

— Claro que me lembro, minha deusa — a voz dele soou ansiosa. — Uma eternidade pode passar, e eu jamais me esquecerei.

— Ainda não estou com vontade de voltar para o Olimpo. Pague por nossas bebidas, assim poderemos voltar para aquele lindo teatro. Precisa praticar melhor a sua cena de perseguição e, desta vez, quem sabe seja mais bem recompensado quando me capturar por fim?... — Ela correu um dedo pelo braço musculoso, e os olhos do semideus se dilataram como os de um corço em resposta.

— Eu vivo para atender às suas necessidades, minha deusa.

— É com isso o que estou contando — Ártemis murmurou para si mesma, enquanto o sátiro corria para pagar o servo.

CAPÍTULO 16

Ah, maldição dos infernos! Ela havia se esquecido de usar um preservativo! E não apenas na primeira vez. Na segunda e na terceira também!

Pamela revirou os olhos. *Que i-di-o-ta!...* Como podia ter se esquecido? Principalmente depois de ter encarado a vergonha que ameaçara sufocá-la ao comprar uma caixa nova da marca *Trojan* na loja de *souvenirs* do hotel, após a pedicure.

E graças a Deus fora à pedicure. Febo a beijara, acariciara e até mesmo lhe sugara os dedos dos pés!

Só de pensar nisso ficava vermelha e com os joelhos fracos outra vez.

Concentre-se!, seu guia interno a repreendeu. Não usar preservativos nada tinha a ver com dedos dos pés.

Ou tinha?

Um movimento à direita chamou sua atenção. Pamela virou a cabeça e olhou para Febo. Ele era tão lindo!... Quando não estava olhando para ele, podia até pensar em Febo como apenas um sujeito de boa aparência. Mas bastava vê-lo para perceber que não existia nada comum nele. Nada mesmo.

Ainda sentia o corpo vibrar com seu toque. Devia estar dolorida, cansada e, na certa, lutando contra uma infecção do trato urinário depois de tanto sexo!... Em vez disso, sentia-se maravilhosa. Preguiçosa, letárgica e muito, muito satisfeita.

Mas se esquecera de usar uma proteção.

— Sinto que está franzindo a testa — declarou Febo sem abrir os olhos.

— Impossível! — ela exclamou, forçando um sorriso. — Até porque não estou franzindo a testa.

— Agora não mais — ele concordou ainda de olhos fechados. Então os abriu e virou a cabeça loira, de modo a encará-la com um sorriso terno. — Bom dia, minha doce Pamela.

— Eu me esqueci de usar um preservativo na noite passada. — Ela corou. — E também nesta manhã.

Apolo franziu o cenho.

— Preservativo? — ele repetiu a palavra desconhecida.

— Sim — ela aquiesceu, o rosto ficando mais quente a cada instante. Agarrou o lençol, que havia se soltado completamente do colchão graças à sua aeróbica da noite anterior, enrolou em torno do corpo nu e se retirou para o banheiro.

— Você sabe, preservativo, preventivo, camisa de Vênus... — falou por cima do ombro. — Não estou tomando pílula nem nada. Você é o médico. Eu não devia ter de explicar como seria

fácil para eu ficar grávida.

Uma camisa de Vênus era algo que impedia uma mortal de ficar grávida?, perguntou-se Apolo. Muito interessante. Mesmo assim, duvidava de que esta pudesse impedir um deus de engravidar uma mortal, caso este decidisse ter um filho com Pamela...

De qualquer modo, isso não tinha acontecido.

Apolo se espreguiçou e sorriu. Até gostava da ideia. Mas não até que Pamela soubesse quem ele era, e concordasse em passar a vida a seu lado.

— Não pode ter engravidado neste nosso encontro, Pamela.

Ela pôs a cabeça para fora do banheiro, segurando a escova de dentes.

— Por acaso fez vasectomia?

Apolo não fazia ideia do que ela estava falando, mas Pamela pareceu aliviada, então ele balançou a cabeça e sorriu.

— Ah, bom. Maravilha. — Ela desapareceu por um momento, depois ressurgiu ainda com a escova na mão. — Mas e quanto a... ahn... — Hesitou, sentindo-se ridícula. Tivera mais intimidades com aquele homem do que com qualquer pessoa — incluindo seu “ex” — e perguntar sobre DST a fazia gaguejar? Além do mais, Febo era médico, pelo amor de Deus!... — Mas e quanto a doenças sexualmente transmissíveis? — Tentou outra vez.

Apolo reuniu as sobrancelhas douradas.

— Não tenho nenhuma doença.

— Ah, sim, claro. Que bom. Nem eu!... Que bom — ela repetiu pela terceira vez, sentindo-se como uma completa idiota.

Voltou para o banheiro, ligou o chuveiro e fechou a porta.

Apolo a escutou se ocupando no outro cômodo e precisou fazer um grande esforço para não se juntar a ela. Tinha vontade de arrancar aquele lençol e erguê-la sobre o balcão da pia, depois mergulhar nela enquanto fitava aqueles olhos cor de mel, até que, uma vez mais, pudesse ver o reflexo da própria alma em suas profundezas.

Sentiu o corpo reagir e se tornar pesado e rijo apenas de pensar em Pamela.

Mas teriam todo o tempo do mundo para fazer amor nos muitos anos em que ficariam juntos.

Fechou os olhos e deu um longo suspiro de alívio. Não fora o ritual de invocação o que fizera Pamela desejá-lo. Se fosse esse o caso, seu desejo por ele teria diminuído após sua primeira vez, o que, definitivamente, não havia acontecido. Na verdade, a paixão de Pamela parecia aumentar a cada vez que se amavam. Ela dormira em seus braços, os dedos entrelaçados aos seus. Mesmo durante o sono se aninhara mais junto a ele.

E ele adorava isso nela. Era outra coisa que o surpreendera. Ele nunca tinha trocado carícias e ficado abraçado com uma amante antes. Se fizera isso, fora apenas como um

incentivo para dar início a uma nova rodada de sexo.

Sentia-se tão diferente com Pamela!... Na verdade, ele a queria por perto mesmo quando não estavam fazendo amor.

Agora compreendia por que Hades e Lina muitas vezes se sentavam perto o suficiente um do outro para que seus corpos roçassem, e por que seus dedos se tocavam durante as tarefas mais simples e banais, como passar uma taça ou um prato de frutas. Eles também queriam aquela conexão.

Não, Apolo corrigiu a si mesmo. Eles *ansiavam* por aquela conexão. Assim como ele ansiava por Pamela.

Ela saiu do banheiro com o lençol ainda enrolado no corpo, o rosto recém-lavado e o cabelo úmido.

— O que vamos fazer hoje? — ele quis saber, estendendo-lhe a mão.

Pamela a aceitou e se aconchegou em seu peito. Que prazer incrível palavras tão simples podiam proporcionar! Febo queria saber o que “eles” fariam naquele dia.

— Bem, já que perdemos o café da manhã... — ela olhou para o relógio digital cujos números vermelhos exibiam “2:05 p.m.” — ... e o almoço, creio que comer precisa entrar nos nossos planos. — Beijou a linha forte do queixo de Febo, perguntando-se por que não sentia nos lábios nenhuma barba incipiente. — E eu odeio dizer, mas preciso trabalhar um pouco para ter o que apresentar na reunião de amanhã com o meu cliente.

Apolo tocou o cabelo úmido que lhe adornava a cabeça em adoráveis e confusas mechas.

— Que tipo de trabalho?

— Eddie quer uma piscina construída com base na do hotel e eu, claro, nem conheci a piscina do Caesars Palace ainda! Preciso ir até lá vê-la e, talvez, fazer alguns esboços para ter alguma ideia preliminar do que fazer para Eddie. — Pamela franziu a testa. — Já li por alto algumas anotações que ele fez, mas elas eram muito confusas. Eddie quer uma piscina externa, porém coberta, “como um genuíno banho romano no nível inferior”. Só espero que menos *autêntica* do que aquela maldita fonte.

— Talvez eu possa ajudar. Tenho alguma noção do que seja um autêntico banho romano.

— Eu me esqueço de que sabe tudo sobre essas coisas antigas de mitologia! É um sujeito bem útil para se ter por perto, não? — ela falou brincando e se inclinando para ele.

— Você não faz ideia... — Apolo sorriu e a beijou.

— *Gimensa*? — Apolo perguntou, balançando a cabeça.

— *Imorme*! — elaborou Pamela. — Como, maldição dos infernos, vou poder reproduzir isto em um pátio?!

— Depende do tamanho do terreno do seu cliente.

Ela soltou um gemido.

— Tem razão — admitiu Apolo, sem tirar os olhos da vasta extensão de água, mármore e fontes que se estendia à sua frente. — Este... — Parou, sem saber que palavra usar.

— Lago artificial? — arriscou Pamela.

Apolo tentou esconder o sorriso perante o tom horrorizado de Pamela.

— Sim, “lago artificial” o descreve razoavelmente bem. Este “lago artificial” pareceria portentoso demais até mesmo no Monte Olimpo.

— *Ha!* Aposto que os deuses teriam mais bom gosto.

O Deus da Luz pensou no palácio rosa e dourado de Afrodite, com a fonte que vertia ambrosia rosada em vez de água.

— ... Talvez — murmurou.

Pamela continuava de queixo caído com os seus arredores.

— Ao menos agora eu sei o que Eddie quis dizer com aquelas anotações. Ele quer uma piscina externa, mas com uma cobertura como esta. — Apontou para o centro da piscina colossal: uma plataforma de mármore circular gigantesca se erguendo a vários centímetros acima da água. Colunas de mármore, com pelo menos quinze metros de altura, apoiavam uma cúpula de cobre, a qual fazia sombra aos muitos banhistas que nadavam — e, em seguida, descansavam sob esta —, bem como para a estátua em tamanho maior do que o natural de César. — O problema é que, nas anotações, Eddie diz que quer toda a piscina coberta pela cúpula. E quer que os *tronos* sejam copiados na íntegra também. Imagino que seja aquilo... — Pamela apontou com um gesto de cabeça na direção da estação de salva-vidas não muito distante de onde eles se encontravam. Era de mármore e fora construída na forma de um grande trono flanqueado por dois leões alados.

— Será que ele vai querer os cavalos-marinhos também? — Apolo perguntou, divertindo-se com toda a situação.

Pamela olhou de soslaio para as enormes estátuas de mármore, cujas metades traseiras se transformavam em caudas de sereia.

— Ah, Deus! Espero que não. — Passou a mão pelo cabelo. — Isto tudo, somado àquela fonte, vai acabar comigo. É horrível. *Brega* demais! Esse tipo de coisa chega a gritar: “Tenho rios de dinheiro, mas gosto nenhum!”...

— Sem dizer que não tem nada a ver com um genuíno banho romano — afirmou Apolo, estudando os leões alados, montados sobre os pilares retangulares que ladeavam a piscina menor e destinada às crianças, um pouco mais além.

Pamela estremeceu.

— Espero que não. Qualquer lugar que governasse o mundo por tanto tempo como Roma faria algo melhor do que isto.

— A diferença não se dá apenas na decoração. Os antigos banhos romanos não eram

piscinas como esta. Eram uma série de salas aquecidas, construídas uma atrás da outra, a começar por uma área onde os banhistas eram massageados com óleos. Os cômodos iam ficando mais quentes e, muitas vezes, ficavam cheios de vapores calmantes. — Apolo sorriu para ela. — Eles não continham essas piscinas enormes. Eram construídos em torno de pequenas fontes, as quais os banhistas usavam para se refrescar. Claro que esses cômodos acabavam em piscinas. Geralmente uma era aquecida e a outra, mantida fria e refrescante.

A expressão de Pamela mudou de horrorizada para esperançosa.

— Acha que poderia me descrever os banhos romanos bem o bastante para eu fazer alguns esboços? Eu teria de incorporar algumas destas coisas, claro — ela apontou o ambiente a esmo —, mas talvez eu possa amenizá-las e torná-las mais autênticas a fim de vender a ideia para Eddie. Ele já disse que quer uma piscina coberta. Posso projetar uma série de belas salas, cada uma com algum componente aquático, e tudo em torno de uma piscina com um pouco menos de pompa.

— É uma ideia interessante — concordou Apolo.

— Ótimo! Vamos começar. — Ela marchou para uma das linhas menos ocupadas de espreguiçadeiras brancas, então parou.

— Comida — lembrou. — Preciso comer para conseguir trabalhar. — Deslizou o olhar para uma construção de mármore na frente da qual havia uma pequena fileira de pessoas. Leu as letras românicas douradas e revirou os olhos.

Desta vez, Apolo não tentou disfarçar seu divertimento. Pendeu a cabeça para trás e caiu na gargalhada.

Pamela fez uma careta para ele, em seguida rumou em direção ao prédio.

— *Snackus Maximus* não é assim, tão engraçado!... — resmungou por cima do ombro.

Apolo fechou os olhos e inalou o ar aquecido pelo sol do deserto que acariciava sua pele e o enchia de poder e contentamento. Sentia-se indescritivelmente bem. E o som suave do inquieto lápis de carvão de Pamela era um fundo perfeito para seus pensamentos.

Ele e sua doce Pamela se davam muito bem. O raciocínio rápido de Pamela e aquele seu sorriso travesso tinham transformado a tarde que passara trabalhando a seu lado numa maravilhosa e agradável experiência. Pamela brincava o tempo todo com ele e provocava-o nas menores coisas: como seu cabelo ficara encaracolado após um dos mergulhos na piscina, diante de sua surpreendente obsessão por um delicioso lanche salgado chamado batatas fritas (das quais ele pedira três porções)...

Mulheres não zombavam do Deus da Luz. Pamela, sim. E, quando ele a fazia rir, seus olhos brilhantes o faziam se sentir mais do que divino.

Apolo logo descobriu que ela era muito mais talentosa como artista do que imaginava. Podia até vislumbrar seu futuro juntos. Pamela nunca mais teria que trabalhar para ricos

inconvenientes como aquele escritor que, sem dúvida, se considerava um deus mortal.

Talvez ele construísse para ela uma enorme galeria em seu templo, em Delfos. Pamela poderia passar os dias desenhando as maravilhas do Olimpo... e as noites dividindo a cama com ele.

O amor era muito mais fácil do que ele imaginava. Mal podia se lembrar do que o perturbava tanto ao correr em busca dos conselhos de Lina e Hades. Por que estivera tão preocupado? Ele encontrara sua alma gêmea e, agora, tudo o que tinha a fazer era adorá-la.

E amar Pamela era uma delícia. Verdade que ele ainda precisava revelar a ela sua verdadeira identidade, mas aquilo não era apenas um detalhe? Ela já o conhecera bem, e ele era o homem que a amava.

E algo lhe dizia que Pamela sentiria um enorme prazer em descobrir que ganhara o amor de um imortal.

Seus lábios se curvaram, e sua mente derivou, preguiçosa. A vida era boa.

— Não fica com medo de se queimar demais? — Pamela o fitou por cima da lente dos óculos escuros. Apolo estava deitado a seu lado, em uma espreguiçadeira como a dela, porém a cadeira se encontrava voltada para o sol escaldante do fim de tarde do deserto.

Já ela puxara a espreguiçadeira para a sombra proporcionada por um guarda-sol da piscina. Mesmo suas pernas nuas, no momento dobradas para que ela pudesse usá-las como apoio para o bloco de desenho, estavam distantes da luz direta do sol.

Mesmo assim, ela ainda se sentia acalorada. Vinha trabalhando naquele esboço da casa de banhos havia horas, e Febo se mantivera o tempo todo descansando a seu lado, explicando-lhe detalhes dos antigos banhos romanos, dando dicas perspicazes quanto às pequenas salas individuais e quanto à disposição geral enquanto permanecia em pleno sol.

— De eu me queimar? — Ele enrugou a testa.

— Sim, está deitado aí, usando quase nada, o dia inteiro. Eu já estaria como uma batata frita.

Febo nem sequer parecia acalorado. Pelo contrário, estava escandalosamente bonito com aquele calção de banho adquirido às pressas e nada mais. Um verdadeiro monumento de pele dourada e deliciosos músculos.

— Quer dizer queimado pelo sol? — Ele riu, como se achasse a ideia nova e divertida. — Claro que não. Não me preocupo com isso. O sol e eu somos velhos amigos. — Apoiou-se sobre um cotovelo e se virou para ela.

— Já terminou?

Pamela mordeu o lábio conforme estudava o esboço.

— Acho que sim. E gostei do resultado, embora eu não tenha certeza se Eddie vai abraçar a ideia. O que acha? — Entregou-lhe o bloco.

Apolo o estudou com cuidado, então balançou a cabeça.

— Foi uma escolha sábia fazer as pequenas fontes em cada um dos quartos aquecidos mais ornamentadas do que tinha previsto no início.

— Sim, a ideia é manter as paredes de mármore lisas. Dessa forma o efeito não será tão avassalador. Se ele quiser uma decoração mais vistosa, posso tentar convencê-lo a aceitar o piso de mosaico que você sugeriu.

— Disse que seu cliente vive mencionando a importância da autenticidade. Pois pode assegurar a ele que este esboço se baseia nos antigos projetos de um banho romano. Claro que o trono à beira da piscina central não é muito... — Apolo fez uma pausa enquanto a fitava, e o sorriso em seus olhos morreu quando algo atrás dela lhe chamou a atenção.

— Aqui está você. Até que enfim!

A voz da mulher, cheia de frustração, soou por cima do ombro de Pamela.

Antes que ela pudesse se virar para ver quem estava falando, Febo havia se posto de pé.

— Que inesperado prazer — ele resmungou.

Prazer?

Ele soava muito mais irritado do que satisfeito, refletiu Pamela. Olhou por cima do ombro e teve que segurar a mão para proteger os olhos da luz alaranjada e ofuscante do sol que se punha, a qual demarcava a silhueta curvilínea de uma mulher alta. Conseguiu distinguir vagamente as linhas de um vestido curto e esvoaçante, e o fato de que o cabelo da estranha se encontrava preso no alto da cabeça, em um estilo que lembrava muito uma coroa. A mulher não lançou um só olhar em sua direção. Em vez disso, pôs-se a repreender Febo.

— Esperei por você até agora e não se dignou a aparecer! Por isso fui obrigada a vir lhe procurar.

Febo franziu a testa.

— Não acredito que especificou um tempo para a minha volta!

— Achei que voltaria depois de...

— Perdoe minha grosseria, Pamela — Febo interrompeu a moça, agarrou-a pelo pulso e a puxou para a frente da espreguiçadeira, obrigando-a a encará-la. — Permita-me lhe apresentar a minha irmã. Pamela Gray, esta é minha irmã gêmea... — ele hesitou, lançando à mulher um olhar penetrante — ... Diana.

Pamela se levantou e abriu um sorriso, com a mão estendida.

— É um prazer conhecê-la, Diana. E, por favor, não culpe Febo se ele se atrasou para alguma coisa. Foi por minha culpa. Quando eu descobri o quanto ele sabe sobre a Roma antiga, não parei de solicitar sua ajuda.

Ártemis olhou da simpática mortal para sua mão estendida. Podia sentir o olhar de censura do irmão, tanto quanto o vínculo da invocação que ainda a prendia à moça.

Relutante, aceitou a mão de Pamela e se surpreendeu com a firmeza do cumprimento.

— Espere! — exclamou Pamela, os olhos se arregalando. — Eu sei quem você é! É aquela mulher linda do show *Zumanity*! — Seus olhos se desviaram para Apolo. — Não acredito que não me contou que ela era sua irmã!

— Talvez ele estivesse envergonhado com a minha *performance* — elaborou Ártemis, erguendo o queixo com uma ponta de arrogância.

— Mas isso seria ridículo! — concluiu Pamela, fitando-o com perplexidade. — Seu desempenho foi incrível... Vigoroso, sedutor e incrivelmente romântico.

Uma das sobrancelhas perfeitas de Ártemis se arqueou.

— Achou romântico?

— Sem dúvida — afirmou Pamela, balançando a cabeça com entusiasmo.

— Diana sabe que sua *performance* não me envergonha — Apolo se defendeu depressa. — Eu só não sabia que ela ia se apresentar na noite passada, por isso fiquei surpreso. Eu gostaria de ter mencionado seu trabalho antes, mas, depois do show, estava com coisas mais interessantes na cabeça... — Ele compartilhou um sorriso íntimo com Pamela.

— Diga-me uma coisa... — recomeçou Ártemis, como se seu irmão não tivesse falado. — ... Febo está sabendo como seduzi-la?

O rosto de Pamela foi do rosa ao vermelho, e ela abriu e fechou a boca.

— Diana! — rosnou Apolo. — Essa pergunta não apenas foi desnecessária como inconveniente!

— Foi mesmo? — ela devolveu, cínica. — Não creio, *Febo* — ela enunciou o nome devagar. — O vínculo continua! Mais fraco do que antes, mas continua.

As palavras de Diana não fizeram sentido para Pamela, porém ela viu a expressão de Febo mudar instantaneamente da raiva para o choque.

— Quero acabar logo com isso — Diana prosseguiu num tom áspero. — Preciso lembrá-lo de que a nossa estada aqui é apenas temporária? Temos que ir embora antes do amanhecer.

Pamela sentiu um aperto no estômago. O que eles estavam discutindo podia não fazer sentido para ela, mas a palavra “temporária” falava por si só.

Eles iriam embora. Em breve. Claro que ela mesma só ficaria em Las Vegas apenas por uma semana, mas fora honesta quanto a isso, avisando Febo de antemão que se encontrava ali apenas por conta de um trabalho. Ele tinha feito amor com ela e passado o dia todo em sua companhia, não mencionando nenhuma vez que teria de ir embora na manhã seguinte.

Ela era mesmo uma m... de uma cretina. O que imaginava estar fazendo?! Brincando de casinha?

Merda, merda... MERDA! Devia ter imaginado. Sua inexperiência naquele mundo das conquistas devia ser óbvia. Não podia ter esperado mais do que um pouco de diversão de um

encontro como aquele.

— Escutem. — Pamela interrompeu o entrevero entre irmãos, usando seu tom mais firme e profissional. — Se há uma coisa de que entendo, e entendo bem, é que, às vezes, irmãos e irmãs precisam discutir. Em particular. — Apanhou o bloco de notas na espreguiçadeira, onde Febo o havia deixado, e o enfiou na bolsa de couro enquanto calçava as rasteirinhas *Mizrahi*. — Na verdade, Diana, o seu *timing* é excelente. Eu estava justamente pensando que preciso voltar para o quarto e fazer mais alguns trabalhos para amanhã.

— Não, Pamela! Por favor, não... — Febo apressou-se em dizer.

Ela mal olhou para ele.

— Para falar a verdade, já perdi muito tempo me divertindo neste fim de semana... Adeus, Febo.

Ártemis ficou chocada. A mortal estava mesmo se afastando de seu irmão! Por meio de sua conexão invisível, podia sentir muito do que se passava com a moça. E ela estava... A deusa se concentrou, filtrando as emoções que fluíam por meio do elo entre elas. Pamela estava muito amargurada. Envergonhada. Magoada. Tinha certeza de que Apolo a usara. Sentia-se arrasada por dentro, mas se mostrava apenas aborrecida. Se elas não estivessem unidas pela invocação, ela, Ártemis, nunca imaginaria o turbilhão de emoções vivido pela mortal.

Que coisa estranha!... Seria possível que a força oculta daquela mulher tivesse algo a ver com o fato de a invocação não ter se completado? Seria possível que aquela jovem mortal enxergasse o que se passava?

Diana enxergou Pamela com outros olhos. Apolo estava com a razão em uma coisa: ela não era mesmo uma mulher tola e comum.

— Pamela, meu irmão está certo. Fui rude demais.

A voz de Diana impediu Pamela de prosseguir. Ela se voltou para a irmã de seu amante, esta lhe sorriu, e ela vislumbrou a deslumbrante beleza de Febo refletida no rosto da moça.

— Eu andei tendo alguns... — Ártemis hesitou e olhou para o irmão antes de continuar — ... contratempos de natureza pessoal. Não tenho sido eu mesma. Por favor, acredite que a última coisa que desejo é afastá-la de meu irmão.

Pamela encontrou os olhos da cor de água-marinha de Diana.

— Mas se eu for embora agora ou mais tarde não vai fazer tanta diferença, vai? Acabou de dizer que vocês vão partir amanhã cedo.

— Mas não para sempre — emendou Apolo às pressas, aproximando-se para lhe tomar a mão. — Não pode acreditar que eu iria me afastar de você e nunca mais voltar.

Pamela puxou a mão. Balançou a cabeça e até conseguiu sorrir.

— Escute, nós nos divertimos bastante juntos. Vamos deixar tudo por isso mesmo... Não precisa se incomodar.

Ártemis olhou para o rosto chocado do irmão. Por que ele não dizia nada? A mortal o estava deixando! E, com certeza, não desejava aquilo... Ela não apenas sentia a dor de Pamela, mas isso era evidente na maneira rígida e mecânica com que a moça se portava. Pamela estava magoada e aborrecida. Queria conforto, não aquela inépcia!

Apolo, no entanto, parecia estranhamente impotente.

— Eu não quis ofendê-la — Ártemis argumentou, aflita. — Foi apenas um mal-entendido. Por favor. Não vá embora assim, magoada.

— Não estou magoada — Pamela respondeu.

— Eu estaria assim no seu lugar — Apolo reencontrou a voz por fim. Desta vez, ele não a tocou, contudo. Permaneceu muito quieto e tentou transmitir tudo o que sentia por meio das palavras. — Eu ficaria aborrecido e zangado se soubesse que estava planejando me deixar antes do amanhecer sem ter dito nada. Eu devia ter lhe contado. Eu pretendia contar... Mas precisa compreender, minha doce Pamela: eu sabia que iria voltar. Estragar o nosso dia contando que eu precisaria partir em breve me pareceu algo muito cruel. Mas agora vejo que me equivoquei. Consegue me perdoar?

Ela deveria dizer a Febo que aquilo não era nada. Deveria dizer que não esperava nada dele e seguir adiante. Poderia telefonar para Ve, e elas passariam horas conversando sobre como os homens eram uns cretinos...

Então, no dia seguinte, poderia voltar a trabalhar e esquecê-lo.

Tinha acabado de dormir com Febo. Nunca fora casada com ele ou coisa do gênero.

Uma vez mais, seus olhos capturaram os dela, porém. E Pamela pôde jurar que viu um reflexo de si mesma bem no fundo deles. Febo possuía a mesma “ausência” que ela, e tocara seu corpo, seu coração e sua alma. Se Duane a havia sepultado emocionalmente, Febo a trouxera de volta à vida.

E ela não queria voltar para aquele seu túmulo de complacência. Ela se conhecia bem o suficiente para compreender que aquele fim de semana fora um ponto de virada. Não mais se satisfaria com a segurança de sua vida. Iria permanecer do lado de fora, iria flertar e correr mais riscos... com ou sem Febo.

O problema era que, bem lá no fundo, queria correr todos os riscos com ele.

— Está bem — respondeu por fim, engolindo o que ia dizer. — Eu o perdoo.

Cruzou os braços e esperou. No momento, a bola estava no campo de Febo.

Para sua surpresa, foi a irmã dele quem a devolveu:

— Meu irmão e eu precisamos conversar. É um assunto de família, e eu...

— Sem problemas — Pamela a interrompeu. — Já estou indo embora.

— Pamela, não é verdade que também tem um irmão? — O olhar de Ártemis foi perspicaz.

Mais uma vez apanhada no processo de se afastar, Pamela assentiu com um gesto de

cabeça.

— Se é assim, compreende que, muitas vezes, problemas familiares podem nos obrigar a sacrificar nossas vontades. Nós precisamos ir para casa, então, por favor, não condene meu irmão por isso.

Pamela replicou com igual franqueza:

— Não estou condenando Febo por nada. Estou apenas me protegendo.

— Não precisa se proteger de mim — afirmou Apolo. E, sem resistir, acariciou-a no pescoço com a ponta dos dedos. Quando Pamela estremeceu, porém, não soube dizer se fora por desejo ou repulsa. — Encontre-me esta noite. Deixe-me vê-la novamente antes de eu ir embora. Eu juro que vou voltar.

Ela não deveria fazer aquilo. Febo mexia demais com ela.

Pamela abriu a boca para dizer “não”, depois pensou em como seria passar a noite sem ele. Seria como o céu da manhã sem sol. Desolador. Vazio...

... Assim como sua vida havia se tornado.

Não queria mais aquilo. Mesmo correndo o risco de ter o coração partido outra vez. Bem, pelo menos agora sabia que continuava com um coração dentro do peito!

— Está bem — falou, mantendo a voz neutra. — Pode me levar para jantar. Comer no *Snackus Maximus* não contou mesmo como uma refeição de verdade.

— Ele vai escolher o lugar — Ártemis declarou com um sorriso satisfeito.

— Muito bem — Pamela repetiu. — Se nos encontrarmos às oito horas, terão tempo suficiente para resolverem o seu assunto de família?

Ártemis assentiu ligeiramente com um gesto de cabeça, na direção do irmão.

— Sim — ele confirmou. — Vou buscá-la no seu quarto.

— Não! — contrapôs Pamela rápido demais. Limpou a garganta, então, e tossiu como se a explosão tivesse sido motivada por cócegas na laringe, e não pelo pavor.

— Posso encontrá-lo naquele bar, como da última vez.

Arrependeu-se do “como a última vez”. Isso fora na noite anterior, quando eles acabaram na cama, fazendo amor até meio-dia...

O sorriso de Febo foi como uma carícia enquanto ele também se lembrava de tudo o que acontecera.

— Eu a encontrarei no nosso bar, doce Pamela. Como ontem.

Desta vez, nada impediu que ela batesse em retirada.

CAPÍTULO 17

O tom opaco e insubstancial do portal cintilou quando as divindades gêmeas deixaram o mundo moderno de volta ao Olimpo. Apolo tinha o maxilar cerrado, e seus olhos brilhavam com uma raiva silenciosa. Com um gesto brusco, ele fez sinal para que a irmã o seguisse para fora do salão de banquetes lotado.

— Eu não tive a intenção — sussurrou Ártemis, contudo o olhar enviesado do irmão foi suficiente para fazê-la segurar a língua.

— Não até que estejamos em meu templo. Sozinhos — ele falou por entre os dentes, sorrindo e balançando a cabeça em um “não” educado para Afrodite, que acenou, tentando fazê-lo ir até a *chaise* em que ela se reclinava. A Deusa do Amor estava cercada por um grupo de ninfas Napeias que havia se livrado de sua já pouca roupa e praticava uma dança da fertilidade envolvendo complicadas ondulações do ventre.

— As Napeias são mesmo muito fofoqueiras — resmungou Ártemis, num tom conspirador. Apolo lançou-lhe um olhar desgostoso.

— Todas as ninfas são fofoqueiras. *Vocês todas* são fofoqueiras.

— O que está querendo dizer com isso?

Ele a segurou pelo cotovelo.

— Não aqui. Não agora.

Os dois irmãos continuaram a abrir caminho pelos jardins olímpicos, respondendo com educadas saudações e declinando, pesarosos, dos convites para uma miríade de diversões e brincadeiras que lhes era oferecida, até alcançarem as portas douradas do templo de Apolo.

Tão logo se encontravam dentro dos aposentos particulares do deus, este se avultou sobre a irmã.

— Não acredito na cena estúpida que armou diante de Pamela! O que estava pensando? Se é que estava pensando!... Você quase estragou tudo!

— Quase estraguei tudo? — ela repetiu, irônica. — De que “tudo” está falando? Do caso tórrido que estão tendo? O vínculo continua, Apolo! Ainda posso sentir as correntes da invocação! Ainda estou ligada a ela. O que está acontecendo, afinal? Por que ainda não fez amor com ela?

Apolo desviou os olhos do olhar penetrante da irmã, e os olhos da Deusa da Caça se arregalaram.

— Você *já fez* amor com ela — concluiu Ártemis. — E não funcionou! Não atendeu aos desejos de seu coração.

Apolo assentiu, tenso. Caminhou até uma mesa com tampo de vidro, cuja base era esculpida

na forma de sua carruagem de luz, e serviu-se de uma taça do vinho eternamente pronto para ser consumido.

— Você não fazia ideia de que não tinha cumprido o ritual de invocação.

Não era uma pergunta.

Após tomar um gole da bebida, Apolo respondeu:

— Não, nenhuma.

— Não compreendo o que está acontecendo — gemeu Ártemis. — Como anda seu desempenho? Ela correspondeu bem a você?

O deus fitou a irmã por cima da taça.

— Claro que correspondeu! Não sou nenhum juvenzinho inexperiente.

— Então a satisfaz...?

Apolo fez uma careta.

— Claro que sim!

— Tem certeza? Você sabe, às vezes os homens acreditam que levaram a mulher ao orgasmo, mas...

— Ela não fingiu comigo! — Apolo berrou.

As paredes do templo cintilaram como a luz ofuscante da explosão de uma estrela. Ártemis cobriu os olhos às pressas, esperando que a ira do deus passasse.

— Bem, alguma coisa deu errado. — Espiou com cuidado por entre os dedos antes de abaixar a mão. Odiava quando a luz do irmão se expandia. — Talvez não tenha aplacado o desejo da mortal fazendo amor com ela apenas uma vez.

— Mas não foi apenas uma vez — contrapôs Apolo, passando a mão pelo rosto. — Fizemos amor a noite toda e também pela manhã. Pamela parecia tão satisfeita como eu.

— Há outra possibilidade. E se o verdadeiro desejo de Pamela não tem a ver com sexo? — Ártemis caminhou, inquieta, enquanto elaborava o problema em voz alta. — Apesar de que este permanece vinculado ao ato de fazer amor... Senti o vínculo entre nós se atenuar durante a noite. De qualquer modo, a conexão forjada pela invocação continua muito presente entre nós. Sendo assim, a mortal deseja mais do que sexo. — A deusa fez uma pausa, pensativa, enquanto se servia de um pouco de vinho. — Pude captar seus sentimentos, principalmente quando ela estava tentando deixá-lo, na piscina.

Os olhos de Apolo se fixaram na irmã.

— O que ela estava sentindo?

— Estava magoada, confusa e envergonhada.

Ele afundou em uma cadeira com um gemido.

Ártemis o observou, atenta.

— Você se importa com ela, não é? — perguntou em voz baixa.

Apolo ergueu a cabeça e encontrou seu olhar.

— Acho que estou apaixonado por Pamela.

— Apaixonado? — Ártemis balançou a cabeça. — Impossível. Ela é mortal! E, como se isso já não fosse o suficiente, é uma mortal do Mundo Moderno.

— Estou ciente disso — ele replicou por entre os dentes.

— Como pode saber? — zombou Ártemis. — Você nunca se apaixonou.

— Por isso mesmo acredito que eu esteja apaixonado! Já vivi por eras e nunca experimentei esta sensação.

— O quê...? Que sentimento tão forte é esse que está atribuindo ao amor? — Ártemis quis saber.

— Eu me preocupo mais com ela do que comigo. Sua felicidade é a minha felicidade, e sua dor me causa desespero.

A deusa o fitou como se ele estivesse com uma súbita e incompreensível erupção cutânea.

— Talvez isso passe, ou ao menos diminua com o tempo.

— O problema, minha querida irmã, é que eu não quero que isso aconteça. — Apolo sorriu, porém não havia humor em sua expressão. — Esta manhã eu estava tão seguro de mim. Pensei que o amor fosse simples, que eu houvesse encontrado minha alma gêmea. Que eu tinha feito amor com Pamela, e que ela devia sentir o mesmo por mim... Fui um arrogante, imbecil.

— Acredita que ela seja sua alma gêmea?

— Receio que Pamela possa ser, sim, minha companheira de alma.

— Se ela for, pela própria natureza desse vínculo, também deve amá-lo — concluiu Ártemis, tentando dar sentido à bizarra declaração do irmão.

— Talvez — ele murmurou, desanimado.

Ártemis bateu com os dedos no queixo.

— Bem, ela é mortal. Não devíamos estar tão surpresos com esta confusão. Talvez seja isso!

O verdadeiro desejo do coração de Pamela era que sua alma gêmea entrasse em sua vida. Ela apenas chamou isso de romance, mas não pode ser tudo a mesma coisa? Romance, amor, desejo verdadeiro, almas gêmeas... Não são todas palavras que poderiam ser usadas para descrever o mesmo fenômeno? Se eu estiver certa, faz sentido que a invocação não tenha sido cumprida.

— Por que faz sentido? Se o verdadeiro desejo de Pamela era que sua alma gêmea entrasse em sua vida, e eu sou sua alma gêmea, então por que a invocação não se cumpriu?

— Porque ela tem que reconhecê-lo e aceitá-lo como seu companheiro de alma, o que, obviamente, não aconteceu. — Ártemis descansou a mão em seu ombro. — As emoções que senti por meio do nosso vínculo não eram de amor e contentamento. Pamela estava magoada e

confusa; não estava se sentindo amada.

Uma sombra desceu sobre os olhos de Apolo.

— Ela me contou que foi muito magoada por um homem no passado. E eu, muito arrogante, acreditei que apenas um toque do meu poder imortal e da paixão do meu corpo a curariam.

— Pois estava equivocado, meu irmão. Pamela precisa de mais do que isso.

— O amor é mais complicado do que eu imaginava — ele murmurou.

Ártemis deu-lhe um tapinha nas costas.

— Esse seu sofrimento me faz dar graças por eu não tê-lo experimentado ainda.

— Acho que estou começando a entender... O amor é um misto de sofrimento e enlevo, encerrado na pele macia de uma mulher — devaneou Apolo com o olhar perdido na distância.

— Por que não revela de uma vez quem você é? Traga-a para o Olimpo esta noite. Use seus poderes imortais para fazer o amor de Pamela vir à tona.

Apolo a fitou, contrariado.

— Isso não seria amor! Seria apenas um culto abjeto, ou uma mistura de medo e adoração.

— Aí está um exemplo perfeito de como você e eu discordamos. Não precisa usar seus poderes para conquistá-la, mas faz sentido. Que mortal não gostaria de ganhar o amor de um deus?

Pensando na arrogância de sua declaração anterior, Apolo sentiu desgosto por si mesmo. Não admirava que Pamela estivesse relutante em reconhecê-lo como sua alma gêmea.

— Algo me diz que Pamela não ficaria muito feliz em saber da minha verdadeira identidade.

Ártemis bufou.

— Os mortais modernos não são como as pessoas do Mundo Antigo — ponderou Apolo. — Eles fazem criaturas de metal obedecerem à sua vontade. Passam informações por intermédio de máquinas, não de magia e rituais. E nós estamos mortos para eles... Não. Pamela deve me amar primeiro como homem. Apenas depois disso poderei convencê-la a aceitar o deus.

— E como pretende fazer isso?

— Preciso amá-la como um homem ama uma mulher.

Ártemis ergueu as sobrancelhas numa indagação.

— Com o meu coração, e não com os meus poderes — ele explicou.

— E isso significa o quê?

— Quando eu souber lidar com tudo isso, terei obtido algo de valor inestimável: o amor de Pamela — declarou o Deus da Luz.

— Acha que consegue conquistar o amor dela até o amanhecer?

— Duvido.

Ártemis suspirou.

— Acho que eu deveria ficar grata por o vínculo entre Pamela e eu ter se atenuado. Agora é mais como uma coceira difícil de dar conta do que um incômodo constante me amolando. Baco sem dúvida se esmerou na dose de maldade com essa sua pequena travessura.

— Falou com ele?

— Não, ele tem se mantido conspicuamente ausente do Olimpo nestes últimos dias... — Ela encolheu os ombros. — ... Embora nunca tenha passado muito tempo por aqui. Baco há muito prefere a companhia dos mortais. Quando esta provação tiver terminado, precisamos nos lembrar de lhe dar uma lição por essa impertinência.

Apolo ficou em silêncio. Como poderia dizer à irmã que aquela “provação” nunca iria ter fim? Ele sabia muito pouco de amor, mas já tinha certeza de uma coisa. O amor não podia ser controlado. Não começava ou terminava sob a exigência de ninguém. Infelizmente.

— Apolo? Preste atenção! Eu perguntei quais são seus planos para esta noite!

— Eu não sei! — As paredes coruscaram, e o Deus da Luz refreou sua frustração. — Um jantar. Pamela pediu que eu a levasse para jantar. Você mesma ouviu.

A testa lisa de Ártemis se enrugou quando ela parou para pensar no que Pamela havia dito:

— *Snackus Maximus*? Que tipo de nome é esse?

— Um péssimo nome.

— Eu ainda acho que deveria trazê-la para cá esta noite. Corteje-a no Olimpo, em seu próprio templo. O que poderia ser mais romântico?

— Ártemis, eu já expliquei a você que me recuso a utilizar meus poderes para ganhar o amor de Pamela.

— Então não use seus poderes, seu teimoso! Esta é a sua casa. Sem dúvida nenhuma, ela é muito mais bonita do que qualquer coisa que o Reino de Vegas tenha para oferecer.

Apolo considerou as palavras da irmã.

— Ela aprecia arquitetura antiga...

— Traga-a aqui, ora! Diga a ela que é uma parte exclusiva do Caesars Palace. Ao menos, assim, garantirá a privacidade de vocês.

— Acho que consigo usar meus poderes apenas o suficiente para disfarçar suas sensações conforme atravessamos o portal.

— Em seguida, traga-a para cá depressa, antes que qualquer outro dos Doze vislumbre sua presença.

Apolo estava começando a gostar da ideia.

— Eu não teria que me preocupar com acidentes, monstros de metal, ou com nenhuma outra daquelas distrações do Mundo Moderno. Poderia me concentrar em assegurar Pamela do meu amor. — Sem dizer que ele queria muito mostrar sua casa a ela e testemunhar sua reação à

beleza do lugar. Mesmo que este não fosse apenas dele.

— Vou planejar o jantar eu mesma e colocar minhas próprias servas à sua disposição. As ninfas não são confiáveis.

— Excelente — concordou Apolo. — E lembre-se de pedir a elas que não me chamem de Apolo.

— Sim, sim... As meninas vão dar continuidade à sua pequena farsa, *Febo*.

— Estou em dívida com você, *Diana* — ele afirmou, sorrindo.

Ártemis devolveu o sorriso, pensando em como o irmão era charmoso e bonito. Pamela não seria capaz de resistir a ele. Não se ela, Ártemis, pudesse agir... O que decerto ela faria.

— Já que estamos acordados, temos muito que fazer. O tempo urge. Ao amanhecer Pamela precisa voltar ao Reino de Vegas. E, tomara, completamente encantada com Febo — completou a diva. Em seguida bateu as mãos duas vezes e, no tom autoritário da Deusa da Caça do Olimpo, chamou: — Servas, venham me assistir!

Em um piscar de olhos, doze belas moças se materializaram em uma nuvem de poeira prateada e cintilante que parecia ter se originado na luz da lua.

— Senhoras, meu irmão precisa da nossa ajuda. O que precisamos fazer é o seguinte...

Apolo observou o turbilhão de atividades até que a irmã o enxotou do quarto, lembrando-o de que era quase hora de ele se encontrar com sua amante. O Deus da Luz sorriu enquanto se preparava. Iria trazer seu verdadeiro amor para casa. Iria cortejar Pamela e amá-la ali, onde podiam ficar mais à vontade. Pamela veria que não precisava ter medo de se magoar outra vez.

Sentindo-se seguro dentro de seu próprio reino, Apolo teve a certeza de que nada poderia dar errado.

CAPÍTULO 18

— Eu não faço a menor ideia do que vestir. — Pamela suspirou ao celular.

— Alguma coisa *quente*, mas não muito — sugeriu Ve. — Ele tem algumas explicações a dar antes de você cair de costas e abrir as pernas outra vez...

— Eu não abri as pernas assim!

O silêncio de Ve pesou na consciência já pesada de Pamela.

— Está bem, talvez eu tenha aberto um pouco — admitiu.

— Pammy, não existe abrir as pernas “um pouco”. É como estar *um pouco* grávida, ou se engajar em uma *pequena* guerra nuclear.

— Ah, Deus! Eu sou uma vagabunda! — Ela cobriu os olhos com a mão.

— Ora, por favor... Você teve relações sexuais com dois homens num período de... o quê? Oito, nove anos? Isso está longe de qualificá-la como uma prostituta.

— Mas eu dormi com Febo no nosso segundo encontro! — ela cochichou.

— Ei, não tem que cochichar! Está sozinha. Sem dizer que está se justificando para a pessoa errada, você sabe. Vamos rever aquela velha piada... O que uma lésbica leva com ela em um segundo encontro? — Ve fez uma pausa, na expectativa.

— Um reboque com a mudança — respondeu Pamela.

— Certo. Então, como pode ver, do meu ponto de vista tem se mostrado criteriosa até demais.

— Tem razão. Estou falando com a pessoa errada — Pamela concluiu.

Ve a ignorou.

— O que não significa que não deva fazer um pouco de *doce*... Ao menos por uma noite, até que o jovem *Jedi*, Febo, explique por que resolveu abandoná-la pela manhã e, mais importante, por que deixou de mencionar esse fato antes, durante e depois de você ter aberto as pernas.

— Será que pode parar de chamá-lo desse jeito?

— Por quê? Falo como um elogio. Além disso, de acordo com suas incansáveis descrições, ele se encaixa perfeitamente na imagem.

— Febo não é nenhum *Jedi*. Se quer a verdade, ele parece mais um deus.

— Ah, controle-se! Nada é melhor do que um cavaleiro *Jedi*... Exceto a princesa Leia.

— Vernelle! Não está ajudando em nada assim.

— Desculpe. Está bem, o que pode vestir?... Que tal aquele seu lindo vestido de seda creme? Você sabe, aquele com alças finas. Está na última moda de primavera e sempre faz sucesso com as massas. Você o levou, não levou?

— Sim. Mas não se lembra de como é decotado? *Hello!*... Tem alças finas! Ombros nus e decote profundo não entram na categoria “quente, mas não muito” — lembrou Pamela.

— Verdade. Muito bem. Levou as calças pretas? Aquela com as fendas que mostram uma boa parte das panturrilhas?

— Sim, acho que sim.

— Use-as com um dos seus *tops* sem mangas. Mas um com um decote alto. Assim ele consegue ver um pouco de suas pernas, um pouco dos seus braços, e apenas o contorno de tudo o mais. Se for um bom menino, poderá abrir o restante do pacote depois que vocês fizerem as pazes.

— Ve, você é incorrigível! — exclamou Pamela.

— Sim, eu sei. Mas também sei o que cai bem em mulheres.

— Agora me pegou. Está bem, vou usar as calças. E não vou dormir com ele de novo.

— Dormir? Você não me contou nada sobre ter *dormido* com o *Jedi*! Eu posso não ser hetero, mas até eu sei que ninguém *dorme* com cavaleiros *Jedi*.

— Pare com isso. Sabe muito bem que estou falando de sexo.

— Pammy, você pode ter relações sexuais com ele. Basta judiar de Febo um pouco primeiro.

Pamela fez menção de dizer algo, depois mudou de ideia.

— Está bem. Talvez.

— Não me venha com “está bem, talvez”. Conheço esse seu tom. O que há de errado? Desembuche, criatura!

— Eu gosto dele — Pamela murmurou.

— Sim, deixou isso mais do que claro. E qual é o problema?

— Quero dizer que *realmente* gosto dele. E não quero isso. Não é muito inteligente da minha parte.

— Pammy, escute-me... O que não é muito inteligente é deixar Duane, aquele manipulador obsessivo, envenenar o seu futuro. Esse tal de Febo pode não ser *o cara*. Ele pode ser apenas alguém com quem está tendo um “casinho” em Vegas, e de quem vai se lembrar sempre como o homem que a tirou do limbo. De qualquer modo, nunca vai descobrir quem ele é realmente, ou o que qualquer outro cara seja, se não estiver disposta a lhe dar uma chance. Amor é assim. Precisa se arriscar a perder ou ganhar.

— Eu não sei se consigo — choramingou Pamela. — Nós já concluímos que não sou uma jogadora muito boa.

— Mas pode ser — Ve replicou com firmeza.

— Como pode ter tanta certeza?

— Se estivesse destinada a ficar sozinha, não estaria agonizando com essa história de

“devo ou não devo”. Já teria aceitado o “não devo” como o melhor para você e seguido em frente com a sua vida. Seja franca. Pode afirmar com convicção que se sentia melhor antes de conhecer Febo?

— Era mais fácil — ela respondeu, seca.

— Bem, boneca, é mais fácil fazer as cortinas do quarto do mesmo tecido da colcha... Mas isso garante um melhor resultado?

Pamela fez uma careta ao notar as estampas florais combinando perfeitamente na suíte.

— Definitivamente, não.

— Por favor, dê uma chance a si mesma, Pammy. Você merece viver de verdade outra vez.

— Eu te amo, Ve — ela falou.

— Isso é o que todas as garotas dizem. Divirta-se esta noite. E tente não ser muito dura com o pobre tripode. Lembre-se de que pode ser esperta sem ser *mala*.

— Ahn?

— Esqueça. Vá se arrumar.

— Está bem, eu ligo amanhã — resolveu Pamela.

— Por falar nisso, percebeu que este é o segundo telefonema de uma série em que não mencionou trabalho uma só vez, não é?

— *Maldição dos infernos!* Estou perdendo a cabeça. Como foi com a sra... — ela recomeçou, mas a risada de Ve a interrompeu.

— Pammy! Pare!... É ótimo que tenha algo na cabeça além da Ruby Slipper.

— Sim, mas...

— Está tudo bem. Como de costume. Não tem que se preocupar. Telefone amanhã, depois da reunião com Faust. E lembre-se: diversão e fantasia, Pamela. Diversão e fantasia.

— Está linda esta noite... e muito sedutora — Apolo afirmou, beijando a pele da mão de Pamela com lábios tão persistentes e sugestivos como seu olhar.

Que maravilha!, ela pensou, sentindo o estômago se contrair com a visão dele. *O oposto do que eu queria.*

— Aposto que diz isso para todas — falou com cinismo, tomando emprestado o bordão de Ve.

— Não nos últimos tempos — ele replicou, os olhos azuis, da cor do céu, de repente muito sérios. — E nunca com tanta sinceridade.

— Então, muito obrigada — Pamela agradeceu, tentando, sem sucesso, não se deixar enfeitiçar pelo azul dos olhos de Febo. Como um gato se livrando da água, ela se sacudiu mentalmente e tratou de mudar de assunto. — Como está a sua irmã?

— Está bem. Ainda incomodada, mas bem. — Apolo manteve a mão na dela enquanto apoiava um pé no degrau inferior da cadeira alta, a seu lado. Queria puxá-la para os braços e

beijá-la ali, na frente do café, mas a linguagem corporal de Pamela lhe dizia que ele precisava ir com calma. — Diana não quis ofendê-la esta tarde. Como ela mesma falou, não tem estado muito bem.

Pamela se preparou para soltar um improvisado “tudo bem”, porém se conteve. Em vez disso, endireitou os ombros e o fitou nos olhos.

— Não vou fingir que descobrir que iria partir tão cedo, e que não dissera nada a respeito, não feriu meus sentimentos. Para falar a verdade, isso fez que eu quisesse distância de você.

— Ah, a verdade. — Apolo acenou com a cabeça, pensando como apreciava a honestidade de Pamela e, ao mesmo tempo, percebendo quão poucas mulheres haviam sido sinceras com ele. Elas o tinham adorado, idolatrado, competido por sua atenção... Contudo, ele não achava que alguma houvesse sido honesta com ele. — Ficou magoada ao pensar que eu iria deixá-la sem explicação, e sinto muito por isso. — Acariciou-a no rosto. — A última coisa que desejo é que sinta vontade de fugir de mim para se proteger. — Tocou com o dedo a medalha dourada que pendia em torno do pescoço delicado. — Por favor, acredite que seus sentimentos estão seguros comigo.

Mais uma vez, Pamela retrucou com total franqueza:

— Vou tentar confiar em você, mas não posso prometer nada ainda.

Ele levou sua mão aos lábios outra vez.

— E eu vou me contentar com a sua honestidade e com a oportunidade de ganhar sua confiança.

— Pode me dizer por que está indo embora?

— Você se importaria muito se falássemos sobre isso durante o jantar? Planejei algo especial para nós esta noite.

— Ah, claro — Pamela sentiu uma onda de prazer que desejou poder controlar melhor. — Estou faminta. — Levantou-se, muito consciente de que Febo ainda a segurava pela mão, e sem coragem de se livrar dos dedos quentes. — Para onde vamos?

— Para o Monte Olimpo — ele declarou com os olhos brilhando.

— Parece um restaurante que se encaixaria muito bem por aqui... Mas não me lembro de tê-lo visto enquanto passeava pelo Fórum. Fica no Caesars Palace?

— Há uma passagem para ele no hotel, mas é exclusiva. Poucas pessoas sabem disso.

— É só para os deuses, certo? — Pamela falou brincando.

— Só para os deuses — Apolo concordou, sorrindo.

Caminharam de mãos dadas, do Fórum até o cassino. Seus braços se tocavam intimamente, e Pamela se lembrou de como fora maravilhoso estar no meio destes, pressionada contra o peito nu. Podia até sentir seu aroma único. Não era como o daqueles perfumes masculinos de loja de departamento. O dele era natural. Febo cheirava a limpeza. A homem.

A ponto de ela ter vontade de cheirá-lo.

— Terminou o esboço das salas de banho? — ele quis saber.

— Sim, terminei. — Pamela tratou de afastar as lembranças de sua pele nua. — E gostei. Nunca tinha desenhado nada semelhante. É emocionante fazer algo novo. Isso se eu convencer Eddie a usar o projeto.

— Vai convencer.

— Eu espero que sim... OH, MEU DEUS! — Pamela estacou, como se tivesse trombado com uma parede invisível, ao deparar com uma vitrine iluminada, bem na frente de uma pequena loja de acessórios da moda. Nesta, pequenas bolsas, cuidadosamente dispostas sobre um pilar de mármore, se encontravam dentro de uma caixa de vidro fechada. — Não acredito como são perfeitas! — Entorpecida, Pamela largou a mão de Febo e se aproximou do vidro. Havia três bolsinhas forradas de pedras nas caixas transparentes. Uma delas imitava um cofre de porquinho, desses de criança, a outra era uma encantadora libélula, e a terceira, aquela pela qual ela enlouqueceu: uma réplica exata de um dos sapatinhos de rubi de Dorothy. Cintilava com contas vermelhas e pedras semipreciosas sob o *spot*, parecendo mágica, familiar e muito... *Mágico de Oz*. — Preciso comprar essa bolsa! — exclamou, chamando o atencioso vendedor que aguardava no interior da loja com o dedo.

Apolo observou enquanto Pamela, encantada com a bolsa em forma de sapato vermelho — que também continha aquele pino cortante que ela tanto apreciava —, aguardava, impaciente, que o servo abrisse a caixa de vidro e retirasse o objeto com cuidado.

Pamela o tratou com reverência, virando a etiqueta dourada que pendia do fecho.

Seu rosto empalideceu.

— Deixe-me ter certeza de que estou lendo direito... São *4 mil dólares* ou 400 dólares?... — perguntou ao funcionário.

— É isso mesmo, senhora. Trata-se de uma *Judith Leiber* original. — O tom do rapaz dizia que aquela era explicação suficiente para o preço.

— É linda. — Relutante, Pamela devolveu a bolsa para o vendedor, que a colocou de volta na vitrine.

— Posso lhe mostrar mais alguma coisa, madame?

— Não, obrigada.

O empregado fechou e trancou a caixa de vidro.

— Pode me chamar se precisar de ajuda. — Ele fez um movimento afetado com o rosto e rumou para o interior da elegante loja.

— Não vai comprá-la? — Apolo perguntou, odiando o ar de desamparo no rosto de Pamela.

— Está brincando? Custa 4 mil dólares. Não posso gastar esse dinheiro em uma bolsa.

— Mas disse que ela era perfeita.

— E é!... Quatro mil dólares de perfeição. — Ela suspirou e deslizou o braço pelo dele, conduzindo-o para longe da fachada da loja.

— Vamos embora antes que eu chore.

— Não tem 4 mil dólares? — Apolo perguntou enquanto caminhavam.

— Sim, tenho. Mas não sobrando. Ou melhor, não que justifique uma extravagância dessas. Mesmo que seja uma bolsa-joia, sapatinho de rubi!... — Ela suspirou, pensativa. — Quem sabe um dia?

Apolo pensou no pacote de dinheiro que carregava no bolso. Não se lembrava exatamente do quanto havia trazido com ele. Tinha apanhado apenas algumas notas do topo da pilha que Zeus mandara Baco deixar numa tigela dourada, próxima do portal. Fez uma conta rápida e teve a certeza de que não contava com 4 mil dólares.

De qualquer maneira, Pamela parecia considerar aquilo uma grande quantia em dinheiro; decerto mais do que aceitaria como presente.

Olhou para a medalha de ouro que se aninhava pouco acima do vale entre seus seios. Ela quase não a aceitara, e não fazia ideia nem mesmo de uma fração de seu valor.

Não. Pamela não permitiria que ele a presenteara com a bolsa.

O chão de pedra deu lugar a um tapete opulento quando eles deixaram as lojas do Fórum e adentraram o Caesars Palace.

— É por aqui — orientou Apolo, virando à direita e passando por várias fileiras de máquinas caça-níqueis que piscavam. Em seguida, diminuiu o passo e parou.

— Caminho errado? — Pamela inquiriu.

Ele sorriu.

— Não, mas eu estava pensando... Por que não se arrisca um pouco no jogo?

O rosto bonito de Pamela se transformou em um ponto de interrogação.

— Quer a bolsa, mas não pretende gastar 4 mil dos seus dólares. E se ganhasse esse dinheiro? Você compraria a bolsa?

— Acho que sim, eu...

Apolo fez um gesto de cabeça em direção à fileira de caça-níqueis mais próxima.

— Estou sentindo que a sorte está conosco esta noite.

Pamela mordeu o lábio.

— Não sou muito boa jogadora. Gosto de saber que estou recebendo algo em troca quando entrego o meu dinheiro.

— Então, permita-me entrar com o meu dinheiro. — Ele enfiou a mão no bolso e tirou o pequeno pacote, lidando com habilidade com a dúzia de notas, cuja maioria era de 50 ou 100 dólares.

— Minha Nossa, Febo, nunca ouviu falar em cartões de crédito?

Ele tentou não se mostrar confuso. Baco havia mencionado algo sobre outras formas com as quais os mortais modernos pagavam por suas aquisições, mas não se lembrava exatamente do que o deus dissera.

— Prefiro isto. — Fez uma pausa, tentando decidir o que mais poderia dizer. — Não é muito colorido, mas interessante de se olhar. — Entregou-lhe uma nota de 100 dólares. — Aceite uma destas, use-a para alimentar uma das máquinas, e vamos ver o que acontece.

Pamela franziu a testa, olhando-o como se ele fosse louco.

— Não posso *torrar* 100 dólares assim, mesmo que sejam dos seus! E, estou falando sério, eu nunca jogo. Não sei se tenho a atitude certa para dar sorte.

— Pois eu penso o contrário. Você traz sorte para mim.

O comentário arrancou um sorriso relutante de Pamela.

— Não vou conseguir gastar 100 dólares assim.

— Se é assim, leve uma desta. — Apolo mexeu no dinheiro até encontrar uma nota de cinquenta. — Lembre-se de que poderá ganhar dinheiro suficiente para comprar a sua bolsa-sapato.

À menção do cobiçado objeto, os olhos castanhos de Pamela cintilaram, e ele soube que tinha vencido.

— Está bem, vamos fazer um acordo. — Ela não pegou a nota de cinquenta. Em vez disso, remexeu o maço de dinheiro até encontrar 20 dólares. — Eu aposto com isto, e apenas isto. Se eu ganhar, você recebe a metade. Se eu perder, fico lhe devendo 10 dólares.

— Aceito — concordou Apolo. — Em que máquina vamos tentar?

Pamela estudou a fileira de caça-níqueis piscando, ressoando, retinindo, e sentiu-se um pouco intimidada por sua aparência. Já passava das oito da noite do domingo, mas pelo menos metade das máquinas continuava ocupada por jogadores, os quais apertavam botões e puxavam alavancas com admirável intensidade.

— É você quem está se sentindo com sorte. Você escolhe — resolveu.

Apolo coçou o queixo, fingindo considerar os aparelhos com cuidado.

— Gostei desta aqui. — Ele a puxou pela mão até um caça-níqueis não muito longe de onde eles estavam. Havia apenas mais duas pessoas naquela fileira, e estas se encontravam sentadas bem além da máquina que ele escolhera.

— “Roda da Fortuna”. Tem certeza de que quer esta? Pode ser um mau presságio... Eu nunca gostei muito desse programa de TV. Não costumo soletrar bem. — Pamela encolheu os ombros. — Aliás, sempre odiei fazer isso.

— Está nervosa.

Apolo não compreendeu o que ela dizia, mas reconheceu o tom de sua voz e sua linguagem

corporal.

— Sim — admitiu Pamela, sentindo-se uma tola. — Tem razão, estou mesmo. Eu já disse que nunca joguei antes.

— Não pense nisto como um jogo de azar. Pense nisso como a compra de uma bolsa.

Pamela se animou visivelmente.

— Acho que comprar uma bolsa é algo que eu consigo fazer. — Ela se acomodou no assento estofado e estudou a frente do extravagante caça-níqueis. — Acho que o dinheiro vai aqui... — concluiu, deslizando-o para dentro de uma fenda. A nota desapareceu, e a máquina clicou e retiniu, exibindo um crédito de 20 dólares no visor digital. Pamela olhou para Febo. — Pronto?

— Pronto.

Ela agarrou a bola vermelha na extremidade do braço de metal e puxou. Tinha a atenção voltada para as três pequenas janelas do aparelho, e não percebeu o pequeno gesto de comando que Apolo fez com a mão.

— Bar... — Pamela murmurou quando o primeiro rolo parou no visor. — *Bar...* — repetiu na parada seguinte, com crescente excitação na voz. — *BAR!* — gritou quando a terceira imagem preta estacou.

A máquina explodiu em luzes e sirenes, e começou a vomitar dinheiro pela boca mecânica enquanto Pamela gritava e saltava, atirando-se nos braços de Apolo, que a abraçou de volta, rindo.

Às vezes era muito bom ser um deus.

CAPÍTULO 19

A alça da bolsa de sapatinho de rubi era uma corrente de filigrana de ouro que podia muito bem ser usada como um colar sensual por uma daquelas mulheres rebeldes dos anos vinte. Pamela a deslizou sobre o ombro e sentiu uma vontade louca e infantil de saltitar como a Dorothy pela Yellow Brick Road abaixo. Não podia acreditar que aquela bolsa era sua! Ve ia ter um *ataque* quando a visse.

— Ainda não acredito que o prêmio era de exatamente 8 mil dólares! — falou, emocionada, fazendo uma voltinha enquanto observava a bolsa cintilar no reflexo das vitrines pelas quais passavam.

— Eu disse que estava me sentindo com sorte — lembrou Apolo, ainda encantado com a exuberância da reação de Pamela ao ganhar o dinheiro.

— Eu jamais teria me permitido comprar algo tão caro! — Ela apertou a mão dele e baixou a voz. — Nem mesmo um par de sapatos de grife fabulosos, de coleção nova. Não por 4 mil dólares.

— Mas você adorou essa bolsa. — Apolo sorriu para ela, satisfeito por ter sido capaz de ter orquestrado tal alegria. Curiosamente, não se importava por não poder contar que ele mesmo comandara a máquina, de modo a fazê-la expelir o dinheiro necessário. Não se importava em não receber o crédito. O principal era que Pamela se encontrava radiante, e isso tornava seu coração leve e despreocupado.

— Amo esta bolsa. Adoro esta bolsa. Estou apaixonada por esta bolsa! — Ela riu. — Não me importo o quanto isso soe superficial e materialista. Só vou usá-la em ocasiões especiais. Quando eu voltar à minha loja, vou colocá-la em um vidro, na vitrine da frente, onde tenho nosso logotipo pintado em vermelho com os dizeres: “Ruby Slipper Design Studio... A certeza de que não existe lugar melhor do que a nossa própria casa”.

Fizeram o caminho de volta através do Caesars Palace enquanto Apolo ouvia a animada conversa de Pamela. Ele acreditava no *slogan* de seu estúdio de *design*. Sem Pamela, não havia casa alguma. Sabia que isso era verdade — já experimentara a sensação. O Reino de Vegas era um lugar estranho e bizarro, mas quando ele passara pelo portal, naquela noite, e rumara na direção da Adega Perdida e de Pamela, sentira como se estivesse voltando para casa. Por mais improvável que fosse, Apolo, o Deus da Luz, um dos Doze Olímpicos originais, estava se apaixonando por Pamela Gray, uma mortal moderna.

— Ei! O que vai fazer com os seus 4 mil dólares?

Apolo levou a mão delicada aos lábios.

— Não faço ideia. Talvez você me ajude a decidir. Lembro-me de ouvi-la dizendo que

nunca comprou um par de sapatos de grife por 4 mil dólares... — Sua voz foi sumindo conforme seu olhar percorria o corpo esbelto, até as perigosas sandálias pretas de salto que Pamela usava. — E descobri que gosto muito desses seus sapatos que parecem uma adaga.

— Você sabe mesmo o caminho para o coração de uma mulher! — Pamela sorriu.

— Por todos os deuses, espero que sim — Apolo falou, sincero.

Em seguida, virou em um pequeno corredor lateral e, após apenas alguns metros, parou diante de uma porta branca e simples.

— Não pode ser aqui. — Pamela duvidou, olhando em volta. — Não há nenhuma indicação. Não é nem mesmo próximo dos outros restaurantes. — Ela lançou à porta, depois a Febo, um olhar desconfiado. — Acho que se confundiu em algum lugar.

Apolo sorriu de lado.

— Eu disse que era um local exclusivo.

— Mas... — ela recomeçou, confusa.

Apolo fez que ela o encarasse. Teria que resolver tudo depressa. Não gostava da ideia de usar seus poderes para hipnotizá-la, contudo precisava convencer Pamela a atravessar o portal. Depois iria transportá-la de imediato até seu templo, sem que ela estivesse ciente do que acontecia.

— Prometo que o jantar desta noite será como nenhum outro. — Ele não se preocupou em inspecionar a área ao redor; o pequeno corredor de serviço já se encontrava encantado pelo poder do Olimpo. Não haveria intrusos mortais para vê-lo usar sua magia imortal em Pamela. — Mas, antes de irmos, preciso fazer algo que estou com vontade desde que minha irmã nos interrompeu esta manhã... — Puxou-a para os braços. Enquanto deslizava as mãos pelas curvas suaves de seu corpo, e seus lábios encontravam os dela, concentrou-se em enviar para a mente de Pamela uma bruma de seu poder dourado. Ordenou que a névoa iluminada lhe obliterasse os pensamentos para que, por apenas alguns momentos, a preciosa alma mortal de Pamela ficasse tonta e desorientada.

Ela gemeu baixinho, oscilando ligeiramente.

Com um movimento rápido, Apolo a ergueu nos braços, abriu a porta e atravessou o portal. Teve apenas um vislumbre do Salão Nobre do Olimpo, mas foi o bastante para perceber que Ártemis fizera o que tinha prometido. O local estava deserto. Não havia um único imortal para testemunhar o Deus da Luz readentrando o Olimpo com uma mortal moderna nos braços.

Em silêncio, ordenou que fossem transportados até seu templo, e ambos desapareceram em um fecho de luz.

O sorriso de Baco era malévolo quando ele deixou a boca do corredor e se aproximou da porta que disfarçava o portal olímpico. Aquilo iria ser ridículo de tão fácil. Como sempre, Apolo se mostrava muito arrogante e seguro de si, e não percebera que ele, Baco, o seguia

desde quando ele encontrara a mortal no bar. Na verdade, Apolo não notara coisa nenhuma, exceto a mortal moderna por quem estava obcecado. Tinha bancado o herói oculto, manipulando a máquina caça-níqueis, e presenteado a moça com os meios necessários para a compra de um objeto de seu desejo...

Mal podia esperar até que a mulher testemunhasse como o deus dourado se tornaria impotente e patético sem seus poderes. Estava ansioso por ver a arrogância do Deus da Luz se extinguir, mesmo que fosse por um período de apenas cinco dias.

Baco caminhou através do portal. Assim como tinha previsto, o Salão Nobre do Olimpo se encontrava vazio. Se conhecia bem os gêmeos dourados, estes se certificariam de que o local permanecesse assim, de modo que o encontro de Apolo com a mortal passasse despercebido pelos outros imortais.

Que conveniente!...

Ele quase riu em voz alta, mas, com um esforço, se controlou. Teria muito tempo para se regozijar depois. No momento, precisava se concentrar.

O Deus do Vinho encarou o portal e ergueu os braços sobre a cabeça, invocando o poder inebriante de seu reino e dando início ao ritual mágico:

Ricos e inebriantes poderes do vinho,

reúnam-se neste portal.

Preparem-no para que possa, serena,

passar por ele a mortal.

Se ela voltar, todavia,

transforme-a naquilo em que foi nomeada.

Perdurem por apenas um momento, delicados poderes,

em seguida, esvaeçam,

como esvaece a luz de Apolo que pela manhã se alastra...

Baco fez uma pausa para reprimir a alegria que sentiu ao se referir ao Deus da Luz em seu feitiço. Tornou a se concentrar no que fazia, e completou as palavras de sua armadilha:

Há mais de uma maneira de se queimar...

Eis a lição que o Deus do Sol deve assimilar!

O deus ergueu as mãos diante do portal e, por um instante, este flamejou com a cor de um vinho rosé gelado. Em seguida, a cor desbotou, e tudo voltou ao normal.

— Primeiro passo concluído — Baco murmurou para si mesmo. — Segundo passo: espera.

O Deus do Vinho soltou um comando suave. Seu corpo desapareceu e se rematerializou no jardim dos fundos do templo de Apolo.

Baco espiou por trás de um arbusto bem cortado. Assim como ele havia previsto, a propriedade se encontrava deserta. Normalmente, exuberantes ninfas se reuniam em torno do

templo de seu deus favorito, disputando a atenção de Apolo.

— A adoração de ninfas não pode ser conveniente quando se está cortejando uma mortal moderna... — Baco ironizou. — Melhor para mim.

Para um deus de seu tamanho, ele se movia com surpreendente discrição. Entrou por uma das portas traseiras do templo e se deslocou em silêncio pelo corredor de mármore até alcançar uma sala cavernosa, onde uma dúzia de servas virgens de Ártemis dava risadinhas e se divertia ajeitando jarros de vinho e comida em travessas. Sim, ele chegara a tempo. Aguardou, impaciente, que a serva encarregada do vinho virasse a cabeça para responder a uma pergunta cochichada de uma das colegas e, em seguida, com movimento rápido e seguro, moveu os dedos em direção aos jarros, sussurrando:

— *Embriague... Excite... Instigue o desejo... Abrande suas inibições e deixe-os em chamas.*

O vinho cintilou com uma luz sobrenatural rosa-pálido.

Invisível para quem quer que fosse, Baco deixou a sala e se mesclou à noite.

Agora, tudo o que lhe restava era esperar e observar. Esperar e observar...

A risada satisfeita do Deus do Vinho ecoou, sinistra, pelos jardins desertos.

Ártemis correu para o salão, e suas criadas silenciaram respeitosamente.

— Eles chegaram!

Sussurros excitados cessaram com um só movimento da mão da deusa.

— Esta noite, servindo ao meu irmão, estarão servindo a mim mesma. Façam-no com competência.

As servas inclinaram as cabeças.

— Sim, deusa — entoaram com suas vozes doces.

— Levem vinho a eles — ordenou Ártemis, e duas das criadas se apressaram em obedecê-la.

Tão logo estas saíram, a deusa se debruçou sobre as travessas repletas de iguarias e olhou para as amas.

— Devo ajudar o Deus da Luz a alcançar seu desejo? — indagou, maliciosa.

As virgens riram e assentiram com um gesto de cabeça.

Ártemis estendeu as mãos sobre o banquete do irmão.

— *Embriague... Excite... Instigue o desejo... Abrande suas inibições e deixe-os em chamas.*

O poder derramou das mãos da deusa por sobre os alimentos, cintilou por um instante, depois os fez voltar à sua aparência normal.

— Sirvam aos dois, e depois os deixem sozinhos. Privacidade é o que Apolo deseja esta noite.

Satisfeita, Ártemis deixou o templo do irmão e caminhou devagar na direção do Salão Nobre, o qual deveria estar deserto, pois ela se certificara disso. Afrodite e Eros haviam retornado mais cedo de sua incursão de fim de semana ao Reino de Las Vegas e agora descansavam em seus templos. Ela deixara claro para as ninfas que ainda perambulavam por Vegas que já era hora de elas voltarem para o Olimpo e, com poucas e afiadas palavras, mandara todas de volta para as florestas e os vales aos quais estas pertenciam.

Criaturas tolas...

O restante dos Doze Imortais tinha desaparecido, afinal, ela começara um boato de que Hera e Zeus estavam se desentendendo de novo, e nenhum mortal ou divindade gostava de testemunhar isso.

Em seguida, ela esperaria pelo irmão no salão vazio e torceria para que, antes do amanhecer, pudesse sentir o vínculo entre ela e a mortal se dissolver. Sem dúvida havia feito tudo o que podia. O restante era com Apolo.

— Absolutamente espetacular! — Pamela olhou ao redor, admirada. — Não acredito que aquela porta sem-graça estava escondendo isto tudo!

— Gostou?

— Se eu gostei? Está brincando? Este lugar é magnífico! — Ela inclinou a cabeça para trás, tentando ver a parte superior do teto abobadado, e deparou com um tipo de afresco fabuloso. A vertigem que a acometera pouco antes, porém, a fez tropeçar para trás.

O braço forte de Febo estava lá para segurá-la.

— Talvez seja melhor sentar-se — ele sugeriu, guiando-a para uma das duas requintadas espreguiçadeiras que descansavam em ambos os lados de uma mesa de mármore.

Pamela se deixou afundar na *chaise longue* e esfregou a testa.

— Devo ter ficado no sol por muito tempo hoje. Minha cabeça está girando.

Como se sob sua sugestão, duas moças entraram na sala. Vestiam túnicas curtas e diáfanas, feitas de seda branca, onde se viam criaturas da floresta bordadas com fio prata. Uma delas carregava uma bandeja com um jarro dourado e duas taças da mesma cor.

As mulheres sorriram, tímidas, para Febo e Pamela.

— Vinho? — indagaram em uníssono.

— Claro — concordou Apolo.

Com movimentos graciosos, lindos de se observar, as moças serviram a bebida.

— Seu jantar está pronto — uma delas anunciou com voz melodiosa.

— Podemos servi-lo? — perguntou a outra.

— Sim.

As duas mulheres fizeram uma profunda reverência e saíram, apressadas, por onde tinham vindo.

— Mas nós nem mesmo fizemos o pedido — lembrou Pamela. Estava com uma terrível dor de cabeça. Sentia-se desorientada e nem um pouco confortável.

— Eu já havia especificado alguns pratos com antecedência. — Apolo pensou por um momento. — Chamam isso de “encomenda”, certo? — Quando a expressão perplexa de Pamela mudou para uma carranca, ele acrescentou: — Espero que não se importe. Eu queria surpreendê-la com iguarias gregas.

— Iguarias gregas? Intrigante. Quase tão intrigante quanto este restaurante. — Ela passou a mão pela lateral da *chaise*. — Veludo de seda... Meu tecido favorito para estofamento. — Como se o toque familiar do veludo fosse um bálsamo, a névoa em sua mente começou a se dissipar. — Veludo de seda me lembra água. É tão liso e macio!... Adoro. — Seus dedos permaneceram sobre o bonito tecido.

— Fico feliz por ter aprovado — disse Apolo, aliviado por ela estar se recuperando do poder que ele lhe lançara.

Pamela olhou ao redor da sala mal iluminada. Eles não apenas eram os únicos clientes ali, mas sua mesa também era a única posta no lugar. Era um espaço enorme, claro, mas, ao contrário do restante do Caesars Palace e do Fórum, alguém com bom gosto e estilo o tinha decorado... o que significava que este não era forrado do chão ao teto com a exagerada pseudo-opulência romana.

E o piso era incrível. Parecia feito de uma única peça de mármore, embora ela soubesse que aquilo não era possível.

— Este chão é inacreditável. Parece muito com mármore de Carrara, mas nunca vi Carrara com veios dourados como este. — Seus olhos viajaram do piso para as paredes, e então se arregalaram. — Usaram o mesmo mármore para as paredes e as colunas! Adoro esse estilo minimalista. E o decorador acertou em cheio: esse mármore é bonito demais para ser coberto por uma porção de quadros. Aquela tapeçaria é o toque perfeito. — Apontou para o enorme trabalho que se estendia pela maior parte da parede à sua frente. Era de um homem nu. Um lindo e jovem homem nu.

Pamela apertou os olhos, tentando enxergar melhor à luz fraca. Ele se encontrava de pé, ao lado de uma biga, e segurava uma harpa.

— Ele me parece familiar — comentou, intrigada.

— Provavelmente porque o está usando na imagem que leva em torno do pescoço — Apolo justificou depressa.

Ela tocou a medalha dourada e sorriu.

— É verdade. Você disse que o nome do restaurante era Monte Olimpo, portanto é provável que seja Apolo outra vez. Incrível essa semelhança entre vocês dois. Principalmente com este da tapeçaria. Estranho...

— Coincidência — ele falou, fingindo indiferença. — Vamos beber? — Entregou-lhe um dos cálices e ergueu o seu próprio. — À nossa sorte.

Pamela sorriu e deu um tapinha na bolsa cintilante que descansava a seu lado.

— À nossa. — Tomou um gole. — Este vinho é uma delícia!... E eu não costumo gostar muito de vinho branco. — Olhou para a taça. — Mas este não é branco. — A cor do vinho era tão incomum quanto seu sabor. Se ela fosse convidada a descrevê-lo para uma daquelas revistas sobre degustação, diria que era leve e fresco, como o cheiro de peras ou melões, e da cor da luz solar. — O que é, um *Pinot Gris*?

Apolo encolheu os ombros.

— Não tenho certeza. Pedi para que nos servissem o melhor da casa.

Quanto a isso ele estava dizendo a verdade. Ártemis tinha planejado o jantar e escolhido o vinho.

Bebeu outro longo gole. Teria que perguntar à irmã sobre o vinho. Era mesmo delicioso e incomum. Estava gelado, mas, conforme bebia, podia sentir o corpo sendo preenchido por um calor que parecia irradiar de seu âmago.

Olhou para Pamela. Ela estava com as faces coradas, parara de examinar o *design* da sala e agora sorria para ele, os lábios ligeiramente separados parecendo ainda mais cheios e convidativos.

— Não gostei de ficar longe de você esta noite — ele falou, rouco.

— Eu também senti a sua falta.

— Como vou suportar ficar distante nos próximos cinco dias?

— Cinco dias?

Então ele só voltaria para Vegas no outro fim de semana, quando ela estava pensando em voar de volta para o Colorado? Aquele trabalho deveria durar apenas uma semana, lembrou Pamela. E passaria cinco dias sem Febo!...

De repente, percebeu os pensamentos lentos e deslocados, e o tempo lhe pareceu interminável e sem importância. Ela não queria que ele fosse embora — claro que não — e Febo estava ali naquele momento. Perto o suficiente para ser tocado.

Como podia ser tão bonito?, perguntou-se.

E precisou se obrigar a permanecer na própria *chaise* quando o que queria era se juntar a ele, tirar aquela camisa... e começar a lambê-lo corpo abaixo.

— Sim, eu... — Apolo vacilou. O que ele e Ártemis tinham decidido dizer a Pamela sobre sua suposta “viagem”? Estava difícil se concentrar em qualquer coisa além daqueles lábios.

Uma série de virgens carregando travessas de comida impediu seu impulso de empurrar a mesa e devorar a boca de Pamela.

Pouco depois, eles eram servidos com os alimentos dos deuses em pratos de ouro.

— Folhas das mais finas uvas, recheadas com carne e queijo — explicou uma das servas de Ártemis em uma voz suave e hipnótica, conforme Pamela provava o aromático charutinho.

— Cordeiro criado à base de mel e leite — murmurou outra.

Apolo provou a carne, depois sorriu, comendo com prazer. Sua irmã não costumava ser tão dedicada a assuntos domésticos, mas, naquela noite, havia se superado.

— Queijo de cabra, animais dos quais as ninfas cuidam como se fossem seus filhos...

— Azeitonas e figos colhidos no Monte Olimpo pelas mãos macias e hábeis das sacerdotisas de Afrodite...

Aquelas moças eram, sem dúvida, as melhores garçonetes que ela já conhecera!, refletiu Pamela. Precisava perguntar a Febo como ele conseguira aquela reserva. Ele devia ter mandado fechar o restaurante, o que significava, entre outras coisas, que devia ser um médico bastante bem-sucedido.

E parecia tão jovem!... Ela precisava perguntar quantos anos ele tinha, quando era seu aniversário e onde ele nascera.

Não que isso importasse muito. Estava apenas curiosa.

Também precisava perguntar a ele sobre... o que, mesmo? Não conseguia se concentrar! Aquela comida era tão absurdamente deliciosa!... Seu gosto preenchia os sentidos.

Aquilo era mais do que comida. Lembrava a luz de um sol de verão, calor, desejo...

Ergueu o olhar do prato e encontrou os olhos cor de safira de Febo observando-a com uma intensidade que a fez prender a respiração.

— Vamos deixá-los a sós agora. Nossa noite está no fim — as servas entoaram. E conforme suas vozes doces se desvaneciam, elas sussurraram uma prece quase inaudível: — *Embriague... Excite... Instigue o desejo... Abrande suas inibições e deixe-os em chamas.*

Apolo e Pamela mal notaram a partida das servas. Olharam um para o outro, e tudo o mais na sala, tudo o mais no mundo, desapareceu. Sua pele formigava com o calor crescente da luxúria.

— Preciso que você me ame — a voz de Apolo saiu densa de desejo.

Em algum lugar nos recônditos de sua mente, onde o bom-senso ainda espreitava, ele sabia que sua reação a Pamela estava sendo muito rude, atrevida; entretanto não conseguia se conter. Não queria parar.

— Sim... — ela balbuciou a palavra.

Com um movimento selvagem, fluido, que lembrou o de um leão enorme e pardo, Apolo se levantou e arrastou a mesa que os separava para longe. Pamela percebeu que a mesa foi lançada com uma força desumana, porém tal pensamento foi vago, e ela o registrou apenas em parte. Quando ele rasgou a camisa e quase arrancou as calças, tudo o que ela conseguiu pensar foi na reação de seu corpo ao ouvir o som gutural de seu próprio nome nos lábios de Febo, e

como ele estava magnífico olhando para ela enquanto se aproximava completamente nu.

— Sim! — gemeu de novo, saindo da *chaise* direto para seus braços.

A boca de Febo a devorou. Enlevada, ela deslizou uma das mãos pelo ombro largo, sentindo seus músculos tremerem com a força do desejo. Com a mão livre, puxou a própria camisa sobre a cabeça e abriu o zíper das calças, que deslizaram com fluidez por seu corpo abaixo. Febo encontrou o gancho do sutiã e lutou para abri-lo.

— Eu não consigo... Eu preciso... — rosnou, frustrado. — Tenho que sentir você contra mim! — Rasgou a faixa de renda em suas costas, e os seios de Pamela se libertaram, roçando o peito largo enquanto ela abria um caminho de beijos quentes pela lateral de seu pescoço.

Apolo deixou escapar uma imprecisão na tentativa de controlar a própria luxúria.

— Aqui também... — Pamela segurou a mão com que ele apertava seu seio e a guiou para a calcinha. Mordeu o lábio inferior de Febo, puxando-o para dentro da boca e sugando-o, sedutora. — Quero que a tire também!...

Todos os pensamentos de Apolo desapareceram. Com um grunhido, ele a obedeceu. Em seguida, suas mãos se espalmaram ao redor da cintura delgada e, com a força de um deus, ele a levantou e empalou em seu membro.

Pamela se encontrava pronta para ele. Envolveu-o com as pernas em torno da cintura e cravou as unhas em seus ombros. Pendendo a cabeça para trás, arqueou-se, consumida pela esmagadora necessidade de se saciar com seu toque... com seu fogo.

Febo *era* o fogo. Sob as mãos dela, seu corpo literalmente brilhava.

Seus sentidos atestavam aquilo, contudo Pamela não conseguia atinar com o pensamento. Era como se a luz que brotava da pele úmida de suor fosse parte de sua excitação: ela a seduzia, brincava com ela, instigava sua própria paixão. O cabelo de Febo pendia, cacheado, em volta de seu rosto: espesso, dourado, glorioso. E seus olhos... seus olhos a incendiavam.

E ela queria ser incendiada por eles. Queria ser varrida pelas chamas de sua luxúria. Sentia-se gloriosa, maravilhosamente sem controle.

— Mais forte!... — ofegou na boca de Febo, mal reconhecendo a própria voz. Ele arremeteu, e ela sentiu a fria suavidade de uma das colunas de mármore contra as costas nuas. Usou a rigidez da pilastra para se firmar, de modo a ir de encontro às estocadas com sua própria paixão. — Não pare... Ainda não... Não pare! — arquejou, sentindo-se dobrar sobre a borda de um abismo.

Seu orgasmo foi algo que ela jamais experimentara. Envolveu-a, ondeando por seu corpo com uma intensidade que beirava a dor.

De repente já não estava mais sendo pressionada contra a coluna. Com o corpo ainda dentro do dela, Febo a carregou dali. Passaram por uma porta em arco que dava em um cômodo adjacente à sala de jantar. No centro do espaço, havia uma enorme cama de dossel.

Pamela se deu conta de que tinham entrado em um quarto, e aquilo não fez qualquer sentido. Mas sua mente e corpo estavam tão repletos de Febo que nada parecia real, exceto seu gosto, sua pele e seu cheiro.

— O que está acontecendo? — murmurou enquanto ele a deitava na cama, sob ele.

— Estou amando você. Para sempre, Pamela... Isso é o que é ser amada por mim.

Apolo começou a se mover contra ela na antiga dança do amor, recuando o membro rijo de seu corpo para depois mergulhá-lo nela outra vez.

Pamela passou as mãos pelo peito liso conforme este se avultava sobre ela. A pele de Febo tinha um brilho dourado!

Perplexa, e ainda ultrassensível, olhou para baixo, onde seus corpos se uniam. Eles estavam ambos brilhando, em chamas... *Chamas* varriam sua pele, conduzindo-os, engolindo-os!...

— Olhe para mim, Pamela!

A voz de Febo soou rouca, e ela fixou os olhos nos dele.

— Enxergue-me — ele pediu. — Desta vez, veja quem sou de verdade.

Conforme eles se uniam, ela obedeceu. Febo era o poder, a beleza e o amor, tudo se fundindo em um único ser. Como ela pudera acreditar que ele era um homem comum?

Sua mente se esforçou para compreender a verdade fugidia do que estava vendo conforme seus corpos se inflamavam naquela luz ofuscante e sobrenatural. *O que* ele era? O que estava acontecendo com ela?!

Apolo viu o pânico cintilar em seus olhos e a segurou pelo rosto, obrigando seu olhar a permanecer preso ao dele. Com um enorme esforço, controlou o próprio corpo.

— Olhe mais fundo — pediu baixinho. — Olhe além da estranheza que você teme... Não pode ver o seu reflexo na minha alma?

O azul de seus olhos a manteve ainda mais cativa do que seus corpos unidos. Pamela estremeceu com a intensidade das emoções que a sacudiam.

E ali, sob o poder que irradiava dele, encontrou a essência do homem que ela conhecia. Nesta, viu o reflexo de seu próprio desejo, de sua necessidade e de seu vazio, e de repente soube que, ao preencher Febo, ela também se completava.

— O que você é? — indagou num sussurro.

— Sua alma gêmea.

A voz dele tremeu e, apesar do impressionante poder que irradiava de Febo, Pamela pensou, de repente, que ele parecia muito jovem e vulnerável.

— Sim — murmurou, sentindo o fogo começar a reacender em seu âmago. — É minha alma gêmea.

Ela o puxou mais para si e, com um doloroso gemido, Febo mergulhou nela, incapaz de se

conter por mais tempo.

Quando o mundo começou a explodir, Pamela afundou o rosto no ombro largo e se agarrou a ele.

No Salão Nobre, Ártemis, se levantou de repente e respirou fundo. Estava acabado! O vínculo com a mortal fora embora. Pelo visto, sua magia tinha feito a balança pender em favor de seu irmão.

Já não era sem tempo.

Espreguiçou-se, langorosa, apreciando a ausência do irritante incômodo que fora o desejo de amor de Pamela, então se recostou em sua bem estofada *chaise longue*. Gostaria de ir para a floresta — uma corrida ao luar seria revigorante —, mas não podia. Apolo ainda precisava dela para garantir que nenhuma ninfa o vislumbrasse devolvendo a mortal para seu próprio mundo.

Mas isso era de pouca importância. Seu relacionamento com a mortal estava quase concluído. Agora que Apolo havia ganhado o coração de Pamela, previu Ártemis, ele logo iria se cansar da moça. Logo tudo voltaria ao normal, e sua aventura no Reino de Las Vegas não seria nada mais do que uma quase divertida lembrança.

Ártemis ignorou a ponta de dúvida que surgiu em sua mente conforme ela se lembrou da fervorosa declaração de amor do irmão. A alma gêmea de Apolo era uma mortal?... Impossível.

Escondido nas sombras, Baco sorriu e esperou.

CAPÍTULO 20

Alguma coisa estava errada. Apolo soube disso da mesma forma que conhecia as muitas linguagens do homem ou as vozes de instrumentos musicais: naturalmente, no nível mais elementar de seu ser.

O corpo quente em seus braços se agitou e, no mesmo momento, ele o abraçou com mais força.

Pamela...

Abriu os olhos. O que tinha acontecido na noite anterior? Eles estavam nus em sua cama.

Pense!, ordenou a seu cérebro entorpecido. *Lembre-se!*

E os acontecimentos da noite lhe assomaram à memória.

Apolo abafou um gemido. Ele perdera todo o controle. Como? Por que não fora capaz de...

Soube a resposta antes de completar o pensamento. O banquete fora impregnado com o poder inebriante de uma deusa. E ele sabia qual delas: Ártemis!

— Apolo!

Como se seus pensamentos a houvessem invocado, o sussurro impaciente da deidade chiou no quarto.

Ele virou a cabeça e a fulminou com o olhar.

— O que está fazendo? — cochichou Ártemis. — Sabe que o amanhecer está próximo. Quer que a mortal fique presa aqui?

Chocado, ele sentou-se. Era isso o que estava errado. Como sempre, o Deus da Luz sentira a vinda da carruagem em chamas que introduzia a aurora no firmamento. Por instinto, ele soubera que já passara da hora de Pamela ser devolvida a seu mundo.

Na noite anterior, ele se revelara em demasia. Como a mente mortal de Pamela poderia compreender o que decorrera do amor sem amarras que haviam feito, assim como aceitar que ela se encontrava presa no Monte Olimpo?...

Lembrou-se do medo que tremeluzira em seus olhos quando ele tinha se revelado. Pamela não seria capaz de apreender tudo aquilo; não de verdade. E, se fosse, ele podia imaginar como isso mudaria seus sentimentos por ele.

Não. Ainda era cedo. Ele precisava tirá-la do Olimpo. No momento em que o portal fosse reaberto, teria uma explicação para aquela noite incomum. Passaria mais tempo com ela e a faria solidificar seus sentimentos por ele; sentimentos que Pamela só admitira sob a influência da magia de Ártemis.

Apolo tornou a fazer uma carranca para a irmã.

— Vá! — sussurrou para ela. — Certifique-se de que o Salão Nobre esteja vazio. Vou com

Pamela em seguida.

— Depressa! — aconselhou a deusa enquanto seu corpo se esvaecia.

— Febo? — A voz de Pamela soou grogue. Ela piscou, sonolenta, e esfregou os olhos. — Onde...

Ele apertou os lábios e, relutante, passou a mão sobre o rosto delicado, obliterando seus pensamentos e lhe entorpecendo os sentidos.

— Precisa se vestir. Temos que ir embora — falou, conduzindo-a com delicadeza pela mão até o cômodo ao lado, onde encontrou suas roupas jogadas.

Hipnotizada, Pamela obedeceu.

Apolo odiou a si mesmo enquanto vestia as próprias calças e a observava fazer o mesmo mecanicamente. Suas roupas de baixo, assim como a camisa dele, estavam arruinadas.

A lembrança da paixão que o inundara ao rasgar as peças de seus corpos o fez estremecer, e suas entranhas se agitaram. Como poderia sobreviver sem o toque de Pamela por cinco dias?

Sua determinação vacilou. Ele contava com uma escolha. Poderia enfeitiçá-la e mantê-la consigo até que o portal se abrisse de novo.

Tocou seu rosto e, mesmo com os pensamentos embotados pela magia, Pamela oscilou em sua direção.

Seria apenas uma semana...

Não!, Apolo repreendeu a si mesmo. Ela ficaria enojada se ele fizesse tal coisa. Como não poderia?

Ele odiou a si mesmo só de pensar.

— Venha, minha doce Pamela. Vou levá-la pra casa.

Passou os braços ao seu redor, e eles desapareceram, rematerializando-se quase que no mesmo instante ao lado do portal, no Salão Nobre.

Ártemis estava lá, com os braços cruzados, batendo o pé, impaciente. Observou o peito nu do irmão, a expressão zumbi de Pamela, e balançou a cabeça. Quanto mais cedo eles se livrassem do Mundo Moderno dos mortais, melhor!

— Ande logo, o sol está nascendo! — ralhou.

— Eu sei! — devolveu Apolo com raiva. — Principalmente agora que meus sentidos não estão mais entorpecidos pela magia de uma deusa...

Ártemis teve a decência de parecer sem-graça.

— Vou levá-la e voltar em seguida — avisou o Deus da Luz.

Ela suspirou, porém não discutiu.

Apolo colocou o braço em torno de Pamela e atravessou com ela o portal. Adentraram Vegas, e ele abriu a porta para o pequeno armário. No corredor deserto, ajeitou suas roupas, então tocou seu rosto delicadamente.

Sentia-se como um meliante. Havia roubado seu amor, e agora iria bater em retirada antes que a luz do dia revelasse seu crime. Não tinha escolha, mas, mesmo assim, odiou a si mesmo por permitir que as coisas tivessem acontecido daquela maneira.

— Eu *te* amo, minha doce Pamela. Lembre-se disso. E lembre-se de confiar em mim. Eu voltarei para você... Mas, desta vez, farei isso do modo certo. — Inclinou-se para ela e ordenou em pensamento: *Desperte com o meu beijo*.

Beijou-a com paixão e, enquanto Pamela piscava e sua expressão aturdida começava a se iluminar, voltou para o armário, fechou a porta e retornou ao Olimpo.

Pamela esfregou os olhos. *Urgh...* Estava tonta e um pouco enjoada. O quanto bebera no jantar?

Olhou ao redor. Onde, diabos, ela se encontrava?

Seu cérebro atordoado registrou a porta pequena e simples, e o corredor vazio. Onde estava Febo?

Passou a mão pelo cabelo, e o movimento de levantar o braço fez balançar seus seios.

Seus peitos estavam balançando?... Aonde fora parar seu sutiã?!

Sentiu um arrepio de pânico descer pela espinha.

Pense! Do que ela se lembrava?

Febo a encontrara no café. Eles haviam ido jantar em um restaurante maravilhoso, exclusivo...

A lembrança da refeição em si estava embaçada, contudo. Estranhas imagens de peles quentes e escorregadias, e do gosto salgado da paixão, a atormentavam. Tinha uma vaga lembrança de roupas sendo rasgadas e, depois, de Febo levando-a para um quarto onde ela pudera se vestir... com apenas algumas de suas roupas!

Pamela sentiu o pânico invadi-la e a dor na cabeça aumentar. *Respire*, ordenou a si mesma. Estava bem; apenas bebera demais.

Mas onde, diabos, estava Febo?!

Sua felicidade ao comprar aquela bolsa maravilhosa de sapatinho de rubi era sua última lembrança mais nítida.

— *Maldição dos infernos!*... Minha bolsa!

Olhou para a porta branca. O que acontecera naquele jantar? Não conseguia concatenar as ideias, mesmo sabendo que alguma coisa havia acontecido. Por algum motivo, a memória fugia do seu alcance. Febo a drogara? Mas por que ele o faria?!

Na tentativa de manter o medo sob controle, Pamela apelou para o bom-senso. Deixara sua bolsa nova de sapatinho de rubi, de 4 mil dólares, no restaurante. E, com ou sem Febo, iria voltar lá para pegá-la.

Abriu a porta e entrou. Aquilo era um *closet*?...

No meio do armário, deparou com uma passagem em forma de disco que cintilava e brilhava.

Alguma coisa se agitou em sua memória. Ela atravessara aquele círculo com Febo! Era a entrada para o restaurante.

Pamela endireitou os ombros e cruzou a bizarra entrada. Experimentou uma sensação engraçada, como penas lhe roçando a pele, e a luz mudou, da lâmpada amarela e fraca do *closet* para uma luminescência rosada.

Entretanto, ela não adentrou o fabuloso restaurante de que se lembrava. Em vez disso, viu-se no meio de um magnífico salão de baile.

O lugar era imenso e de uma beleza indescritível. O enorme espaço se encontrava vazio, exceto pela presença de duas pessoas que gritavam uma com a outra.

Conforme ela surgiu na entrada, estas se viraram em sua direção. Febo, sem camisa, olhou para ela em choque. Sua irmã pareceu furiosa a princípio, em seguida sua expressão mudou e...

Uma dor lancinante cortou Pamela dos pés à cabeça. Ela abriu a boca para gritar, mas, conforme a dor ondulou por seu corpo, o grito ecoou em sua cabeça. Era como se ela não tivesse mais boca para lhe dar voz. Desamparada, estendeu a mão para Febo conforme se sentia dobrar e se transformar em algo não humano.

No mesmo instante, a dor dissipou a bruma em sua cabeça, e as lembranças a assaltaram de uma só vez. Febo... Sua pele brilhando com uma paixão sobrenatural enquanto ele a tomava nos braços e a fazia sua... Ele não era humano. Nenhum homem comum podia ser feito de fogo.

O que ele havia feito com ela? O que estava fazendo com ela agora?!

Lembrou-se de seu fogo varrendo-a inteira, acariciando-a e...

Outro grito rasgou sua mente.

Apolo estava de costas para o portal, repreendendo a irmã por sua indesejada interferência, quando sentiu sua alma gêmea adentrando o Olimpo, e seu fogo de barragem foi interrompido. No momento em que os pés mortais de Pamela ultrapassaram o portal, o restante de seu corpo começou a se transformar.

Impotente, Apolo assistiu a Pamela diminuir de tamanho, se liquefazer, depois se transmutar em um belo jasmim perfumado.

— Leve-a de volta antes que o sol nasça! — sua irmã gritou. — Quando o portal se fechar, o feitiço vai desaparecer!

E, então, ela seria Pamela mais uma vez.

As palavras tiveram o efeito de uma cotovelada em Apolo. Ele saltou para a frente, sentindo Ártemis logo atrás dele.

Agarrou a flor de jasmim delicada e a puxou de onde esta já começava a fincar raízes, no

chão de mármore. Sussurrando um alquebrado pedido de desculpas, pulou através do portal com o corpo transformado de Pamela nas mãos.

Ártemis hesitou em frente ao portal, lançando um olhar rápido sobre o ombro na direção das janelas que iam do chão ao teto, e que mostravam o amanhecer iluminando o céu, o qual, por sua vez, já se tingia de vermelho.

— Não, seu tolo! — gritou dentro do disco que girava. — Não era para ir junto com ela! — A deusa se inclinou para a frente, tentando enxergar através da fulgurante passagem.

Das sombras, Baco se aproximou rápida e silenciosamente e, com um único movimento, bateu o ombro no centro das costas da Deusa da Caça. Ártemis gritou e caiu no disco apenas alguns segundos antes de o portal se apagar, desaparecendo por completo conforme o amanhecer se espalhava pelo Monte Olimpo.

A risada de Baco ressoou, então, com malévolo triunfo.

CAPÍTULO 21

Pamela estava de quatro. Sua respiração saía em espasmos, e seus dentes batiam em uníssono com o tremor que lhe sacudia o corpo.

Seu corpo!

Apalpou braços e rosto freneticamente. Ela havia se transformado em alguma coisa!... Algo verde, que crescia e que, sem sombra de dúvida, não era natural.

Mas agora voltara ao normal de novo. Voltara a ser humana.

— Está tudo bem, meu doce — falou Apolo, estendendo-lhe a mão.

Pamela se encolheu para longe de seu toque.

— Você! — exclamou, mas, antes que pudesse dizer mais alguma coisa, a irmã de Febo caiu de cabeça no pequeno cômodo, pouco antes de o disco perolado e colorido que girava desaparecer.

Ártemis soltou uma praga ininteligível conforme se levantava do solo, e o irmão a fitou, pasmado.

— Vou fazer Baco se arrepender de ter sido salvo por Zeus quando aquela mãe humana dele... — A deusa interrompeu o discurso ao se dar conta de que o portal se fechara. — *Não!*... — sussurrou, lívida. — Não podemos ficar presos aqui!

— Que diabo é você?! — As palavras explodiram de Pamela.

Apolo e Ártemis se viraram para a pequena mortal ainda agachada no chão. Ela foi recuando, até se ver pressionada contra a porta fechada. Tinha os olhos arregalados e escuros em contraste com a brancura de seu rosto.

— Pamela... — Apolo falou em um tom suave, estendendo-lhe a mão outra vez. — Sabe quem eu sou.

— Não! — ela gritou de volta, se esquivando de seu toque. — Eu não perguntei *quem* você é. Perguntei *o que* você é!

— Vai ter de fazê-la esquecer — declarou Ártemis, ignorando Pamela. — Ela já viu muito. Olhe para ela: Pamela se lembra! — A deusa levantou a mão esguia. — Está bem, eu mesma faço isso. Sei o quanto ficou apegado a ela... Durma e esqueça! — Sacudiu os dedos na direção de Pamela, que recuou instintivamente.

— Pare! — gritou Apolo. — Não quero que mexa com ela.

— Que diabo está acontecendo?! — As pernas de Pamela funcionaram bem o bastante para que ela se levantasse; contudo ela permaneceu de costas para a porta, pressionando as mãos contra a madeira maciça na tentativa de atenuar o tremor que a sacudia.

— Por que ela não dormiu? — Ártemis indagou ao irmão. Então balançou a mão e olhou os

dedos.

— O portal está fechado — lembrou Apolo.

A deusa fez uma careta de desdém.

— Estou vendo!

Apolo apenas a encarou, e Ártemis arregalou os olhos.

— Quer dizer que quando o portal se fecha... — Suas palavras foram morrendo.

— Quando o portal se fecha, ele corta os nossos poderes — seu irmão terminou por ela.

Ártemis levou a mão à boca, soltando uma exclamação abafada.

— Está bem, é isso aí... Estou indo embora. — Pamela empurrou a porta do armário e saiu, sentindo como se as pernas fossem de borracha.

— Olhe o que você fez! — Apolo rosnou para a irmã antes de correr atrás de Pamela.

— O que *eu* fiz? — Ártemis bufou, indignada, mas, relutante, o seguiu. Não queria fazer aquilo. Queria que o portal reabrisse. Queria voltar para o Olimpo e tomar um longo banho de imersão em sua fonte de água mineral. Queria que seus poderes imortais retornassem e...

Suspirou, saindo para o corredor.

Apolo tinha segurado Pamela pelo cotovelo a poucos metros da porta do armário e tentava se justificar, enquanto a mortal fazia força para puxar o braço.

Ártemis balançou a cabeça. Como haviam decaído os poderosos!...

Marchou até os dois.

— Fique quieta, mortal! — ralhou com desgosto. — É mesmo muito simples. — Apontou para o irmão. — O nome verdadeiro dele é Febo Apolo, Deus da Música, da Luz e da Cura. Meu nome é Diana, mas apenas se for de descendência romana. Do contrário, prefiro ser chamada de Ártemis, a Deusa da Caça. Também tenho uma afinidade com a Lua, assim como meu irmão está aliado ao Sol... mas decerto não desejo lhe passar tantas informações a ponto de atordoá-la — terminou com sarcasmo.

— Vocês são deuses?... — Pamela rezou fervorosamente para acordar logo.

— Sim. Imortais. Ou ao menos éramos antes que o portal nos aprisionasse neste mundo miserável. Agora suspeito de que somos apenas atraentes mortais — ela falou, seca.

— Apolo e Ártemis... — Pamela olhou os gêmeos.

— Eu disse que era simples.

— Você é *maluca*! — ela exclamou.

— Eu não queria que descobrisse desta forma — interveio Apolo —, mas Ártemis está dizendo a verdade. — Ele franziu a testa para a irmã. — Ainda que esteja fazendo um péssimo trabalho.

— O quê? — exigiu a deusa. — Se queria música suave e perfume de flores, sinto muito, mas não serei capaz de atender seu desejo. Pelo menos enquanto o portal não reabrir.

— Não está ajudando — Apolo falou à irmã.

— Mas não existem deuses! Isso não passa de mitologia! — interveio Pamela.

— Pensei que havia dito que ela era inteligente — Ártemis zombou.

Pamela estudou a bela jovem, tão parecida com seu amante, e sentiu a entorpecedora onda de horror que a vinha assolando degelar.

E, conforme esse degelo acontecia, começou a ficar irada.

— Não precisa ser tão rude! — acusou.

— Rude? — Ártemis estreitou os olhos. — Está me chamando de rude quando *você* é quem nega a minha existência? E isso porque está bem no meio de uma estrutura que foi construída justamente porque povos antigos honravam a mim e aos outros onze deuses tão bem que tenho sido lembrada por milhares de anos... Isso soa inteligente?

— Nem inteligente nem pouco inteligente. Soa apenas absurdo... Isto tudo é absurdo. Não pode ser verdade!

Apolo a segurou pelo outro cotovelo e a fez encará-lo, tentando ignorar o modo como Pamela continuava a se afastar dele.

— Sabe que é verdade, Pamela — falou numa voz calma e tranquila. — Teve uma experiência. Tudo o que tem de fazer agora é aceitar.

Pamela olhou para ele. Olhou para ele *de verdade*. Febo continuava o mesmo homem alto e estonteante da noite anterior; no entanto, não era o mesmo homem.

Alguma coisa estava faltando nele. Febo continuava extraordinariamente bonito, mas o azul espetacular de seus olhos parecia ter assumido um tom mais... — ela engoliu em seco — ... um tom mais humano.

E havia outra coisa: Febo contava com menos *presença* agora. Essa era a única maneira que poderia descrever o que sentia. Ele parecia o mesmo, mas não era.

Os detalhes não tinham mudado. Seus ombros não pareciam menos amplos; seu peito, não menos musculoso... o que podia constatar com facilidade, uma vez que ele estava sem camisa.

No entanto, Febo mudara, se transformara... em menos.

E Ártemis estava com a razão; ela se lembrava. De pequenas coisas, como do fato de ele poder ficar ao sol do deserto durante toda a tarde e nem mesmo suar. E de grandes coisas, como ele ter ficado em chamas na noite anterior, enquanto faziam amor.

Somado a tudo isso havia ainda o inegável fato de que ela atravessara um portal reluzente e se transformara em algo que, definitivamente, não era humano.

Não podia ser. Não era possível... Mas, no fundo, ela sabia que eles estavam dizendo a verdade. Aqueles dois eram mesmo deuses.

— O que era aquela coisa no armário? — indagou em um sussurro.

— Um portal que Zeus abriu, do Olimpo para o Reino de Las Vegas — explicou Apolo.

— Por quê?

Ele deu de ombros e tentou sorrir.

— Quem entende as vontades do Supremo Governante do Olimpo?

— Se eu me lembro bem, ele disse algo sobre desejar que nós observássemos e nos divertíssemos com seu mundo — falou Ártemis.

Pamela desviou o olhar para a deusa.

— Quer dizer, num tipo de experiência? Como num daqueles episódios patéticos de *Jornada nas Estrelas*?

— Sabe o que ela quer dizer? — Ártemis perguntou ao irmão.

— Não, mas sei que, mais uma vez, *não está ajudando em nada* — ele falou por entre os dentes.

Pamela o fitou, atordoada.

— O que aconteceu comigo quando atravessei aquele portal? Algo terrível aconteceu com o meu corpo... O que fez comigo?

— Não! Não fui eu. Não pode acreditar que eu faria qualquer coisa para feri-la.

Pamela virou o rosto.

— Já me feriu.

— Foi aquele cretino do Baco! Ele deve ter lançado algum feitiço sobre o portal. — Ártemis fez uma pausa enquanto pensava sobre o que tinha acontecido com Pamela.

— Estava se transformando em uma flor.

— Em um jasmim, como seu próprio nome sugere — completou Apolo. — A mais doce de todas as flores.

Ártemis bufou.

— Muito romântico. Isso mostra que Baco enfeitiçou o portal de modo que, se Pamela o atravessasse sem você, ela reverteria para sua forma mais básica: a de seu próprio nome.

Pamela sentiu o coração entorpecido.

— É como nas lendas!... Vocês usam os seres humanos e, quando os descartam, transformam-nos em algo não humano!

— Eu não diria que está sendo muito precisa. — Ártemis pareceu ofendida.

Apolo deu as costas para a irmã.

— Deixe-me explicar — disse a Pamela. — Não é nada disso em se tratando de nós dois.

— Não!... Estou farta de ser usada como uma cobaia. — Ela lançou um olhar de desgosto a Ártemis. — Não quero que explique mais nada. Só quero que vão embora para o lugar de onde vieram e me deixem em paz!

— Nós adoráramos, mas parece que estamos presos aqui até o seu próximo fim de semana — anunciou Ártemis.

Apolo balançou a cabeça.

— *Ela* adoraria. O que eu mais quero é ficar com você e lhe explicar tudo.

— Não estou interessada. — Pamela recomeçou, tentando se livrar dos braços fortes de Apolo, porém uma voz os interrompeu.

— Algum problema aqui? — Um segurança de uniforme azul parou na entrada do corredor. Era baixinho e gordinho, mas possuía um distintivo, uma arma e a expressão de quem levava seu trabalho muito a sério.

— Ah, vá embora! — reclamou Ártemis, sacudindo os dedos em sua direção. Em seguida parou, e sua expressão de desdém se desfez quando ela se lembrou de que estava sem seus poderes.

— O que disse?... — O guarda inquiriu, estreitando os olhos para a linda mulher vestida com uma túnica curta.

Apolo deixou cair os braços e se pôs diante de Pamela e da irmã.

Pamela observou o modo como seu semblante se fechou e percebeu que, com ou sem poderes imortais, ele tinha potencial para ser um homem muito perigoso.

— Não há problema algum, senhor — interveio rapidamente, pondo-se ao lado do deus. — É que meu... — Fez uma pausa, olhou para o peito nu de Apolo e descartou palavras banais como “namorado” e “paquera”, as quais, estava certa, iria fazê-la soar como uma candidata ao *Jerry Springer Show*, um daqueles programas que tratam de casos de família. — ... meu *noivo* e eu tivemos uma briguinha e, bem... — Ela encolheu os ombros e sorriu, tímida.

O homem não estava olhando para ela ou para o jovem seminu a seu lado, no entanto. Estava olhando para Ártemis.

— Espere um pouco — disse, os olhos pequenos brilhando. — Não é uma das estrelas do *Zumanity*?

Pamela prendeu a respiração enquanto Ártemis erguia uma sobrancelha fina.

— Eu sou *a* estrela de *Zumanity* — confirmou a deusa, arrogante.

— Esta é Diana, irmã de meu noivo — elaborou Pamela. Não olhou para Apolo, porém podia sentir a tensão em seu corpo conforme ele aguardava em silêncio a seu lado.

— Que coincidência! Assisti a esse show pela primeira vez há poucos dias. — O segurança balançou o corpo para trás e para a frente, o suor banhando o lábio superior. — Foi incrível. *Você* foi incrível...

— Suponho que seja gratificante saber que proporcionei prazer às massas — respondeu Ártemis.

Pamela a segurou pelo cotovelo, puxou Apolo pela mão e começou a passar com ambos pelo guarda.

— Bem, precisamos voltar para os nossos quartos. Não entendo como tomamos o rumo

errado e viemos parar aqui...

— Da próxima vez, vista-se adequadamente antes de deixar seus aposentos! — O oficial repreendeu Apolo enquanto Pamela o arrastava às pressas. Então tirou o chapéu para Ártemis. — Muito prazer em conhecê-la, Diana. Mal posso esperar para ver seu show de novo.

Pamela pôde sentir o rosnado que brotou de dentro do corpo de Apolo.

Nenhum deles falou mais, porém, até dobrarem a esquina e se verem caminhando pelo saguão do cassino.

Pamela soltou o braço de Ártemis. Tentou largar a mão de Apolo, contudo ele apertou a dela ainda mais.

Pamela franziu o cenho.

— Deixe-me ir! — Baixou a voz de maneira que as pessoas próximas não a ouvissem.

— Não pretendo deixá-la ir nunca — Apolo replicou.

Ártemis suspirou, dramática.

— Fique fora disso! — o deus ordenou à irmã. — Não entende o que é estar apaixonado.

— Apaixonado! Ora, por favor... Sei que sou apenas uma mera mortal, mas não sou nenhuma idiota. Não importa o que sua irmã pensa. — Pamela fulminou Ártemis com o olhar, e esta curvou os lábios em um sorriso cínico.

Pamela encontrou o olhar de Apolo novamente. Seus olhos já não estavam mais vidrados, em choque. Em vez disso, faiscavam com indignação.

— Como pode dizer que está apaixonado por mim? Fingiu ser alguém que não é! Você me usou como uma verdadeira cobaia! E ainda suspeito de que tenha me lançado algum tipo de feitiço!

Várias pessoas se viraram e olharam, curiosas, em sua direção.

— Deixe-me explicar — recomeçou Apolo.

Pamela começou a sacudir a cabeça, porém o deus a tocou na lateral do rosto, e ela sentiu-se congelar.

— Por favor — ele sussurrou, odiando perceber que, quando ele a tocava, o medo sobrepujava a raiva em seus olhos. — Precisa me deixar explicar. Eu já disse que não vou deixá-la ir. Quando faço um juramento não o quebro jamais. — Apolo deixou seu rosto e tocou de leve a medalha que ela ainda usava no pescoço. — Prometi que lhe daria a minha proteção. Não precisa ter medo de mim.

— Com licença, senhor... — Um funcionário do cassino se aproximou deles. — Desculpe, mas preciso pedir que vista sua camisa.

— Já estamos a caminho do nosso quarto — respondeu Pamela, puxando Apolo em direção aos elevadores do hotel.

— Não sei por que tanta celeuma por conta de um pouco de carne exposta! — resmungou

Ártemis, seguindo o irmão.

— Quero isso tudo muito bem explicado — alertou Pamela, tão logo eles adentraram o elevador.

— Assim será — assegurou Apolo, ainda segurando a mão dela.

— Isso vai ser *muito* aborrecido — rezingou Ártemis.

— Continua não ajudando! — Apolo e Pamela reclamaram em uníssono.

CAPÍTULO 22

— Está me dizendo que tudo não passou de um feitiço mal direcionado? — indagou Pamela, sentada em uma das cadeiras da sala de estar de sua suíte.

Ártemis descansava deitada no sofá e Apolo, que não conseguia ficar quieto, andava de um lado para o outro diante da janela.

— Tecnicamente, não é um feitiço. É um ritual de invocação. Muito antigo e muito poderoso — falou a deusa. — Como explicou Apolo, não devia ter sido possível, até por necessitar reunir muitos elementos... o que acabou acontecendo.

— Tivemos um dedo de Baco nessa história, sem dúvida. Ele deve ter manipulado as coisas — Apolo terminou pela irmã.

— Manipulação. Excelente maneira de descrever tudo isso. — A expressão de Pamela dizia claramente que ela não estava se referindo à invocação.

— Não! Não foi assim. Nossos sentimentos não foram manipulados, apenas os acontecimentos que nos aproximaram.

— Mentiu para mim — acusou Pamela.

— Não. Sou mesmo uma espécie de médico e músico.

— Na verdade, ele é *o* curandeiro e *o* músico do Mundo Antigo — Ártemis interrompeu a conversa.

Pamela soltou uma exclamação.

— Meu tornozelo! Fez alguma coisa para curá-lo naquela noite da chuva!

— Estava quebrado. Eu apenas o fiz sarar.

Pamela fitou Apolo como se nele houvessem brotado chifres e um rabo.

— E quanto ao prêmio no caça-níqueis? — perguntou, tensa.

— Sua vontade de ter a bolsa era comovente... Agradou-me lhe conceder esse desejo.

O sorriso do deus foi como o de um menino apanhado com a mão em um pote de biscoitos, concluiu Pamela, e quis sorrir de volta para Febo. Ele parecia tão... normal.

Então se lembrou de como havia sido sentir a própria carne derretendo para se transformar em algo não humano.

Sua determinação voltou, e sua pergunta seguinte apagou o sorriso travesso do rosto do deus.

— E quanto ao sexo? Que tipo de magia usou para me levar para a cama?

— Nenhuma — ele respondeu de pronto. — Eu não a cortejei como o deus Apolo. Eu a cortejei e fiz amor com você como Febo, um mortal como qualquer outro.

Foi a vez de Pamela bufar.

— Por favor! Eu estava lá... Foi muito diferente com você. Não costumo ir para a cama com um caso de fim de semana, mas deve ter feito algo comigo.

Apolo parou de andar e foi até onde ela estava.

— Não usei nenhum poder imortal para seduzi-la, e o que tivemos não foi uma aventura de fim de semana.

Pamela sentiu a boca seca e o estômago se apertar com sua proximidade.

— Está fazendo de novo — sussurrou, contrariada. — Pare com isso.

O sorriso cativante de Apolo voltou com força total.

— Impossível, doce Pamela. Como minha irmã já afirmou, quando o portal se fecha perdemos nossos poderes imortais. Até o anoitecer de sexta-feira, terei tanta energia para conquistá-la como qualquer outro mortal.

— Se quer ficar com raiva de alguém por tê-la enfeitiçado, fique com raiva de mim — declarou Ártemis, estudando as unhas. — Eu aspergi um pouco da minha magia em você na noite da minha apresentação. Também lancei meu feitiço de sedução no banquete de ontem à noite.

— Por que faria isso?! — Pamela indagou.

— Já lhe explicamos a respeito do ritual de invocação. Até que Apolo satisfizesse o seu desejo mais sincero, nós estaríamos vinculadas; e eu estava mais do que cansada disso. — A deusa afastou uma mecha dourada do rosto. — Precisava de um estímulo para admitir a si mesma que Apolo era o seu desejo mais profundo, então... Agradeça às nove Musas por ter funcionado.

— Não é uma pessoa muito agradável, é? — Pamela indagou à deusa.

— Agradável? — Ártemis não pareceu nem um pouco ofendida com a pergunta. — Por que eu precisaria ser agradável?

O telefone tocou.

Balançando a cabeça para Ártemis, Pamela atendeu.

— Pamela? Aqui é o assistente do sr. Faust, James — falou uma voz masculina.

— Ah, sim. Olá, James. — Ela sentiu o estômago afundar. Era manhã de segunda-feira! Já devia ter começado a trabalhar, mas havia se esquecido completamente de E. D. Faust e do trabalho que ela precisava concluir.

— Eu só queria lembrá-la de que Robert estará aí para apanhá-la com o carro, na entrada do Caesars Palace, em exatos trinta minutos.

— ... Obrigada pelo telefonema, James. Estarei pronta.

— Ótimo! O sr. Faust está ansioso por que comece o trabalho em sua casa.

Pamela aquiesceu, dando uma resposta adequada. Desligou o telefone e olhou para Apolo e Ártemis que, por sua vez, a observavam.

— Preciso ir trabalhar.

— Claro. Para o autor. O da casa de banhos romana e da fonte — lembrou Apolo.

— Sim, ele está mandando um carro vir me buscar. — Pamela olhou-se no espelho e fez uma careta diante de sua terrível aparência. — Em exatos trinta minutos! Tenho que me aprontar. — Começou a correr em direção ao quarto.

— Excelente! — exclamou Ártemis. — Para onde vamos?

Pamela estacou.

— Nós não vamos a lugar nenhum.

— Não espera que eu permaneça aqui, neste casebre? É aborrecido demais.

— Bem, certamente não virá comigo! — ela imitou o tom afetado da deusa.

Ártemis estreitou os olhos.

— Não se esqueça de com quem está falando, mortal.

Pamela plantou as mãos nos quadris e ergueu o queixo.

— Escute aqui. Deusa ou não, vai ter que aprender a não agir como uma vadia. E pode me ameaçar quanto quiser. — Apontou para a medalha dourada que lhe pendia do pescoço. — Apolo jurou que estou sob sua proteção.

Ela ouviu a risada satisfeita do deus, mas se recusou a encará-lo.

— Fiquem aqui, peçam o serviço de quarto, assistam a um filme, aprendam a lidar com a internet, sei lá! Inferno... Quando eu voltar, pensarei no que fazer com vocês.

— Pamela?

A voz de Apolo a impediu de ir para o quarto, e ela se voltou para ele.

— Nós poderíamos ajudá-la.

— Ajudar-me no quê?

— Eu poderia ajudá-la a convencer Faust a construir o balneário. E quem sabe Ártemis possa persuadi-lo a usá-la como modelo para a estátua do centro da fonte? — o deus acrescentou, sorrindo.

Pamela lançou um olhar duvidoso na direção da deusa.

— Não se esqueça de que os homens vêm adorando a minha beleza há eras — Ártemis falou alegremente. — Eles ficam encantados comigo.

— Isso até pode ser verdade, mas apenas porque veem suas estátuas e pinturas, e não precisam se submeter à sua odiosa presença.

Ártemis abriu a boca para retrucar, contudo Apolo a impediu.

— Minha irmã pode dar seu juramento de que será educada.

— Eu, não!

— Faust é um bardo moderno, e quer que a estátua do centro de sua fonte seja uma homenagem a Baco. Pense nas histórias do Deus do Vinho que ele vai contar... — Apolo falou

à irmã.

— Aquele sapo gordo não devia ser idolatrado no mundo moderno! — protestou Ártemis. Ele encolheu os ombros.

— Você é quem sabe.

A deusa limpou a garganta e, relutante, encontrou o olhar de Pamela.

— Eu lhe dou o meu juramento de que serei educada. *Hoje*.

— Eu não sei...

— Por favor, Pamela — insistiu Apolo. — Deixe-me mostrar que não estou diferente hoje do que fui ontem. Apolo, o deus, e Febo, o mortal, são o mesmo homem.

Ela não deveria. Sabia que não deveria. Não queria ser amada por um deus. Gostava das coisas como eram antes de ele se tornar um imortal todo-poderoso. Queria seu Febo de volta.

— Está bem — concordou de súbito. — Mas temos que lhe comprar outra camisa no caminho. — Olhou para Ártemis. — Pelo menos está bem com esse traje. Podemos dizer que está vestida a caráter. — Pamela vacilou, então. — Fiquem aí. Preciso me apressar.

Fechou a porta do quarto e descansou a cabeça na madeira. Febo era Apolo!...

Sentiu as entranhas revolver conforme a realidade se instalava dentro dela. Ela era amante de Apolo, o deus grego!...

E ele existia havia eras. Templos foram construídos para homenageá-lo, faziam músicas para ele!... Aquelas mãos que tinham acariciado cada parte de seu corpo eram as mesmas mãos que levaram música ao Mundo Antigo.

E ele dizia que a amava!...

Pamela levou a mão trêmula à boca, dominada por uma súbita onda de choque, incredulidade e espanto. Era melhor dizer a Faust que não poderia aceitar o trabalho, pegar um avião e voar de volta para o Colorado. Deveria esquecer que aquele fim de semana havia acontecido. Era a coisa mais inteligente a fazer.

Mas sabia que não iria fazer a coisa certa. O Deus da Luz dissera estar apaixonado por ela.

— Na certa estou cometendo o erro mais *ginorme* da minha vida — falou baixinho.

Exatamente vinte e cinco minutos mais tarde, eles se encontravam do lado de fora das portas giratórias que davam para o Caesars Palace; Pamela sentindo o estômago apertado como se estivesse se preparando para saltar de *bungee jump*.

— Lembre-se, você é Febo Delos, especialista em arquitetura romana, e eu o chamei para me aconselhar nesse projeto. E você é a irmã dele, Diana, que...

— ... tem a beleza de uma deusa! — Ártemis a interrompeu, repetindo suas instruções. — Sim, sim, já decoramos nossas falas. Somos imortais, não imbecis.

— Eu ia dizer que precisa se lembrar de ser agradável — Pamela completou.

— Minhas palavras serão tão doces que eles poderiam fazer mel na minha boca, como as

abelhas marrons da Grécia — elaborou Ártemis com um bater inocente dos longos cílios.

— Já está me deixando com dor de cabeça — resmungou Pamela. — Basta ser normal, está bem? É pedir muito?

— Ela vai manter seu juramento. Não precisa se preocupar, doce Pamela — garantiu Apolo.

— Não me chame assim. Supõe-se que seja meu funcionário! — ela o repreendeu, e em seguida odiou a mágoa que viu no rosto estonteante do deus.

Um deus!... Como, diabos, chegara àquela situação? Estava namorando Apolo!

Estava condenada, isso sim. Já havia estudado literatura. Mesmo não conseguindo se lembrar muito bem, sabia o que acontecia a mortais que chamavam a atenção dos deuses. Ainda mais a mortais do sexo feminino. Seu final nunca era feliz.

Além do mais, o que faria com ele a semana inteira? Nenhum dos irmãos tinha dinheiro. Descobrira isso quando Febo enfiara a mão no bolso para pagar pela camisa que comprara em uma loja e percebera que, de alguma forma (decerto quando ele arrancara as roupas atabalhoadamente, na noite anterior, pouco antes de prensá-la na coluna de mármore), ele perdera os 4 mil dólares que furtara do caça-níqueis.

Assim, Febo não contava com um centavo. Nem Ártemis.

E o portal não seria reaberto durante longos cinco dias.

— Bom dia, srta. Gray.

Pamela deu um pulo. Não tinha notado a limusine *vintage* e prateada que estacionara à sua frente.

— Ah, bom dia, Robert. — O homem lhe abriu a porta, e ela fez uma pausa. Pigarreou, então desenhou no rosto seu sorriso mais profissional. — Estas duas pessoas vão se juntar a nós, hoje. Eles são meus assistentes.

Robert analisou os dois gêmeos loiros por cima do nariz afilado e fungou de leve.

— Muito bem, senhora — falou, segurando a porta aberta e ajudando primeiro Pamela a entrar na limusine, em seguida, a mulher fantasiada.

Quando o homem alto hesitou, Robert lançou-lhe um olhar muito britânico (direto e polido, sem se preocupar em demasia).

— Algo errado, senhor?

Se Apolo ainda tivesse seus poderes, ele o teria usado para abrir o chão sob seus pés, de modo a ser engolido e sumir de vista. Do interior da besta de metal, Pamela e Ártemis o observaram com curiosidade.

Sua irmã, de repente, pareceu compreender.

— É muito bom aqui — disse a ele. — Não precisa ficar preocupado. — Deu um tapinha no assento ao lado.

— Não estou preocupado — Apolo afirmou, controlado. Respirou, então, e entrou na boca da *coisa*.

— Por favor, sirvam-se com a mimosa. A viagem até a propriedade do sr. Faust, em Red Rock Canyon, levará aproximadamente trinta minutos. — Robert fechou a porta.

Para Apolo, foi como se ele houvesse apenas tomado um gole de ar, e eles já avançavam, deslizando como um réptil ágil e rasteiro pela rua. Experimentou uma sensação terrível no estômago, e o sangue bombeou mais forte em seus ouvidos. Não conseguia parar de olhar para o mundo lá fora, conforme este passava zunindo, a um ritmo vertiginoso.

— Você está bem? Está pálido — comentou Pamela.

— Ela tem razão, está mesmo — concordou Ártemis. — Talvez ajude se beber alguma coisa. — Ela se aproximou do balde de gelo que continha uma garrafa de champanhe e um jarro de vidro fino com suco de laranja.

— Não! Não quero nada para beber — afirmou Apolo, com a mais estranha das sensações. Temia que, se tentasse beber alguma coisa, fosse devolver tudo em seguida.

— Acho que está com náuseas por causa do carro — concluiu Pamela. — Pode se sentir melhor se for lá na frente, com Robert. Minha amiga, Ve, fica muito enjoada se viaja no banco traseiro. Quer que eu peça para que Robert estacione, para que possa mudar de lugar?

— Eu sou um deus — ele falou por entre os dentes. — Não fico doente.

— Faça como quiser, mas, se vomitar no carro de Eddie, juro que, como sua empregadora, vou ficar muito aborrecida!...

Apolo fechou os olhos e tentou ignorar o fato de estarem cruzando a Terra dentro de um monstro de metal que poderia se espatifar contra alguma coisa e se desintegrar a qualquer momento.

— O que é uma “mimosa”? — indagou Ártemis.

— Champanhe e suco de laranja misturados. Uma delícia.

— Bem... — a deusa olhou para o rosto estranhamente pálido do irmão, então encolheu os ombros bem-feitos — ... vou experimentar uma taça. Você me acompanha, Pamela?

— Não, obrigada — ela agradeceu.

Ártemis serviu-se em uma das taças de champanhe.

— Viu como estou sendo educada?

— Milagre — Pamela murmurou.

— Aguarde... O melhor ainda está por vir — prometeu a deusa, bebendo um gole da mimosa e lançando-lhe um sorrisinho travesso.

Pamela decidiu que Apolo havia tido melhor ideia ali. Fechou os olhos assim como ele, e rezou para que a viagem, o dia... — *inferno*, a semana! — ... passassem logo.

Mas não antes de deslizar a mão para a dele e apertá-la.

CAPÍTULO 23

A casa de veraneio de E. D. Faust fora construída para se parecer com uma charmosa *villa* toscana, e Pamela estava aliviada. Sim, ela vira as plantas e lera as anotações sobre a arquitetura que James lhe entregara, mas, depois do pedido bizarro de Eddie para que ela fizesse o interior da residência parecido com o Fórum, vira-se receosa quanto ao que esperar.

Claro que, conforme eles saíram da limusine e se aproximaram da impressionante porta dupla de ferro forjado, com vidros escandalosamente caros — feitos a mão, jateados e chanfrados —, ela se lembrou de ter pensado que o exterior do Fórum indicava que seu interior era decorado com modéstia e com um clássico bom gosto...

Engano seu.

Olhou para Ártemis, que parecia fresca e linda na manhã ensolarada. A deusa tinha as faces coradas, e uma longa mecha de cabelo loiro e brilhante escapara de seu elaborado penteado.

Ártemis alisou a saia da túnica curta, soltou um soluço e, então, riu baixinho.

Pamela a examinou com mais atenção. *Merda!...* Ela parecia embriagada! Por que, *maldição dos infernos*, não havia ficado de olho na deusa? Quantas mimosas a deidade engolira em trinta minutos — e com o estômago vazio! — enquanto ela, Pamela, segurava, distraída, a mão do pobre Apolo?

— Está bêbada? — cochichou, tensa.

Ártemis lançou-lhe um olhar severo.

— Imortais não ficam bêbados. Apenas os mortais se embriagam. Não seja boba... — A deusa balançou o dedo para ela.

Pamela revirou os olhos.

— Não é mais imortal, lembra-se? — Reprimiu uma súbita vontade de gritar. Em vez disso, olhou para Apolo em busca de ajuda, porém seu rosto estava com uma cor estranha, entre o branco e o verde. Observou-o limpar o suor da testa com as costas da mão, preocupada. — Você está bem?

Ele assentiu com um vigoroso gesto de cabeça.

— Melhor agora que estamos fora dessa... — Estremeceu e olhou na direção do automóvel que os trouxera.

— Limusine — completou Pamela. — É uma limusine. — *Céus!*, ela estava presa em um pesadelo sem fim! — Tudo bem. Vamos fazer o seguinte... Vocês dois, tentem não falar, a menos que alguém lhes faça uma pergunta direta. Mesmo assim, sou eu quem vai responder à maior parte. Agora vamos. Precisamos acabar logo com isto. — Ajustou a alça da bolsa larga e começou a subir a linda escada de mármore curva com determinação.

Os gêmeos a seguiram com menos propósito.

Pouco antes de tocar a campainha antiga, ela ouviu um som abafado às suas costas, e então a risadinha — completamente alterada — de Ártemis. Olhou por cima do ombro e viu Apolo segurando a irmã pelo cotovelo.

— Ela quase caiu — ele explicou baixinho.

— *Impossível!* — Ártemis falou com voz arrastada.

— Oh, Deus!... — Pamela murmurou.

As portas duplas se abriram, e o rosto sorridente de James os recebeu.

— Entre, Pamela, por favor. Eddie se encontra no pátio, esperando por você. — Seu sorriso mudou para educada curiosidade quando Apolo e Ártemis a seguiram para dentro do saguão.

— São meus assistentes... Eu os contratei. São especialistas, na verdade — Pamela acrescentou depressa.

— Tenho certeza de que Eddie ficará satisfeito com sua iniciativa. Ele esteve ansioso por esta reunião a semana inteira. Venham por aqui, por favor.

James os conduziu através do *hall* de entrada, um espaço gigantesco, a partir do qual duas escadas em curva, ladeadas por parapeitos de mármore antigos, levavam ao segundo andar da *villa*.

As balaustradas de mármore, contudo, eram o único detalhe acabado do recinto. Todo o restante estava nu. As paredes ainda se encontravam no reboco, e o piso era de cimento. A parede inteira dos fundos, da qual eles se aproximavam, era adornada por janelas que iam do chão ao teto; tão novas que ainda continham os adesivos de fábrica cor de laranja.

Enquanto caminhava lentamente pelo espaço inacabado, contudo, Pamela nem sequer viu sua crueza. Olhava tudo à sua volta, enxergando apenas o ilimitado potencial do lugar.

— Está horrível — Apolo cochichou. — Não há piso, nem paredes, muito menos decoração.

— Não! Está perfeito! — ela contrapôs num sussurro. — A estrutura se encontra pronta, mas os pisos e paredes estão todos inacabados. A maioria dos dispositivos nem sequer foi instalada. É como uma tela em branco. É meu trabalho escolher com sabedoria e me certificar de que esta casa seja transformada em uma obra-prima.

James os aguardou, paciente, ao lado da porta de vidro que — Pamela já sabia pelas plantas — levava à parte central da mansão: o incrível pátio em torno do qual o restante da vila fora construído na forma de quadrado aberto em um dos lados.

Tão logo eles chegaram a este, James abriu a porta e sinalizou para que eles passassem.

Foi apenas nesse momento que Pamela notou a verdadeira multidão reunida no pátio.

Em resposta a seu olhar interrogativo, James apenas sorriu e apontou para o meio das

peçoas, onde E. D. Faust se encontrava sentado em uma bancada de mármore repleta de amostras de material.

— Ah, Pamela! — ele gritou quando a viu.

Ao se por de pé, lembrou-a uma montanha se movendo. Também naquele dia estava todo vestido em preto, desde as calças bem-cortadas até a camisa de seda, cujas mangas tinham o modelo amplo da de um pintor.

Ou então, ela pensou, observando o brilho em seus olhos escuros, *da camisa de um pirata*.

— Bom dia, Eddie — saudou. — Tem bastante gente aqui, hoje...

— Por sua causa, Pamela. — Ele riu com gosto, a barriga chacoalhando como num estrondoso terremoto. — Mande todos os trabalhadores virem para cá. Imaginei que economizariamos tempo se os tivéssemos à disposição. Eles estão apenas aguardando as nossas ordens.

Pamela não podia acreditar. Olhou o grupo e arregalou os olhos ao notar que cada pequena equipe possuía a seu lado pilhas de materiais — amostras, claro — de tudo o se podia imaginar: retalhos de tecido, pedaços de mármore, de pedras brutas, placas com texturas, tintas e revestimentos. Eddie transformara seu pátio em um minimercado para *designers* de interiores. Era estarrecedor e mais do que intimidante. De repente se lembrou de que havia trazido seu próprio séquito. Bem... ao menos era assim que eles se apresentavam.

— Que bom. — Recuperou o controle das cordas vocais com dificuldade. — Está certo. Isso vai nos economizar algum tempo. Deixe-me apresentar os assistentes que eu trouxe comigo, hoje... — E inclinou o corpo para que Apolo avançasse um passo.

Ártemis, que se encontrava de pé atrás do irmão, fitando, embriagada, um fiapo em sua camisa, de repente percebeu que tinha uma plateia para a qual se apresentar, e se colocou, lânguida, do outro lado de Pamela.

Diante da aparência dos gêmeos dourados, o grupo deixou escapar um suspiro coletivo de apreciação.

— Este é Delos Febo, especialista em arquitetura romana. — Pamela ficou satisfeita ao ver que Apolo inclinava a cabeça polidamente para Faust.

O autor, contudo, mal olhou em sua direção. Seus olhos estavam cegos para tudo o mais, exceto para a bela deusa a seu lado.

Pamela respirou fundo, cruzando os dedos.

— E esta é sua irmã, Diana. Ela é modelo, muito conhecida por sua beleza em toda a Grécia e Itália. Sei que queria manter Baco como a figura central em sua fonte, mas pensei que, talvez...

Suas palavras foram interrompidas quando Ártemis avançou com um andar lânguido e gingado até ficar a meio metro do volumoso autor. Então parou, ergueu a mão delicada até a

elaborada coroa de cabelos e, com um leve puxão, libertou os fios longos e dourados, que se derramaram em uma onda espessa ao redor de sua cintura. Balançou a cabeça, e seus cabelos cintilaram, hipnóticos, à luz da manhã.

— Pamela imaginou que talvez preferisse a estátua de uma deusa — ela ronronou.

Pamela precisava admitir: Ártemis era uma atriz excelente. Assim como durante sua *performance* em *Zumanity*, ela ganhara a atenção do grupo.

Faust pareceu ter levado uma pancada na cabeça, depois piscou, e seu rosto se iluminou em um largo sorriso enquanto ele se curvava com incrível graça e um floreio.

— Quanta satisfação, Diana! — falou com seu vozeirão. — É uma honra ser agraciado pela presença da Deusa da Lua, das Florestas e dos Vales... — Concedeu um olhar a Apolo. — E você, meu bom companheiro, deve ser o Deus da Luz. Que divertido o fato de sua mãe tê-los nomeado segundo os gêmeos imortais.

Pamela sentiu o estômago se apertar. Era claro que um homem que fizera carreira escrevendo ficção reconheceria instantaneamente a mal ocultada verdade em seus nomes. Que diabo ela poderia dizer agora? Seria possível que Faust houvesse percebido quem eles eram de verdade?

Apolo sorriu.

— Descobriu nosso segredo, senhor.

— Por favor, não há nenhum senhor aqui. Pode me chamar de Eddie. — Seus olhos se desviaram para a beldade ainda parada à sua frente. — Pamela, saiba que já provou ser tão genial quanto imaginei que fosse. Agora que estou face a face com uma deusa, concordo com seu ponto de vista. Precisamos mudar a estátua central da minha fonte. Esqueça Baco. A beleza da deusa Diana será exaltada em seu lugar.

Pamela deu um suspiro de alívio, e Ártemis se curvou com graça.

— Não! Uma deusa nunca deve se curvar. — Faust se apressou em fazer Ártemis se erguer de sua profunda reverência.

— Até que enfim um mortal que sabe como tratar uma deusa... — comentou a diva.

Pamela mordeu o lábio, contudo Eddie sorriu com bom humor e levou a mão de Ártemis aos lábios.

— Mas é claro que sei. — Olhou para a multidão de trabalhadores reunida em torno deles. — Qual de vocês tem talento para esboçar esta linda deusa, de modo que um artista possa esculpir sua imagem imortal no mármore?

— Não seria mais fácil se ela tirasse algumas fotos digitais em diversas poses e, em seguida, o escultor começasse a trabalhar com base nelas? — Pamela indagou, aflita.

— Mais fácil, talvez. Mas não me parece certo. Soa muito frio. Muito impessoal.

— Mas Diana só estará disponível até sexta-feira. Depois tem um... ahn... compromisso a

que não pode faltar — justificou Pamela.

— Então temos que trabalhar depressa. Eu gostaria de ter a minha deusa imortalizada à moda antiga. Febo, você é o *expert* na antiga Roma. Como isso costumava ser feito?

— Tem toda a razão. O escultor teria desenhado sua musa e, em seguida, começado a trabalhar com base em seus próprios esboços. — Apolo fez uma pausa e ergueu uma sobrancelha. — A menos que tivesse contratado Pigmalião. Acredito que ele trabalhava baseando-se na imagem da mulher que via apenas em seu coração... — Lançou um olhar ardente para Pamela. — O problema é que poucos de nós têm a sorte de ver seu mais profundo desejo concedido.

Pamela se obrigou a não se reter. Apolo afirmava ter sido privado de seus poderes imortais, mas, quando olhava para ela daquela maneira, fazia com que sentisse calor, frio, excitação... tudo de uma vez.

Faust não pareceu notar o *byplay* acontecendo entre a *designer* e seu assistente, pois tinha a atenção voltada para sua própria imortal.

— Ah, mas temos Diana, não Galateia. Por isso mesmo a modelo merece um esboço.

— Galateia não era deusa. Era apenas uma pedra que foi trazida à vida — corrigiu Ártemis, um pouco irritada.

— Verdade! Tem toda a razão! — exclamou Eddie. — Pigmalião não teve a mesma sorte que eu.

— Posso desenhar sua deusa, senhor. — Um jovem se destacou do grupo.

— Excelente — concordou Eddie. — Temos o nosso artista e a nossa musa. E creio ter algumas fotos da fonte original do Fórum. Suponho que nossos artesãos possam usá-las como base para seu trabalho enquanto a nossa deusa estiver sendo desenhada.

— Na verdade — Pamela começou, enquanto abria a pasta e retirava, apressada, seu bloco de desenho —, imaginei que poderia gostar de algo exclusivo, por isso trabalhei em alguns esboços preliminares de uma nova fonte... baseada, claro, naquilo que tanto apreciava no do Fórum. Eu só não quis desenhar a estátua central sem a sua aprovação, mas acho que vai ficar muito satisfeita com isto.

— Pamela discutiu comigo os esboços, e eu posso lhe assegurar que a fonte que ela criou seria apreciada até pelos deuses do Monte Olimpo — afirmou Apolo.

— Que maravilha, Pamela! — Eddie tomou o caderno das mãos dela e acenou com a cabeça em aprovação. — Monte Olimpo... — Ele riu. — Eu não poderia esperar nada melhor para uma fonte que ostenta uma escultura de Diana. Por favor, mostre esses esboços ao nosso artista. — Faust lançou um olhar interrogativo na direção do rapaz.

— Mateus — esclareceu o jovem. — Meu nome é Mateus Land.

— Venham, Mateus, Pamela, Febo e Diana, minha linda. Vamos nos sentar e decidir sobre

os detalhes da minha casa. — Eddie ofereceu o braço a Ártemis. Ela sorriu docemente e descansou a mão na parte superior de sua manga de seda. — Deseja algo, querida? — ele perguntou enquanto a conduzia em volta de um banco de mármore.

— Sim. Recentemente desenvolvi um gosto especial por uma bebida chamada *mimosa*.

Pamela tentou não gemer quando Eddie gritou para James pedir ao *chef* que preparasse mimosas para todos.

Pamela olhou para o relógio. Ela mal podia acreditar que já passava das quatro da tarde. O dia havia voado.

E fora bem melhor do que ela previra. De um modo irritante e irônico, sabia que precisava agradecer a Ártemis por isso.

Ergueu os olhos da página brilhante do catálogo que o representante da *Shonbeck* lhe mostrava, e que continha luminárias ao estilo do velho mundo. Eddie fingia prestar atenção, enquanto Apolo e o arquiteto se debruçavam sobre a última versão do esboço da sala de banhos, na qual haviam trabalhado pela maior parte do dia.

Na verdade, Eddie fazia o que ele não parara de fazer nas últimas horas: olhava com adoração para Ártemis.

Mas a deusa era, realmente, muito linda. Até mesmo os espalhafatosos representantes de tecidos gays suspiravam, melancólicos, diante da perfeição de seu cabelo, de seus seios e das linhas delgadas de suas pernas. No momento, ela se encontrava em pé sobre a plataforma elevada que Eddie mandara erguer, segurando um enorme vaso contra um quadril, do qual água iria verter quando o esboço fosse transformado em uma escultura para a fonte.

Pamela ficava tonta só de pensar. E isso sem levar em conta a despesa em que Eddie iria incorrer com aquela obra de arte original!...

Seu cliente parecia feliz, porém, e a fonte iria ficar mesmo muito bonita. Além do mais, esta não teria aquela animação medonha do Fórum. Uma só exclamação horrorizada de Ártemis em resposta à menção de movimento na fonte, e Eddie, mais do que depressa, vetara a ideia. Da mesma forma, uma simples carranca da deusa fora suficiente para que ele desistisse da construção daquela *ginorme* e horrível piscina, e optasse pela ideia de bom gosto do balneário romano.

Com esses dois problemas resolvidos, todo o restante correu como uma brisa. O gosto de Eddie não era tão lamentável quanto ela pensara a princípio. A questão era apenas que sua *aura* era enorme. Suas ideias eram grandiosas, e não apenas em seus épicos *best-sellers*. E. D. Faust preenchia o mundo ao seu redor com a grandeza da vida. Sim, ele era excêntrico. Na verdade, Pamela refletiu, ele parecia um personagem de um de seus romances: maior do que a própria vida e sempre pronto para uma nova aventura.

Sorriu para si mesma. Demorara um pouco a se acostumar com sua exuberância, mas

compreendia por que as pessoas se sentiam atraídas por ele. Eddie era tão generoso quanto seu tamanho. A verdade era que E. D. Faust era mesmo um sujeito decente.

Ela havia tido um pouco de trabalho, mas, com a ajuda de Ártemis e Apolo, convencera Eddie a mudar o *design* de sua casa: do românico *brega* do Fórum para algo que começava a lembrar do cenário de *Cleópatra*, de Elizabeth Taylor. O estilo que emergia não era menos opulento do que o do Caesars Palace e do Fórum, porém bem mais chique.

Desviou o olhar do corpanzil de Eddie para Apolo. Ele inclinara a cabeça loira e a balançava com uma expressão atenta diante de algo que o arquiteto acabara de traçar no papel.

Como se pressentisse que estava sendo observado, ele levantou os olhos para os dela. Pamela desviou o olhar, mas não antes de ver seus lábios se curvar na sugestão de um sorriso. Apolo a apanhara em flagrante de novo.

E não fora algo difícil de ele fazer. Ela o fitara com o rabo dos olhos o dia todo, e ele sabia disso. *Ela* sabia disso.

E não conseguia evitar. Apolo fora tão maravilhoso!... Descrevera o funcionamento dos antigos balneários de Roma em detalhes para Eddie e seu arquiteto. Tinha sido mais do que paciente com suas intermináveis perguntas, respondendo-as com inteligência e concentração, de tal forma que até mesmo para ela Febo soara como um entusiasmado especialista. E nem uma vez exibira a detestável arrogância que ela imaginara ser inerente ao Deus da Luz.

Pamela suspirou. Já não podia dizer o mesmo de Ártemis. Mesmo que a diva estivesse adotando seu melhor comportamento naquele dia, continuava irritantemente exigente e vaidosa. Por sorte, Eddie parecia estar gostando de entrar no jogo de sua deusa...

Outra coisa boa, lembrou-se Pamela, era que Faust insistira para que a cozinha ficasse pronta antes de ele chamá-la para projetar o restante da *villa*, pois Ártemis mantivera o *chef* ocupado o dia inteiro com suas exigências por bebidas e iguarias. E Eddie, que, sem dúvida, muito apreciava os prazeres da boa mesa, havia se deliciado em atender a todos os caprichos de “sua deusa”.

Apolo era tão diferente da irmã!, Pamela teve que admitir para si mesma. Continuava o mesmo homem atento e inteligente que fora durante todo o fim de semana.

Mas ele não era um homem de verdade. Era um deus. E nenhuma mulher de bom-senso iria complicar a própria vida se envolvendo com um antigo deus...

Pamela suspirou e se obrigou a voltar a atenção para a página de lustres.

— Eddie... — Ártemis soou como uma menininha mimada. — Meu braço já está doendo de tanto eu segurar este vaso bobo! E estou com tanto calor que vou desmaiar se não me sentar.

— Claro, claro, minha deusa! — Ele se pôs de pé e correu para tomar o vaso das mãos dela. Empurrou de lado o jovem artista, quando este tentou ajudar sua musa a sair da plataforma, e segurou Ártemis pelo cotovelo, amparando-a enquanto ela descia com graça do

altar improvisado. — Olhem só a hora! Que insensibilidade a minha!... Estamos nisto há séculos. Tempo demais para uma deusa trabalhar. — Ele ergueu a manzarrona, e sua voz grave silenciou até mesmo os trabalhadores que se encontravam ocupados no interior da vila. — Já chega por hoje! — bradou. — Nós nos encontraremos outra vez amanhã, à mesma hora!

Vários suspiros se fizeram ouvir ao seu comando. Tinha sido um dia difícil, porém produtivo.

Pamela detestava admitir, mas, pela milésima vez, viu-se contente por ter permitido que Apolo a convencesse de trazê-lo com a irmã até ali.

Estava esfregando a parte de trás do pescoço, e tentando desfazer um nó de tensão que se instalara neste, quando o “Pamela!” de Eddie ribombou, fazendo-a ir até o banco onde ele estava.

— Ah, aí está você, minha cara. — Ele fez um sinal para que ela se sentasse ao lado de Apolo, à sua frente.

Ártemis estava, obviamente, acomodada a seu lado. Abanava-se com um leque de penas que Eddie havia lhe arrumado, e Pamela notou que ela bebia champanhe de uma taça de cristal gelada. Graças aos Céus, Ártemis seria imortal de novo em poucos dias. Ao ritmo que estava indo, seria a imortalidade ou o alcoolismo!

— Andei discutindo os nossos novos planos com a linda Diana e seu irmão, e creio que estamos todos de acordo.

Pamela sentiu um familiar aperto no estômago.

— Planos? Que planos?

— Muito simples. Não há necessidade de vocês três viajarem de volta para Las Vegas quando podem muito bem ficar aqui comigo — declarou Eddie, sorrindo.

— Mas o único cômodo que está terminado é a cozinha!

Eddie riu.

— Não aqui... Aluguei uma casa de campo no parque Spring Mountain Ranch, no Red Rock Canyon. Tem acomodações bastante modestas, porém é muito mais próxima da minha *villa* do que o Caesars Palace. Até porque não há mais motivo para voltarem para lá, uma vez que o Fórum não mais servirá de modelo para a nossa Roma antiga. Agora temos Febo.

— Mas as minhas roupas e... ahn... Diana e Febo não trouxeram nada.

Os olhos de Pamela pousaram em Ártemis. A deusa tomou um gole do champanhe, tranquila, e, em seguida, piscou, maliciosa, para ela.

Eddie ignorou suas preocupações.

— James pode ir buscar suas coisas. Diana me contou que ela e o irmão planejavam apenas passar o dia por aqui, contudo ambos já aceitaram o meu convite para que prolonguem sua estada por uma semana. Eu ficarei honrado em comprar no *resort* qualquer coisa de que nossa

deusa precise.

— Jantar, Eddie, jantar! — Ártemis lembrou com um suspiro. — Mal posso acreditar no quanto estou faminta.

— Claro. — Ele lhe afagou a mão. — Foi um dia cansativo. Vamos embora para o rancho, comer e ser feliz. — Eddie se ergueu pesadamente do banco, e Ártemis estendeu a mão para que ele pudesse ajudá-la a fazer o mesmo.

Em seguida, movendo-se com muito mais instabilidade do que com sua habitual graça, ela se agarrou ao braço gordo do homem enquanto ele se deslocava devagar pelo pátio, gritando para que Robert trouxesse o carro.

— Acho que não temos muita escolha — murmurou Pamela, não querendo encarar Apolo, agora que se encontravam sozinhos pela primeira vez naquele dia.

— Eu já fiz a minha escolha, doce Pamela — ele respondeu baixinho.

Ela o fitou, então. Apolo abriu seu sorriso encantador, tão familiar, e ela sentiu o peito se apertar.

— Às vezes é fácil esquecer quem você é de verdade — falou baixinho.

Ele a tocou no rosto.

— Já sabe quem eu sou realmente. Sabe desde a noite em que nos conhecemos.

— Mas não é um homem comum.

— Serei, ao menos pelos próximos cinco dias. — Ele imitou o gesto de Eddie: pôs-se de pé, tomou-lhe a mão e a ajudou a se levantar.

Pamela se permitiu dar o braço a Apolo conforme caminhavam pelo pátio deserto. Ele parecia tão quente, normal e *certo* a seu lado!...

Isso a assustou tanto que ela fez menção de puxar o braço; contudo, Apolo parou no meio do saguão de repente.

Pamela sentiu um tremor percorrer o corpo e olhou para ele. Seu rosto moreno empalidecera.

Ela seguiu seu olhar. James segurava as portas da frente da casa aberta para eles, e, por meio destas, ela podia ver Robert ajudando primeiro Ártemis, depois Eddie, a entrar na limusine.

— Eu havia me esquecido dessa criatura de metal — ofegou o deus.

— Venha. Vou fazer você se sentar na frente desta vez. — Pamela o segurou pelo braço com força e o puxou.

Ele era Apolo, Deus da Luz, da Música e da Cura. Um imortal que tinha vivido por eras, tema de muitas histórias, poemas e canções...

... Mas uma criatura que enjoava demais ao andar de carro.

CAPÍTULO 24

A ideia de Eddie de “acomodações bastante modestas” era alugar todos os nove quartos da mansão de tijolos, que fora construída nos anos vinte e que, depois, tinha sido adoravelmente restaurada com antiguidades, canalização e parte elétrica modernas, em 2003. Ficava à margem do Red Rock Canyon *spa* e *Resort*, um adorável oásis de fontes naturais e matas verdejantes, que parecia bizarro e deslocado, ainda que lindo, em meio ao afloramento de rochas cor de ferrugem e da intrigante paisagem desértica do Red Rock Canyon.

Pamela parou diante do conjunto de três portas duplas que separava os alojamentos do enorme deque de madeira, onde, apressados, garçons uniformizados davam os últimos retoques na mesa de jantar com flores frescas e velas, enquanto um trio de músicos afinava seus instrumentos.

Música, velas, flores e porcelana fina, avaliou, aliviada por ter escolhido o *tubinho* preto em vez de algo mais casual.

A iluminação externa foi acesa de repente, tingindo a noite clara de Nevada com suaves nuances, e Pamela respirou o ar fresco do deserto. Sentar-se ao lado do enjoado Apolo no banco da frente fora muito esclarecedor. Ele insistira para que ela ficasse junto dele, e parecera tão desamparado que ela havia suspirado e se espremido a seu lado, para o desgosto de Robert. Decididamente, ela amava o Colorado. Embora tivesse nascido e crescido lá, nunca se cansara da majestade de Pikes Peak e da beleza montanhosa de seu lar. Considerava-se bastante “viajada”, sobretudo em se tratando dos Estados Unidos, e já conhecera muitos estados encantadores, mas nenhum lugar preenchia seus sentidos e acalmava sua alma como o de sua própria casa.

Por isso mesmo era uma surpresa sentir-se tão atraída pelo deserto. A curta viagem da propriedade de Eddie, à margem do Red Rock Canyon, até aquele rancho fora repleta de cenários ao mesmo tempo austeros e espetaculares. Havia algo de misterioso e maravilhoso no deserto. Ele fazia sua imaginação correr solta, evocando fantasias infantis com caubóis do Velho Oeste, couro e suor.

Sorriu para si mesma diante de ideias tão tolas e românticas.

— Adoro o seu sorriso.

A voz profunda de Apolo a surpreendeu.

Pamela se virou. Ele estava tão próximo que ela pôde sentir seu calor. Era apenas o calor de um corpo normal, não o poder imortal do Deus da Luz, mas a fez se lembrar da noite anterior, e de como chamadas tinham varrido seu próprio corpo em uníssono com seus impulsos...

Passou a mão pelo cabelo curto, nervosa.

— Não o percebi chegando.

— Eu não queria assustá-la.

Se Apolo soubesse!... Apenas a presença dele já fazia seu estômago se contrair e seu rosto corar. E isso antes de ela descobrir que ele era o bendito Deus da Luz!...

Céus!, estava sendo cercada e cortejada pelo imortal Apolo! Era um pouco como se ver bem no meio de um velho episódio de *Jornada nas Estrelas*, sem nenhuma possibilidade de ser teletransportada para longe de uma situação difícil.

Mas ela não queria ser teletransportada para longe de Apolo, e isso a estava deixando louca.

Ele era Apolo! Não conseguia conter o arrepio de emoção que a percorria cada vez que pensava nisso. Era inebriante, enlouquecedor e terrivelmente assustador.

Em vez de gaguejar como a louca em que ela pensava estar se tornando, Pamela apontou a noite do deserto com a cabeça, em um gesto que, ela esperava, parecesse indiferente.

— Não foi culpa sua. Eu estava distraída com o cenário. É muito mais bonito aqui do que eu esperava.

— Sim, sei bem o que quer dizer. O Reino de Las Vegas também me surpreendeu com sua beleza. — Ele sorriu e lhe afastou uma mecha de cabelo escuro da testa. Seus olhos capturaram e refletiram a iluminação do terraço e, por um momento, pareceram brilhar de novo com aquele azul imortal.

Pamela recuou um passo.

— Por quê? — ele indagou, magoado. — Por que está me evitando?

Um dos garçons ergueu a cabeça com óbvia curiosidade diante da pergunta, e Pamela acenou para que Apolo a seguisse até a borda mais distante da varanda, onde era menos provável que sua conversa fosse ouvida. Baixou a voz e tentou não se preocupar.

— Não estou desprezando você. Estou sendo apenas... c-cuidadosa — ela gaguejou, sem fitá-lo nos olhos.

— Não compreendo. — Ele passou a mão por seu rosto e suspirou. — Sabe, Pamela, isso nunca aconteceu comigo antes. Precisa me explicar quais são as regras do amor.

Ela sentiu o coração bater na garganta e engoliu em seco antes de responder.

— Não conheço as regras. Não sei como amar um deus. — Encontrou os olhos dele, relutante. — A verdade é que era diferente quando eu achava que você era apenas Febo.

— Eu sou Febo, Pamela.

— Não, não é! Meu Deus, Apolo... — Ela se interrompeu, apertando os lábios. — Veja! Nem consigo dizer coisas normais perto de você. “Meu Deus...” *Você* é um deus! Eu não sei o que dizer, o que fazer. — Pamela esfregou a testa.

Os músicos começaram a tocar uma valsa que só fez aumentar o clima surreal da noite. Era como se Apolo houvesse conspirado para adicionar uma trilha sonora à conversa.

— Eu não quero me apaixonar — ela disse baixinho. — Eu já não queria antes de *te* conhecer, e agora isso só me parece ainda mais impossível.

Ele balançou a cabeça.

— Não, não é impossível. O problema foi a forma como descobriu tudo. Eu devia ter lhe dito antes; tornado mais fácil para você aceitar.

— Como poderia ser mais fácil? Você é um deus antigo, e eu sou apenas uma mortal. Não estamos destinados a ficar juntos.

Dizer as palavras que a haviam assombrado o dia todo deixaram Pamela enjoada.

— Eu atendi ao seu desejo mais sincero — Apolo replicou numa voz baixa e firme.

— Claro que atendeu! Não é que eu não o deseje... Desejo muito. Você é perfeito. Eu pedi por romance, e você é, definitivamente, um sonho romântico que se tornou realidade.

Pamela queria ficar quieta, segurar as palavras que derramavam de sua boca, mas não conseguia. Tinha medo de que, fazendo isso, fosse se jogar nos braços de Apolo e pedir que ele ficasse lá para sempre.

Se fosse assim, o que seria dela? O que aconteceria com seu coração quando ele deixasse aquele mundo e voltasse para o seu próprio?

Apolo franziu a testa e tornou a sacudir a cabeça.

— Eu sou mais do que um sonho romântico, e você pediu por mais do que um simples namoro com um deus.

— Apolo, eu sei pelo que pedi — ela falou com firmeza.

— Sabe mesmo? Então talvez esteja interessada em saber que o vínculo da invocação entre você e minha irmã não se rompeu até ter admitido, ontem à noite, que sou sua alma gêmea.

— Sua alma gêmea... — ela sussurrou as palavras, negando com um gesto de cabeça. — Não! — Ele não podia ser. Se Apolo era sua alma gêmea, como ela sobreviveria sem ele?

O belo rosto do deus ficou lívido.

— Talvez eu tenha tido sorte, por todas estas eras, em não ter conhecido o amor... Parece que é um sentimento bastante doloroso.

Dizendo isso, curvou-se para ela de leve, fez meia-volta e se afastou.

Em vez de passar pelas portas e rumar para o quarto, como tivera a intenção de fazer, Apolo quase atropelou a irmã e Eddie quando estes saíram para o pátio, seguidos de perto pelo onipresente James.

— Que bom que já veio para cá! — saudou o escritor, dando-lhe um tapinha no ombro. Logo depois, avistou Pamela. — Excelente! Estamos todos aqui. James, já pode pedir que sirvam o jantar. Venha, minha deusa... A comida aqui pode ser simples, mas juro que não vai

se decepcionar com sua qualidade.

— Eddie, eu quero mais daquele champanhe maravilhoso!

— Claro, claro... — ele murmurou, ajudando-a a se acomodar em uma das cadeiras.

Pamela observou o homenzarrão cercar a deusa de cuidados e mimos tal qual uma *gimensa* galinha, enquanto Apolo permanecia de pé, do lado oposto da mesa. Podia sentir seu olhar sobre ela.

Piscou, combatendo as lágrimas que lhe haviam assomado aos olhos, endireitou os ombros, desenhou um sorriso cordial e profissional no rosto, e se juntou ao pequeno grupo. Eddie, claro, insistiu para que ela se sentasse ao lado de “Febo”.

Por sorte, assim que ela pôs o traseiro na cadeira, uma nuvem de garçons convergiu para a mesa.

Eddie descrevera o jantar como “simples”, o que a fez se perguntar o que ele considerava extravagante. A comida não foi trazida aos poucos, como se poderia esperar de uma refeição cara, servida em um *resort* exclusivo. Em vez disso, o escritor ordenou que tudo viesse de uma só vez.

Foi como uma explosão de alimentos. As saladas individuais, de verduras frescas, cogumelos exóticos e uma série de tomates maduros e pequenos, eram montadas tal qual pequenos ninhos de pássaros. A massa do tipo *farfalle* parecia divina e cheirava a alho fresco e vinho branco. Espessas postas de salmão tinham sido grelhadas à perfeição, assim como compridas fatias de abobrinha cobertas de queijo provolone derretido e polvilhado com pimenta moída e sal. Durante toda a refeição, garçons atenciosos serviam as taças com champanhe gelado.

Tudo estava delicioso, e Pamela sentiu-se relaxar enquanto Eddie e Apolo conversavam amigavelmente a respeito da tradição dos banhos diários na antiga Roma. Na verdade, ela se viu intrigada com os detalhes vívidos que o deus fornecia sobre um mundo considerado morto havia muito tempo.

— Então, o banho se tornou uma atividade social... — concluiu Eddie enquanto mastigava o salmão.

Apolo concordou.

— Não era apenas o ato de se lavar. Os banhos romanos eram muito mais do que isso. No mesmo balneário não era incomum que houvesse espaços para exercícios, massagistas, barbeiros, restaurantes, lojas e bibliotecas. Era um centro de convivência; o centro nervoso do que acontecia na cidade. Em suas salas privadas, questões que não deviam se tornar públicas eram discutidas. Alguns dizem que até mesmo os deuses frequentavam os balneários de Roma para se inteirar das intrigas do dia.

— *Ha!* Sabe-se lá se o plano para matar César não começou em um desses balneários de

Roma...? — conjecturou o autor.

— César! — zombou Ártemis. — Proclamar-se um deus foi apenas um de seus muitos erros. Ele devia ter escutado a esposa. Calpúrnia bem que o advertiu... Roma não ouviu muitas vezes as vozes de suas mulheres — completou, irritada.

Os olhos de Eddie se arregalaram.

— Eu tenho feito isso, minha linda! Venho pensando no assunto desde esta manhã, quando nos conhecemos. Alguma coisa parecia fora de lugar, não exatamente onde devia estar, e agora compreendo o quê... Você não é Diana. Reconheço agora a sua verdadeira natureza.

Ártemis ergueu uma sobrancelha dourada para o escritor e mordiscou seu segundo pedaço de salmão.

— É mesmo?

— Sim! Você é muito ardente para ser a pálida e etérea Diana. Você brilha e ofusca, não apenas como a luz da lua cheia. Carrega dentro de você a natureza de uma caçadora. Amanhã iremos descartar aquele vaso sem sentido, que segurou esta tarde, e substituí-lo por um arco e uma aljava repleta de flechas. A brandura de Diana feneceu, e a deusa Ártemis surgiu em seu lugar.

Pamela engasgou ao engolir, e um garçom correu para lhe trazer um copo de água. Tossindo, ela compartilhou um olhar de surpresa com Apolo; entretanto Eddie não havia terminado. Colocou a mão sobre o coração e deu início a uma *cappella*, a voz profunda e ressonante de barítono se elevando, depois abrandando — como a de um dos Três Tenores —, e preenchendo a noite no deserto:

*Eu canto Ártemis das setas de ouro,
que a grande bulha da caça adora,
e que nos cervos suas flechas lança.
Ártemis que na caçada exulta,
curvando seu arco dourado
que cospe setas tão amargas.
Tão poderoso é o seu coração
quando pelas matas ela vaga
exterminando das feras as ninhadas...*

Ártemis parou de comer quando Eddie se pôs a cantar, fitando-o com evidente espanto. O enorme homem fez uma pausa, gesticulou para o trio de mulheres que vinha dedilhando uma música de fundo suave durante todo jantar e estas pararam de tocar. Quando ele recomeçou a cantar, a harpista capturou a melodia e um som mágico de cordas o acompanhou:

*Quando da caça a deusa das flechas se vê saciada,
deixa o tenso arco e visita o irmão, Febo Apolo,*

no distrito de Delfos, sua rica morada...

Ele balançou a cabeça na direção de Apolo, que ergueu a sua em régio reconhecimento.

Comanda, então, o coro das Musas e das Graças,

deixando de lado seu arco e flechas.

Cobrindo-se com suas belas joias,

a bela dança das divas ela conduz.

Divino é a canto que estas entoam

louvando a brandura com que Leto

seus dois filhos deu à luz.

Filhos esses que, entre os deuses,

tão elevados e justos são

nos seus desígnios e na ação.

Saúdo a ti, filha de Zeus e da Leto de lindos cabelos!

A ti louvarei, e lembrarei também a tua canção...

A voz de Eddie segurou a última nota, enquanto a harpista improvisou um acorde fantástico. Conforme a canção se desvaneceu, a noite ficou muito quieta.

O olhar de Pamela se desviou de Eddie para Ártemis, e sobre esta ficou. Chocada, ela viu os olhos claros da deusa se encher de lágrimas. Em seguida, Ártemis se inclinou e beijou Eddie demoradamente nos lábios.

— Você conhece os Hinos Homéricos... — sussurrou, a apenas alguns centímetros do rosto do homem.

— Conheço os Hinos Homéricos — ele respondeu, solene.

— Você me surpreendeu, Eddie.

O sorriso de prazer da deusa fez Pamela prender a respiração, tal era sua beleza.

— Irmão — falou Ártemis sem tirar os olhos de Eddie —, desejo recompensar nosso anfitrião por seus aguçados poderes de observação. Você tocaria para mim?

— Claro — concordou Apolo. — Mas não tenho nenhum instrumento.

A voz inconfundível de Eddie retumbou pelo terraço.

— Já chega de música esta noite! Podem ir embora... — ele falou às musicistas — ... mas deixem os instrumentos. Meu assistente cuidará para que estes lhes sejam devolvidos amanhã.

As três mulheres saíram rápida e discretamente, e Pamela se perguntou quanto Eddie lhes pagara para que elas nem mesmo piscassem antes de deixar para trás suas ferramentas de trabalho.

Apolo tomou o assento desocupado da harpista e colocou as mãos sobre o instrumento sem demonstrar nem um pouco da emoção que sentia. Era o Deus da Música. Harpistas o tinham adorado e louvado durante incontáveis séculos. As Musas o reverenciavam. Desde o dia em

que havia convencido o recém-nascido Hermes a presenteá-lo com a primeira lira conhecida pela humanidade, considerava sua habilidade imortal com o instrumento mais do que garantida. Era como o ar que respirava e o vinho que bebia... sempre ali, com ele.

Mas, naquele dia, não era o imortal Apolo. Era apenas um homem comum.

Ele conhecia as notas. A sensação da harpa lhe era familiar... Ainda assim, sentiu o estômago se apertar. E se seu talento houvesse desaparecido com seus poderes? E se ele tocasse as notas erradas? Ou pior, tocasse as notas certas tão mal que estas parecessem erradas?

Ergueu a cabeça. Ártemis se levantara e recuara com graça para longe da mesa, de modo a ter espaço para iniciar sua dança.

Os olhos de Eddie estavam colados em seu rosto. O autor parecia completamente encantado por sua irmã.

Apolo pressionou a mão contra as cordas esticadas. Compreendia bem como se sentia o homenzarrão...

Relutante, ele desviou o olhar para Pamela. Ela o observava com atenção, sem dúvida à espera de ouvir o brilhantismo com que o Deus da Luz tocava.

Nesse instante, ele desejou estar de posse de seus poderes imortais. Ou então que fosse o mortal Febo de verdade. De repente, quis muito ser um ou outro. Estar preso entre dois mundos era como ser empurrado para um campo de batalha com apenas a lembrança das armas.

— Toque a música favorita de Terpsícore — pediu sua irmã, num tom imperioso.

Apolo sabia a melodia. Estava lá quando a Musa da Dança a criara, e tocara para ela quando esta a executara em um dos grandes banquetes de Zeus.

Fechou os olhos e se concentrou. Suas primeiras notas foram um teste: suaves, quase inaudíveis, porém seus dedos pareciam mais confiantes do que ele, o próprio deus. Eles conheciam as cordas prateadas, e viajaram para cima e para baixo, ao longo de todo o instrumento, como velhos amigos saudando um ao outro.

Apolo abriu os olhos. Ártemis flutuava pelo terraço, recriando a obra-prima de Terpsícore.

Ele sorriu com carinho para a irmã. Naquela noite ela não contava com poderes imortais, mas nem precisava. A seda do vestido que Eddie lhe comprara girava graciosamente em torno de seu corpo. Seus movimentos eram lânguidos e cheios de uma flexibilidade única, hipnótica.

Seus dedos voaram sobre as cordas, aumentando o ritmo da melodia. Ártemis o acompanhou, girando e ondulando em perfeito ritmo com a música, até o *crescendo*, depois do qual ela terminou em uma pose elegante aos pés de Eddie.

— Não! — gritou Eddie, puxando-a, de modo que a deusa ficou de pé a seu lado, respirando pesadamente. — Era eu quem deveria estar a seus pés, minha deusa!

Ártemis riu, sem fôlego.

— E então?... Gostou da sua recompensa?

— Guardarei essa sua dança na memória até a dia da minha morte!

A expressão da deusa ficou séria.

— Não quero pensar na sua morte.

Foi a vez de Eddie rir, e ele o fez com vontade.

— Não pense, pois esse dia ainda está longe, minha diva!

O sorriso de Ártemis retornou.

— Eddie, caminharia comigo? Sei que está escuro, a noite já caiu, mas...

— Seu desejo é uma ordem — proclamou o escritor. — Venha, os arredores estão bem iluminados, e é uma grande honra escoltá-la.

Sem lançar um só olhar na direção de Pamela ou de Apolo, os dois deixaram o deque, as cabeças próximas, enquanto Eddie perguntava à deusa sobre as origens de sua dança.

Ainda deslumbrada com a incrível *performance* de Ártemis, Pamela os observou partir. Não podia acreditar. Ártemis tinha dançado para Eddie como se desejasse aquilo; como se realmente se importasse com ele e quisesse agradecê-lo.

Que diferença um único dia havia feito!... Naquela mesma manhã, a deusa estivera arrogante e intratável.

Verdade que Ártemis continuava aguerrida, mimada, autoindulgente e fútil. Mas, quando olhava para Eddie, não deixava dúvida sobre o carinho que lhe transbordava no olhar. Seria possível que a deusa tivesse mesmo coração?...

Dois acordes suaves e mágicos, um seguido do outro, chamou sua atenção de volta para o seu imortal.

Seu imortal!...

O pensamento a fez estremecer. Antes daquela noite, ela teria imaginado que um homem tocando uma harpa seria, no mínimo, efeminado e, no máximo, muito *gay*!

E Apolo não era nenhuma das duas coisas. Era másculo e magnífico. Não tocava a harpa apenas; ele a acariciava como a uma amante, fazendo que a música brotasse dela. Era como se sua carícia trouxesse vida ao instrumento. Com aquele corpo dourado e musculoso, o cabelo colorido pelo sol, parecia um antigo guerreiro fazendo uma pausa entre as batalhas para descansar e recitar seus feitos heroicos.

Quando Apolo começou a cantar, e seus dedos extraíram um som ritmado e sensual das cordas, ela encontrou seus olhos.

Sou aquele que à tua frente senta,

E que, enquanto próximo de ti,

escuta a tua doce fala e bebe com amor o teu riso

sentindo vibrar o coração no peito...

A voz de Apolo era tão perfeita que era quase indescritível.

Pamela tentou imaginar como ele devia soar quando podia usar seus poderes imortais. Não admirava que várias gerações tivessem construído templos e esculpido estátuas em sua homenagem.

E agora ali estava ele, cantando só para ela.

Nesse momento, ela o desejou tanto que a força do sentimento quase a sufocou.

Sem pensar com muita clareza, Pamela se levantou e caminhou até ele.

*Quando olho para ti, perco a fala,
minha língua congela e cala
e chamas sob minha pele se alastram.*

*Já não vejo com meus olhos,
em meus ouvidos ressoa um zunido,
um frio suor me cobre inteiro,
um arrepio me faz cativo...*

*Mais verde do que a erva fico,
perto da morte eu me sinto.*

Pamela parou diante dele. O único poder que Apolo tinha sob seu comando era o de um homem apaixonado. Mesmo assim ele a encantava.

Estremeceu conforme ele repetia o refrão e a cobria com o calor de suas emoções.

*Sou aquele que à tua frente senta,
E que, enquanto próximo de ti,
escuta a tua doce fala e bebe com amor o teu riso
sentindo vibrar o coração no peito...*

Quando a brisa da noite varreu a última nota, ela estendeu a mão, tímida e, com um dedo, acariciou as costas da mão que descansava nas cordas da harpa.

— Você compôs isso?

Apolo sorriu e segurou a mão dela.

— Não. Foi escrito por Safo. Ela era uma poetisa grega, e uma amante apaixonada de mulheres. Peguei emprestadas as palavras... Safo era dona de um senso de humor cáustico e de uma inteligência afiada. Creio que consideraria a nossa situação um tanto divertida. Não acho que se importaria com a pequena mudança que fiz em seus versos.

— Foi muito bonito. Sua voz é... — Ela fez uma pausa, tentando encontrar palavras para descrever o que tinha ouvido. — Sua voz é como um sonho quase esquecido. Algo fantástico demais para ser real.

— Mas é real. Eu sou real. — Apolo a puxou para si. Pamela hesitou, e ele passou o braço

em volta de sua cintura, trazendo-a para mais perto. — O que sente por mim é verdadeiro...

O deus pressionou os lábios suavemente contra os dela. Precisava sentir seu gosto e calor, contudo Pamela estava tão rígida e inflexível que ele se contentou com um beijo quase casto. Primeiro na boca, depois no rosto.

Por fim, ela relaxou o bastante para descansar a cabeça em seu ombro, e Apolo respirou o perfume de seu cabelo. Quando se inclinou para beijá-la outra vez, Pamela levantou a mão e o impediu com um dedo.

— Vou pedir que me dê algum tempo.

— Tempo?

— Preciso de tempo para pensar sobre o que está acontecendo entre nós, e não consigo pensar quando me toca e me beija... Por isso mesmo estou pedindo algum tempo. Vai fazer isso por mim?

Ele queria dizer “não”, atirar a harpa para o lado, tomá-la nos braços e fazer amor com ela lenta e apaixonadamente, até que Pamela não conseguisse pensar em nada. Sabia que podia convencê-la a se entregar; sentia isso no modo como seu corpo gravitava para ele e na maneira como seus olhos fitavam os seus. Tinha consciência da paixão que ardia dentro dela, e sabia como despertá-la e usá-la.

Mas e depois? Na manhã seguinte, Pamela se afastaria de novo. E ele queria que ela viesse até ele por livre e espontânea vontade, sem arrependimentos.

Tirou o braço de seu corpo. Em vez de tentar beijá-la outra vez, afastou a mecha de cabelo escuro que vivia lhe caindo sobre a testa.

— Vou lhe dar esse tempo para que possa pensar. — Sorriu, tristonho, beijou-lhe a mão, então caminhou devagar para longe do terraço.

Sozinho.

CAPÍTULO 25

O telefonema, às sete e meia, de uma jovem alegre, anunciando que o café seria servido no terraço às oito, veio cedo demais para Pamela. Que diabo estava acontecendo com ela? Seu relógio interno normalmente a despertava bem próximo ao amanhecer. Para sua rotina normal, sete e meia da manhã já era tarde.

Naquela manhã, porém, ela esfregou os olhos, sentiu a cabeça pesada e desejou poder se aninhar e dormir por pelo menos mais umas duas horas.

Culpa de Apolo. Saber que o Deus da Luz dormia sozinho no final do corredor a fizera rolar e se virar na cama pela maior parte da noite. Assim como aquela voz maravilhosa dele, que continuava soando em sua cabeça.

E seu toque... A cada vez que fechava os olhos, podia sentir aqueles lábios ardendo contra os dela.

Pelo visto, não importava que ele estivesse sem os seus poderes imortais. Para ela, seu toque ainda era como fogo, luz, suor e...

Maldição dos infernos! Ela precisava controlar os próprios hormônios.

Esfregou os olhos e se lembrou de que, na certa, Eddie mandara preparar um excelente café, que devia estar prontinho, esperando por eles.

O que a fez se lembrar de que — tinha certeza —, ouvira Eddie e Ártemis rindo no caminho de volta a um dos quartos, lá pelas duas da madrugada. Talvez os dois até houvessem tido relações sexuais, por mais grosseiro que fosse pensar naquilo.

Ártemis faria aquilo? Não se esperava que fosse uma das deusas virgens?...

Pamela pensou na temporada erótica da diva com *Zumanity* e no modo *sexy* como ela andava e falava. Ártemis parecia tão virgem como a Madonna (a cantora, não a outra). Exatamente o oposto de uma deusa casta, inacessível e intocável.

Pamela gemeu de novo ao sair da cama. Lavou o rosto e escovou os dentes, lembrando-se de que era terça-feira. Sem contar aquele dia, haveria apenas mais três até que o portal fosse reaberto, Ártemis e Apolo voltassem ao Mundo Antigo, e ela pudesse retornar ao seu próprio.

Sentiu o estômago revirar. Não. Não era tão ingênua a ponto de esperar que Apolo fosse ficar por ali por tempo suficiente para ter um relacionamento de verdade com ela. Ele iria embora. E ela retornaria à sua vida normal, aborrecida e sem emoção...

Não. Ela já havia resolvido aquilo. Não iria rastejar de volta para sua concha, assexuada, sem companhia, sem romance. Precisava pensar em Apolo como sua porta de entrada para o mundo do namoro. Fora uma missão de reconhecimento bem-sucedida. Iria mudar de missão quando voltasse para casa. Não seria mais apenas trabalho e nada de diversão. *Ela — iria —*

namorar!

— *Maldição dos infernos...* — disse ao reflexo desganhado no espelho do banheiro. — Estou parecendo uma sócia excêntrica daquelas milícias pelo namoro! Ve vai ficar com tanta vergonha de mim!... — Pamela se interrompeu e deu um tapa na testa. — Ve! Não tenho nem mesmo checado as coisas com ela!... — Vasculhou a bolsa até encontrar o celular e digitou o número da amiga sem muita delicadeza.

— Está cansada de mim? Não me ligou mais... Diga que não é verdade — dramatizou Ve em vez de dizer “Olá”.

— Não é verdade — afirmou Pamela. — Deus, Ve, estou tão envergonhada por não ter telefonado!... As coisas aqui têm sido mais do que *gimensamente* insanas.

— O escritor está louco e “nas últimas”...?

— Não. Na verdade, Eddie é um sujeito excepcional, e o trabalho está em vias de se tornar quase de bom gosto. Você sabe... Algo que Elizabeth Taylor e Richard Burton teriam gostado.

— *Está brincando!* Não me diga que o convenceu a recriar o palácio de *Cleópatra*!

— Bem... quase.

— Como assim?!

— Sim, estou criando algo como o cenário de *Cleópatra*. Mas não sou eu a responsável pela parte do convencimento.

— Ele tem alguma assistente lésbica com obsessão por Elizabeth Taylor, também? Deus, esse mundo é mesmo um lugar pequeno e inacreditável!... — Ve suspirou, feliz. — Vai me arrumar algum *lance*, por acaso?

— Mais uma vez, não. O assistente dele é homem, e tenho certeza de que ele é hetero. São os meus assistentes que o estão persuadindo a mudar de foco. E foi apenas por um feliz acidente que o lugar está ficando parecido com um complexo do MGM.

— Espere um pouco! Você só tem *uma* assistente, que sou eu. E eu não estou aí, porque estou aqui, às voltas com aquela louca do gato velho, a sra. Graham... Que, a propósito, se convenceu a esquecer aquele sofá de veludo cor de ameixa. Vamos procurar pelo *chintz* hoje. Eu disse a ela que o tecido iria disfarçar mais os pelos de gato. Independentemente da história da “Mulher Gato”, ainda há o importantíssimo detalhe de que a sua assistente *c’est moi*, e eu estou aqui. Explique-se.

O que ela poderia dizer?, perguntou-se Pamela. Se admitisse acreditar que Apolo e a irmã eram imortais presos em Vegas, Ve pegaria o primeiro avião com uma bolsa cheia de Valium e faria uma reserva para que ela passasse agradáveis “férias” na primeira clínica psiquiátrica que encontrasse pela frente.

Sem dizer que ela, Pamela, iria deixar sua melhor amiga preocupada à toa.

Não. Não podia dizer a verdade.

Respirou fundo. Não pensaria naquilo como uma mentira. Iria considerar tudo como uma ficção. Era o que Eddie fazia para viver, e ninguém o chamava de louco.

Bem, pelo menos não abertamente.

— Eu contratei Febo e sua irmã para serem meus assistentes até sexta-feira. Febo é especialista em arquitetura romana antiga. Já a irmã dele é tão *sexy* que Eddie mudou de ideia sobre fazer daquele horroroso deus Baco a estátua central da fonte, e está fazendo a moça posar como modelo de deusa — ela completou, respirou, então aguardou pela explosão.

— Você contratou o seu namorado?

— Ele não é meu namorado.

— E a irmã dele?... — Ve continuou como se Pamela não tivesse dito nada.

— Sim, bem, a irmã veio apenas como brinde. Febo é mesmo um *expert* em Roma antiga. Ele me ajudou a convencer Eddie a construir um autêntico balneário romano em vez de uma réplica *cafona* da piscina do Caesars Palace. Você sabia que os antigos romanos usavam seus balneários como clubes?

— Ok... foco! Ainda não terminei as perguntas sobre o seu namorado.

— Ele não é meu namorado.

— Seja lá o que for. Pensei tê-la ouvido dizer que ele era médico e músico — lembrou Ve.
— E ele não devia ter *zarpado* de Vegas na segunda de manhã?

— Ele *é* médico e músico. E também especialista em Roma antiga. E, sim, ele devia ter ido embora, mas... ahn... perdeu o voo, por isso decidiu ficar — elaborou Pamela, tentando manter a voz leve, e de um modo que não soasse mentirosa.

— Parece tudo muito conveniente para mim. E eu achando que ele era um jovem cavaleiro *Jedi*!... Quantos anos ele tem, afinal?

— É mais velho do que eu pensava no início — admitiu Pamela, grata por poder responder a uma das perguntas da amiga com sinceridade.

— Ainda está *transando* com ele?

— Não! Pelo menos não na noite passada.

— Foi sua ideia ou dele não *transar*? — Ve insistiu.

— Minha — confessou Pamela, desgostosa.

— Ô-ô... Está completamente *amarrada*. Por favor, diga que não o contratou apenas para mantê-lo por perto e se torturar com sua crescente obsessão! É o tipo de coisa que estabelece um daqueles cenários doentios de ópera, Pammy.

— Não é nada disso. Eu o contratei — e àquela infeliz da irmã dele — porque precisava de ajuda.

— Quer dizer que a bonitinha é uma bela *bisca*...?

Pamela sorriu. Sabia que usar Ártemis como bode expiatório iria funcionar.

— Ela é horrível! Linda, altiva, do tipo que tem complexo de deusa. Você iria adorá-la.

— Você é tão engraçadinha... — Ve suspirou.

— Também sou um gênio do *design*. Contratar Febo e Diana tirou por completo a pressão de cima de mim para que eu transformasse algo totalmente *brega* em algo de bom gosto. Eddie está apaixonado por Diana. Um sorriso ou beicinho dela, e ele muda de ideia.

— E você, claro, a informou sobre o que Eddie deve gostar ou não...? — concluiu Ve.

— Claro — Pamela mentiu mais uma vez. Não se podia obrigar Ártemis a fazer muita coisa. Sorte que a deusa tinha excelente gosto... ainda que este fosse meio extravagante.

— E então, o que o seu tripode faz além de ficar por perto, bancando o macho?

— Ele não é *meu* tripode. E está trabalhando com os arquitetos, no balneário. É superinteressante saber mais sobre... — Uma batida na porta a interrompeu. — Espere um pouco, tem alguém na porta.

— Pamela? — A voz profunda de Apolo fluiu através da madeira. — Eu preciso de ajuda!

— Ahn, Ve, tenho que desligar.

— Ok, ligue mais tarde. E lembre-se: não fique se preocupando com tudo, mas tenha cuidado.

Pamela resmungou um adeus e fechou o telefone *flip-top* pouco antes de abrir a porta. Ela a escancarou e seus olhos fizeram o mesmo ao pousar em Apolo. Ele estava nu da cintura para cima! Tinha o cabelo ondulado todo desgrenhado, e seu queixo e faces estavam cobertos de sangue.

— Ah, meu Deus!... O que aconteceu?

— Fiz a barba — ele explicou. — E estou sangrando!

— ... Venha aqui. — Pamela o puxou para dentro do quarto e fechou a porta. Sob as manchas de sangue que salpicavam seu rosto, Apolo tinha a pele pálida. Ela balançou a cabeça e apontou para uma cadeira. — Sente-se antes que desmaie. Você não me parece bem.

Ele se deixou cair na cadeira. Tocou uma das gotas de sangue, olhou para o dedo avermelhado e engoliu em seco.

— É o meu sangue...

Pamela franziu a testa.

— Claro que é. Tirou sangue de si mesmo ao se barbear. — Rumou para o banheiro a fim de apanhar uma toalha molhada, olhando-o por cima do ombro. — Já fez a barba antes?

Ele negou com um gesto de cabeça, sem-graça.

— Não.

Pamela voltou ao quarto com a toalha molhada, lembrando-se de como o rosto de Apolo lhe parecera suave e sem pelos na manhã em que haviam acordado juntos.

— Nunca fez a barba?...

Ele a fitou.

— Nunca precisei fazer. Nunca tive barba.

Ela se inclinou diante dele e lhe examinou o rosto, tocando-o na face.

— Não está tão ruim. Você só se cortou algumas vezes. É que o rosto sangra muito facilmente.

— Eu não sabia — Apolo murmurou, parecendo ainda mais pálido.

Pamela se endireitou.

— Nunca viu sangue antes?

— Não — ele concordou, em seguida franziu a testa. — Quero dizer... sim. Mas nunca aconteceu de eu sangrar.

Pamela abriu a boca, depois fechou. Ele era um deus. Deuses não morriam, por isso era lógico que também não sangrassem.

Não soube o que dizer. Antes que pudesse formular uma resposta inteligente, ouviu duas batidas fracas, seguidas pelo som fraco de seu nome.

— Espere aí — disse a Apolo. — Quem é?... — perguntou através da porta.

— Eu! — A palavra soou como um gemido.

— Ártemis? — indagou Pamela, abrindo a porta.

Vestida com a túnica curta mais uma vez, a deusa se arrastou para dentro do quarto como se reeditando uma antiga tragédia grega, com uma das mãos estendida à sua frente e a outra segurando o pescoço.

— Pamela! Alguma coisa está muito errada comig... — Ao avistar o irmão sentado na cadeira, com o rosto salpicado de sangue, Ártemis levou a mão da garganta para a boca.

Pamela bateu a porta e segurou o cotovelo da deusa.

— *Nem pense em gritar!* — falou devagar e claramente.

— Oh!... — Ártemis oscilou, e Pamela a guiou para a cama, onde a diva se deixou sentar, ainda com os enormes olhos vidrados em Apolo.

— Ele está morrendo?! — indagou, em pânico.

— Ah, meu bom Senhor... Claro que não! Ele só se cortou no barbear. — Pamela esfregou a têmpora direita, sentindo a pontada que marcava o início de uma forte dor de cabeça.

— Apolo!? — Ártemis perguntou com voz trêmula.

— Não sou muito bom com a... — Ele fez um movimento, simulando a lâmina.

— Navalha — completou Pamela. — Não, você não é bom com a navalha. — Ela caminhou até ele e se abaixou de novo. — Isso pode doer um pouco... — Tocou os cortes com a toalha molhada.

O único movimento de Apolo foi uma puxada de ar.

Sua irmã assistiu a tudo, horrorizada.

— Ele está sangrando! — exclamou Ártemis.

— Sim, é isso o que acontece quando você se corta com uma navalha. Você sangra. — Pamela revirou os olhos para a deusa antes de se concentrar outra vez em Apolo. — Ok. Agora é só pegar um lenço de papel e pressionar uns pedacinhos nesses cortes. Muito em breve eles vão coagular e parar de sangrar, então estará novo em folha.

— Lenço de papel? — inquiriu Apolo.

— Coagular? — indagou Ártemis com voz estridente.

— Esqueçam... Eu mesma faço isso.

Pamela suspirou, foi até o banheiro, apanhou dois lenços de papel e tornou a se agachar ao lado da cadeira de Apolo.

Os gêmeos observaram, admirados, enquanto ela rasgava pedacinhos redondos e os pressionava nos cortes.

— Pronto — Pamela anunciou e se endireitou a fim de avaliar seu trabalho. — Isso deve parar o sangramento. Quando estiver pondo a camisa e penteando o cabelo, já poderá tirar os papéis sem que os cortes se abram novamente.

— Eles se abrem de novo? — ele perguntou, agoniado.

— Apolo, não é o Deus da Cura ou sei lá mais do quê? Como esse tipo de coisa pode ser tão chocante para você? — Pamela indagou, exasperada, sem saber se queria abraçá-lo ou chacoalhá-lo.

O deus se levantou de um salto.

— Tem toda a razão. Eu... Eu estou me sentindo um tolo. Vou me vestir e já volto — informou, batendo em retirada.

— Isso não foi muito gentil — observou Ártemis.

Pamela colocou as mãos nos quadris e se virou para a deusa.

— Olhe só quem está, de repente, toda preocupada com bons modos!... Preciso lembrá-la de que já deixou claro que me considera apenas uma experiência mortal que deu errado? Parece que me lembro de ter dito algo sobre estar farta de ficar algemada a mim como desculpa para ter me lançado algum tipo de magia sexual e fazer que eu me interessasse pelo seu irmão...

Ártemis se encolheu toda.

— Está piorando a minha dor de cabeça!

— Que bom!

— Mais uma vez, isso não está sendo muito agradável da sua parte! Até porque eu posso estar morrendo!

— E por que acha isso?

— Basta olhar para mim! Alguma coisa está muito errada. Meus olhos estão vermelhos,

inchados e, sob eles, estou com essas manchas escuras horríveis. Estou com o estômago embrulhado e acho que a minha cabeça vai arrebentar a qualquer momento — choramingou a deusa, caindo dramaticamente sobre os travesseiros de Pamela.

— Por favor... Não há nada de errado com você, exceto uma enorme ressaca! — esclareceu Pamela, tentando não rir.

— E isso vai me matar? — Ártemis perguntou, endireitando o corpo para, em seguida, fazer uma careta de dor e segurar a cabeça.

— Não. Mas eu deixaria de lado as mimosas e o champanhe hoje.

A deusa empalideceu.

— Nem sequer mencione aquelas bebidas!

Pamela não pôde deixar de sorrir para ela.

— Aposto que está morrendo de sede.

— Estou seca! Como sabe? Já teve esta doença?

Pamela foi até o frigobar e apanhou uma garrafa de água. Rompeu o lacre, então a entregou a Ártemis. — Mais vezes do que estou disposta a admitir. Você ingeriu muito álcool ontem, e seu corpo temporariamente mortal está lhe dizendo que não foi uma boa ideia. — Pamela observou Ártemis entornar a garrafa de água. — Espere, não beba tudo. Vai precisar de um pouco para tomar com o Tylenol — explicou, vasculhando a bolsa até encontrar sua caixinha. Revirou as cartelas de Benadryl e Xanax até encontrar dois comprimidos do remédio. — Engula isto e depois tome um café da manhã leve: talvez apenas algumas torradas ou bolinhos. — Ao observar a expressão vazia de Ártemis, ela acrescentou: — Ah, está bem... Eu mostro o que poderá comer. Mas trate de beber café e um pouco mais de água. Vai se sentir melhor em breve.

— Vou ficar com uma aparência melhor também? Mal pude acreditar na imagem horrorosa que vi no espelho!...

Pamela estudou o rosto da deusa, assim como tinha feito antes com seu irmão. Ártemis continuava, como sempre, incrivelmente bela, mas, naquela manhã, a deusa se encontrava mesmo muito abatida.

— Vamos até o banheiro. Talvez eu possa dar um jeito nessas olheiras. — Ela fez uma pausa e lançou a Ártemis um olhar avaliador. — Espere... Faremos um trato. Vou melhorar sua aparência se prometer ser boazinha com Eddie outra vez.

À menção do nome do autor, a expressão de Ártemis mudou. Seu rosto pareceu suavizar, e suas faces se tingiram de um rosa delicado.

— Ah, meu Deus!... Está mesmo gostando dele! — exclamou Pamela.

— Ele... ele me lembra alguém — Ártemis sussurrou.

— Gosta de Eddie porque ele a faz se lembrar de alguém? Quem?

Os olhos da deusa faiscaram, e ela reassumiu sua habitual arrogância.

— É problema meu, não seu, quem Eddie me lembra. E não estou gostando dele apenas por causa disso. Ele me reconheceu. É um mortal de um Mundo Moderno que já não honra os deuses e as deusas, mas Eddie me conhece e me adora. E isso me agrada.

— Sei — resmungou Pamela. Em seguida, fez sinal para Ártemis se sentar no balcão do banheiro enquanto revirava seu estojo de maquiagem em busca de um corretivo.

Por algum tempo, trabalhou em silêncio no rosto da deusa, cobrindo os círculos escuros sob os olhos enormes e espalhando um pouco de pó bronzeador em suas faces, de modo a trazer de volta sua cor natural. Então, como se Ártemis já não fosse naturalmente maravilhosa, destacou seus olhos com uma sombra cintilante. Era como retocar uma pintura feita por um mestre, concluiu.

— Hipólito — murmurou Ártemis.

— O quê? — Pamela perguntou.

— *Quem*. Hipólito não era uma coisa. Era uma pessoa. Eddie faz que eu me lembre dele.

— Hipólito também era escritor? — Pamela quis saber, acrescentando apenas um toque de *blush* nas maçãs salientes do rosto da deusa.

— Não. Ele era guerreiro. Filho de Teseu. Era alto, forte e quase tão bonito como um deus. Não é o corpo de Eddie que lembra o do meu Hipólito. É em sua devoção que vejo muita semelhança.

— Você fala de Hipólito no pretérito... Ele está morto?

— Sim — admitiu Ártemis. — Assassinado por engano, por conta de sua devoção a mim. Fui a única mulher que ele amou.

— Eu sinto muito — sussurrou Pamela.

Ártemis encontrou o olhar da mortal, surpresa por identificar nele tanta compreensão.

— Você também perdeu um amor.

— Ele não morreu fisicamente... Mas descobri que o homem em que eu acreditava, na verdade, não existe.

Ártemis assentiu com um gesto de cabeça, pensativa.

— De certa forma, isso me parece até mais difícil de suportar. Pelo menos Hipólito já não caminha sobre a Terra antiga. Seria muito doloroso vê-lo, sabendo que ele é apenas a imagem do que eu acreditava que ele fosse...

— Então me entende — murmurou Pamela.

— Sim. — Ártemis sorriu, tristonha. Em seguida, virou-se. Ao se ver no espelho, seu sorriso se ampliou e se transformou em um sorriso de verdade. — Você realizou um milagre!

Pamela riu.

— Com certeza. E esses milagres têm nome: Borghese, Mac e um pouco de Chanel para

completar. São milagres da mulher moderna que trabalha.

— Obrigada, Pamela! — a deusa falou com sinceridade.

— Foi um prazer, Ártemis. — Ela olhou para o próprio reflexo com um suspiro. — Agora vou ter que operar o mesmo milagre em mim. E depressa.

Ártemis deslizou do balcão.

— Eu digo a Eddie que fui a responsável pelo seu atraso. Ele não vai ficar nem um pouco aborrecido se tiver algum tempo a sós comigo antes que você venha ao nosso encontro...

— Ártemis! — Pamela chamou e, com a mão na maçaneta da porta, a deusa se virou para encará-la. — Posso fazer uma pergunta? Mesmo sendo meio pessoal?

A diva encolheu um ombro.

— Merece até uma bênção pelo milagre que fez. Não tenho poderes para lhe agradecer, assim terei prazer em responder à sua pergunta.

— Não entendo muita coisa de mitologia, mas lembro-me de ter lido que você, a deusa Ártemis, era uma deusa virgem, intocada por qualquer homem ou deus. Fico me perguntando se isso é verdade...?

Por um momento, Ártemis pareceu chocada. Depois, perplexa. Então começou a rir.

— Desculpe, eu não tive a intenção de que isso fosse engraçado — Pamela murmurou, meio envergonhada pela reação da deusa à sua pergunta.

— É da imaginação dos homens que estou rindo, não de você. Eles me denominaram a “Deusa Virgem” porque me recusei a ficar presa a um parceiro. Eu levo o amor aonde vou. Decido quem, onde e quando... Meu verdadeiro prazer vem da minha liberdade. Minha amante favorita é a floresta; minhas antigas companheiras, as ninfas que me servem. Mas posso lhe assegurar... não sou virgem — afirmou Ártemis, saindo do banheiro e deixando sua risada melodiosa como rastro.

CAPÍTULO 26

Pamela ficou surpresa ao perceber que Apolo a estava evitando. E também se viu chocada ao se dar conta do quanto aquilo a incomodava.

Ela até o flagrara olhando para ela, mas, no momento em que havia tentado encontrar seu olhar, ele tinha se virado e fingido estar às voltas com o trabalhador mais próximo.

Apolo a evitara até mesmo durante a pausa para o almoço. Assim, ela se sentara com Eddie e Ártemis e os observara flertando desavergonhadamente enquanto engolia um dos excelentes sanduíches *gourmet* que o genial cozinheiro de Eddie fizera para todos. Apolo fizera uma pausa apenas suficiente para apanhar um sanduíche e lançar-lhe um sorriso breve, distraído, antes de voltar para junto do arquiteto, próximo do local onde os trabalhadores já haviam começado a demarcar o terreno para o balneário.

Não que ela não estivesse ocupada. Naquele dia eles tinham escolhido o piso, o que acabara por se tornar um grande acontecimento. A princípio Eddie queria uma reprodução horrível do revestimento de pedra *brega* e tão abundante no Fórum. Por sorte, de cima de seu pedestal — onde posava regamente, segurando um arco em vez do vaso do dia anterior —, Ártemis balançara a cabeça e protestara mais do que depressa:

— Ah, não, Eddie. É horrível!

E pronto. A pedra falsa fora vetada.

Em seguida, ela, Pamela, pedira a três representantes de marmorarias que trouxessem amostras de suas melhores pedras.

E a confusão tinha começado. Eddie encantara-se com as diferentes cores e variedades, e ficara mudando de uma amostra horrorosa para outra, cada vez mais entusiasmado, insistindo para que colocassem um padrão diferente em cada cômodo. A verdade era que ela estava tendo uma tremenda dor de cabeça com o escritor, refletiu Pamela. Havia tentado explicar a ele que, com o piso plano aberto da casa, passar do mármore Santiago — com veios vermelhos, dourados, alaranjados e verdes — para o Verde *Fire* —, que era predominantemente verde-limão, amarelo e preto — e depois para o Golden Alexandra —, que era apenas dourado — seria um erro de *design* terrível.

Mais uma vez, Ártemis viera em seu socorro.

— Eu gosto daquele — a diva tinha decidido, apontando o dedo delicado para um quadrado de pedra esquecido, o qual se encontrava bem distante dos outros.

— Gosta mesmo, minha deusa? — Eddie indagara de imediato, todo atencioso.

Ela, Pamela, pulara até a amostra, que era de uma cor creme discreta, com leves veios manteiga, os quais passavam de uma sugestão de amarelo para um rosa dourado.

Tinha sorrido, então.

— É lindo, mas não é mármore. É um pedaço de pedra calcária. — Levara-a para Ártemis, que passara a mão pela superfície lisa.

— Mas é suave e perfeita! — ronronara a deusa, olhando para o autor. — Eddie, eu adoraria ter esta pedra contra a minha pele nua!...

Os olhos do homem haviam até escurecido.

— Permita-me atender ao seu desejo, minha deusa. Escolho este calcário para cobrir o chão da minha humilde morada.

Humilde morada! Essa fora muito boa, pensou Pamela.

Tinha piscado para Ártemis em um rápido agradecimento, depois se pusera a tratar de detalhes do pedido com o entusiasmado representante da tal pedra.

Em algum ponto da vultosa transação, contudo, vira-se dominada pela inspiração. Tinha pedido ao vendedor que esperasse um instante e, sorrindo, voltara para junto de Eddie, no banco próximo ao pedestal da deusa.

— Tive uma ideia que pode achar interessante.

— Fale, Pamela!

— O que acha de colocar o calcário em todos os ambientes da casa, exceto nas salas de banho? Assim poderia dar asas à imaginação e escolher um mármore diferente para cada uma delas. Em seguida, poderíamos personalizar o ambiente conforme as cores e o padrão do mármore. Seria uma aventura entrar em cada um dos banhos. No caso dos banheiros das suítes, como o da suíte máster e os das outras cinco, usaríamos a cor do mármore escolhido como base para a decoração do quarto.

— Que ideia maravilhosa! — Ártemis havia exclamado com o que parecia genuíno entusiasmo. — Vai ser tão divertido escolher todos eles!

A estrondosa gargalhada de Eddie fizera várias cabeças se voltar.

— Muito bem pensado, Pamela!

Ela sorria para o homenzarrão.

— Sua casa vai ser realmente única, Eddie.

E, pela primeira vez, usara a palavra como um elogio.

Logo depois, tinha chamado os representantes das pedras para que lhe trouxessem as mais diferentes amostras de mármore.

Pamela estava bebendo uma garrafa de água mineral gelada e estudando uma das amostras de mármore — que lembrava um caleidoscópio — quando sentiu os olhos de Apolo mais uma vez.

Ergueu a cabeça. Ele devia estar fazendo uma pausa porque se encontrava parado do outro lado do pátio, olhando por sobre o ombro do artista que fazia o desenho de sua irmã. Tinha a

cabeça ainda inclinada para baixo, em direção ao esboço, porém seus olhos estavam fixos nela.

Pamela sentiu o estômago se apertar no mesmo instante.

Por favor, faça que ele não desvie o olhar!, pensou. E sorriu para ele, tímida.

Apolo devolveu o sorriso, e então sua expressão mudou, como se ele houvesse se lembrado. Baixou os olhos de volta para o esboço, e Pamela suspirou.

— Por que está judiando de Febo? — A voz de Eddie soou estranhamente baixa a seu lado. Ela deu um pulo, perguntando-se como, diabos, o escritor havia chegado tão perto sem que ela houvesse escutado. Olhou para o homem enorme, pronta a insistir que não sabia do que ele estava falando... mas a genuína preocupação em seu rosto a fez conter a negligência nas palavras.

— Não estou judiando dele. Só não sei o que fazer com Febo.

— Mas sabe que ele a ama.

Pamela piscou, surpresa, e Eddie soltou uma versão baixa, mais moderada, de sua risada.

— Precisa se lembrar de que sou um autor, ou seja, não passo de um contador de histórias que observa o mundo e, em seguida, o reformula segundo sua própria visão para entreter e divertir. Além disso, Febo não tenta ocultar seus sentimentos por você. É você quem mascara o que o seu coração sente por ele. Não é verdade?

— Sim — ela concordou.

— Eu sei que é muito atrevimento da minha parte perguntar, mas por quê? Ele me parece um homem de excelente caráter.

Pamela hesitou, sem saber se poderia contar a Eddie parte da verdade.

— Pode se abrir comigo sem medo, Pamela. O que disser não afetará nossa relação profissional. Eu gostaria muito que pensasse em mim como um amigo. Sempre achei ridículo quando as pessoas dizem que nunca misturam negócios com prazer. Como suas vidas devem ser sem-graça se marcham sozinhas sob o peso de regras tão restritivas!... Então, me diga, o que a impede de aceitar Febo?

Ela estudou os olhos de Eddie. Eles não continham malícia e pareciam cheios de genuína preocupação.

— Se eu lhe disser a verdade, não preciso temer que ela vá aparecer em um de seus livros? — perguntou em tom de brincadeira.

Desta vez a risada de Eddie retumbou por todo o pátio.

— Isso é sempre um risco quando se tem um amigo escritor... — ele se inclinou e baixou a voz para um falso sussurro: — Mas eu prometo mudar o seu nome.

Tomando uma decisão apenas com base no que os instintos lhe diziam, Pamela deixou escapar:

— Estou com medo de sair ferida... Você não?

O olhar de Eddie se desviou dela para Ártemis. Por um momento, a tristeza sombreou seu semblante. Então ele respirou fundo, e esta se foi, substituída por um sorriso. Sem tirar o olhar da deusa, o autor comentou:

— Lembra-se de que, quando nos conhecemos, eu queria que a estátua central da minha fonte fosse feita segundo uma imagem do deus Baco?

— Sim — Pamela acenou com a cabeça, torcendo para não ter dito algo que o fizera reconsiderar aquela ideia medonha.

— Baco sempre foi um dos meus deuses favoritos, mas não é tipicamente olímpico. Diz a mitologia que ele foi o último deus a entrar no Olimpo. Homero não o reconhecia como tal. Baco era de uma natureza estranha para os outros deuses. Eles, que sempre haviam primado pela ordem e pela beleza, nem sempre apreciaram o caráter único de Baco ou de seus adoradores. E eu compreendo isso. Sei bem o que é ser denominado uma coisa e encarado como outra. — Eddie balançou a cabeça e a fitou com carinho. — Agora estou divagando... Não é a história de Baco que quero que ouça, mas a da mãe dele. — O escritor fez um sinal para que um dos trabalhadores lhes trouxessem cadeiras.

Pamela se sentou a seu lado, esperando, enquanto Eddie acomodava o corpanzil e pedia um copo gelado de hidromel. Quando ele perguntou se ela se juntaria a ele no drinque, Pamela deu de ombros e assentiu. Por que não? Trabalhando para Eddie, decerto poderia sair um pouco da linha.

Tão logo o hidromel chegou, o escritor tomou um longo gole antes de se lançar em sua história.

— Sêmele era uma linda princesa de Tebas. Nascida de pais mortais, tinha o rosto e a silhueta de uma deusa... Infelizmente, ela chamou a atenção de Zeus, o Governante Supremo do Olimpo. Zeus flertava com muitas donzelas mortais, assim como a maioria dos deuses e deusas.

Nesse ponto, Pamela bufou, desgostosa, e cruzou as pernas outra vez.

Eddie sorriu.

— Lembre-se, minha querida. Era um mundo diferente. Finja, apenas por um momento, que é uma linda jovem vivendo na Grécia antiga. Nascida em uma família de comerciantes, está insatisfeita com o papel que o destino lhe reservou. Você colocaria de lado suas aspirações mais secretas e se casaria, submissa, com quem a família escolhesse? E se, digamos, um belo homem atravessasse o seu caminho? O filho mais velho de um rico latifundiário, talvez?... Ele está longe do seu alcance, mas você encontra o amor em seus braços... De repente, entretanto, descobre que está grávida. Iria se deixar expulsar de casa, desonrada, quando seu romance fosse descoberto? Ou contaria como, um dia, enquanto estava colhendo flores em um prado

distante da cidade, um deus surgira, a seduzira e lhe fizera um filho?... Um filho que nascera em meio a muito alvoroço, e cuja vida é rodeada de mistério e magia?

— Compreendo — Pamela murmurou.

— Posso continuar com o meu conto?

— Desculpe — ela murmurou, recostando-se na cadeira para beber o hidromel.

— Como eu estava dizendo, Sêmele se tornou uma das muitas amantes mortais de Zeus. Mas ela era diferente, e não apenas por conta de sua extraordinária beleza. Diz a mitologia que Zeus se encontrava completamente apaixonado por sua jovem amante, tanto que, quando ela lhe disse que teria um filho dele, o deus fez um juramento sobre o Rio Styx de que lhe daria qualquer coisa que ela lhe pedisse. — Eddie parou e sorveu o hidromel em lenta contemplação.

— E então, o que aconteceu?

— O maior desejo de Sêmele era ver Zeus em todo o seu esplendor como Senhor do Olimpo e Deus dos Trovões. Zeus implorou à amante que reconsiderasse seu pedido. Ele sabia que nenhuma mortal poderia contemplá-lo como tal e viver, porém ela não quis voltar atrás em sua maior vontade. O Senhor dos Deuses tinha feito um juramento sobre o Rio Styx, e nem mesmo ele poderia romper aquele vínculo. Assim, com as faces banhadas por lágrimas devido a sua previsão, foi até ela uma última vez e se revelou conforme ela desejara. E assim, diante da glória de sua luz ardente e terrível, Sêmele sucumbiu.

— Mas isso não pode estar certo! Se ela morreu, como foi que Baco nasceu?

— Por causa de seu amor por Sêmele, Zeus lhe arrancou o filho do ventre enquanto ela perecia e carregou a criança dentro de sua própria coxa até que chegou a hora de o Deus do Vinho nascer.

Antes do dia anterior Pamela teria reagido com ironia àquele antigo mito contado por Eddie. Agora sabia muito bem que a possibilidade de este ser muito mais do que ficção era grande e se condeou pela tragédia de Sêmele, que havia morrido ao se recusar a deixar de lado seu desejo mais profundo.

— Eu não fazia ideia — falou baixinho.

— Acha que Sêmele se arrependeu de seu desejo? — perguntou Eddie.

— Bem... este a matou.

— Mas acha que ela se arrependeu? Acha que ela teria trocado aquele momento extraordinário de realização, de total satisfação — tão intenso que seu corpo mortal não pôde suportá-lo —, por uma vida segura, porém desprovida daquele instante ofuscante de esplendor?

— Não sei se posso responder a essa pergunta. O que acha, Eddie?

— Precisa tomar uma decisão por si mesma. — O olhar do escritor se desviou dela e

encontrou Ártemis. Seu sorriso já não denotava tristeza. — Eu tomei a minha.

— E não sente medo? — Pamela descobriu que mal conseguia formular as palavras.

— Claro. Não há garantias no amor, Pamela. Apenas infinitas oportunidades... para a dor e para a felicidade. Mas posso dizer, sem qualquer dúvida, que prefiro tocar essa felicidade por um instante e me deixar ferir do que viver minha vida na escuridão, sem nenhuma luz.

Com as palavras, algo mudou dentro de Pamela. Algo que se encontrava adormecido dentro dela finalmente fez mais do que se agitar. Despertou por completo. Ela sabia o que era viver na escuridão, e também sabia o que era tocar a luz...

— Também não quero uma vida desprovida de luz — murmurou em meio ao nó na garganta. Eddie olhou para ela e sorriu.

— Muito bem, Pamela. Muito bem.

De repente, ele se levantou, e sua voz grave ressoou por toda a vila.

— Febo! Venha até aqui!

Pamela tentou dizer algo, como: “Espere, Eddie! Eu não disse que estava pronta para tocar a bendita luz agora!...”, mas o autor ignorou seus murmúrios desesperados.

Quando Apolo se apressou em ir até eles, Pamela ficou mortificada ao perceber que seu rosto ardia. Estava corando como uma adolescente!

Que maravilha!...

— Aí está você, meu rapaz! Tenho um pedido para lhe fazer.

— O que posso fazer por você, Eddie?

— Acho que Pamela anda trabalhando demais, e possuo uma regra rigorosa: sempre misturar negócios com prazer! Mas parece que nossa amiga desconhece essa regra... — observou Eddie, como se ela não estivesse sentada a centímetros dele e com o rosto pegando fogo.

— Eu já reparei — concordou Apolo, tentando manter a expressão neutra.

— Que bom! Então sabe exatamente o que precisa fazer... — Diante da expressão vazia do gêmeo dourado, Eddie se ergueu e lhe deu um tapinha no ombro. — Vamos! Tire-a daqui, homem! Vá passear um pouco com Pamela no *resort*. Visitem as fontes e refresquem-se. Vou pedir a James que lhes providencie um belo almoço... e não esperaremos vê-los tão cedo!

Apolo pareceu tão surpreso quanto Pamela.

— James! — Eddie gritou, e seu assistente, como de costume, surgiu como num passe de mágica. — Peça a Robert que leve Pamela e Febo de volta para o *resort*, e faça o pessoal preparar um belo piquenique à moda antiga para os dois. Eles precisam de algum tempo para descansar e... — parou, piscando para Febo — ... aproveitar um pouco.

— Agora mesmo, Eddie — aquiesceu James antes de se afastar correndo.

— Podem ir — falou o escritor. — E não se preocupe, Pamela. Diana e eu terminamos de

escolher o mármore para os banheiros.

— Tem certeza de que não precisa de mim para fechar o negócio com o representante da pedra calcário?

— Não, não... — Eddie afastou sua preocupação. — Ele já tem a planta. Agora fora daqui, vocês dois!

Sem ver alternativa, Pamela se levantou e começou a caminhar com Apolo pelo pátio. As portas estavam abertas, e o sol refletiu a lataria prateada da limusine que parou diante da villa.

Apolo estacou.

— Lembre-se, Febo, precisa matar o dragão antes de ganhar a donzela! — Eddie gritou atrás deles.

O Deus da Luz ergueu a mão e acenou de volta para Eddie com bom humor, mas Pamela ouviu seu suspiro dolorido e percebeu como seu rosto tinha empalidecido diante do veículo.

Apolo endireitou os ombros, então, e avançou novamente.

— Existem dragões no Mundo Antigo? — Pamela murmurou enquanto caminhava a seu lado.

— Sim, mas não carros. E juro que eu preferiria enfrentar os dragões.

— Vou me sentar no banco da frente com você.

— Não posso matar essa coisa?...

— Eu não acho que seria uma boa ideia. — Pamela tentou não rir, sem sucesso.

CAPÍTULO 27

Fazer caminhadas e andar pelas trilhas do Pikes Peak sempre fora um dos passatempos favoritos de Pamela, assim como sua principal forma de exercício. Por que deveria *malhar* no sufocante confinamento de uma academia feita pelo homem quando contava com o esplendor das Montanhas Rochosas do Colorado ao seu redor? Não que ela fosse uma daquelas praticantes que vivia de mochilas nas costas, acampando e desprezando as conveniências da vida moderna. Escalar uma parede de rocha nunca a seduzira. Tampouco dormir no chão e fazer xixi no mato.

Mas pegar uma trilha que serpenteasse pela montanha — principalmente no início da manhã, quando tudo parecia ainda mais fresco, quieto e particular — era algo que incluía em sua rotina ao menos quatro vezes por semana desde que tinha deixado Duane. Caminhadas eram sinônimo de liberdade para ela. E não importava o quanto estivesse lenta ou estressada no início de cada uma delas. Uma hora mais tarde, quando voltava, sentia-se relaxada e rejuvenescida.

Ve chamava isso de “seu tempo de ajuste”.

Assim, o short, a camiseta e os tênis novos para caminhada, que haviam sido deixados em sua cama, lhe trouxeram um sorriso aos lábios.

Pamela mudou de roupa depressa e saiu do quarto a tempo de ver Apolo em uma versão masculina do vestuário, andando pelo corredor em sua direção.

— Não sei como Eddie consegue fazer essa mágica sem qualquer poder imortal! — ele falou, sorrindo com ironia.

— O poder de Eddie se chama “dinheiro”... Muito dinheiro. Isso, somado à sua imaginação, equivale à versão da magia no Mundo Moderno. James telefonou para o meu quarto... Pediu para que nós o encontremos na caverna.

— Então, vamos.

Apolo fez um gesto galante para que ela o precedesse pelo corredor, e Pamela percebeu que, assim como na curta viagem de carro, ele se esforçava para não tocá-la. Lembrou-se, contudo, de que o deus estava fazendo apenas o que ela mesma lhe pedira: dando a ela tempo e espaço; o que não ajudava nem um pouco a desfazer o nó que ela sentia na boca do estômago.

James já se encontrava esperando por eles com um sorriso, uma cesta de piquenique e um mapa.

— Marquei aqui uma trilha próxima. Imagino que vão gostar de explorá-la. Ela começa ao norte da casa da fazenda, segue até o First Creek Canyon e termina com uma linda lagoa

alimentada por uma cachoeira. Ele apontou para o fim do traço destacado em amarelo. — O lugar perfeito para uma refeição agradável. Na cesta, vão encontrar muita água, bem como protetor solar. E, embora provavelmente não precisem dele, também incluí um telefone celular que já está programado para chamar o balcão de informações do *spa*. Basta clicar “estrela, sessenta e dois” caso se percam ou precisem de ajuda, o que é pouco provável.

— Você é muito eficiente, James — elogiou Pamela.

— Obrigado, senhora. Basta se lembrarem de que a noite cai depressa no deserto. Creio que o pôr do sol acontecerá hoje às 20h05. — Ele entregou a cesta a Apolo, curvou-se, educado, e deixou os dois sozinhos.

Eles ficaram em silêncio, meio sem jeito, mas Apolo foi o primeiro a falar.

— Acho melhor irmos andando.

Pamela limpou a garganta. Era ridículo ficar nervosa por estar sozinha com ele. Afinal, haviam feito até sexo!... E mais de uma vez. Não existia motivo para aquele aperto no estômago, nem para que suas mãos estivessem tão suadas. Motivo nenhum. Precisava ir com calma.

— Ok. — Ela apontou para o cesto. — Protetor solar em primeiro lugar.

Apolo levantou uma sobrancelha.

Pamela suspirou e soltou o fecho no topo da cesta de piquenique. Isso porque ela queria se comportar com naturalidade!...

Mas a situação, definitivamente, não era normal. O homem diante dela nem sabia o que era protetor solar porque era Apolo, o Deus da Luz.

Pamela suspirou. Seus nervos à flor da pele decerto eram a única coisa normal naquela situação.

Olhou para o cesto superorganizado. James tinha colocado o frasco de protetor solar fator 40 em cima de tudo o mais.

Com uma expressão curiosa, Apolo a observou espalhar a loção cremosa pelos braços e rosto.

— Tem cheiro de coco. O que é? — perguntou, interessado.

— Protetor solar. Ele bloqueia os raios de sol nocivos à nossa pele.

O deus ficou confuso.

— Os mortais podem se queimar sob muita luz. Lembra-se de Sêmele? — ela indagou.

Apolo piscou, surpreso.

— Eddie está me dando aulas de mitologia.

Desta vez, Apolo levantou ambas as sobrancelhas douradas.

— Cuidado com o que acredita das histórias contadas e recontadas em seu mundo. Posso afirmar, sem dúvida, que muitas delas são totalmente equivocadas.

— Sim, eu já percebi isso. Por aqui, dizem que Ártemis é virgem.

Ele soltou uma risada.

— O que prova a minha teoria. Agora, diga a verdade... Essa loção que cheira a coco tem mesmo poder para bloquear a luz de um imortal?

— Duvido, mas pelo menos o impede de pegar uma bela queimadura de sol.

— Queimadura de sol?

— É a mesma coisa que fazer a barba, para você. Deveria ser simples de entender, mas pode deixá-lo confuso, já que não está acostumado com as implicações... A luz solar é assim para os mortais.

Muito sério, Apolo apanhou o frasco das mãos dela, espremeu um pouco na dele, cheirou a loção e, em seguida, espalhou-a pelos braços e ombros.

Pamela o observou e, de repente, sentiu-se inexplicavelmente triste. Apolo, o Deus da Luz, não devia ter que se proteger do sol.

Uma imagem da última vez em que haviam feito amor passou por sua cabeça. Ele se transformara em uma chama, queimando com paixão imortal. Ele *era* o Sol. Apolo não pertencia àquele mundo. Ela até poderia ceder ao seu desejo mais profundo e se permitir amá-lo, mas não poderia iludir a si mesma pensando que sua história teria um final mais feliz do que o amor mítico de Sêmele por Zeus.

— Não se esqueça do rosto — murmurou.

— Obrigado. — Apolo sorriu e espalhou o líquido branco na pele. — Eu tinha me esquecido. Isto tudo é muito novo para mim.

Pamela sentiu o estômago se contrair outra vez, mas voltou a sorrir.

— Acho que já está bom. — Fechou o frasco e o colocou de volta no cesto.

Apolo o apanhou, e juntos eles saíram pela porta da frente da estalagem.

— Sabe qual lado é o Norte? — Apolo fez uma pausa para perguntar a ela.

Quando ela lhe lançou um olhar espantado, ele sorriu como um menino.

— Eu só estava brincando. Estou sem meus poderes, mas não sem o cérebro.

— Que alívio... — murmurou Pamela, sorrindo de volta para ele conforme percorriam o caminho de pedregulhos que rumava para a esquerda, contornando as construções dispersas e feitas de tijolos que compunham o restante do requintado *spa*: um restaurante e uma bem abastecida loja de presentes.

Era difícil de acreditar que, passando o *resort*, aquele oásis dava lugar à beleza crua do deserto. A trilha era ladeada por arbustos selvagens, com flores compridas na cor laranja, intercaladas com plantas roxas e perfumadas, as quais lembravam lavanda, bem como com as familiares folhas pontiagudas e firmes das iúcas. Parecia mais frio ali, no cânion, e muito mais verde; como se o deserto tivesse concentrado por lá toda a sua suavidade e doçura.

Conversaram pouco enquanto caminhavam pelo centro do *resort*. Apolo não segurou sua mão, tampouco a fez passar o braço pelo dele. Quando falava com ela era educado, até mesmo espirituoso, porém a energia da paixão que estivera presente como uma parte quase tangível de tudo o que ele dizia ou fazia, desde que tinham se conhecido na pequena mesa da Adega Perdida, se fora. Ou então se encontrava bem disfarçada, o que Pamela sentiu profundamente.

Pensou no que Eddie havia dito, e na forma como o rosto do escritor se transformava sempre que seu olhar repousava sobre Ártemis. O homem sabia do grande risco de se ferir que corria, mas acreditava que o que iria ganhar era mais valioso do que aquilo que ele poderia perder.

Não há garantias no amor, Pamela. Apenas infinitas oportunidades... para a dor e para a felicidade.

Era um conceito novo e assustador, pensou Pamela, porém ela nunca fora uma covarde. Raras eram as vezes em que tomava o caminho mais fácil.

Apolo encontrou a placa em forma de seta, em que se liam as palavras esculpidas: “First Creek Canyon”.

— Eu profetizo que First Creek Canyon é por aqui!... — bradou com a mão sobre a têmpera, dramático.

— Cuidado... — Pamela sorriu para ele. — Pode ser atingido por um raio ou algo assim.

— Por Zeus — Apolo grunhiu.

— Acha que está em apuros com ele?

— Estou com medo de que Ártemis e eu tenhamos muito a explicar. Ele é nosso pai e nos ama, mas, apesar disso, o Deus do Trovão não vai ficar nada contente por termos nos permitimos ficar presos no Reino de Las Vegas.

— Ahn... Vegas não é bem um reino. É apenas Las Vegas, uma cidade localizada no estado de Nevada. Assim como Roma é uma cidade da Itália.

Mais ou menos isso, pensou Pamela, não querendo dar início a nenhuma aula de Geografia dos Estados Unidos da América.

— Las Vegas não é um reino?

— Definitivamente, não.

Caminharam vários passos pela trilha de terra vermelha antes que Apolo falasse outra vez.

— Devo parecer um idiota para você, chamando Las Vegas de reino, ficando enjoado, cortando-me ao fazer a barba, não sabendo o que é protetor solar... — resmungou sem olhar para ela.

— Não tanto quanto eu se, de repente, me visse no meio do Olimpo.

Ele olhou para ela.

— Você foi para o Olimpo e não fez papel de tola.

— Não. — Ela suspirou. — Estava muito ocupada sendo enfeitiçada por sua irmã e, em seguida, me transformando em uma flor.

Apolo parou e a fitou. Ergueu a mão, como se quisesse tocá-la, mas não prosseguiu com o gesto. Ao contrário, cerrou o punho e deixou cair o braço ao lado do corpo.

— Sinto vergonha do que aconteceu lá. Eu devia ter sido capaz de protegê-la. Minha única defesa é que esta emoção, essa paixão, é nova para mim. Acho que... — ele fez uma pausa, o olhar encontrando e capturando o dela — ... acho que fico meio perdido.

Pamela respirou fundo.

— Eu sei exatamente o que quer dizer.

A expressão de Apolo se transformou, contudo ele não disse nada mais do que:

— Verdade?

— Verdade. — Ela começou a andar outra vez. Queria se abrir com ele, *precisava* se abrir com ele, mas não podia fazê-lo sem estar em movimento.

— Eu já lhe disse que fui casada, e que foi um casamento ruim.

— Sim.

— Quero que saiba por que foi tão ruim. Então, acho que vai compreender por que tem sido tão difícil para mim. Por que tenho resistido tanto em amar você.

— Estou ouvindo.

— Eu conheci Duane quando estava na faculdade. Ele é dez anos mais velho do que eu, e já era um profissional bem-sucedido. Eu o considerava bonito e inteligente, e ele parecia tão gentil... Parecia querer cuidar de mim. Compreendo agora que não me apaixonei por quem ele era; eu me apaixonei pelo sonho de vida que supostamente poderíamos ter juntos. Mas amor é amor... — ela encolheu um ombro, como se tentando se livrar da incômoda admissão — ... e nos casamos no mês em que me formei na faculdade. Do dia do nosso casamento em diante, as coisas mudaram. Compramos uma casa juntos. — Pamela riu, sem-graça. — Não. Apague isso... *Duane* comprou a casa. E insistiu que seria melhor se esta ficasse apenas no nome dele. Disse que seria mais rápido e fácil... assim como quando me deu um carro novo, um “presente” com que me surpreendeu. O carro também ficou no nome dele. Eu me lembro de um dia, mais ou menos uma semana depois do nosso casamento. Ele estava fora da cidade e me telefonou. Gostava de me telefonar várias vezes por dia... — Ela fez uma pausa. Apenas a lembrança da constante perseguição de Duane, de como ele vivia mandando parentes ou alguém de seu restrito grupo de amigos para “lhe fazer companhia” — de modo que sempre soubesse onde ela se encontrava e o que estava fazendo —, a deixou irritada e deprimida. Suas botas pisaram a trilha de pedregulhos com mais determinação enquanto ela aumentava o ritmo na tentativa de desafogar a antiga frustração. Aquilo tinha sido no passado, lembrou a si mesma. Ela sobrevivera e nunca mais permitiria que acontecesse de novo.

Apolo observou em silêncio enquanto Pamela lutava com as próprias emoções, revivendo o que o passado lhe causara. Queria ajudá-la, queria livrá-la da mágoa, mas sabia que o passado era um campo de batalha em que cada um precisava lutar sozinho. Se Pamela não conseguisse exorcizar seus demônios, para sempre estes assombrariam seu futuro. O futuro deles.

— Enfim... — ela continuou. — Naquele dia, Duane perguntou o que eu estava fazendo, como sempre fazia, e eu disse que pretendia pendurar um quadro novo. Eu nunca vou me esquecer de como a voz dele se alterou: “Não acha que eu gostaria de estar aí quando fizesse isso?”, exigiu de repente. Eu nem imaginava que pendurar um quadro sem ele era grande coisa... Mas era. Estávamos casados havia menos de um mês, e foi nesse dia que comecei a me sentir uma prisioneira. — Ela não conseguiu conter um arrepio.

E tinha ficado pior. Muito pior. Ela quase desistira e deixara Duane consumi-la, mas, em algum lugar dentro dela, encontrara forças para lutar. Lenta e silenciosamente, havia batalhado para crescer na carreira e, em segredo, arrumado dinheiro, de modo a poder prosseguir sem ele. As pessoas pensavam que deixar alguém que cometia abusos era uma questão de coragem. Pois ela sabia o quanto estavam enganadas. Para deixar alguém assim era preciso ter um plano, e depois ter os meios para prosseguir com ele. Seu plano incluía um bom advogado e um negócio próprio.

Pamela endireitou a espinha e terminou sua história:

— Não quero entrar em detalhes. Basta dizer que Duane continuou me sufocando por quase sete anos antes que eu conseguisse me livrar dele. Depois se passaram mais quase dois anos antes que ele parasse de me telefonar, de aparecer nos lugares em que, sabia, eu frequentava. Estava sempre lá... sempre presente, esperando, como se eu fosse uma criança perdida que logo perceberia a bobagem que havia feito e fosse querer voltar para casa. — Ela olhou para Apolo. — Ele só me deixou em paz nestes últimos seis meses.

— Ele magoou você. — A voz de Apolo soou baixa e contida, enquanto ele imaginava o que gostaria de fazer com aquele tal Duane depois que seus poderes imortais retornassem.

— Sim, ele me magoou, mas não é isso o que ainda me afeta. A dor morreu com o amor. O que sobreviveu foi a insegurança, e eu nem a percebi. Namorei Duane por quase dois anos. Se alguém tivesse me dito, em qualquer momento antes de nos casarmos, que aquele homem tão maravilhoso, tão perfeito, era na verdade uma pessoa vingativa, que mal controlava a raiva, que tentaria me aprisionar numa gaiola, me humilhar e me transformar numa mulher assustada, numa sombra de mim mesma, eu teria rido. Jamais teria acreditado. Duane fingiu ser algo que não era para me aprisionar, e eu não me dei conta disso — Pamela terminou num sussurro.

— A farsa de que falou na noite em que assistimos à dança das fontes... Era seu casamento. Ela assentiu com um gesto de cabeça.

— E, quando descobriu que eu era Apolo disfarçado de Febo, pensou que tinha cometido outro erro ao se entregar a mim.

— Não foi só isso. Você foi o único homem com quem estive desde Duane. Venho trabalhando, mantendo-me ocupada e... — Ela se interrompeu, sem ter certeza do que dizer.

— E tem evitado o amor — Apolo terminou por ela.

Pamela lançou-lhe um olhar rápido, de soslaio.

— Sim.

— O que tornou o meu subterfúgio ainda mais preocupante.

— Sim — ela assentiu novamente.

Apolo ponderou sobre o que Pamela havia dito enquanto percorriam a trilha sinuosa em silêncio. Estava claro agora por que ela se esquivara tanto dele, e por que não pudera admitir seu amor até estar sob a influência do poder inebriante de Ártemis. Como era surpreendente — e bom — perceber que sua reticência tinha mais a ver com o passado do que com ele!... Suspeitava até de que ser um deus fazia menos diferença para Pamela do que o fato de ele não ter sido honesto com ela.

Fizeram uma curva repentina na trilha e então subiram uma colina íngreme, indo parar no topo de um bloco de rocha cor de areia, desgastado pelo tempo, do centro do qual brotava uma cachoeira que derramava suas águas em uma lagoa grande e límpida.

— James estava certo. É o local perfeito para um piquenique! — entusiasmou-se Pamela, olhando ao redor enquanto enxugava o suor do rosto com a manga. O calor do deserto era menor no cânion, mas, ainda assim, a caminhada fizera uma camada de suor cobrir a ambos. Pamela respirou o ar refrescado pela água e ergueu o rosto para sentir a brisa que se erguia da lagoa.

— Tenho a sensação de que James está sempre certo — observou Apolo. Em seguida fez um gesto na direção de uma rocha plana, encarapitada ali perto. — Vamos nos sentar um pouco?

A subida tinha servido para ajudá-la a se livrar de grande parte da tensão que falar sobre o passado provocara nela, e Pamela sentou-se na pedra aquecida pelo sol, dobrando as pernas sob o corpo. Olhou para a lagoa cintilante, permitindo que o som e o cheiro da água lhe acalmassem os nervos. Apolo se acomodou a seu lado, perto o suficiente para que ela sentisse o calor de seu corpo, mas não chegou a tocá-la.

— Não vou lhe dizer que compreendo o que sente. Não. Como eu poderia? Não consigo entender por que um homem gostaria de aprisionar uma mulher. Eu tenho defeitos, mas querer dominar e controlar as mulheres não é um deles. — Ele apontou para a medalha dourada com a própria imagem, que ainda pendia entre os seios de Pamela. — Lembre-se de que, o que quer que aconteça entre nós dois, prometi protegê-la. Pode relaxar agora. Esse Duane não irá

assediá-la de novo.

— Obrigada — ela murmurou —, mas prefiro arrumar a minha própria bagunça sozinha.

— Agora está parecendo minha irmã...

— Vou tomar isso como um elogio, ainda que assustador.

— Era para ser um elogio. — Apolo sorriu.

Pamela encontrou seu olhar, devolveu o sorriso, e ele pensou o quanto amava aquele rosto. Era tão sincero, e as emoções de Pamela, tão claras... Poderia olhar para aquele sorriso para sempre.

Surpreso, percebeu que ela havia se tornado seu Sol.

O Deus da Luz engoliu com dificuldade, então, sentindo a garganta seca. Ele a amava demais, e aquilo dava a Pamela um poder sobre ele que era assustador. Se ela lhe desse as costas...

Desviou o olhar do dela, recolhendo os pensamentos e dominando as emoções. Se Pamela lhe desse as costas, ele iria deixá-la partir. Não iria assombrá-la como fizera o tal Duane.

Apertou o maxilar. Ela não o havia abandonado ainda. E o amava. Ele sabia que sim.

Virou-se sobre a rocha, de modo a encará-la, e falou lenta e claramente:

— Não entendo esse Duane, nem o que foi para você viver sob seu controle e lutar por sua liberdade, mas, desde a primeira noite em que nos conhecemos, reconheci em seus olhos uma emoção que compreendi por completo. Sei bem o que é desejar mais e sentir-se incompleto... Mas e se o nosso destino for ficar juntos? E se tudo o que aconteceu em nossas vidas teve um propósito, o de nos preparar um para o outro? Eu sou um deus, um dos Doze Olímpicos. Quem pode saber o quão intrincados são os fios que tecem as Parcas?... — Os olhos de Pamela se voltaram para os dele, e Apolo escolheu as palavras com cuidado: — Eu já existo há muito tempo e vivi a maior parte da minha existência para as paixões e para a frivolidade. Mas também tenho muita coisa boa... Levei a cura, a música e a luz para o Mundo Antigo, ainda que só tenha me dado conta disso mais tarde. Eu sempre ansiei por mais. Tentei saciar essa fome como muitos homens fazem, sejam eles mortais ou imortais. Amei e lutei em excesso... Era como se eu estivesse tentando preencher um vazio sem fim dentro de mim.

— Apolo, eu... — Pamela começou, contudo ele balançou a cabeça.

— Não. São coisas que precisa saber. Eu não vou fingir para conquistá-la. Não quero falsidade entre nós. Você tem que me ver como eu sou, se pretende me aceitar. Eu disse que não conhecia o amor até encontrá-la, porém é mais do que isso. Eu não acreditava na existência do amor, afinal, vivi eras sem ele. Por outro lado, experimentei todos os tipos de prazer da carne. Para mim, o amor não passava de um embuste a que os mortais se apegavam, e o Deus da Luz não via utilidade em tal farsa. Eu não conseguia senti-lo. Eu não precisava disso. Não acreditava nisso. — Apolo fez uma pausa e, por fim, se permitiu tocá-la de leve

enquanto afastava uma mecha escura de seu cabelo curto e brilhante. — Então, algo aconteceu para mudar a forma como eu via a minha vida e o meu mundo. E aconteceu antes de eu conhecer você. O que sabe sobre o deus Hades?

Pamela respondeu à repentina pergunta, surpresa:

— Não é o Deus do Submundo ou algo assim?

Apolo sorriu, desejando que o amigo pudesse ouvir a resposta dela.

— Ele é o Senhor do Submundo. Mas o reino de Hades não é cheio de sofrimento e tortura, como a sua versão moderna do inferno. É um lugar incrivelmente bonito. Eu sei, porque já fui até lá muitas vezes.

— Você vai para o inferno?!

Apolo riu.

— Vou para o opulento palácio de Hades, que fica na extremidade dos Campos Elísios. Você iria gostar de Hades... Vocês dois têm muito em comum. Ele mesmo projetou e construiu seu palácio.

— É como o Caesars Palace? — Pamela indagou, irônica.

— Nem um pouco. Eu lhe dou minha palavra.

— É bom saber...

— Mas eu não mencionei Hades por conta de suas habilidades com *design*, e sim por conta da maneira como ele e eu nos tornamos amigos. Minha amizade com o Deus do Submundo surgiu por causa da esposa dele.

— Espere! Eu me lembro dessa história... Hades é casado com Perséfone. — Em seguida, Pamela enrugou a testa. — Mas ele não a raptou e a fez se casar com ele por engano?

— Duvido que alguém pudesse sequestrar Lina.

— Lina? Então ele não é casado com Perséfone?

— Hades é casado com sua alma gêmea. E sua alma gêmea é nada mais, nada menos do que uma mortal vinda de um lugar de seu Mundo Moderno chamado Tulsa. O nome dela é Carolina Francesca Santoro.

— Tulsa? A de Oklahoma?! Como isso é possível? E quanto a Perséfone?

— É uma história longa e complicada. Perséfone e Lina trocaram seus corpos e identidades. O que começou com uma manipulação, por uma força externa — no caso, a mãe de Perséfone, Deméter —, terminou com Hades encontrando sua alma gêmea em Lina. Mas como eles descobriram um ao outro não é importante. O importante é o que eu vi acontecer com Hades depois que ele se permitiu amar.

— Hades não queria amar uma mortal? — Pamela indagou.

Os lábios de Apolo esboçaram um sorriso.

— Hades não queria ninguém, fosse mortal ou imortal. Ele tinha rejeitado o amor,

eliminado a possibilidade de este acontecer em sua vida. Escolheu suas tarefas — o trabalho, como diz — em vez disso.

— Parece que nós dois temos, mesmo, muito em comum — Pamela concordou baixinho.

— Sim, só que ele teve mais tempo do que você para aperfeiçoar sua escolha. Precisava ver o que uma vida sem amor estava fazendo com ele, Pamela... Hades havia se tornado a sombra de um deus, vivendo uma existência vazia, sem qualquer emoção.

— Mas ele estava seguro — Pamela sussurrou. — Ele não se sentia magoado.

— Tem razão. Ele não se magoava. Não sentia nada. Eu disse que ele e eu ficamos amigos por causa de sua esposa... Isso porque o amor por Lina o transformou; despertou algo dentro dele. Hades passou de uma criatura fria, sem senso de humor, para um deus vibrante. E o amor daqueles dois também me fez mudar. Eu o vi acontecendo e, conforme fui testemunha disso, comecei a perceber o que tinha passado uma eternidade buscando. — Apolo fez uma pausa e tomou a mão de Pamela na dele. — Hades diz que Lina é sua alma gêmea e que, ao encontrá-la, ele encontrou seu lugar no mundo. Ironicamente, foi o Senhor dos Mortos que me mostrou como eu gostaria de viver. — Levou a mão dela aos lábios. — O que vi nos seus olhos foi essa mesma fome que eu sentia na alma antes de você entrar na minha vida. Nossas almas são como espelhos, Pamela, porque você é a minha alma gêmea. O que quer que tenha acontecido em nossas vidas antes disso acabou nos preparando um para o outro. Eu não sou mais o deus sem coração, incapaz de cuidar de qualquer coisa exceto do próprio prazer. E não é mais a jovem ingênua que preferia amar uma fantasia a um homem de verdade.

— Se eu ainda conseguisse aceitar isso!... — murmurou Pamela.

— Não *isso*, minha doce Pamela, *a mim*. Você só precisa *me* aceitar.

Ela fitou os olhos azuis e respirou fundo.

— Eu já *te* aceitei. Só não sei o que fazer agora.

Então Pamela sorriu para ele. Aquele sorriso aberto e honesto que ele tanto amava.

Apolo sentiu uma onda de alegria. Ela era sua alma gêmea! Mortal ou imortal, para ele, Pamela seria sempre sua parceira, seu amor, sua própria Deusa da Luz. O brilho de seu sorriso rivalizava com qualquer coisa que seu poder imortal pudesse produzir.

Segurou seu rosto entre as mãos.

— Agora apenas me beija. — Ele se inclinou e roçou os lábios nos dela. — Em seguida, damos conta da comida excelente que James mandou preparar para nós. — Beijou-a de novo, desta vez mordiscando-lhe o lábio inferior. — Depois, acho que vamos fazer amor nessa lagoa, aí embaixo... — Desta vez, o beijo durou tempo suficiente para fazer Pamela suspirar baixinho e se encostar nele. — E, esta noite, quando voltarmos para a estalagem, vamos ficar nos braços um do outro... — Apolo brincou com a boca macia novamente, pensando que esta era como um vinho doce, ainda que bem mais inebriante. — E amanhã...

— Sshh... — Pamela o interrompeu, deslizando para seus braços e colando o corpo ao dele. Não iria pensar na eternidade que os aguardava naquela noite. Iria pensar apenas nele. — Não acha que poderíamos pular a parte do piquenique e ir direto para a água, fazer amor?...

Apolo riu, feliz, depois se levantou e a ergueu nos braços. Beijou-a com paixão uma vez mais, depois tornou a colocá-la no chão e fez uma breve mesura.

— Já que insiste... — elaborou com um sorriso radiante.

Desta vez, foi Pamela quem pegou a mão dele e a levou aos lábios antes de puxá-lo pelo caminho que conduzia até o nível do pequeno lago.

— Espere! — pediu, após apenas alguns metros. — Vou pegar a cesta de piquenique. Tenho a impressão de que vamos estar com um apetite *gimenso* depois. Até porque... — ela sorriu por cima do ombro enquanto corria de volta pela trilha até a borda da rocha e se inclinava para apanhar o cesto onde Apolo a tinha deixado. — Não podemos desprezar o trabalho que James teve para...

O barulho de chocalho cortou suas palavras, e Pamela ficou imóvel e fria como a pedra. De algum lugar de sua mente veio o pensamento que o ruído se parecia mais com o chiar de uma carne fritando do que com o do brinquedo de criança segundo o qual ele fora denominado.

Uma terrível sensação lhe comprimiu a boca do estômago, e ela precisou lutar contra uma onda de vertigem quando seus olhos seguiram o caminho do som e pousaram na cobra enrolada ao lado da cesta de piquenique, a apenas alguns centímetros de sua mão estendida.

CAPÍTULO 28

Apolo soube que algo estava errado antes mesmo de ver a serpente. Pamela congelara no meio da frase e, em meio ao silêncio que se fizera entre eles, ele pudera ouvir o aviso mortal da víbora.

A reação do deus foi instantânea. Apolo avançou com a mão estendida, concentrando todos os seus poderes imortais para destruir o que ameaçava seu amor.

Mas nada aconteceu, e ele amaldiçoou a si mesmo por ser um deus fraco e impotente.

Não! Não era fraco... O problema era que, no momento, ele não passava de um homem comum. E era como homem que ele deveria proteger Pamela.

Tão rápida e silenciosamente quanto lhe foi possível, postou-se atrás dela. A cobra se encontrava enrolada em uma espessa e tensa corda. Sua cabeça triangular estava erguida, e os olhos em forma de fenda miravam a mão de Pamela, tão perto e vulnerável a seu bote.

— Quando eu der o aviso, pule para o lado — ele falou numa voz calma e controlada.

O chocalho da cobra aumentou, e Pamela abriu a boca para protestar, pedir que ele se afastasse, gritar, qualquer coisa... mas já era tarde. Apolo já se movia. Ele a empurrou de lado e, com uma rapidez sobre-humana, foi ao encontro do bote da serpente.

Pamela gritou ao ver a víbora afundar as presas na parte carnuda da mão dele. Em seguida, deixando escapar uma antiga maldição, o Deus da Luz agarrou o corpo grosso do animal com a outra mão e puxou a serpente, arrancando-a dele. Antes que o réptil pudesse atacar de novo, girou o corpo e arremessou a cobra, de modo a bater sua cabeça como um chicote mortal contra o rochedo, e esta explodiu em um banho de sangue.

Ainda assim, o Deus Sol não ficou satisfeito. Bateu o bicho seguidas vezes contra a pedra, depois atirou seu corpo sem vida por sobre a borda do penhasco, dentro da lagoa lá embaixo.

Apolo tomou fôlego e virou a cabeça em busca de Pamela. Ela se encontrava agachada, não muito longe dele, os olhos arregalados pelo choque.

— A cobra a feriu?

— Não... — Pamela balançou a cabeça, trêmula.

Uma onda de alívio o inundou pouco antes de uma dor lancinante fazê-lo cair de joelhos. Sua mão! Ele nem sequer sentira a picada da víbora!... Apenas uma fúria cega e a necessidade de proteger Pamela.

Virou a mão que ardia. A dor varria seu braço a partir de duas perfurações que sangravam perto de seu pulso, abaixo do polegar.

— Deixe-me ver isso... — Pamela se pôs de joelhos a seu lado, buscando a cesta de piquenique às cegas. Tinha o rosto pálido, e suas mãos tremiam, porém sua voz soou firme.

Apolo estendeu a mão, e ela prendeu a respiração. — Ah, meu Deus... Eu sabia que ela o havia pegado! — Olhou para o rosto moreno, protegendo a mão cheia de sangue junto ao corpo enquanto tateava dentro do cesto. — O que está sentindo?

— Fogo — ele falou apenas, surpreso ao descobrir que lutava por ar. Tentou rir, porém o riso saiu como um gemido. — É como se este lado estivesse em chamas.

— Você vai ficar bem. Você vai ficar bem... Aqui... Sente-se e se recoste na pedra. — Ela o orientou, segurando seus ombros, até que os descansou na pedra lisa antes de quase cair para trás, de joelhos, dizendo a si mesma o tempo todo que precisava manter a calma. Não podia entrar em pânico. — Mantenha-se sentado. — Pamela o fez descansar a mão ferida, com a palma para cima, sobre a coxa, tentando desesperadamente se lembrar de tudo o que já tinha ouvido falar sobre acidentes com ofídios peçonhentos. Ve a forçara a ler um artigo, não muito tempo antes, sobre segurança no alpinismo. *Pense!*... — Deixe a mão abaixo do nível do coração — disse a Apolo, que assentiu com um fraco gesto de cabeça. Em seguida, ela voltou toda a atenção para a cesta. — Onde está o maldito celular?... — falou por entre os dentes que continuavam batendo. — Ah!... — Aliviada, digitou depressa: estrela, sessenta e dois. — Vamos... *Vamos!*... — murmurou, aflita. Olhando dentro do cesto, tirou dele duas garrafas de água. Enquanto falava ao telefone, abriu uma delas e a entregou a Apolo, que bebeu metade desta em um só gole. — ... Sim, é Pamela Gray! Sou hóspede de E. D. Faust. Meu assistente e eu estamos na parte superior da lagoa, no First Creek Canyon, e ele acabou de ser picado por uma cascavel! — falou rápida e claramente, como se não estivesse à beira do pânico.

— Tem certeza de que era uma cascavel, senhora? — o atendente perguntou em uma voz calma e profissional.

— Sim, tenho certeza! Cabeça triangular, corpo marrom rajado, chocalho...

— Vou enviar uma equipe de primeiros socorros agora mesmo, srta. Gray.

Ela pôde ouvir os cliques e chiados do rádio do atendente ao fundo. Em seguida, ele disparou a fazer perguntas mais específicas:

— Onde a vítima foi picada?

— Na mão direita. Abaixo do polegar, perto do pulso.

— Certifique-se de que o rapaz permaneça sentado ou deitado, e que sua mão esteja abaixo do nível do coração.

— Já fiz isso.

— Ele está consciente?

Os olhos de Pamela encontraram os de Apolo.

— Sim! — ela afirmou.

— Está com muita dor?

— Sim, ele diz que parece fogo... — A voz dela falhou.

— Pamela, é muito importante que você o mantenha calmo. Não deixe que ele entre em pânico. Ele precisa ficar o mais quieto possível.

— Compreendo. — *Controle-se!*, ela ordenou a si mesma. Se ela desmoronasse, Apolo não teria mais ninguém com quem contar.

— Muito bem. Tem água aí?

— Sim.

— Lave o ferimento, mas tome cuidado para não mover demais a mão ou o braço dele.

— Vou fazer isso... espere. — Ela colocou o telefone no chão e apanhou a outra garrafa de água. — A ajuda está a caminho, Apolo, mas a ferida precisa ser lavada imediatamente. Espero que não doa... Precisa ficar o mais quieto possível, por isso, se doer, tente não mover o braço.

— Faça o que tem de fazer. Eu não vou me mexer.

Quando Pamela segurou a mão dele com cuidado, Apolo fechou os olhos. Ela despejou a água engarrafada sobre as marcas profundas das presas, e o único movimento do deus foi o de sua profunda respiração.

Pamela limpou a água tingida de sangue das mãos no short e pegou o telefone.

— Pronto! O que mais?

— Remova qualquer anel, pulseira ou relógio que ele estiver usando.

— Ele não está usando nada.

— Ótimo. Agora, tudo o que pode fazer é mantê-lo calmo e ajudá-lo a se recuperar do choque.

— Não preciso fazer um torniquete ou algo assim?

— Não, a picada está muito próxima da articulação do punho. Mantê-lo calmo e cuidar para que ele não perca o calor do corpo irá ajudá-lo mais. E não deixe que ele durma! Sua pulsação pode se acelerar ou ele pode ter dificuldade para respirar. Também pode ter convulsões ou até mesmo perder a consciência. O veneno da cascavel é muito doloroso... Esteja preparada para sua reação à dor.

— Quando os paramédicos vão chegar aqui? — Foi difícil para Pamela falar em meio ao medo que lhe comprimia o peito.

— Estarão aí em menos de vinte minutos. Fique calma, srta. Gray. Uma picada de cascavel é grave, mas não necessariamente fatal.

Ela sentiu uma pontada no coração ao ouvir a palavra “fatal”.

— Eu... Eu estou me sentindo... — Apolo começou, mas parou e se inclinou para o lado, os olhos revirando.

— Preciso desligar! — Pamela disse ao atendente antes de jogar o telefone de lado e pular na direção de Apolo. — *Não!* — gritou, endireitando-o de volta contra a pedra. — Não pode

desmaiar! — Ela o tocou no rosto e sentiu a pele quente. — Não me deixe!

Os olhos de Apolo reviraram mais uma vez, depois ele os abriu por completo. Piscou, como se com dificuldades para focar o rosto dela.

— Pamela... — disse baixinho.

— Apolo, fique comigo! — ela ordenou. Revirando a cesta, apanhou um guardanapo de linho, molhou-o com um pouco da água que restara na garrafa e enxugou o suor do rosto dele com cuidado.

— Isso é bom — ele murmurou. — Frio... bom. — Fez uma careta quando outra onda de dor que parecia lava se arrastou por seu braço. — Então é isso o que se sente quando se é queimado... Não é irônico que tenha acontecido justo comigo? — indagou, ofegante.

— Vai dar tudo certo — afirmou Pamela, enxugando-lhe a testa. — Os paramédicos vão chegar a qualquer momento e trarão o antídoto. Você vai ficar bem. *Tem* que ficar bem.

Apolo piscou outra vez, tentando limpar a visão.

— Está chorando. — Ele tentou enxugar as lágrimas do rosto delicado com a mão boa, mas a deixou cair de volta ao lado do corpo. — Não chore, doce Pamela... Eu já disse que o Submundo Grego é um lugar de rara beleza. Assim como você é uma mulher de rara beleza, minha alma gêmea.

— Não me fale sobre Submundo! — Lágrimas rolaram em silêncio pelo rosto de Pamela. — Você não pode morrer. É Apolo, o Deus da Luz!

— Nesse momento, o Deus da Luz não passa de um mortal. — Ele fez uma pausa. Sua respiração ofegante tornava difícil falar, e o fogo em seu braço se espalhava rapidamente. Ele podia senti-lo se agarrando a seu ombro e derramando como óleo quente em seu peito. — Pamela, escute... Hades me contou que almas gêmeas sempre se encontram. Vida após a vida, elas voltam a ficar juntas. Lembre-se disso... — O ardor no peito dele pareceu explodir, e seu rosto convulsionou com a dor. Conforme se contraía inteiro, Apolo fechou os olhos contra a agonia e mergulhou na escuridão.

— *Nãoo!* — gritou Pamela. E, com as mãos tremendo tanto que ela mal podia controlá-las, tocou-o no rosto. Segundos antes, este estivera quente; agora estava frio e úmido! Desesperada, ela procurou pela pulsação de Apolo e não encontrou nada.

Não... Aquilo não podia acontecer daquela maneira! Não podia permitir que acontecesse assim!

Pamela se levantou e pendeu a cabeça para trás, gritando sua fúria para os Céus.

— *ZEUS!* Seu filho está morrendo!... Onde você está? *Salve-o!* Abra o seu bendito portal e leve-o para casa!... Que tipo de pai é, afinal?

Acima dela, o ar tremeluziu de repente e, em seguida, como a dobra de uma cortina invisível sendo aberta, uma parte do céu se entreabriu. Um rapaz atravessou a abertura,

pairando sobre ela. Vestia uma túnica curta, muito parecida com a que Apolo usava na noite em que eles tinham se conhecido, e sandálias douradas, com asas batendo nos calcanhares — iguais as que adornavam seu chapéu em forma de capacete e a varinha de cristal que ele segurava. Seu cabelo curto e encaracolado era de um loiro-platinado, e seu belo rosto parecia ligeiramente divertido.

— O quê? Ficou sem palavras agora que seu grito sacudiu o Olimpo?...

Pamela estreitou os olhos, reconhecendo o mesmo tom arrogante que tinha ouvido inúmeras vezes na voz de Ártemis.

— Em primeiro lugar, salve-o! — exigiu. — Então estará livre para me intimidar.

O deus ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— Tem ideia de com quem está falando, mortal?

— Sim! — ela cuspiu a palavra, frustrada. — Com esses pés que voam só pode ser Hermes. Mas podemos discutir isso mais tarde... Salve Apolo agora!

O deus bufou, indignado.

— Impertinente! — Olhou para o corpo inerte de Apolo e balançou a cabeça, desgostoso. — Aposto que ele a tem mimado.

Pamela teve vontade de agarrar o deus pelo pescoço.

— Não precisa ficar tão preocupada... Zeus não deixaria que Apolo morresse. — Enquanto falava, Hermes acenou com a varinha de cristal na direção de seu semelhante, e a luz derramou sobre o corpo do outro deus como num show pirotécnico do dia da independência dos Estados Unidos.

No instante em que a primeira faísca tocou Apolo, seu peito se inflou numa longa tomada de ar, e seus olhos se abriram. Ele olhou em volta, confuso, mas, quando seu olhar encontrou Hermes, o deus franziu a testa.

— Eu sei, eu sei... — O deus que pairava falou. — Estava esperando por Hades, Caronte ou outra figura tão triste quanto.

— Eu já expliquei que Hades é meu amigo... Veja como fala dele! — A voz de Apolo soou áspera, como se ele estivesse com a garganta seca. — O que está fazendo aqui, Hermes?

— Sendo subestimado. — O jovem deus fez um gesto delicado na direção de Pamela. — Sua mortal gritou por Zeus... Parece que estava morrendo — completou com um entediado suspiro.

— E Zeus o enviou — concluiu Apolo.

— É claro que Zeus me enviou. Seu pai está com raiva de você e da deliciosa Ártemis, mas dificilmente permitiria que perecessem.

De repente, Pamela sentiu os joelhos fracos e se sentou ao lado de Apolo que, no mesmo momento, a puxou para junto dele. Ela teve vontade de soluçar de alívio com a força que

sentiu no braço que ele passou ao seu redor.

Hermes observou o óbvio carinho de Apolo pela mortal e decidiu que o Deus da Luz tinha mais com que se preocupar do que apenas a raiva de seu pai. Quando um deus amava uma mortal, sempre havia um preço a ser pago.

— Deve saber que, embora Zeus não fosse tolerar a sua morte, decidiu que precisa aprender uma lição por tê-lo desobedecido. Sua ferida não vai matá-lo, tampouco irá danificar seu corpo. Contudo seu pai permitirá que sinta a dor do veneno... *Toda* a dor do veneno — ele completou, alegre.

— Hermes, faria bem em se lembrar de que estou apenas temporariamente sem os meus poderes imortais... — A voz rouca de Apolo tornou-se clara e ameaçadora.

— Pelo visto também está temporariamente sem senso de humor — Hermes bufou. — No entanto, ainda não terminei de lhe passar a mensagem do Deus dos Trovões... Zeus irá abrir o portal ao pôr do sol da sexta-feira do mundo dos mortais. Quer que você e sua irmã se apresentem perante a ele logo em seguida. Já mencionei que o nosso Governante Supremo não está nada satisfeito?...

— Foi obra de Baco termos ficado presos aqui. Portanto, leve a seguinte mensagem de volta ao meu pai: diga-lhe que Ártemis e eu teremos muito prazer em confrontar o Deus do Vinho e seus malfeitos no Salão Nobre.

Hermes revirou os olhos claros.

— Zeus sabe tudo sobre Baco e seu ridículo plano de causar estragos divinos no Mundo Moderno, na tentativa de manter para si mesmo o reino mortal. Por isso mesmo decidiu fechar o portal de Las Vegas. Permanentemente. E com o corpulento Baco banido do Mundo Moderno como parte de sua punição.

Apolo apertou os dentes contra a dor que se abateu sobre seu corpo.

— Zeus vai fechar o portal? Mas ele não pode fazer isso. Isso significa que...

— Isso significa — Hermes interrompeu, afetado — que tem até sexta-feira para decidir se quer que a sua pequena mortal lhe faça companhia no Olimpo. *A menos*... — Hermes enfatizou a palavra, batendo no rosto com os dedos numa simulação de dúvida — ... que prefira ficar aqui, como mortal. — O jovem deus estalou a língua. — E não parece que a mortalidade combina com você. — Em seguida, ainda pairando, Hermes sorriu, malicioso, e limpou as mãos, como se tivesse acabado de se livrar de uma incômoda tarefa. — Bem, já dei o recado e fiz minha boa ação do dia. Ouvi dizer que Afrodite está promovendo uma festa com jogos, e estou pensando em perder *feio* para ela...

Com um movimento dos pulsos delicados, o deus voador desapareceu no portal aberto no céu.

Apolo segurou a mão ferida contra o corpo e se moveu a fim de olhar para o rosto de

Pamela. Suas faces estavam banhadas em lágrimas.

— Não chore, doce Pamela... Está tudo bem.

— Hermes estava dizendo a verdade? Você vai ficar bem mesmo? — ela indagou, enxugando o rosto molhado.

— Hermes é o mensageiro de Zeus. Ele é meio cínico, mas suas palavras são verdadeiras.

Pamela relaxou de encontro a ele, aliviada. De repente se endireitou, tomou o rosto de Apolo entre as mãos e o beijou com paixão.

Ignorando a dor lancinante no corpo, ele a beijou de volta, apertando o braço ao seu redor de modo a sentir a curva de seu seio e o quadril suave pressionado ao dele.

— Nunca mais me assuste desse jeito! — ela murmurou contra a boca bem-feita.

Começou a beijá-lo outra vez, mas parou de súbito ao ouvir o barulho de botas subindo rapidamente pela trilha. Endireitou a blusa e passou a mão pelo cabelo curto. — Eu devia estar tentando acalmá-lo...

Apolo conseguiu dar um sorriso.

— Você ouviu Hermes. O veneno não vai me matar, portanto pode me beijar, fazer qualquer coisa... quantas vezes quiser.

— Posso até aceitar a sua sugestão, sr. Deus da Luz. Só que mais tarde. Primeiro o mais importante. — Pamela se levantou e gritou na direção da trilha. — Aqui! Estamos aqui!

— Sim, senhorita! Estamos chegando! — alguém respondeu.

Ela olhou de volta para Apolo. Sua mão ensanguentada estava vermelha e já inchada.

— Imagino que vá ser meio difícil explicar a eles que o veneno não irá matá-lo; que apenas dói como o inferno.

O belo rosto de Apolo se contraiu quando outra onda de dor pulsou através de seu braço.

— Não dói como o inferno... É uma *maldição dos infernos*!

CAPÍTULO 29

Pamela concluiu que dinheiro podia comprar muito mais do que qualquer coisa. Comprava atenção e um nível de preocupação fora do comum, embora ela estivesse gostando de fingir que os paramédicos teriam sido tão maravilhosos com qualquer pessoa, independentemente da carteira de seu patrão. Eles aplicaram o soro antiofídico por via intravenosa antes mesmo de tentar mover Apolo.

Deu um passo atrás e permitiu que eles trabalhassem em paz. Agora que sabia que Apolo não corria nenhum risco de verdade, podia apreciar a eficiência dos paramédicos enquanto eles limpavam, enfaixavam e imobilizavam a mão ferida, sem chorar histericamente ou se agarrar à mão boa do deus...

Ouviu a intensa discussão sobre como os sinais vitais de Apolo se mantinham satisfatórios, ainda mais após uma picada tão próxima a uma artéria. Sentiu o estômago se contrair outra vez e tentou obliterar a lembrança do momento em que não fora capaz de sentir o pulso do deus antes de Hermes aparecer.

— A cobra não devia estar *carregada* — um dos paramédicos concluiu enquanto ajudava Apolo a cobrir a pé a curta distância pela trilha até o jipe que fora convertido em ambulância.

O Deus da Luz, claro, se recusara a ser carregado em uma maca. Quando tentaram argumentar, ele insistira que poderia caminhar por conta própria, levantara-se e começara a andar a passos largos, direto para o veículo.

— Carregada? — repetiu Apolo.

— Sim, cobras venenosas podem controlar a quantidade de veneno que soltam ao picar. Você deve ter apenas assustado essa, mas não chegou a irritá-la, por isso ela inoculou uma dose pequena. Uma cascavel grande e enraivecida poderia ter lhe matado, ainda mais picando tão próximo da artéria principal, como aconteceu.

Pamela sentiu vontade de vomitar.

Apolo pareceu intrigado com a informação do paramédico, e a viagem de volta ao *resort* foi repleta de histórias sobre picadas de serpentes, das quais ela podia ter passado a vida sem tomar conhecimento. Por exemplo, até então ela não fazia ideia de que mais de oito mil acidentes com ofídios venenosos aconteciam nos Estados Unidos a cada ano e que, em média, atribuíam-se dez mortes a picadas de cobras. Também descobriu que os cavalos eram regularmente picados por serpentes, e que eles não costumavam se dar tão bem como os seres humanos nesses casos porque a maioria era picada no focinho quando abaixava as cabeças para investigar a cobra. E esse era, de longe, o local mais perigoso para uma picada, já que o inchaço resultante muitas vezes fechava ambas as narinas e causava sufocamento.

Pamela segurou a mão de Apolo e tentou, em vão, se concentrar em toda a conversa. *Dez mortes causadas por acidentes com ofídios* não lhe saía da cabeça.

— Senhor, sua irmã e o sr. Faust vão nos encontrar na frente da estalagem. De lá, eles seguirão conosco para o hospital — avisou um dos paramédicos enquanto o jipe atravessava o atalho de pedregulhos até o *resort*.

— Hospital? — Apolo franziu a testa e balançou a cabeça. — Posso assegurar que não há necessidade disso.

— Mas, senhor, a dose total de soro antiofídico leva várias horas para ser administrada e monitorada. É melhor que vá para o hospital e passe a noite em observação. Às vezes os sintomas do envenenamento levam horas para aparecer.

Apolo olhou pela janela do jipe e avistou Ártemis e Eddie em pé, ao lado da limusine.

— Leve-me apenas até ali — disse, apontando.

O paramédico franziu a testa, demonstrando sua reprovação, contudo o jipe seguiu a trilha e parou ao lado do enorme veículo. Antes que os médicos pudessem tocar as portas traseiras do carro, Eddie as escancarou, e uma Ártemis pálida subiu na carroceria. Ao ver o irmão com um cateter, uma cânula de oxigênio no nariz e a mão imobilizada e enfaixada, revirou os olhos e perdeu os sentidos após soltar uma exclamação digna de uma deusa.

— Que maravilha... — Pamela murmurou enquanto todos os paramédicos saltavam da ambulância e se juntavam ao redor da diva desmaiada.

— Ela nunca desmaiou antes! — disse Apolo, observando com curiosidade quando Eddie empurrou para longe os homens, ergueu Ártemis nos braços e a carregou para a pousada.

Os paramédicos só puderam correr atrás dele.

— Se é assim, para seu primeiro desmaio, ela fez bonito...

Apolo começou a rir e, em seguida, fechou os olhos contra nova pontada de dor no braço.

Pamela odiava o modo como seu rosto empalidecia e se contraía a cada vez que ele se movia demais.

— O que posso fazer?

Com os olhos ainda fechados, ele sacudiu a cabeça com força.

— Está bem. — Pamela suspirou, sentindo-se mais impotente do que nunca. — Bem... Sua irmã é, definitivamente, uma atriz e tanto — comentou, tentando manter o tom leve.

Após algumas inspirações, Apolo abriu os olhos e esboçou um sorriso.

— É mesmo.

— Está doendo como uma *maldição dos infernos*?... — ela indagou, condoída.

— Sim, mas posso afirmar que estou contente por os paramédicos terem ido atrás de Ártemis. Não quero ir para o hospital, Pamela. Posso tolerar a dor que meu pai decretou ser o meu castigo. Não suportaria ser mais picado e revirado por estranhos. — Ele apontou o

queixo na direção do cateter que lhe saía do braço.

— Então vamos ver o que a influência de E. D. Faust pode fazer para que seu excêntrico convidado seja tratado por aqui — ela decidiu, tirando o cateter de oxigênio do nariz de Apolo e desenganchando o saco de soro do suporte. — Ainda bem que sou viciada em *ER*, aquela série da TV... — Ela o estudou, preocupada. Não tinha notado as linhas de tensão em seu rosto. — Está sofrendo muito, não é?

— Zeus foi fiel à sua promessa. Estou tendo todos os sintomas da picada de cobra. — Ele moveu o ombro direito e depois se encolheu, como se a dor tivesse lhe subido pelo braço.

— Venha, vamos lá para dentro e eu o acomodarei em seu quarto. Creio que eles não dariam analgésicos para uma vítima de picada de cobra, mas acho que tenho alguma coisa na minha caixinha de primeiros socorros que fará maravilhas. Depois de alguns comprimidos de Tylenol 3 e um copo de vinho, vai estar se sentindo mais relaxado e, com sorte, sem nenhuma dor.

— Tylenol 3? — ele indagou.

— Confie em mim — reafirmou Pamela.

Apolo resmungou e segurou a mão enfaixada junto ao corpo conforme eles desciam devagar da parte de trás do jipe, subiam pela calçada e entravam na estalagem — algo fácil de fazer, porque ninguém se preocupara em fechar a porta da frente.

Ártemis encontrava-se deitada languidamente em um dos sofás, a um canto, com Eddie ajoelhado a seu lado. Um paramédico media-lhe o pulso, outro movimentava um pequeno frasco diante de seu nariz.

— Ah! — ela protestou. — Leve essa coisa fedida para longe de mim!

— Calma, calma, minha deusa... — murmurou o escritor.

— Ei, está tudo sob controle — Pamela falou em voz alta, balançando a cabeça, desgostosa. — A vítima da picada de cobra está muito bem, obrigada...

Ártemis se levantou e seus olhos azuis se arregalaram; depois se inundaram de lágrimas conforme ela fitava Apolo por cima do sofá.

— Meu irmão! — exclamou. — Ah, meu pobre irmão!... — Oscilou, erguendo as mãos na direção dele.

Apolo foi até o sofá, e Eddie deslocou seu corpanzil de modo que o deus pudesse se sentar ao lado da deusa. As lágrimas escorreram dos olhos de Ártemis e, hesitante, ela estendeu a mão para tocar o curativo em torno da mão do deus.

— Disseram que uma serpente venenosa o havia atacado. Fiquei tão assustada! Pensei que fosse... — Ártemis se interrompeu, mordendo o lábio.

Apolo pôs o braço em torno da irmã e a deixou chorar em seu ombro.

— Está tudo bem. Já passou.

— Onde estou com a cabeça? — Eddie pareceu cair em si de repente. — Você devia estar a caminho do hospital! Urgente!

— Não! — retrucou Apolo. — Eddie, eu tenho um pedido a lhe fazer.

— Pode me pedir qualquer coisa que esteja dentro do meu alcance — prometeu o autor, solene.

— Faça que eu permaneça aqui até sexta-feira.

— Não! Precisa ser cuidado pelos melhores curandeiros que houver por aqui! — protestou Ártemis, parecendo prestes a desmaiar novamente a qualquer momento.

Enquanto todos se concentraram em, mais uma vez, acalmar a deusa, Pamela conseguiu capturar seu olhar e moveu a boca, esboçando uma única palavra: *Hermes*.

Ártemis piscou, surpresa, e fez cessar os próprios soluços.

Em meio ao intervalo na crise de histeria da deusa, a voz de Apolo soou calma e lógica:

— O veneno de cobra não me colocou em risco de morte. Até mesmo estes homens podem atestar que meus sinais vitais continuam firmes e fortes. Preciso apenas descansar, o que vou fazer melhor aqui do que em um lugar onde estarei cercado por estranhos.

Como uma criança confusa, Ártemis olhou para o irmão.

— Não vai ficar... *defeituoso*? — ela usou a palavra como se esta lhe deixasse um gosto horrível na boca.

Pamela reparou que, mesmo com a mão ferida ainda apertada contra o corpo e sofrendo com dores terríveis, Apolo balançou a cabeça e sorriu para a irmã, tranquilizando-a.

— Não ficarei defeituoso coisa nenhuma.

Ártemis conseguiu controlar os soluços por tempo suficiente para segurar o braço de Eddie.

— Oh, por favor... Não o mande embora!

— Eu nem pensaria nisso — respondeu o homenzarrão, dando-lhe um tapinha na mão. — Transfiram o equipamento que for preciso para o quarto dele — ordenou aos paramédicos. — Vou chamar meu médico particular para atender Febo.

Admirada, Pamela viu os paramédicos se prontificarem a obedecê-lo, e Eddie puxou o sempre atento James de lado, a fim de lhe explicar quem deveria ser chamado, o que deveria acontecer, quando, como e por quê.

Como se estivessem no olho de uma tempestade, Pamela, Ártemis e Apolo tiveram sua privacidade assegurada por um momento.

— Hermes? — Ártemis perguntou a Pamela num sussurro.

Ela respondeu no mesmo tom baixo:

— Ele apareceu quando Apolo... — Pamela hesitou, olhou para o deus e o viu assentir de leve. — ... quando ele foi picado pela cobra — minimizou. — Hermes tirou o veneno do corpo dele, mas deixou a dor por ordem do pai de vocês.

— Precisamos comparecer perante Zeus logo após o anoitecer de sexta-feira. Ele decidiu fechar o portal em seguida. Permanentemente.

Pamela viu a surpresa no rosto da deusa. E, quando Eddie se apressou a se juntar a eles outra vez, quase teve a certeza de ter visto algo mais... Algo parecido com tristeza.

— Está tudo sendo arranjado, meu amigo — o autor falou a Apolo.

— Obrigado, Eddie. Vou me lembrar para sempre da sua bondade — declarou o deus, muito sério.

Eddie pôs a mão no ombro de Apolo.

— É um prazer seguir antigas regras. Na minha casa, o vínculo entre hóspede e anfitrião ainda é sagrado.

Apolo curvou a cabeça em reconhecimento.

— Se os deuses ainda escutam o Mundo Moderno, poderá ser abençoado por isso.

— Eu já fui abençoado — garantiu o homem, tomando a mão de Ártemis para levá-la aos lábios.

CAPÍTULO 30

— Então a conclusão geral é que a cobra o mordeu com pouco ou nenhum veneno — comentou Pamela, sentada ao lado de Apolo na cama. — Meus parabéns... Enganou a todos.

Ele mudou de posição, impaciente, e moveu o ombro direito.

— Achei que eles nunca fossem embora.

— Ei, eu gostei do médico de Eddie...

— O dr. Kevin Glenn era jovem demais e inteligente demais. Ele sabia que eu estava escondendo alguma coisa; estava escrito em seus olhos. Mas não sabia dizer o quê.

— Isso porque não é tão bom ator quanto sua irmã.

Apolo fez uma careta.

— Ela também parecia não ir embora nunca.

— Ártemis está apenas preocupada com você.

Ele suspirou e tentou encontrar uma posição mais confortável para a mão enfaixada.

— Eu nunca gostei de serpentes. Sei que Deméter ficaria injuriada em ouvir isso, mas, desde que enfrentei Píton, fico inquieto na presença delas.

— Píton era venenosa? — Pamela aproveitou que eles se encontravam finalmente sozinhos para revirar a bolsa à procura de sua caixinha de remédios.

— Não, mas era grande o suficiente para engolir um homem.

Ela olhou para ele.

— Está de brincadeira, não está?

— Nem um pouco.

Pamela estremeceu.

— Que coisa nojenta! — Escolheu dois comprimidos brancos e grandes, e os entregou a Apolo. — Espere... Isto vai ajudar. — Foi até o minibar e apanhou uma garrafa cara de *Pinot Grigio* gelado. Hóspedes de E. D. Faust não eram tratados com aquelas garrafas de miniatura baratas, oferecidas nos aviões...

Abriu-a e serviu duas taças. Esperou até que Apolo jogasse os dois comprimidos na boca e, em seguida, ofereceu-lhe o vinho.

— Melhor trazer a garrafa — ele decidiu, após dar conta da bebida em três goles.

Pamela fez como o deus pedia, reabastecendo a taça. Com apenas ela no quarto, Apolo não sentiu necessidade de mascarar sua luta contra a dor e, a cada vez que fazia uma careta ou esfregava o ombro, ela queria gritar sua frustração para os Céus outra vez.

— Ele não devia deixá-lo com tanta dor — desabafou, incapaz de manter o pensamento para si mesma por mais tempo.

Apolo tomou um longo gole do vinho e bateu no colchão, a seu lado.

— Sente-se aqui, perto de mim... Vou lhe falar um pouco a respeito de meu pai. Zeus é o nosso Governante Supremo. Ele é generoso, compassivo, bondoso e protetor para com seus filhos. Mas nunca beneficia os mentirosos ou aqueles que quebram um juramento. Sua voz pode ser ouvida no farfalhar dos galhos dos antigos carvalhos. Zeus é bom e majestoso, mas também é o Senhor dos Céus, o Deus da Chuva e o Senhor das Nuvens, e empunha um raio poderoso. É um deus apaixonado, ciumento e, quando o provocam, sua ira é algo terrível de se ver.

— Ele soa como um paradoxo.

— É o que todos nós somos: não apenas uma coisa ou outra, mas uma mistura de todas elas.

— Isso não me parece um deus dos deuses, e sim um homem — confessou Pamela.

— Verdade — concordou Apolo. — No Mundo Antigo, os deuses não criaram o Universo. Foi justamente o contrário: o Universo criou os deuses. Pense no Universo: nos céus e na Terra, no sol e na lua. São todos uma coisa ou outra?... É como a serpente, esta tarde. Ela despertou minha raiva, eu acabei por matá-la, mas ela não fez por mal. Entretanto, seu veneno é como o fogo do inferno em que o seu Mundo Moderno acredita.

— O que está dizendo, então, é que Zeus não é mau; é apenas imperfeito.

Apolo sorriu e ergueu a taça para ela em resposta.

Pamela o observou esvaziar o segundo cálice de vinho. O dia havia judiado de seu corpo mortal. Mesmo que Apolo não corresse risco de morte, as manchas escuras sob seus olhos, a palidez de sua pele e as novas linhas de tensão em seu rosto eram preocupantes. Enquanto o médico de Eddie o examinara, ele colocara um par de pijamas com calças de cordão. Tinha deixado a parte superior desabotoada, de modo que a equipe médica que pairara a seu lado pudesse manter permanente controle sobre seus sinais vitais.

Felizmente todos eles tinham ido embora e levado consigo seus cateteres, monitores, caretas de reprovação e aquele cheiro de hospital que parecia ficar impregnado na pele. Agora Apolo aparentava ser apenas um homem normal, bonito, que acabara de passar por um dia muito longo e difícil.

E isso era tudo o que ela queria pensar dele. Claro que poderiam conversar sobre os deuses e o Mundo Antigo, mas aquilo tudo afigurava-se muito abstrato e surreal diante de sua pele quente e de seu sorriso carinhoso.

A verdade, contudo, era que, na sexta-feira, Apolo iria voltar para o Olimpo. O portal iria se fechar, e ele sairia de sua vida.

Sentiu o coração pesar no peito.

— O que foi? — o deus quis saber.

Seus olhos encontraram os dele. Apolo parecia tão cansado!... Ela não podia colaborar

ainda mais para seu sofrimento. Não naquela noite.

Obrigou-se a sorrir.

— Percebi que ainda não lhe agradei por ter salvado a minha vida.

Apolo inclinou-se e passou os dedos na medalha dourada que ela carregava no pescoço.

— Eu me comprometi a protegê-la. E nunca quebro um juramento.

Seu toque mudou da medalha para acariciar de leve a lateral de seu pescoço, e Pamela estremeceu.

— Está com frio, doce Pamela — ele murmurou.

— Como eu poderia estar com frio se me toca assim?...

O sorriso de Apolo foi radiante.

— Viu? Sou o mesmo — mortal ou imortal. Você ainda sente o meu calor. — Ele se inclinou para mais perto dela e capturou seus lábios nos dele. Quando ela tentou suavizar o beijo e resistir a seu apelo erótico, Apolo sussurrou contra sua boca: — Ajude-me a esquecer a dor. Deixe que eu me perca em você...

Como ela poderia resistir?, perguntou-se Pamela. Estava ardendo por ele!

E ela o amava.

Mesmo assim, pôs a mão em seu peito, e Apolo interrompeu o beijo, lançando-lhe um olhar surpreso.

— Esta noite *eu* quero fazer amor com você... Permita isso — Pamela pediu com voz rouca.

Quando empurrou os ombros largos para trás, de encontro aos travesseiros de penas, ele não se opôs. Ela se levantou, então, tirou a blusa por sobre a cabeça, depois se livrou do short e dos sapatos. Em vez de se juntar a Apolo na cama, contudo, deu alguns passos para trás, de modo que ele tivesse uma visão clara de todo o seu corpo.

Adorava a maneira como os olhos do deus a tragavam. Ele a fazia se sentir bonita, desejável, poderosa.

Deve ser assim que uma deusa se sente, pensou.

Aceitar o amor de Apolo a havia transformado. Decidir se entregar a ele a arrancara da escuridão da sombra de Duane e jogara luz em seu mundo. Apolo era um deus, e ela, uma mortal; mas, com o amor dele, ela se tornara a própria Deusa da Luz.

Devagar, alcançou o fecho do sutiã de renda branco e simples. Após tirá-lo, deixou as mãos deslizarem sobre os seios sem pressa, brincando com os mamilos rosados até senti-los rijos. Com cuidado, acariciou o próprio corpo, livrando os quadris redondos da calcinha.

Os olhos de Apolo a devoravam.

Nua, Pamela se aproximou da cama.

— Não — ordenou, sorrindo, quando ele tentou se sentar para ir ao seu encontro. — É a

minha vez, lembra-se?

— Você é tão linda, Pamela... — Apolo murmurou. — Espero que... — ele se interrompeu, soltando uma risada seca.

O que ela estava pensando?, pensou Pamela, mortificada. Apolo sofrendo dores terríveis, e ela agindo como uma *stripper* quando, na verdade, ele precisava de uma enfermeira!

Descansou os dedos com cuidado sobre o braço enfaixado.

— Posso ficar aqui, a seu lado. Não precisamos fazer nada.

— Não é isso — ele falou, aflito. — Eu quero você, quero que faça amor comigo. Só espero não decepcioná-la. Eu já disse que não usei nenhum dos meus poderes imortais para seduzi-la, e é verdade. Mas quando eu a amei... — ele moveu os ombros, inquieto — ... não pude evitar tocá-la com a minha magia. Esta noite não haverá nenhuma magia, nenhum poder. Serei apenas um homem.

— Jamais será *apenas* um homem, Apolo. Será sempre o homem *que eu amo*.

— Minha doce Pam...

Seu nome mudou para um gemido de puro prazer quando ela deslizou as mãos pela blusa do pijama, abriu-a e esfregou a ponta dos seios contra o peito musculoso, ao mesmo tempo que mordida de leve o lábio inferior e a linha firme do maxilar quadrado. Em seguida, passou a mordiscá-lo corpo abaixo, deixando um rastro quente, até desatar com habilidade o laço que lhe prendia as calças. Pôde ouvi-lo soltar uma exclamação quando o segurou nas mãos, esfregando o eixo rijo na maciez de seus seios.

E então sua boca estava nele. Primeiro usou os lábios e a língua ao longo do membro espesso e sólido, amando o modo como o corpo de Apolo estremecia e enrijecia sob seu toque, e também o modo como ele gemia seu nome cada vez mais. Engoliu-o, sugando e provocando até ouvir um grito rouco:

— Não posso esperar mais!...

Com um movimento rápido, ela montou nele. Apoiando-se nos joelhos, posicionou a ponta rija em seu calor úmido e fixou os olhos no calor azul e intenso dos olhos de seu deus.

Deixe que eu o livre da dor, mesmo que apenas por um momento!, rezou em silêncio a qualquer deus ou deusa que pudesse estar ouvindo. Então empalou-se nele, lenta, deliciosamente, engolindo-o inteiro.

Com um movimento provocante, ergueu o corpo, sentindo o membro de Apolo pulsar contra ela, então deslizou para baixo outra vez. Bem devagar. Envolveu-o, até que uma deliciosa tensão aumentou além do que ela podia suportar. Apenas nesse momento guiou a mão dele para o quadril e deixou que Apolo aumentasse o ritmo.

Moveram-se juntos, com urgência, e o delírio da paixão mortal preencheu seus corpos com um calor que foi crescendo, irrefreável, até se tornar insuportável.

Quando percebeu o corpo de Apolo se reter sob o dela, Pamela moveu o seu próprio, cavalcando-o com mais ímpeto, de modo que, quando ele derramou sua semente morna dentro dela, também explodiu em um poderoso orgasmo.

Ao desabar sobre Apolo pouco depois, Pamela sentiu os corpos suados escorregarem um contra o outro e o braço do deus se apertar em torno dela.

— Eu *te* amo! — ofegou o deus, beijando-a com delicadeza.

Pamela aninhou a cabeça junto ao ombro largo, tomando o cuidado de manter o próprio peso distante de seu braço direito.

Ao mudar de posição para puxar o lençol em torno deles, seu sorriso satisfeito se ampliou para um de felicidade. Com os olhos fechados, o rosto de Apolo finalmente parecia livre da dor, relaxado e tranquilo, e ele caíra em um sono profundo.

— Obrigada — sussurrou para o vazio.

— Eu não sei, Apolo. Não me sinto bem deixando você. — Pamela parou perto da cama, brincando com a pulseira de couro da pasta. Por insistência dele, ela se vestira e ficara pronta para voltar a trabalhar na *villa*.

Afinal, Apolo lembrou, não havia nada de errado com ele. E ela ainda tinha muito trabalho a fazer.

— Vai ficar tudo bem. Eu tenho isto... — ele pegou o controle remoto — ... e isto. — Tocou com o dedo o guia de canais. — E já me explicou tudo sobre televisão a cabo. Ficarei bem entretido.

Pamela franziu a testa.

— Não se esqueça do meu telefone. Meu número é...

— Sim, sim, o seu número está escrito no papel perto do aparelho. Pode ir agora. Eddie deve estar à sua espera.

— Está bem. — Ela se inclinou para beijá-lo. — Mas sinto que estou fazendo alguma coisa errada.

— Esta noite, quando voltar para a minha cama, prometo que a deixo me compensar por estar me abandonando.

— Eu não quero *te* abandonar!

Apolo riu, então fez uma careta, esfregando o braço ainda dolorido.

— Eu só estava provocando você, doce Pamela. Na verdade, eu a invejo. Vou sentir falta do trabalho hoje. Tem certeza de que não há nenhuma maneira de eu...

— Você já conversou sobre isso com Eddie, e ele se recusou a deixá-lo sair deste quarto, exceto para jantar na varanda, até sexta-feira.

A reação irritada de Apolo foi interrompida por uma batida na porta. Pamela a abriu e deparou com o corpanzil de Eddie preenchendo o vão da entrada.

— Acredito que tenho um trabalho pelo qual Febo ficará muito interessado... — O autor deu um passo para o lado, fazendo um gesto autoritário, e dois homens carregaram para dentro da suíte uma pequena mesa de desenho, seguidos pelo arquiteto com quem Apolo vinha trabalhando no projeto da casa de banhos. — Se Maomé não vai à montanha, a montanha vem a Maomé!

— Brad! Não devia estar na *villa*? — indagou o deus.

— Devia. Você também, mas parece que uma cobra decidiu mudar os nossos planos. — O arquiteto deu-lhe um tapinha no ombro e, em seguida, desculpou-se ao vê-lo apertar os lábios contra a dor que causou o movimento brusco. — Sinto muito, Febo. Uma cascavel também picou o meu cunhado no ano passado. Ele disse que doeu à beça, tanto que ficou de cama por uma semana. — Olhou para Eddie. — Talvez devêssemos retomar de onde paramos amanhã.

— Não! Não sei o que vocês têm em mente, mas posso garantir que estou mais do que disposto — Apolo falou depressa.

— Mas só se prometer que não vai sair daí! — Eddie entrou no quarto. — Bradley trouxe as plantas do balneário para que você o ajude a terminá-las. Isso se ficar na cama e continuar descansando.

— Tem o meu juramento — prometeu Apolo já sentado, a atenção voltada para os papéis compridos e lisos que Bradley foi desenrolando e prendendo à mesa de desenho.

— Venha, Pamela — chamou o autor. — Vamos deixar o balneário para os especialistas. A deusa nos aguarda no carro.

Enquanto eles deixavam a suíte, o resmungo de Apolo chegou até eles:

— Está aí uma coisa da qual eu não sentirei falta hoje...

— Obrigada, Eddie — agradeceu Pamela, apertando o braço do homenzarrão.

Ele sorriu para ela.

— De nada, minha querida. Febo não me parece um homem que se sente bem com a inatividade.

— Tem razão. Na verdade, tem razão em mais do que isso.

A expressão sorridente de Eddie tornou-se contemplativa.

— Parece feliz esta manhã, Pamela...

— Sim, eu estou feliz. Concluí que Sêmele não se arrependeu de sua escolha — ela confessou.

CAPÍTULO 31

Pamela olhou para o relógio e soltou uma exclamação.

— Eddie! São quatro horas! Você não disse que as reservas para o nosso jantar eram para as seis?

— Tem razão, Pamela! — Eddie falou do outro lado do caótico pátio. Levantou-se do banco de um salto e se moveu pesadamente, ficando atrás de Matthew, que tratou de dar os últimos retoques no esboço da fonte.

Ártemis desceu com graça de seu pedestal e se juntou ao autor. Em seguida, Pamela pôde ouvi-los parabenizar Mateus por seu bom trabalho.

Um trabalho muito bem-feito...

Era tarde de sexta-feira, e o serviço estava longe de ser terminado. Como dois dias e meio haviam ido embora tão depressa?

Correu a mão pelos cabelos. Estava exausta e estressada além da conta. Tinha passado os últimos dias concentrada em dar forma à *villa* de sonho de Eddie: fazendo malabarismos com os pintores e pedreiros, resolvendo problemas de instalação e contratempos com os tecidos.

As noites, ela havia passado nos braços de Apolo, às voltas com o amor do Deus Sol. Dormira muito pouco, vinha trabalhando feito uma condenada... e eles ainda estavam atrasados.

Mas não trocaria um único instante do que tinha vivido.

— Pamela, que tal isto para as paredes *de mentirinha* do *home theater*?... — O finalizador *de mentirinha* apontou sua caneta de penas com afetação para uma placa que fora pintada com um bordô escuro e delicados veios pretos e dourados.

— Absolutamente perfeito desta vez, Steve — ela falou com alívio. — Exatamente o acabamento que eu queria para o cômodo.

— Maravilha. Vai ficar *um arraso*, querida! — Ele acenou com a pena, exultante. — Vou começar na segunda-feira pela manhã — declarou Steve, entusiasmado.

— Estarei aqui — prometeu Pamela.

Steve acenou com a cabeça e saltitou, feliz, de volta para a casa, a fim de juntar suas coisas e ir embora para o fim de semana.

Bem mais séria, Pamela se pôs a arrumar com cuidado as anotações do dia na pasta. Também estaria de volta na segunda-feira. Bem ali, em Las Vegas. No mundo moderno mortal.

E Apolo e Ártemis estariam no Olimpo.

Não haveria mais jantares na varanda para eles na companhia do fantástico e divertido Eddie. Nenhuma conversa com Apolo sobre o mármore novo que acabara de chegar para o

banheiro da suíte máster e que estava na cor errada. Nenhum projeto criado em conjunto, que logo se transformaria em mosaico nos pisos do balneário novo de Eddie...

Ainda assim, seus lábios se inclinaram em um sorriso secreto quando pensou nos últimos dois dias. Além de trabalhar pessoalmente com o arquiteto e, mais tarde, por meio de um telefone e de um maravilhoso *notebook* que Eddie fornecera — e que o deus dominara com admirável facilidade —, Apolo estava se tornando um verdadeiro cinéfilo. Antigo deus ou não, havia certas coisas nele, agora, que eram típicas de um homem moderno. Como o fato de adorar aprender sobre eletrônica; e como aderira ao controle remoto para ficar *zapeando*. Na noite anterior, quando ela chegara do trabalho na *villa*, encontrara-o absorvido no segundo filme de *O Senhor dos Anéis*.

— Aragorn me lembra Heitor. E o pequeno *hobbit*... o pequeno *hobbit* tem o coração do fiel Pátroclo, de Aquiles.

— Frodo se parece com esse tal de Pátroclo? — tinha indagado.

— Não. Eu não estava pensando em Frodo. Estava pensando em Samwise. Espero que, no final, ele se saia melhor do que Heitor e Pátroclo — Apolo declarou, muito sério.

Ela não se lembrava tão bem de mitologia para saber do que ele estivera falando, contudo lhe assegurara que Aragorn e Sam haviam tido finais felizes.

Apolo resmungara, então, e erguera a mão boa num protesto.

— Não me conte o final ou vai perder a graça.

E ela quase tinha contado. Era um filme comprido, e o tempo estava se esgotando para Apolo. Ele poderia nunca mais ver *O Retorno do Rei*.

Tomaram uma decisão bem tarde naquela noite.

Não, Pamela se corrigiu. *Ela* tomara a decisão. E se lembrava bem da tensão que irradiara do corpo de Apolo quando ele percebera que ela não iria, não poderia retornar com ele ao Olimpo.

— Eu seria inútil lá, Apolo.

— Inútil? Como pode até mesmo pensar em uma coisa dessas? — Ele fizera um gesto cheio de frustração com a mão ainda enfaixada e, em seguida, soltado uma exclamação pela dor aguda que causara a si próprio. — Pelos deuses, não vejo a hora de me ver livre desta dor! — completara, nervoso.

Ela mudara de posição e, em vez de ficar esticada a seu lado, deitara-se sobre ele. Delicadamente, tinha massageado seu ombro direito, sentindo-o relaxar sob os dedos.

— Melhor?...

Apolo balançara a cabeça e a beijara na palma da mão.

— Seu toque me acalma. É a única coisa que consegue aliviar essa dor sem fim... Não vê o quanto eu preciso de você comigo?

Ela havia sorrido para ele, tristonha.

— Apolo, nenhuma cobra vai feri-lo no Olimpo.

— Não, mas a sua ausência vai.

— Eu sei. — Ela mordera o lábio. — Também vai doer em mim ficar sem você.

— Então venha comigo! É a minha alma gêmea, e quero que seja também minha esposa.

Pamela tentou digerir a amargura de um futuro sem Apolo. Como se fosse fácil.

— O que eu faria no Monte Olimpo, em meio a vocês, deuses? — Tinha balançado a cabeça e, quando ele abrira a boca para protestar, mal tomara fôlego. — Por mais que deseje isso, eu não sou nenhuma artista. Não quero nenhum estúdio divino onde eu possa fingir que sou talentosa e que estou interessada em criar peças sabe-se lá do que para sabe-se lá quem... — Tinha balançado a cabeça de novo e suspirado. — Apolo, por acaso há algum mortal vivendo lá? Qualquer mortal?

— Muitas das ninfas e servas são semideidades — ele afirmara depressa. — E é comum se permitir que alguma sacerdotisa ou sacerdote visite seu protetor imortal.

— Semideidades não são mortais. Sacerdotisas e sacerdotes podem até *visitar* o Olimpo, mas depois voltam a viver sua vida mortal — ela observara, tristonha.

— Vai ser a minha esposa. Vou pedir a Zeus que a torne imortal.

Ela havia puxado a mão da dele.

— Vamos supor que eu me casasse com você e me transformasse em uma imortal. O que faria pelo restante da eternidade? Eu não teria um reino como sua irmã. Não teria trabalho, Apolo. Eu não teria nada além do que estaria autorizada a ter por seu intermédio.

Nesse momento, notara o brilho de compreensão nos olhos do deus.

— Seria outra jaula — ele falara devagar. — Não sou Duane, mas isso pouco importa. Para você seria como outra gaiola: maior, mais importante e mais dourada, talvez, mas...

— Ainda uma gaiola — ela completara.

Apolo tinha tornado a lhe segurar a mão.

— Então eu fico aqui.

Ela arregalara os olhos e sacudira a cabeça com força.

— Não! Você não pode! É Apolo, o Deus da Luz. Não pode abandonar o seu mundo. Não definitivamente. Sabe que não pode. O que aconteceria com as pessoas, lá? Não as estaria condenando à escuridão?

— O sol pode cruzar o céu antigo sem mim. Minhas éguas conhecem o caminho que minha carruagem dourada deve tomar, pois o percorrem, muitas vezes, sem que eu as esteja conduzindo.

— Apolo, não seria certo. Não pode deixar o Olimpo. Não pode ser um mortal.

— Fui mortal esta semana e posso sê-lo por uma vida.

— E quanto tempo esta duraria? Pense no que aconteceu em seu primeiro dia como mortal... Você morreu! — As palavras brotaram de seus lábios. — Não importa o que diga à sua irmã, a Eddie ou a si mesmo, eu estava lá. Eu vi acontecer. Você salvou a minha vida, e em seguida perdeu a sua. Se Hermes não tivesse aparecido, estaria morto agora. — Ela havia respirado fundo, sentindo que tremia enquanto segurava a mão dele. — Eu não poderia suportar isso, Apolo. Eu não poderia vê-lo morrer outra vez.

— Sshh... — ele murmurara, puxando-a para os braços. — Deve haver uma saída. Vamos encontrá-la.

— Como? — tinha indagado de encontro ao calor de seu peito.

— Levarei essa questão ao meu pai. Pedirei a ele que me permita acessar o seu mundo.

— E se ele disser “não”?

— Eu não sei, mas Deméter e Perséfone fizeram um acordo. Podemos fazer, também. — Apolo colocara um dedo sob seu queixo e lhe erguera o rosto. — Não vou ficar separado da minha alma gêmea. Tem o meu juramento, Pamela.

Sua boca descera sobre a dela com tanto ímpeto e proteção que ela ainda podia sentir seu calor ali no pátio...

Pamela estremeceu e tratou de prestar atenção aos papéis soltos em suas mãos. Era sexta-feira. O sol iria se pôr em apenas algumas horas, Apolo e Ártemis passariam pelo portal, retornariam ao Olimpo... e ela poderia nunca mais vê-lo outra vez.

Foi como se ela também houvesse sido envenenada, tal foi a onda de dor que o pensamento provocou.

— Pamela?

Ela olhou por cima da tampa aberta da valise direto para os olhos de Ártemis. A deusa parecia ter dormido muito pouco na noite anterior e, a despeito da luminosidade em seu rosto — resultado da magia da maquiagem moderna —, ainda era possível ver as manchas escuras sob seus olhos.

— Parece cansada — comentou Pamela.

— Meus pensamentos não me deixam descansar.

— Pensamentos?

— Estou preocupada com você. E com Eddie. — Os olhos da deusa se desviaram para o local onde, com sua habitual animação, o autor conversava com um dos representantes de tecidos. — Percebi, com a aproximação do crepúsculo, que não estou tão ansiosa como imaginava por deixar o seu mundo.

Pamela sorriu. Ártemis não estava menos vaidosa, mimada ou mandona, mas seu relacionamento com Eddie tinha, definitivamente, suavizado seus modos. Parecia mais calorosa, e não fria como a perfeição do mármore. Havia se tornado uma mulher em toda a

concepção da palavra.

— Vou sentir sua falta, Ártemis.

— Então venha conosco! — pediu a deusa. — Caso se canse do Olimpo, poderá visitar o meu reino. Minhas florestas sempre acolherão a esposa de meu irmão.

— Não posso — Pamela murmurou, tocada pelas palavras da deusa. — Eu não pertencço àquele lugar.

— Você pertence a Apolo — Ártemis afirmou com segurança.

— Se eu for com ele, vou me perder. E depois não haverá nada mais em mim que ele possa amar.

Ártemis inclinou a cabeça e estudou Pamela.

— É dona de grande sabedoria, minha amiga. Daria uma excelente deusa.

— Senhoras! — Como um dos Titãs, Eddie se avultou sobre elas.

— Precisamos nos apressar. Febo nos espera, assim como o nosso jantar. Prometi deixá-las na entrada do Caesars Palace às oito da noite em ponto, para que o seu próprio motorista possa levá-los de lá para o aeroporto... — Eddie franziu a testa, demonstrando seu descontentamento pela história que elas tinham elaborado.

Para que o escritor não as seguisse até o Caesars Palace, Ártemis dissera a Eddie que sua rica família grega iria enviar seu próprio automóvel para buscar o irmão e a ela pontualmente às oito no hotel (no pôr do sol, de acordo com a pesquisa que Pamela fizera na internet), e que ela não suportava despedidas em aeroportos.

Apolo tinha ficado pálido como cera quando Pamela lhe explicara que um avião era algo enorme, parecido com um grande carro voador.

Eddie continuava insatisfeito com o arranjo, porém, como de costume, não contrariou as exigências de sua deusa. Deu apenas um longo suspiro.

Pamela reparou em como ele parecia repentinamente envelhecido.

— Concordei com a sua vontade, minha querida, mas, para isso, precisa ser pontual. Planejei um jantar de despedida espetacular para nós.

— Eddie!... — Ártemis fez um lindo beicinho, deslizando o braço pelo dele e distraíndo-o, a fim de evitar mais discussões acerca de limusines e jornadas até o aeroporto. — Espero que tenha reservado um restaurante com uma boa vista. Sempre adorei nossos jantares naquela varanda maravilhosa, e não gosto nem mesmo de pensar no quanto vou sentir falta deles.

— A paisagem estará sempre esperando por você quando estiver cansada de suas viagens. Mas, esta noite, minha deusa, me pareceu sábio tentar algo novo. — O autor tocou a face de Ártemis, e ela a usou para lhe acariciar a mão.

O sorriso de Eddie quase escondeu a triste resignação que assombrou seu semblante.

Pamela os seguiu através do pátio, pensando que o escritor poderia muito bem ser um ator

ainda mais competente do que a deusa.

— Sinceramente, eu detesto essas criaturas de metal — Apolo resmungou por entre os dentes após sair, desajeitado, do banco da frente da limusine.

— Senhor? — O porteiro do Bellagio pareceu confuso.

— Ele fica enjoado — explicou Pamela.

O homem, de forte sotaque inglês, examinou o rosto esverdeado do deus e sua mão enfaixada. Bufou de leve e, em seguida, abriu caminho.

Pamela segurou o braço bom de Apolo e o conduziu para a calçada. Ele passou a mão pela testa e tentou controlar o próprio estômago enquanto eles aguardavam pelo longo processo que era tirar Eddie e Ártemis do que ele, Apolo, considerava o estômago da limusine...

— Prometa que, quando chegar a hora de voltarmos ao Caesars Palace, iremos a pé até lá — ele sussurrou ao pé do ouvido de Pamela.

As palavras a fizeram se lembrar do pouco tempo que tinham juntos.

Como se ela precisasse de um lembrete!... Ironicamente, era como se o sol zombasse deles, correndo em direção ao horizonte.

Pamela tentou, sem sucesso, sorrir para Apolo.

— Prometo.

Ele encontrou seus olhos.

— Não vou viver sem você. Vai dar tudo certo. Lembre-se de que tem o meu juramento.

Ela assentiu com um rápido gesto de cabeça.

Ele é Apolo, o Deus da Luz... Pode fazer isso acontecer. Pode encontrar um modo de ficarmos juntos!, disse a si mesma com determinação enquanto piscava para combater uma súbita onda de lágrimas.

Precisava se concentrar nos arredores e se controlar. Não importava o que iria acontecer. Não queria que a última lembrança de Apolo fosse de lágrimas e um coração partido. Queria que ele soubesse que ela acreditava nele: em seu poder e em seu amor.

A entrada do Bellagio consistia de um passeio circular ornamentado, que ficava de frente para uma galeria. Esta, por sua vez, se debruçava sobre um lago artificial calmo e escuro que, ela sabia, só estava esperando uma nota musical para ganhar vida e luz.

— As fontes — comentou Apolo, seguindo seu olhar. Passou o braço em torno dela, então, e a apertou intimamente contra o corpo. — Nossas fontes.

Pamela o fitou e, dessa vez, sorriu. Ele era tão forte e seguro de si!... Tão real.

Não podia duvidar de Apolo. Fora contemplada com um juramento do Deus da Luz, e ele não iria decepcioná-la.

Mais importante do que isso: ele não decepcionaria nenhum deles dois.

— Sim, são as nossas fontes — concordou enfim.

— Não vamos nos demorar! Tenho uma surpresa para a minha deusa para a qual precisamos chegar na hora.

Eddie e Ártemis passaram por eles e entraram no Bellagio.

Pamela e Apolo seguiram mais devagar. Uma vez na entrada do hotel, ela estacou e olhou para o teto, chocada.

— Dale Chichuly! — falou, maravilhada, olhando para a espantosa obra de arte que enfeitava o saguão do Bellagio. — Eu tinha me esquecido de que foi ele quem projetou isto.

Curioso, Apolo estudou o teto.

— É uma iluminação um tanto incomum.

— É incrível! Repare na complexidade do vidro soprado e no brilho das cores. É como uma floresta de águas-vivas. Pena que Eddie não escolheu esta decoração em vez daquela coisa *cafona* do Caesars Palace — comentou em voz baixa, com uma risadinha.

— Eu não sei. — Apolo a abraçou e a beijou no topo da cabeça. — Acabei me afeiçoando ao gosto excêntrico de Eddie. Afinal, foi graças a ele que nos conhecemos.

— Está brincando... Está de brincadeira! — falou Ártemis, segurando o irmão pela manga e puxando-o até onde Eddie esperava, impaciente, diante de um restaurante onde se lia “Olives” em letras douradas.

— E. D. Faust e companhia. Tenho uma reserva especial — o autor anunciou ao *maître*.

— Claro, sr. Faust. Por aqui, por favor...

Eles seguiram o *maître* através do opulento restaurante — que se encontrava lotado na agitada noite de sexta-feira — até uma parede de janelas chanfradas, no meio da qual havia uma porta de vidro do chão ao teto. Um garçom a abriu para eles, revelando uma imensa varanda de mármore, a qual, por sua vez, dava direto nas famosas fontes do Bellagio. O *maître* os conduziu até a única mesa posta com toalha de linho, porcelanas e cristais, então se curvou primeiro para Ártemis, em seguida para Pamela, acomodando-as nas cadeiras de veludo bem estofadas.

— Conforme suas instruções, sr. Faust, a varanda foi reservada exclusivamente para os senhores.

— Perfeito. Agora pode servir o *Dom Perignon*.

— Oh, Eddie! Como sabia que eu estava louca para tomar esse delicioso champanhe outra vez? — encantou-se Ártemis.

— Li isso em seus belos olhos, minha deusa — declarou o escritor.

Pamela revirou os olhos e compartilhou um olhar divertido com Apolo.

O garçom desarmou a garrafa e, conforme servia o champanhe, as primeiras notas da música-tema de *Chorus Line* deu vida às fontes.

One! Singular sensation...

À medida que a música tocava e as águas dançavam, Eddie ergueu a tulipa de cristal para Ártemis.

— À você, minha deusa. Uma sensação indescritível...

— Oh, Eddie! — ela murmurou, tocando o copo no dele e piscando para combater as lágrimas que lhe inundaram os olhos. — Você me encanta!

— É um prazer muito grande para mim — ele garantiu, os olhos também brilhando de modo suspeito. Em seguida, limpou a garganta e fez um sinal para que o garçom trouxesse os cardápios.

O jantar contra o pano de fundo dos chafarizes dançantes e o céu do deserto — que, devagar, passava do azul para púrpura — foi espetacular. Com eles sozinhos ali, na varanda, a noite parecia cheia de magia e mistério. Embora estivessem no coração de Las Vegas, em uma noite movimentada de sexta-feira, tinham privacidade e uma infinidade de mordomias.

Para Pamela, foi como se eles tivessem ganhado um camarote especial dos deuses da cidade.

E quem poderia duvidar? Talvez fosse isso mesmo. Afinal, coisas mais estranhas já haviam acontecido...

Quando a última das muitas canções tocadas nas fontes cessou, Eddie olhou para o relógio. Muito sério, ergueu o corpanzil da cadeira e ficou de frente para a mesa.

— Já são quase oito horas. Compartilhamos o vinho e a comida, nossa amizade e boa música. — Seus olhos gentis se desviaram de Pamela para Apolo antes de pousar em Ártemis. — Agora, infelizmente, devo me despedir. Mas eu lhes disse antes que tinha uma surpresa... — Seu olhar permaneceu sobre o belo rosto de Ártemis. — Principalmente para você, minha deusa. — Fez um gesto, abrangendo os arredores. — Parte da surpresa foi este ambiente e o jantar. A outra parte é que eu gostaria de anunciar que me decidi sobre o assunto da minha próxima trilogia épica. Esta manhã, o meu editor concordou com a minha proposta para três livros. Eles vão contar a história de um guerreiro que é enviado por seu povo, o qual está morrendo, em uma missão quase impossível, para conquistar o coração de uma deusa que, por sua vez, promete retornar com ele, viver a seu lado e salvar seu mundo. A capa dura de cada livro irá retratar uma imagem que será sagrada durante toda a jornada do herói: a imagem de uma deusa. Essa imagem será nada menos do que aquela que o nosso Mateus fez de você. — Eddie terminou o discurso com um floreio, curvando-se para a mulher que ele proclamara sua diva.

Ártemis nada disse. Em vez disso, levantou-se e caminhou até Eddie.

— Obrigada, meu guerreiro. — Com graça, ela se curvou em uma reverência. Quando ergueu o corpo delgado e passou o braço pelo dele, Pamela pôde ver que a deusa tinha o rosto molhado.

O escritor apanhou um lenço de seda no bolso e lhe enxugou as faces. Em seguida, num gesto familiar, deu um tapinha na mão que repousava em seu braço.

— Venham. Vamos dar fim a esta nossa jornada.

Em silêncio, os quatro refizeram o caminho através do restaurante, saindo para o saguão do Bellagio. Desta vez, a obra prima de Chichuly não atraiu o olhar de Pamela. Seu coração estava pesado demais, e ela nem mesmo olhou para cima. A única coisa em que conseguia pensar era em continuar segurando a mão de Apolo e em seguir acreditando que aquela não seria a última vez em que iria tocá-lo.

E foi por meio desse toque que Pamela sentiu a tensão do deus quando a limusine estacionou em frente ao passeio circular, o que a fez se lembrar de sua promessa.

— Eddie, importa-se se Febo e eu formos caminhando? Você sabe como ele fica quando anda de carro... — acrescentou, notando, admirada, como sua voz soava normal. Perguntou-se por que seu coração não parecia estar partindo ao meio e por que motivo sua vida não estava se dissolvendo com o pôr do sol.

— Claro! Podemos encontrá-los na frente do Caesars Palace. Assim poderemos todos nos despedir em particular. — O autor conseguiu esboçar um breve sorriso antes de se abaixar para entrar na limusine.

Em seu palácio, no Monte Olimpo, Baco encontrava-se sentado no trono. Fechou os olhos e se concentrou no próprio desejo. Gotas de suor lhe banharam a testa larga, e suas faces se contraíram pelo esforço. Entre os lábios flácidos, formou-se uma linha de espuma branca que entrava e saía com sua respiração.

Onde está?!

Aumentou a concentração. Não entraria em pânico. Não ficaria desesperado. Ele iria encontrar!

Onde?! Onde ela está?

Sentira-a naqueles últimos dias. O fechamento do portal enfraquecera a sensação, porém ele sabia que ela ainda estava lá. Tudo o que tinha a fazer era encontrá-la... e ela seria sua outra vez.

Baco levantou as mãos grossas, segurando-as com as palmas voltadas para cima, como se tentando sentir o ar diante de seu pedestal.

Então algo fez cócegas em sua pele.

Com toda a sua força imortal, ele fechou as mãos, e sua mente apreendeu o tênue fio do vínculo.

Tinha encontrado!... Ele a havia encontrado!

Como um pescador puxando uma presa rara, Baco agarrou o fio da alma da mortal, arrastando-o e reforçando sua conexão até poder enxergá-la com clareza. Ela estava

trabalhando. Parecia pouco mais do que uma escrava, na verdade, condenada a uma vida de trabalho pesado, carregando bebidas para homens de mãos inquietas e ousadas e, às vezes, enfiando-se em cantos escuros para levar um copo aos próprios lábios.

Baco reforçou mais o vínculo, e a mortal drenou o copo de bebida forte.

Sim... Beba-me!... Sorva-me!... Deixe-me aliviar sua dor... sussurrou através do fio, e sentiu que ela oscilava como se também tivesse sentido a conexão.

Fora assim que ela viera até ele; e fora assim que ele criara o elo entre eles: por meio de sua necessidade de beber. Aquilo a obcecava, a consumia... Ele não fizera nada de errado. Simplesmente concedera à mortal seu desejo mais sincero.

A deliciosa ironia daquilo tudo o fez querer gritar de prazer. Usaria a mortal vinculada a ele por conta de sua própria vontade para destruir o elo que o ligava à dourada Ártemis. Ao fazê-lo, os gêmeos teriam uma amostra da dor que a perda de seu reino lhe causara.

A agonia de tal perda ainda se alastrava dentro dele. Eles pensavam que o tinham derrotado...

Culpa de Apolo! Dele e de sua irmã dourada.

Mas Zeus iria puni-los?... Claro que não. Eles eram seus queridinhos, seus favoritos.

Aquilo era insuportável!

O abuso de que fora vítima tinha de ser corrigido. E, desta vez, não haveria demora. Não cometeria nenhum erro.

Baco canalizou sua energia para a mortal. Sorveu sua alma, rindo diante da facilidade com que ela a entregava a ele.

Por intermédio da moça, seu espírito readentrou o mundo mortal, espalhando-se como uma névoa funesta e invisível pelo Caesars Palace. Procurou, olhou...

Pouco depois, com um grito de triunfo, ele encontrou o que procurava. Perfeito. Eles estavam tão distraídos, tão concentrados em seus próprios problemas que nem mesmo pressentiram sua presença.

Satisfeito, Baco tornou a concentrar os poderes sobre a vulnerável mortal. Estava dentro dela, correndo por suas veias e preenchendo sua mente com seus obscuros anseios.

Sim, está indo bem!, persuadiu a moça conforme ela deixava seu posto de trabalho, levando apenas um molho de chaves. *Mais depressa! O tempo urge! Deixe-me dizer o que vai fazer...*

CAPÍTULO 32

Sem falar, Apolo e Pamela caminharam devagar, de mãos dadas, ao longo do passeio que emoldurava as fontes do Bellagio. No momento, as águas se assentavam quietas e escuras, porém o calçamento estava repleto de alegres mortais conversando, e a rua adjacente, cheia de carros em movimento.

As buzinas e as freadas eram muito mais perturbadoras do que a cintilante acrópole do outro lado da rua, concluiu Apolo.

Ignorou a insistente dor que lhe irradiava da mão e subia pelo braço. Não tinha a menor gravidade, pois era algo que teria fim em breve.

E também era de pouca importância se comparada ao peso em seu coração.

Já era quase hora de o sol se pôr. Aquele não era o seu mundo, contudo ele iria se sentir para sempre ligado à luz daquele céu. Podia senti-la ao despertar pela manhã, e sempre sabia quando esta desaparecia no horizonte.

Seu tempo era curto. Ele deveria ficar. Podia ficar. Seria algo simples de fazer. Com a reabertura do portal, seus poderes lhe seriam restituídos. Poderia iludir Pamela e, em seguida, inserir em sua concentração a sugestão de que ela lhe pedira para ficar...

Como um duende do mal, sua própria mente insinuou outras possibilidades. Ele poderia levá-la com ele. Deuses vinham sequestrando suas amantes mortais por eras. O Monte Olimpo era cheio de maravilhas e indescritível beleza. Com certeza Pamela poderia ser feliz lá. E, com certeza, ela o amava o suficiente para perdoá-lo.

Mas estaria agindo de modo diferente de seu ex-marido?... Se tinha aprendido alguma coisa com Pamela, era que o amor não podia ser ditado, exigido nem aprisionado. Não poderia acorrentá-la a ele. Poderia apenas amá-la.

Havia se passado apenas uma semana do dia em que ele acreditara ter conquistado um amor?

Como fora ingênuo!... Mortal ou imortal — o amor não fazia distinção entre postos ou privilégios. O amor era uma questão de alma. Era imaterial e não estava sujeito aos caprichos do homem ou de um deus.

Apolo diminuiu o passo e conduziu Pamela até um banco próximo quando o grupo barulhento, atrás do qual eles vinham andando, parou de repente. Como numa boiada, as pessoas se misturavam, impacientes, chamando umas às outras em voz alta.

— É por causa da rua; eles estão esperando o farol abrir — explicou Pamela, sentando-se a seu lado e olhando para a água escura. Estava normal... ou quase. Lembrava uma lâmpada enfraquecida. Aquela luz habitual tinha desaparecido de seu rosto, o que a deixou mais pálida

e frágil. — O grupo é muito grande. Provavelmente serão necessárias duas mudanças do sinal para que todos atravessassem. — Seus olhos se voltaram para ele, tristonhos. — Depois de ter passado a semana inteira no deserto, toda essa gente me faz sentir claustrofóbica. Será que não podemos ficar sentados aqui por um minuto e deixar que sigam adiante?

— Sim — Apolo concordou, envolvendo-a com um braço. Pamela descansou a cabeça em seu ombro e se aninhou junto a ele. — Não temos que estar lá no exato instante em que o portal ressurgir. Temos tempo.

— Quanto tempo?

— Não muito. Não quero desafiar Zeus, desdenhando de sua ordem para comparecer diante dele.

— O que vai dizer a seu pai?

— A verdade. — Apolo beijou-lhe a testa. — Que encontrei minha alma gêmea no Mundo Moderno e que meu maior desejo é não me afastar mais dela.

— Espero que o seu desejo mais sincero lhe seja concedido tão depressa como foi o meu... — Pamela ergueu o rosto para o dele e, conforme Apolo a beijou, ela aspirou seu perfume. Sua proximidade a acalmava. Quando ele a tocava, conseguia acreditar que o que o deus dizia tantas vezes era a verdade: que tudo acabaria bem.

Relutante, Apolo terminou o beijo, e Pamela sentiu o estômago se apertar.

— Parece que a multidão foi embora — ele comentou.

Pamela olhou para a calçada repentinamente vazia.

— Parece que eles estavam com pressa de chegar a algum lugar. Estranho. — Sentiu um arrepio levantar os pelos dos braços e da nuca. Sua intuição lhe dizia para permanecer ali, sentada no banco ao lado de Apolo, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, ele já se pusera em pé.

Com um forte sentimento de resignação, Pamela concluiu que aquilo não tinha nada a ver com uma suposta intuição, mas com o fato de ela não querer que ele fosse embora.

Distraído, o deus nem sequer se deu conta da estranheza provocada pelo passeio deserto.

— Precisamos ir também — declarou, e a fez ficar de pé a seu lado, passando o braço com firmeza ao seu redor.

Caminharam devagar e, sozinhos no meio-fio, ficaram aguardando que a luz do farol mudasse do vermelho para o verde. Ainda não chegara a hora da despedida, Apolo disse a si mesmo. Ele manteria Pamela próxima por todo o caminho até o Caesars Palace, e não a soltaria até que se encontrassem diante do portal.

De qualquer modo, sua separação seria apenas temporária.

— Meu pai vai ceder — murmurou seus pensamentos seguintes ao ouvido de Pamela. — Ele já foi vítima do amor vezes demais para não conceder o nosso pedido...

— Vítima do amor ou vítima da luxúria? — indagou Pamela.

Apolo sorriu para ela.

— Para meu pai, amor e luxúria fazem parte do mesmo banquete... e Zeus adora uma festa.

Ela bufou com sarcasmo, e de um modo não muito feminino.

Apolo riu, puxando-a mais para junto dele. Não podia perdê-la.

Pamela ofereceu os lábios e, quando ele se inclinou para beijá-la de novo, a fonte ganhou vida.

Pararam, olhando um para o outro, e então o rosto de Pamela se iluminou, cheio de felicidade.

— Perfeito! — ela murmurou em meio a uma risada. — Não poderia ser mais perfeito...

Mais uma vez, Faith Hill pareceu cantar só para eles.

— É o melhor dos presságios. Tudo vai ficar bem — Apolo afirmou, alegre, e virou-se para assistir à dança das águas.

Como se atraído pela música, o deus caminhou até o parapeito. Havia algo no ar... algo em que ele sentia um toque imortal. Tinha que ser um presságio enviado por Zeus.

Olhando por cima do ombro, sorriu, feliz, e fez um sinal para que Pamela se juntasse a ele. Ela sorriu de volta e acenou com a cabeça, mas ficou onde estava, apenas por mais um instante. Apolo olhava as águas cintilantes conforme estas esguichavam para o ar ao ritmo da canção mágica. Era tão maravilhoso que aquele deus magnífico, de alguma forma, fosse a outra metade de sua alma!...

De repente, Pamela acreditou piamente que ele faria tudo dar certo. O Deus da Luz era sua alma gêmea, e ele encontraria uma maneira de voltar para ela.

...It's...ahhh...impossible! This kiss! This kiss!

Unstoppable! This kiss! This kiss!

Pamela levantou o pé para dar um passo adiante e captou um *flash* de movimento pelo canto do olho. Franzindo a testa, virou a cabeça a tempo de ver o carro... mas não a tempo de sair de seu caminho quando este invadiu o meio-fio e se chocou contra seu corpo.

Cheio de esperança, Apolo sorria para as águas quando escutou a horrível freada. Encantado que estava pela fonte e pela música, o som lhe pareceu distante.

Confuso, ele se virou para ver o que estava atrasando Pamela e, num horror indizível, assistiu quando a besta de metal atingiu o corpo frágil.

— *PAMELA!* — gritou.

O impacto a arremessou em direção à rua movimentada, direto para o tráfego em sentido contrário. Freios rangeram, motoristas desviaram, batendo em outros carros, enquanto tentavam, sem sucesso, não atropelá-la.

Apolo avançou. Desviando-se de carros e pessoas, seguiu a trilha sangrenta até onde ela

finalmente havia parado, em um monte disforme, a meia pista.

Soltando um grito de puro desespero, ele caiu de joelhos a seu lado e puxou o corpo quebrado para os braços. Cintilando com as lágrimas, seus olhos se voltaram para a bola de fogo que ainda pairava baixo no céu.

— *Deixe o firmamento!* — ordenou ao sol minguante. — Devolva-me os meus poderes!

Pamela não sentiu nada; apenas que algo estava errado. Como se tivesse despertado em um quarto escuro, em uma cama estranha, os quais ela não conseguia ver e, por isso, não conseguia se orientar.

Então ouviu um grito que pareceu rasgar sua alma.

Sabia que era Apolo. Tentou abrir a boca e chamá-lo, contudo seu corpo não se encontrava mais sob seu controle.

Lutou contra a sensação, porém seus olhos se fecharam um instante antes do pôr do sol.

Apolo soube o exato momento em que Pamela morreu. Foi um momento antes de a dor em sua mão desaparecer e de o poder imortal preencher seu corpo. Em pânico, ele a deitou no pavimento e colocou as mãos em seu peito ensanguentado.

— *Viva!* — ordenou o Deus da Luz, embora soubesse que era tarde demais. Mesmo com seus poderes imortais, não poderia redefinir o tempo. Não podia desfazer o que já estava feito. — Não... — Suas lágrimas se mesclaram ao sangue de Pamela. — *Não!* — gritou.

— Alguém chame o 911!

— Oh, meu deus! Chamem uma ambulância!

— Há algum médico aqui?!

Apolo ouviu os gritos dos mortais ao seu redor. Eles viriam tomá-la dele.

— *NÃO!* — gritou sua ira. Pondo-se em pé, estendeu os braços. — *SILÊNCIO!* — Sua ordem disparou como uma flecha na direção da crescente multidão, formando uma parede de energia que ensurdeceu e emudeceu os mortais, transformando-os em boquiabertas estátuas.

O Deus da Luz olhou para o seu amor caído, então.

— Não... — Desta vez ele sussurrou a palavra. — Não vai ser assim... — decidiu, em seguida.

Precisava fazer aquilo. Se hesitasse, seria tarde demais. Independentemente das consequências, aquele era o único caminho.

Estendeu as mãos sobre o corpo de Pamela.

— Venha para mim... Eu ordeno que não se afaste deste reino.

Sob as mãos estendidas de Apolo, o corpo de Pamela começou a brilhar, em seguida uma esfera de pura luz surgiu e pairou entre as palmas do deus.

— *Apolo!*

Ele ouviu o grito atrás dele e, mantendo o globo de luz entre as mãos, virou-se. Como uma

fada, Ártemis passou pelo carros trombados e pelos mortais congelados e silenciosos, até que chegou perto o suficiente para ver sobre quem o irmão se avultava e o que pairava entre seus dedos. Soltou uma exclamação e levou as mãos à boca.

Movendo-se com uma velocidade surpreendente, Eddie correu para se postar a seu lado. Enquanto sua mente tentava dar sentido à cena diante dele, toda a cor drenou do rosto do escritor.

— Não devia tê-lo poupado do meu encanto! — Apolo rosnou.

— Eu não sabia... Não pensei que... Oh, meu irmão! O que você fez? — Ártemis olhou do corpo de Pamela para a luz pulsante que ele segurava com possessividade.

— Cheguei tarde demais — Apolo falou, alquebrado. — O sol chegou tarde demais. Eles a mataram.

Ártemis se aproximou do deus devagar, como se ele fosse uma das criaturas selvagens de seus bosques.

— Mas... o que está fazendo? Está segurando a alma imortal de Pamela.

Apolo embalou a luz junto ao corpo.

— Eu não vou perdê-la!

— Apolo... — começou Ártemis.

— *Não!* Eu não vou perdê-la! — O grito do deus fez um relâmpago cortar o céu. — As leis do Universo que se danem! Sempre ouvi dizer que o amor é a força mais poderosa do Universo. — Seu olhar transtornado se voltou para o atordoado autor. — Você é um bardo neste mundo... Não é isso o que proclama?

Incapaz de encontrar palavras para articular, E. D. Faust só fez concordar com um gesto de cabeça.

— Por isso eu digo que meu amor por ela se sobrepõe às Leis do Universo!

— Apolo, não pode mantê-la assim. Sua alma imortal não descansará neste reino. Você sabe disso! — ponderou Ártemis.

— Eu não vou mantê-la neste reino.

Os olhos da deusa se arregalaram quando ela compreendeu por fim.

— Hades!

— Ele saberá o que fazer. Ele *tem* que saber o que fazer! — afirmou Apolo.

— Sim. — A voz da diva falhou. — Vá até seu amigo, meu irmão. Tomara ele tenha uma saída... Para vocês dois.

Com uma expressão atordoada, como se só então tivesse se dado conta da extensão do que seus poderes haviam causado, Apolo olhou para os carros amassados e para as pessoas paralisadas.

— Vou arrumar isto tudo — prometeu Ártemis. — Vá. Pamela precisa de você.

— E quanto a Zeus?

— Vou comparecer diante de nosso pai. Foi por minha causa que veio para este reino. Fui eu quem deu início a isto tudo... portanto devo terminar o que comecei.

Apolo sacudiu a cabeça.

— Não foi você, Ártemis. Foi culpa das Parcas. Pamela e eu estávamos destinados a cumprir nosso destino.

— Se é assim, deve levá-la para o Submundo e pedir a Hades que o ajude.

— Obrigado, minha irmã... — A voz dele perdeu força.

Ainda segurando a alma brilhante, o deus se deslocou por entre os carros com uma velocidade impossível de ser acompanhada por olhos mortais, direto para o Caesars Palace, onde o portal os aguardava.

Com passos pesados, Ártemis se aproximou do corpo de Pamela.

— Como algo tão forte podia ser guardado em uma concha tal frágil? — A deusa olhou para a amiga com lágrimas banhando as faces.

— Meu coração estava certo o tempo todo... — murmurou Eddie com reverência. Aproximou-se da deusa e, uma vez a seu lado, caiu sobre um joelho. — É mesmo a deusa Ártemis.

— Sim — ela confirmou, pousando a mão no ombro do escritor delicadamente. — Mas não me sinto como uma deusa. Sinto-me como uma mulher que acaba de perder uma grande amiga. — Ártemis respirou fundo e deixou escapar um soluço. — Olhe para ela, Eddie... Está toda quebrada.

Por um momento, ele hesitou. Então estendeu a mão e deu um tapinha reconfortante na mão da deusa.

— Pamela não está aqui, Ártemis. Está com Apolo.

— Tem razão. Eu sei. É exatamente isso... Só que eu não tive a chance de lhe dizer nem mesmo adeus, que eu sentia muito... ou mesmo “obrigada”.

— Às vezes não se consegue dizer essas coisas — Eddie falou com serenidade. — Isso é ser mortal. Podemos apenas tentar viver nossas vidas com alegria e paixão o bastante para que, quando chegar nossa hora, deixemos para trás boas lembranças, e não arrependimentos.

— Eu não compreendia isso antes, mas agora compreendo. Creio que, a partir deste instante, por toda a eternidade, haverá uma parte de mim que sempre irá sentir-se um pouco mortal. — Ela sorriu, tristonha, para o corpo de Pamela. — E acho que será a minha melhor parte. — Num impulso, Ártemis se curvou e segurou a medalha gravada com a imagem de seu irmão, a qual continuava pendurada no pescoço de Pamela. Com um só movimento dos dedos, a corrente se soltou e se agrupou em sua palma. — Apolo deve querer que eu guarde isto para ela. — Fechou a mão, e a medalha desapareceu. Em seguida, a deusa se ajoelhou ao lado do

corpo da amiga.

— O que vai fazer? — Eddie perguntou.

— O que eu puder — decidiu Ártemis. Então levantou as mãos e começou a brilhar como a luz branca e fria de uma lua cheia. — Adeus, minha amiga... — murmurou enquanto passava as mãos luminosas por baixo do corpo de Pamela, movendo, arrumando, fazendo o que podia para endireitá-lo.

Quando a luz se apagou, o corpo fraturado da mortal fora substituído pelo de uma bela corça.

Cansada, Ártemis se pôs de pé.

— Caminhe comigo, Eddie. Devo voltar e enfrentar meu pai.

— Claro, minha deusa.

Passando o braço delicado pelo dele, o escritor a conduziu cuidadosamente para longe do corpo tombado da corça.

Tinham quase chegado à calçada quando Ártemis parou de repente. Farejando o ar como uma criatura da floresta, virou a cabeça e estreitou os olhos. O carro estava destruído. Sua frente se curvava para dentro e havia claras marcas de sangue onde este atingira o corpo de Pamela.

A deusa se aproximou e olhou dentro do automóvel. A mulher congelada pelo encanto de Apolo tinha ambas as mãos ao volante. Presa ao assento pelo cinto, ela não se ferira, entretanto seus olhos estavam arregalados e cheios de um indizível terror. Ártemis respirou fundo. O corpo da mortal cheirava a bebida, mas não a qualquer uma. Seus sentidos aguçados reconheceram o cheiro doce da ambrosia, mesclado ao da luxúria, do desespero e do vício.

A marca do Deus do Vinho estava lá. Não tão evidente quanto a de seu vínculo com Pamela, e sim mais disfarçada... porém não menos contundente.

Ártemis fechou os olhos contra a intensidade da ira que a assaltou. Baco iria pagar por aquilo!, prometeu a si mesma. Ela mesma o obrigaria a isso.

Quando abriu os olhos, viu Eddie observando-a com atenção.

— Sabe quem causou tudo isso?

— Sei — admitiu com voz contida.

O rosto de Eddie endureceu com a raiva.

— Então faça-o pagar por isso, deusa.

— Eu farei, meu guerreiro. Eu farei.

Decidida, Ártemis se virou para a carnificina que a inveja e a malevolência tinham causado e ergueu as mãos. Com a voz ampliada por seu poder imortal, a bela deusa fez suas palavras ecoar por toda Las Vegas enquanto acalmava, curava, e depois eliminava os últimos vestígios de feitiço malévolos de Baco.

— *Que seus espíritos parem livres esta noite. Nenhum outro morrerá. A corsa será o milagre que eles virão, embora não saibam como nem por quê. Sobre suas almas imortais minhas bênçãos haverão de descer, lavando suas memórias, aliviando sua dor.*

Ártemis baixou as mãos, e um pandemônio se fez em torno deles.

— Dá pra acreditar?!

— É um cervo!...

Gritos preencheram a noite conforme as pessoas corriam para a rua, e o som de uma sirene de ambulância se aproximava a distância, num lamento.

Em meio ao caos, Ártemis se apoiou no braço de Eddie, e os dois se afastaram, sem ser vistos, em uma bolha poderosa de serenidade imortal.

— Fez uma boa ação, minha deusa. — Eddie afagou-lhe a mão enquanto seguiam seu caminho até a calçada que levava à entrada principal do Caesars Palace.

Ártemis sorriu para ele.

— Obrigada. — Então inclinou a cabeça, pensativa.

— Deusa? — indagou o autor.

— Eddie, talvez eu não possa mais voltar para cá. O Olimpo vai considerar estes eventos por demais preocupantes.

— Compreendo. — Ele hesitou, permitindo que a fachada de autor excêntrico cedesse, e exibiu nos olhos sua desolação. — Desde o início eu sabia que não ficaria comigo. Independentemente disso, eu me permiti amá-la... e não me arrependo um só instante dessa escolha. Vou levá-la na lembrança, e junto ao meu coração, enquanto estiver respirando.

— Talvez haja uma maneira de levar mais do que apenas a minha lembrança junto ao coração... — articulou a deusa devagar.

Os olhos do autor se arregalaram, surpresos.

— Já ouviu falar de um reino chamado Tulsa, em Oklahoma, Eddie?...

CAPÍTULO 33

— Hades! — A voz de Apolo sacudiu as paredes do Salão Nobre do Senhor do Submundo. O Deus da Escuridão se precipitou para a sala do trono, seguido de perto pela esposa.

— Apolo? — Hades quase não reconheceu o amigo, que nada tinha a ver com as roupas estranhas e respingadas de sangue, ou com a brilhante esfera de luz que agarrava junto ao peito. O olhar ensandecido também era estranho ao que ele conhecia do Deus da Luz.

— O que aconteceu?!

— Eles a mataram... Os monstros de metal... Eu não pude detê-los!... Não cheguei até ela a tempo. — Respirando pesadamente, Apolo falava em curtas rajadas.

A esposa de Hades saiu de trás do marido. Dentro do corpo imortal de Perséfone, Carolina sentiu a alma estremecer conforme compreendeu de imediato.

— Esta é Pamela — falou, os olhos fixos na esfera brilhante de luz.

— É a alma de uma mortal moderna?... Trouxe a alma de uma mortal moderna aqui?! — exclamou Hades.

— Claro que ele trouxe! — cochichou Lina. — O que mais ele poderia fazer?

— Precisa me ajudar a fazer isso direito! Tem que trazer Pamela de volta!

Os olhos perspicazes de Lina se ativeram ao Deus da Luz.

— Já chega dessa conversa. Ela ainda é Pamela, e provavelmente a está assustando. — Ela olhou de volta para onde o marido se encontrava. — Precisa recebê-la, meu amor.

O Senhor do Submundo moveu-se com relutância. Estendeu a mão, mas, antes de tocar a luz, seu olhar capturou o de Apolo.

— Não é aconselhável mexer com as Leis do Universo, meu amigo.

— Ela é minha alma gêmea — afirmou Apolo.

O Deus da Escuridão assentiu com um gesto de cabeça, tristonho.

— Então, vamos torcer para que as Parcas sejam compreensivas. — Tocou a esfera brilhante com a palma da mão. — É bem-vinda ao meu reino, Pamela.

A luz tremeluziu e se alongou. Com um som muito parecido com um suspiro, tomou forma, assumiu características, até que Pamela se viu em pé nos braços de Apolo. Seu corpo ainda carregava uma ligeira luminescência, porém ela agora tinha uma aparência surreal, meio transparente, como se fosse uma aquarela inacabada de si mesma.

Com um soluço, Apolo a abraçou com força. Pamela estava fria, parecia muito frágil, e ele temeu que ela pudesse flutuar caso ele afrouxasse o abraço.

Pamela não se moveu, tampouco falou.

— Pamela! — Apolo falou chorando. — Sou eu... Estou com você agora. Vai ficar tudo

bem.

Um arrepio sacudiu o corpo quase etéreo.

— Apolo?

— Sim, meu doce! — Ele pressionou o rosto no cabelo macio.

Pamela se afastou dele e olhou ao redor, confusa. Viu que estava em uma enorme sala de mármore na companhia de Apolo, de uma linda mulher e de um homem alto e moreno.

Em seguida, seu olhar baixou para o próprio corpo e seu rosto perdeu a cor com o choque.

— Diga-me que isto é um sonho, Apolo. Diga-me que muito em breve eu vou acordar! — falou com voz trêmula.

— Não posso — ele respondeu, combalido.

— Pamela... — A voz de Lina soou suave como uma lagoa quente e tranquila. Cuidadosa, ela tocou o espírito recém-desencarnado no braço. — Sou Carolina, mas pode me chamar de Lina se quiser. E este é meu marido, Hades.

Os olhos de Pamela pareceram ainda mais enormes e redondos no rosto pálido.

— Hades? — ela sussurrou. Apática, levantou a mão translúcida e olhou para ele. — Estou morta e vim para o... — Seus olhos voaram para o Deus da Escuridão, e ela entreabriu a boca como se fosse gritar.

— Está em Elysia — explicou Lina com um sorriso gentil. Então pegou a mão que Pamela ainda segurava diante do rosto e a envolveu com seu calor, desejando que os poderes imortais que descansavam dentro do corpo de Perséfone a consolassem. — Mais especificamente, está em nosso palácio, às margens dos Campos Elíseos. O Submundo é um lugar muito bonito, querida. Não há nada aqui de que precise ter medo.

— Submundo? — Balançando a cabeça, Pamela olhou para Apolo.

— Por que estou no Submundo Grego?!

— Eu não sabia mais o que fazer. — Os olhos de Apolo imploraram para que ela o compreendesse.

— Não... — sussurrou Pamela. — Não, não pode ser!

— Você morreu antes do pôr do sol, e eu não podia fazer nada para salvá-la. Por favor, perdoe-me! Eu não podia deixá-la partir. Jamais!

Pamela continuou balançando a cabeça e olhando para ele.

Logo depois se lembrou. Viu o carro vindo em sua direção, e foi como se sentisse mais uma vez o impacto mortal.

Com um movimento espasmódico, saiu dos braços de Apolo e o fitou com olhos enormes.

— Não sei o que podemos fazer agora — ele murmurou, perdido.

— Bem — Lina falou com naturalidade —, o próximo passo é você ir com Hades e tirar essas roupas sujas de... — ela fez uma pausa e reformulou a frase: — ... roupas que não

estejam tão sujas. Enquanto fizerem isso, vou mostrar os arredores a Pamela. Vão andando...

— Ela capturou os olhos do marido e ergueu as sobrancelhas. — Nós ficaremos bem.

— Eu não vou me demorar. — Apolo tranquilizou Pamela.

Ela o fitou, como se em transe, enquanto observava-o deixar o salão na companhia de Hades.

Lina continuou segurando a mão fria de Pamela. Gentil, levou-a na direção de uma enorme porta incrustada com prata, do outro lado do salão. O espírito recém-desencarnado a seguiu com resignação.

Após atravessarem o portal, elas adentraram um corredor largo, repleto de lustres de cristais. Lina virou para a direita e, em seguida, para a esquerda. Grandes portas de vidro se abriram sem que elas as tocassem, e as duas mulheres saíram para um pátio incrivelmente bonito, cheio de estátuas de mármore, com uma fonte enorme e flores em diversas nuances de branco.

Apesar do pânico que lhe embotava o raciocínio, a *designer* dentro de Pamela percebeu a beleza que a rodeava.

— É fantástico, não é? — comentou Lina. — Adorei este lugar desde o primeiro momento em que pus os olhos nele.

Pamela olhou para a moça e piscou como uma sonâmbula lutando para despertar.

— Você não é um deles, é?

— Não — Lina negou com um gesto de cabeça, fazendo os cabelos castanhos dançar em torno da cintura delgada. Então sorriu e apontou para o próprio corpo.

— Isto é de um deles, mas isto... — colocou a mão sobre o coração — ... é muito mortal. Sou como você: um espírito que foi deslocado do que eles chamam “o Mundo Moderno mortal”. Venha... vamos nos sentar naquele banco. — Lina esperou até que Pamela houvesse se acomodado para continuar. — Na verdade, sou uma padeira de Tulsa. É uma longa história, mas o resultado final é que Perséfone e eu fizemos um acordo. Quando é primavera e verão em Tulsa, o espírito dela fica lá, no meu corpo, e eu fico aqui, no Submundo, com Hades. Quando é outono e inverno em Oklahoma, eu vou para lá, e ela se diverte pelo Olimpo, ou onde quer que seja, em seu corpo de deusa. — Lina sorriu. — Foi um bom negócio. Os invernos em Oklahoma são agradáveis, e o tempo em Elysia... — ela fez um gesto, abrangendo tudo ao redor — ... é sempre perfeito. Sem dizer que também há Hades, claro. — Seus olhos suavizaram-se ainda mais.

— Eu não consigo... Não sei se posso aceitar tudo isso. — Pamela passou a mão sobre a testa e deu um pulo ao ver seu tom pálido e fantasmagórico. — Não me sinto como eu mesma; nem pareço comigo!

— Eu sei, querida, eu sei. É sempre difícil quando se morre antes de se estar preparado. E

com você será ainda mais difícil porque não é aqui que vai ficar... Mas prometo que será sempre bem-vinda em Elysia. Vai encontrar paz aqui. Não precisa ter medo. Basta escutar seu espírito. Ele sabe mais do que você imagina.

— Paz... — repetiu Pamela. Já não estava mais ofegante, nem sentia tanto medo.

Em meio ao choque e ao pânico, percebeu algo que lembrava um pouco a voz de Lina. Algo delicado, quente e reconfortante, como uma chuva no final da primavera ou uma sesta à tarde.

E estava no ar, ao seu redor.

Uma leve brisa soprou seu corpo espiritual, acalmando-a. Parecia sussurrar o nome dela, como uma mãe acolhendo uma criança perdida nos braços.

— Entende o que quero dizer? — Lina perguntou, estudando seu rosto.

Pamela respirou fundo e olhou para o próprio corpo outra vez. Desta vez, sua pele luminosa não a assustou. Sim, ainda era ela: seus braços, pernas e o restante do corpo.

Ergueu a mão outra vez, estudou-a... e reconheceu a alma dentro daquele invólucro transformado.

A brisa quente tornou a soprar, acariciando-a com uma aceitação e um amor quase palpáveis.

— Acho que estou começando a compreender. — Pensativa, ela passou os dedos pelo cabelo curto, percebendo apenas vagamente que era como passar a mão através de uma névoa fria. Virou-se no banco, de modo a ficar de frente para Lina. — Eu acredito que possa encontrar a paz aqui, mas e quanto ao amor?

— Você já sabe a resposta, Pamela. Ainda ama Apolo?

— Claro — ela respondeu sem hesitação.

Lina sorriu.

— Porque o amor é uma das poucas coisas que podemos levar conosco.

— Mas e quanto a... — Pamela tornou a levantar a mão semitransparente. — Não sou mais como era antes.

— Não, não é mais a mesma, contudo seu espírito tem forma e sentimentos. O resto é com você e Apolo...

— Não seria como fazer amor com um fantasma para ele? — Pamela indagou, combalida.

Lina segurou-lhe a mão mais uma vez.

— Prefiro pensar que isso, sim, é amar a pessoa em sua essência.

— Então estou morta. — Desta vez, quando disse isso, Pamela não sentiu o coração fraquejar. Não se sentiu como se precisasse acordar de um pesadelo.

Os pensamentos se alternavam em sua mente. Preocupou-se com o irmão, com os pais e com Vernelle, porém sua preocupação assumiu um caráter distante, literalmente de outro mundo; como se ela estivesse se recordando de um sonho doce e recorrente. Não que ela os

tivesse esquecido ou deixado de amá-los. Apenas se sentia à parte da vida que tinha conhecido.

Perguntou-se se aquilo era algum tipo de mecanismo de defesa inato da alma para impedir que o espírito ficasse se consumindo por toda a eternidade por aqueles que havia deixado para trás.

Eternidade... Ainda era incompreensível.

— Estou morta, mas ainda sou eu.

— Sim, querida, e você vai ficar bem — afirmou Lina. Depois ergueu o olhar e sorriu. — Aí vêm os nossos deuses.

Hades e Apolo caminhavam em sua direção através do pátio florido. O Deus da Escuridão estava com a mão no ombro do amigo e falava com ele, enérgico, enquanto andava. Apolo acenou com a cabeça em resposta, mas, quando viu Pamela, sua atenção se voltou completamente para ela, e ele correu até onde as mulheres se encontravam sentadas.

Parou ao lado do banco.

— Parece tão mal quanto estava logo após a cobra tê-lo picado — comentou Pamela. — Sua mão não está doendo mais, está?

— Não — ele afirmou e quase riu. — Não há mais nenhuma lesão em meu corpo. — Passou os dedos de leve pelo rosto delicado. — É você de novo, doce Pamela?

— Sim, acho que sim. Sinto-me diferente, mas ainda sou eu. Talvez mais do que sempre fui... — ela completou com uma voz marcada pela perplexidade.

— E me perdoa por ter roubado sua alma e tê-la trazido para cá?

Pamela estudou o rosto bonito à sua frente. Lina tinha razão. Ela havia trazido o amor consigo. E também outras coisas, como fé, esperança e perdão.

— Está tudo bem, Apolo. Eu o perdoo.

Emudecido, o Deus da Luz caiu de joelhos, afundou a cabeça em seu colo e, enquanto ela lhe acariciava o cabelo, chorou.

No Monte Olimpo, Zeus ouviu Ártemis terminar sua história. A Deusa da Caça fora implacável em sua ira, mas também fora apaixonada na defesa dos mortais modernos.

Intrigado, Zeus viu a filha enxugar as lágrimas de seu belo rosto enquanto descrevia a morte da mulher que ela afirmava ser a amada de seu irmão. Mal podia acreditar na mudança que se operara em Ártemis. A deusa nunca se importara muito com os mortais.

Verdade que ela não costumava ser cruel com eles; apenas indiferente, fria, intocável... Os mortais faziam sacrifícios pela Deusa da Caça, solicitavam sua ajuda, e Ártemis eventualmente até atendia a seus pedidos, se lhe desse na telha... Mas nunca, em todas as suas eras de existência, ele a vira chorar por uma mortal.

A diva também tinha falado do bardo que abrigara a ela e a seu irmão gêmeo com tanta

dedicação, como se ela também se importasse com o tal mortal.

Fascinante.

— ... Aquela mulher pobre e fraca, que não passou de um instrumento para a morte de Pamela, estava sob a influência de Baco. Senti o mau cheiro daquele infeliz. Era como se ela tivesse passado a noite se banhando nele... O Deus do Vinho é o culpado, e não apenas pela morte de uma inocente. Ele manipulou todos os eventos que culminaram nesta triste noite. E por quê? — A Deusa da Caça se voltou para Baco, que também se postara diante do grande Zeus, onde este se encontrava sentado em seu elevado trono. — Por nenhuma outra razão a não ser inveja e despeito!

— Por retribuição! — gritou o Deus do Vinho.

— Retribuição?! — devolveu Ártemis. — Por que *Pamela* merecia um castigo? Ela era gentil e leal! Tudo o que fez foi amar o meu irmão e nos socorrer quando nos vimos presos em seu mundo, sem os nossos poderes!

— A punição não era para ela. Era para você e para aquele seu irmão arrogante. — Baco voltou os olhos estreitos e malévolos para Zeus. — Não percebe? Eles pensaram que podiam dominar o meu reino e nunca ser punidos por sua transgressão. Não agiram como meros visitantes, mas sim como usurpadores!

— *SILÊNCIO!* — ordenou Zeus, fazendo um trovão rugir no céu. — Sou eu quem deve julgar. Aproxime-se, Baco.

O deus caminhou, hesitante, até a beira do pedestal de Zeus.

— Você é meu filho, Baco, e eu o amo. Mas também é filho de sua mãe, e ela desejava o que não podia ter... Sêmele não conseguia agir com bom-senso, e isso acabou lhe custando a vida. Agora você também deseja o que não é seu. Assim como à sua mãe, eu também lhe dei uma chance de usar a razão. Em vez disso, reagiu com mentiras e com ódio. Diga-me, Baco, Deus do Vinho, o que faz quando uma de suas videiras deixa de produzir bons frutos?

Confuso, Baco piscou os olhos pequenos e olhou para Zeus de soslaio.

— Ela é podada ao final da estação, para que na próxima temporada reviva e dê bons frutos.

Zeus assentiu, solene.

— Será esse o seu castigo, meu filho. A partir de hoje, a cada final de estação, o seu corpo será enviado aos Titãs para ser desmembrado — podado — por suas poderosas águias. A cada vez que renascer, lembre-se da lição da videira morta. Pense em seus erros, aprenda com eles e dê bons frutos novamente.

Enquanto Baco gritava, aterrorizado, Zeus ergueu a mão poderosa, e o Deus do Vinho desapareceu.

Zeus se voltou para Ártemis.

— Aproxime-se de mim, minha filha.

Sem demonstrar nenhum medo, a deusa caminhou até o pedestal.

— Conte-me o que aprendeu no Reino de Las Vegas — ele ordenou.

Ártemis encontrou os olhos cinzentos e tempestuosos do pai.

— Aprendi o que é ser mortal.

— Diga-me o que isso significa, Ártemis.

— Significa que eles não são frágeis, inconsequentes; seres que vivem e morrem em um piscar dos nossos olhos. Não são nem um pouco fracos. Apenas os seus corpos mortais sucumbem. Dentro de muitos deles existem centelhas de honra e lealdade, de amizade e amor. E eles brilham tanto que, se pudéssemos vê-los como realmente são, sua luz cegaria até mesmo os deuses.

— E foi uma lição valiosa?

— Eu a levarei comigo para sempre.

— Então a aprendeu de modo mais profundo do que qualquer castigo que eu lhe poderia infligir... Você a aprendeu no fundo da alma. Não vou acrescentar nada a isso, portanto. A verdade que agora carrega em seu coração é lição suficiente. Você é livre para fazer o que quiser.

Ártemis inclinou a cabeça, mas, antes que pudesse sair da sala do trono, a voz do pai a deteve.

— Uma última coisa, minha filha. Seu irmão precisa de você. Eu lhe concedo o poder de que vai precisar para ajudá-lo... Se assim quiser.

Confusa, Ártemis inclinou a cabeça outra vez.

Mas claro que iria ajudar Apolo.

— Obrigada, meu pai.

— Não me agradeça ainda, filha. O amor é muitas vezes tão doloroso quanto é doce... Pode ir até Apolo agora.

A tristeza na voz poderosa de Zeus não lhe passou despercebida.

Assim que se viu livre da presença do pai, Ártemis fechou os olhos e se transportou para o Submundo.

CAPÍTULO 34

— Ártemis, estou pedindo para que tente me entender e pense em uma maneira de me ajudar — implorou Apolo.

— Eu não posso! Não vou fazer isso! Não entendo por que não pode simplesmente deixar as coisas como estão... Pamela parece feliz. Por que ela iria querer que mude isso? — Ártemis puxou, irritada, uma das rosas cor de creme e perfeitas que cobriam parte dos jardins ornamentados, os quais se estendiam em camadas por trás do palácio de Hades e terminavam à beira dos Campos Elíseos. Mal havia tido tempo de conversar com Pamela, pois, assim que se materializara no Submundo, Apolo dissera que precisava falar com ela e a puxara na direção do jardim.

Agora mal podia acreditar no que ele queria dizer a ela.

Apolo suspirou.

— Ainda não conversei com Pamela a respeito. Eu queria lhe dizer o que estava pensando, primeiro, para que pudesse me ajudar a decidir o que fazer com... — A voz do deus sumiu enquanto ele andava, inquieto, de um lado para o outro do caminho à sua frente.

— ... com o *insignificante* fato de o Deus da Luz estar pensando em deixar o Olimpo. E para sempre!

Apolo franziu a testa.

— Não para sempre. Apenas por uma vida.

— O que decerto vai parecer uma eternidade para um Mundo Antigo que se verá desprovido de seu Apolo!

— Talvez pudéssemos falar com nosso pai. Você disse que ele não está mais aborrecido conosco. Talvez eu pudesse convencê-lo a...

— A quê? A verificar se a sua carruagem continua a fazer o sol se erguer no firmamento?... Acorde, criatura! Espera isso dele, mesmo? — Ártemis jogou o cabelo dourado para trás, tentando ignorar as palavras que a assombravam: *Seu irmão precisa de você. Eu lhe concedo o poder de que vai precisar para ajudá-lo... Se assim quiser.*

Agora entendia o que Zeus havia dito. Compreendia, e estava odiando aquilo tudo.

Apolo balançou a cabeça, angustiado, e passou a mão pela testa.

— Não, eu... Não sei o que fazer, irmã. Eu só quero uma chance, e esse me parece o único caminho.

Ártemis sentiu o peito se apertar.

— Pamela não faz ideia do que está pensando em fazer?

— Não, ainda não — ele admitiu.

— E quanto a Hades e Lina? Já falou com eles a respeito?

Apolo assentiu.

— E o que eles acharam desse seu plano?

— Hades disse que eu estava ficando louco. Lina compreendeu.

— Pois bem, estou mais de acordo com Hades do que com Lina!

— Eu já imaginava — ele murmurou, desanimado.

— O que esperava?!

Os olhos de Apolo encontraram os dela.

— Pensei que, talvez, minha irmã pudesse me ajudar a encontrar uma saída...

Ártemis sentiu uma pontada de dor ao tomar sua decisão. Não tinha escolha. Amava Apolo demais.

— Vou guiar a sua carruagem, meu irmão.

— Você? Mas como...

A deusa ergueu a mão delicada e perfeita, e lançou mão da arrogância para domar as lágrimas que lhe ardiam nos olhos.

— Duvida dos meus poderes?

— Não! Eu...

— Então está resolvido. — Ártemis estudou as unhas bem-cuidadas. — Eu sempre achei que aquela sua carruagem precisava ser modernizada, mesmo. É muito antiquada, muito... — estremeceu dramaticamente — ... espartana.

Apolo apenas a fitou, boquiaberto, e ela lançou-lhe um olhar severo.

— Não vai agradecer à sua irmã?

Com um grito, ele a ergueu nos braços e a fez girar no ar.

O corpo etéreo de Pamela emergiu de um dos passeios perpendiculares nesse momento.

— *Maldição dos infernos!* O que está... — Ela soltou uma exclamação e cobriu a boca. Em seguida começou a rir. — Eu disse “inferno” e me assustei!... — Balançou a cabeça, os cabelos curtos se movendo como espuma do mar ao redor do rosto delicado.

Apolo sorriu e estendeu a mão para ela. Ainda rindo um pouco, Pamela segurou a mão sólida e quente em seus dedos frios.

— Como eu ia dizendo... o que está acontecendo aqui, com vocês dois? Ouvi você gritar lá da outra camada do jardim!

Apolo olhou para Ártemis, que olhou para Apolo.

— E então? — insistiu Pamela. — Ninguém vai dizer nada?

— O plano é seu. Você conta — Ártemis decidiu.

— Que plano?...

Apolo respirou fundo.

— Eu tive uma ideia. Falei com Hades e Lina a respeito, mas só agora contei a Ártemis. E os três o consideraram viável.

— Maluco, mas possível — resmungou a deusa.

Apolo sorriu com carinho para a irmã antes de se voltar para sua amada.

— Você já está aqui há tempo suficiente para saber que existem sete rios no Submundo.

— Sim. — Ela assentiu com um gesto de cabeça.

— Minha ideia tem a ver com o primeiro deles: o Rio Lete.

Pamela encolheu os ombros pálidos.

— Sei, e qual é a ideia?

— Primeiro precisa entender o Rio Lete — interveio Lina, aproximando-se pelo passeio de braços dados com o marido.

— Ele é chamado de “o Rio do Esquecimento” — explicou Hades.

Apolo balançou a cabeça, fingindo-se desgostoso.

— Não existe privacidade aqui no Submundo?... — indagou, porém foi solenemente ignorado.

— O Rio do Esquecimento. O que isso significa? — Pamela quis saber.

— Ele tem a finalidade de lavar uma alma de todas as recordações, de modo que esta possa renascer e viver outra vida — Lina explicou.

Pamela encontrou os brilhantes olhos azuis de Apolo.

— E?...

— Se bebêssemos das águas do Rio Lete, você e eu poderíamos renascer e ter uma vida juntos. Poderíamos nos casar, ter filhos e envelhecer juntos.

— Mas você não é mortal — retrucou Pamela com voz fraca, pois era como se as palavras do deus tivessem feito seu espírito alçar voo.

Viver de novo?... Amar e ter filhos... com Apolo?

— O Lete terá o mesmo efeito sobre o espírito dele — afirmou Lina. — Tudo o que Apolo precisa fazer é deixar seu corpo imortal, assim como Perséfone faz a cada seis meses.

— Mas como ele pode fazer isso? Como pode deixar de ser Apolo?

— É aí que entra Ártemis. Ela concordou em cuidar para que o Mundo Antigo não fique desprovido de luz enquanto eu estiver ausente.

— Concordou? — repetiu Pamela, olhando para a deusa.

Ártemis deu de ombros com indiferença. Em seguida, fingindo cheirar uma rosa branca como leite, curvou-se para a flor perfumada e virou a cabeça, enxugando a face úmida.

Apolo segurou Pamela pelos ombros.

— Poderíamos ambos viver uma vida mortal. E nossos filhos prosseguiriam depois de nós. Pense nisso, Pamela!

Ela sentiu-se tonta, e ficou feliz por Apolo a estar segurando com firmeza.

— Espere... — Olhou para Lina. — Não disse que o Lete apaga todas as lembranças? Se não lembrarmos um do outro, como poderei encontrá-lo? Ou Apolo a mim?

Lina sorriu e se inclinou para Hades, que passou o braço em torno dela.

— Almas gêmeas sempre encontram uma a outra.

— Quanto a isso, têm a minha promessa sagrada — concordou Hades.

O olhar de Pamela se desviou para a silenciosa Ártemis.

— Não quer que ele faça isso, não é?...

— Não quero perder meu irmão — ela admitiu.

Apolo tirou a mão do ombro de Pamela e a pousou no braço da irmã.

— Não creio que iria me perder. Acho que tomaria conta de mim. Assim como de meus filhos... e netos.

Ártemis baixou a cabeça e colocou a mão sobre a dele.

— Claro que sim, meu irmão. Quanto a isso tem meu juramento.

Apolo voltou-se para Pamela.

— Então, tudo o que resta é você concordar, minha doce Pamela.

Ela sentiu como se sua alma fosse explodir de felicidade.

— Sim! Vamos fazer isso!

Apolo virou-se para Hades e ergueu uma sobrancelha para o amigo.

— Agora?...

Hades deu de ombros, e Lina deu-lhe uma cotovelada.

— Seria *perfeito*! — decretou a Rainha do Submundo.

Apolo se afastou um passo de Pamela, que ainda franzia a testa, confusa. Ergueu o queixo regamente, e ela pensou que o deus era exatamente como no perfil estampado na antiga medalha que ele lhe dera já havia algum tempo.

Ia dizer isso a ele, quando o corpo de Apolo de repente tremeu e, em seguida, se transformou em mármore sólido, ao mesmo tempo que seu brilhante espírito o deixava.

A forma reluzente do Deus da Luz se voltou para Hades.

— Cuide bem do meu corpo... Vou precisar dele algum dia.

— Pode deixar, meu amigo.

Lina estendeu os braços, segurou-o pelo rosto com ambas as mãos e o beijou de leve nos lábios. Depois voltou para o lado do marido.

— Eu lhes desejo uma vida repleta de felicidade e alegria... Sabe o caminho, não sabe, Apolo?

O deus brilhante acenou com a cabeça.

— Não vão conosco? — indagou Pamela.

Lina sorriu para ela.

— Para isso, não vai precisar da presença dos deuses. É o tipo de coisa que as almas fazem melhor sem a nossa interferência.

— Também vou me despedir de vocês aqui — decidiu Ártemis.

Em primeiro lugar, a deusa foi até Pamela e a abraçou com força.

— Cuide bem dele por mim — sussurrou para a alma mortal que o irmão tanto amava. Então se voltou para Apolo e mergulhou nos braços brilhantes. Sem se importar com as lágrimas que agora lhe corriam soltas pela face, pressionou o rosto contra o dele. — Onde quer que esteja... Seja quem for... Saiba que o meu amor e minha bênção sempre estará com você, assim como com seus filhos e os filhos de seus filhos.

— Obrigado pela compreensão, minha irmã. E obrigado por ser a minha luz enquanto eu não puder sê-la. — Apolo beijou-lhe cada uma das faces úmidas.

— Eu *te* amo — declarou a Deusa da Caça conforme seu corpo se esvaecia até desaparecer por completo.

Apolo e Pamela caminharam em silêncio através dos pinheiros altos que começavam onde os jardins de Hades terminavam. Iam de mãos dadas, e seus ombros e quadris roçavam com intimidade.

Não demorou para que, em meio às árvores, comessem a capturar o reflexo cristalino da água em movimento. O rio os chamava com seu canto sussurrante e sedutor.

Inconscientemente, eles andaram mais rápido.

As árvores chegaram ao fim, e eles se viram em pé sobre um afloramento de rochas que dava para a água, a qual brilhava como joia líquida.

— Está com medo? — perguntou Apolo.

— Não — garantiu Pamela. — Você vai me encontrar. Eu sei que vai.

— Sempre — ele prometeu.

Juntos, eles se ajoelharam na beira da água. Apolo juntou as mãos em concha, mergulhou-as na água fria e as ergueu, de modo que Pamela pudesse bebê-la. Então, enquanto ela observava, afundou-as outra vez e fez o mesmo.

Em pé, tomou-a nos braços e a beijou. Conforme seus corpos espirituais se uniram, começaram a brilhar. Seus cabelos e roupas puseram-se a açoitá-los violentamente, como se eles estivessem bem no meio de uma violenta tempestade.

Apolo pendeu a cabeça para trás e riu, extasiado, e o riso de Pamela se juntou ao dele à medida que suas almas se inundavam com uma onda de amor e alegria.

Mais uma vez, o deus puxou sua alma gêmea para os braços, e Pamela enroscou o corpo luminoso no dele. Enquanto se abraçavam, seus corpos continuaram a se transformar, perdendo suas características, de modo que foi como se houvessem se fundido e se tornado um

só.

De repente, a esfera incandescente explodiu, fazendo chover faíscas na água.

Do centro do gêiser chamejante, surgiram duas pequenas bolas com luzes idênticas. Elas pairaram acima do rio por um momento, aclimatando-se a seus novos sentidos. Em seguida, como se seguindo uma trilha de doces lembranças, começaram a flutuar corrente abaixo, em direção ao seu novo começo.

EPÍLOGO

Kristin estava tão entediada que pensou que iria morrer. Desejou morrer. Poderia muito bem morrer... Que outra coisa havia para fazer?

Era típico de seus pais forçá-la a tirar aquelas férias idiotas em família. Eles não podiam tê-la deixado em casa com suas amigas Janice, Rebecca e Ruth?

Claro que não, mesmo ela tendo acabado de fazer treze anos! Não era idade suficiente para que ela ficasse em casa sozinha por duas *semaninhas*...

Aquilo não fazia o menor sentido.

Por isso ali estava ela, sentada em uma praia, sozinha, enquanto o sol nascia. E por quê? Porque ninguém mais na família saía da cama antes da hora do almoço. Estava condenada a conviver com pessoas que dormiam na melhor parte do dia!

E aquele era apenas o segundo dia daquelas duas semanas de tortura que seus pais chamavam de férias.

Considerou se lançar ao mar.

Não. Ela nadava muito bem. Levaria uma eternidade para se afogar.

Kristin afundou os pés na areia branca e deixou as marolas baterem nos dedos. Talvez devesse ler um livro. Outro livro.

Passou a mão pelo cabelo curto, irritada. Ela o havia cortado poucos antes de eles partirem, e ainda não se acostumara com o novo corte. Principalmente com o modo como os fios *espetavam* na frente.

Suspirou. Não devia tê-los cortado. Nunca mais iria conseguir um namorado. Nunca mais!... Iria morrer solteirona.

Uma sombra bloqueou parte do sol da manhã, e ela suspirou mais uma vez. Na certa era seu irmão caçula. Perfeito.

Apanhou um punhado de areia molhada e estava prestes a jogá-lo nele quando a sombra falou.

— Oi — soou a voz estranha.

Kristin se virou e segurou a mão cheia de areia diante dos olhos, protegendo-os do brilho ofuscante do sol que nascia.

Quase desmaiou. Era um menino! Um menino lindo, alto e loiro... Devia ter uns dezesseis anos e estava sorrindo para ela.

— Oi — respondeu, tímida.

— Acordou agora ou está indo para a cama? — ele perguntou sem pestanejar.

— Acordei agora — ela respondeu, não querendo olhar para os olhos dele como se fosse

uma idiota. Eles eram tão azuis quanto o oceano!

— Eu também. — Ele sentou-se a seu lado. — Prefiro as manhãs.

— Eu também! — Kristin concordou depressa.

— Minha família inteira ainda está dormindo.

— A minha também! Eles dormem demais.

— Verdade.

Kristin mal podia acreditar em como ele era... quente. Não estava sentado muito próximo, mas ela podia jurar que sentia ondas de calor vindo de seu corpo.

Quis dizer algo, mas não queria gaguejar, muito menos parecer estúpida.

— Ei, o que é isso? — ele indagou, apontando para algo que brilhava na beira da água, meio encoberto pela areia em que seus dedos dos pés estavam enterrados. Inclinou-se, quase tocando nela, e agarrou o objeto, levantando-o da areia. — *Uau!!* — exclamou, entusiasmado.

— Incrível! — concordou Kristin. Mal podia desviar o olhar da ofuscante medalha que pendia da corrente dourada. Ela brilhava à luz crescente e tinha o perfil de um homem estampado em sua face. Um homem lindo, com cabelos encaracolados.

— É sua — ele declarou, solene.

— Minha?... *Nã-nã.*

— *Hã-hã!* Claro que é. Estava aos seus pés, na sua praia, durante a sua manhã. É sua. — Ele abriu o pequeno fecho e colocou a corrente em torno do pescoço dela.

A medalha ficou no lugar como um pedaço de sol. Kristin a tocou e a sentiu quente.

— Viu?... Combinou direitinho — ele comentou sorrindo.

Ela pensou que fosse desmaiar. Ele era tão, *tão* absurdamente lindo!

— Meu nome é Kristin.

— O meu é Jordan.

— Oi, Jordan.

— Oi, Kristin.

Sorriram um para o outro, e o sol explodiu do oceano em direção ao céu da manhã.

— Ei... — Jordan comentou. — Gostei do seu cabelo.

— Obrigada — ela agradeceu, pensando que, talvez, aquelas férias de verão não fossem ser uma tortura, afinal.

Nenhum dos adolescentes notou a mulher alta e loira que os observava das sombras. *Então é verdade que almas gêmeas sempre se encontram*, refletiu Ártemis. *Eu nunca devia ter duvidado de você, meu irmão.*

A deusa enxugou os olhos e sorriu, tristonha, enquanto desaparecia, em silêncio, por detrás das palmeiras.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.

